



BROKEN DOLL

SELENA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



BROKEN DOLL

SELENA

ENCHANTED

Pages



↔ Tradução: Livia

↔ Revisão: Camila

↔ Conferência: Allib

↔ Formatação: Thame

AVISO

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- ↔ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
- ↔ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- ↔ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- ↔ Não faça montagens do livro com trechos em português;
- ↔ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Os Dolces me quebraram, mas não importa.

Eles despedaçaram meu corpo e minha alma e, quando terminaram, me deixaram para morrer. Mas isso não importa.

Eu vivi, mas isso também não importa. Eu não ligo.

Eu não me importo com nada. Nem mesmo a única pessoa que eu pensei que nunca iria me trair, com quem eu sempre poderia contar, a única pessoa que sempre me apoiou.

Eu.

Eu não importo.

Royal me ensinou isso.

Agora, um estranho cuida de mim como as flores em seu jardim, como se seu toque pudesse me fazer florescer novamente. Ele brinca comigo como uma boneca que tirou do lixo. Ele não quer me consertar. Ele quer me transformar em outra pessoa.

Não importa. Eu não me importo com quem eu sou.

Então eu deixei.

Este é o livro 4 de uma série e não pode ser lido sozinho. Se você precisar de um aviso de gatilho, não leia este livro.

*Eu não podia perdoá-lo ou mesmo gostar dele, mas vi que o que ele havia feito era, para ele,
inteiramente justificado.*

— F. Scott Fitzgerald

— Preciso marcar uma luta.

— Você está brincando comigo?

— Essa noite. Agora.

— Você tem coragem de ligar e me pedir qualquer coisa.

— Eu não estou perguntando. Faça acontecer.

— Eu não faço mais negócios com sua família fodida. Isso inclui você, Royal.

— Eu preciso de uma luta.

Dínamo suspira. — Foi você quem quebrou nosso acordo. Você quase me matou. Lembra?

— Diga-me onde está seu primo e não precisarei da sua ajuda para marcar uma briga.

Papai nos tirou de cima da família de Preston, mas foda-se ele. Ele teve sua chance nos Darlings. Ele precisa ficar fora do caminho enquanto damos nossa tacada. Nós escolhemos quando fazer negócios. Colt, ele tinha algo que eu queria, então depois que ele pagou suas dívidas, nós o deixamos sozinho. Preston não tem nada.

— É quase meia-noite de um domingo, — diz o Dínamo. — Ninguém luta no domingo. O melhor que posso fazer é no próximo sábado.

— Essa noite.

— Não haverá dinheiro.

— Você acha que eu preciso de dinheiro?

— Acho que você precisa de terapia.

Eu não respondo por um segundo. Eu deveria rir de seu comentário, de que ele acha que alguém poderia me ajudar quando estou tão longe. Mas não me lembro como. Não a dez minutos atrás, os gêmeos me deixaram em casa e foram

fazer o que quer que façam para esquecer uma coisa como fizemos esta noite. Eu preciso esquecer também. Preciso bater em alguém e ser atingido até que não reste nada de nenhum de nós além de sangue e ossos.

— Eu sei onde está sua irmã, — eu digo finalmente.

Colt também não precisa de dinheiro. Estou pedindo algo a ele e tenho que lhe dar algo em troca. É assim que o mundo funciona.

Ele fica quieto por mais um minuto. — Como?

— Baron a encontrou. Ela está no Tennessee, usando um nome diferente.

Ele faz uma pausa apenas por um segundo. — Ninguém vai lutar com você quando você está assim.

— Como o quê? — Não há curiosidade em minha voz, apenas desafio, mas ele responde mesmo assim.

— Desesperado.

— Você pode me arranjar uma luta ou não?

— Você tem um endereço? Um nome?

— Vou mandar uma mensagem para você.

Ele suspira. — Merciless tem tentado me fazer arrumar um cara para ela. Ela provavelmente vai tirar sua bunda sádica da cama para você.

— Sem meninas, — eu estalo.

Cansei de machucar garotas. Esta noite foi a última vez que transei com uma garota, qualquer garota. Cansei das clientes do papai, das meninas da escola, das meninas Darling. Há homens suficientes naquela família para exigir nossa vingança. Garotas são muito perigosas.

— Então tudo o que tenho é Colin, e da última vez que coloquei você contra ele, você disse que o mataria se eu fizesse isso de novo.

Esta noite, é isso que eu quero. Sem regras. Sem audiência. Sem moral.

Colin Finnegan é o lutador mais sujo que existe. Ele luta como um berserk wolverine que pensa que está tentando o Ultimate Fighting Champion. Na última vez que lutei com ele, ele tentou arrancar minha rótula, o que teria acabado com minha carreira no futebol, me deu um soco no saco, arrancou meus olhos e me

mordeu. Ele tem sorte de ainda estar vivo.

O sorriso parece estranho e grotesco ao abrir em meus lábios. — Colin seria perfeito.

De repente, estou bem acordada. Os sons do pântano são ensurdecedores ao meu redor e, no entanto, encontro meu coração batendo em ritmo acelerado, um coelho assustado em fuga, enquanto ouço algo mais. Não tenho certeza se estava dormindo ou desmaiada de dor. Só sei que um som me acordou.

Um ruído suave e ondulante desliza pela água e minha garganta se fecha de medo. Minha boca está tão seca em volta da mordaca que não consigo engolir. A dor lateja através de mim, constante e insuportavelmente intensa. Medo é a primeira coisa que sinto em horas além da dor esmagadora, mas não me entorpece. Isso só aumenta meus sentidos, torna tudo pior.

Eu empurro meus pés contra o chão na base da árvore, tirando o peso de meus braços dormentes e ombros gritando. Eu choraria se tivesse lágrimas sobrando.

— Você ainda está aqui?

A voz sussurra na escuridão, deslizando pela superfície da água, enrolando-se em mim como uma cobra fria. Todo o meu corpo é sacudido por um espasmo de terror.

Eles voltaram.

Eu não faço um som. Meu coração está batendo tão forte que acho que vai se romper. Há um respingo suave e uma maldição. Lentamente, ele chapinha, abrindo caminho pela lama e pela água, aproximando-se a cada passo. Eu rezo para que ele não me encontre. Eu rezo para morrer de medo antes dele.

Minha mente corre fora de controle com meu coração. Não é um policial ou um grupo de busca. É muito cedo para isso. Eles não se incomodariam com a pobre garota que se ligou a uma família poderosa como os Dolce. Afinal, eles dirão, garotas como eu fogem de casa por causa de brigas com seus namorados o tempo todo. Ninguém ficará surpreso. Todo mundo sabe que Royal é tudo o que tenho a meu favor.

Não será como quando Royal foi sequestrado, quando *o Local News with Jackie* acampou do lado de fora da casa dos Dolce na esperança de falar com a nova família rica que se mudou para a cidade e perdeu o filho. Eu vi isso quando fui cavar em busca de sujeira na briga Dolce-Darling.

Não será como quando seu irmã gêmea desapareceu, e a polícia organizou

ondas de buscas para procurar noite e dia até que a Ferrari fosse arrastada do rio e eles soubessem que ela havia sumido para sempre.

Para uma garota como eu, uma garota que já tem dezoito anos e não tem família para oferecer recompensas, a polícia vai enviar um boletim e pronto. Se eles suspeitarem, os Dolce jogarão um dinheirinho no prefeito para garantir que ninguém me procure.

— Você está viva?

E se for um deles voltando para me matar? Duke não faria isso sozinho. Talvez Baron, só por diversão. Ele provavelmente pensou que me daria esperança deixando-me viva, e sua última piada cruel será voltar quando eu pensasse que estava segura.

Baron me desamarraria primeiro, me deitaria no chão e tiraria a venda. Ele iria querer ver meus olhos, ver a vida se esvaindo de mim. Ele iria querer observá-la. Ele provavelmente ficaria duro com isso.

Royal seria rápido. Ele apenas enfiaria uma faca entre minhas costelas ou passaria pela minha garganta. Sem bagunça, sem palavras. Royal é eficiente, tenho que admitir isso. Ele jogaria a faca no pântano e ninguém jamais a encontraria. Afundaria na lama e desapareceria para sempre.

— Eu sei que você está aqui. Responda-me se estiver viva, caramba.

Sua voz soa vagamente familiar - ou não? Talvez seja delírio.

— Vou encontrar um cadáver, não vou? — o cara murmura, como se tivesse desistido de falar comigo e estivesse falando sozinho agora. Eu não me importo. Eu receberia Baron de volta, mesmo que ele se masturbasse enquanto corta minha garganta. Não quero ser encontrada, ser salva por um jogador de futebol com consciência que voltou atrás de mim. Eu quero morrer.

Eu caio de volta contra a árvore, deixando minhas pernas saírem debaixo de mim novamente. Em algum momento da noite, meu ombro se deslocou e agora a dor o perfura como uma bota esmagando uma formiga. É muito grande para compreender. Um som me escapa, algum apelo desesperado para que isso acabe. Eu não posso conter isso. O último fio da minha sanidade está se desgastando.

— É você? Porra. É assustador como o inferno aqui fora.

Minha garganta seca estala com a dor do som. De repente, uma faísca atinge a venda. Só consigo ver um brilho, mas sei que quem quer que esteja aqui me encontrou. Um som alto e agudo sai de mim espontaneamente, e a dor corta

o interior da minha garganta.

— Puta merda, — diz o cara, sua voz baixa com o choque.

Quero fazer alguma coisa, me esconder, desaparecer, mas não consigo me lembrar de fazer nada, nem mesmo viver.

Por um minuto, tudo o que posso ouvir é sua respiração, seus pés se arrastando na água quando ele se move e o zumbido inconfundível de uma câmera de telefone. Então a água perto dos meus pés ondula, e posso sentir sua presença tão perto que é como se ele estivesse me tocando. Eu me encolho, um som nauseante de miado obstruindo minha garganta.

— Eu vou te ajudar. — Sua voz é firme, mas cheia de urgência, beirando o pânico. Dedos desajeitados puxam o nó da corda atrás da minha cabeça. Quase soluço quando ela se solta, aliviando minha mandíbula dolorida. Ele tira cuidadosamente a mordaca da minha boca, a corda e o capuz junto com ela. Eu posso sentir o peso úmido dele saindo quando ele o puxa, encharcado de ranho, cuspe e lágrimas. Quando ele puxa o capuz da minha cabeça, posso ver uma luz fraca no leste, através das árvores em botão, mas as sombras ainda cobrem o pântano, e não consigo vê-lo além do brilho da sua lanterna.

— Água, — eu sussurro, murmurando as palavras em uma respiração.

— Certo, — diz ele. Ele se abaixa e abre uma sacola e, um segundo depois, tira uma garrafa de metal. Um aviso bobo e residual da minha programação me arrepia — *nunca tome nada de um estranho*.

Isso me faz querer rir. O que alguém pode fazer comigo que ainda não tenha sido feito? O que alguém pode tirar de mim que ainda não foi tirado?

Não tenho mais nada de valor, nem mesmo meu corpo.

A garrafa treme quando ele derrama um líquido frio em minha boca. A princípio, não consigo separar minha língua seca do fundo da boca, mas depois de um segundo ela se solta. Eu bebo avidamente, engolindo embora a água queime minha garganta seca, meu corpo traidor realizando o ato, embora meu cérebro saiba que não quero isso. Água é vida.

Royal tem razão. A morte é preferível.

Quando meu salvador puxa a água de volta, meu corpo protesta, mas não chega aos meus lábios. Eu fecho meus olhos, exausta demais pelo pequeno ato de engolir para fazer mais. Tudo o que posso fazer é sussurrar as palavras que circularam minha cabeça a noite toda. — Eles voltarão para mim.

— Eu sei, — diz ele. — Mas eu vou tirar você daqui agora.

Seus dedos trabalham nos nós em minhas mãos em seguida. Mordo os lábios para não gritar. Engolindo o grito de dor que se impõe à minha garganta, mordo com mais força, até sentir o gosto de sangue. Ele desiste e vai até sua bolsa, e vejo sua silhueta e o fecho de luz cair sobre uma lâmina prateada brilhante quando ele a puxa.

De repente, todo o meu corpo está tremendo incontrolavelmente. Meus dentes batem tão alto que posso ouvi-los sobre o som dos insetos e sua respiração pesada. Ele dá um passo em minha direção, e eu me encolho, e então seu corpo pressiona contra o meu. Ele é tão quente, tão duro que eu quero gritar, mas apenas um som áspero e sufocado escapa da minha garganta machucada. Seu peito sacode contra meu ombro quando ele faz um movimento rápido, e eu ouço um som metálico, e o alívio em meus ombros quase me faz gritar de novo.

Quando minhas mãos ficam livres, eu me dobro como se fosse feita de papel molhado. Com uma maldição, ele deixa cair a faca para me pegar enquanto eu caio. Sua mão quente pousa em meu seio e meu mamilo se contrai. Nenhum de nós se move por um segundo. Um choque passa por mim que meu corpo ainda pode sentir qualquer coisa além de dor, mesmo que seja uma resposta involuntária.

Eu ainda estou viva. Meu corpo está vivo, mesmo que o resto de mim tenha morrido nesta árvore.

— Eles voltaram, — eu sussurro com os dentes batendo, meu cérebro insistindo que ele sabe alguma coisa, que ele entende. Mas não consigo colocar em palavras o horror do que aconteceu comigo esta noite.

— Eu trouxe um cobertor, — diz ele. — Você aguenta?

Balanço a cabeça e ele me empurra contra o tronco. O terror instintivo me invade novamente, e eu me afasto, desmoronando ao pé da árvore. Não consigo compreender o que está acontecendo. Um cobertor cai sobre mim. Mãos fortes lutam para me levantar e me envolver. Minhas mãos estão dentro do tecido, mas eu não luto. O resto da minha luta se esgotou nas horas frias antes do amanhecer.

— Quem é você? — Eu sussurro, minha voz soando como a de outra pessoa. Ou talvez pareça comum, como sempre foi, mas agora sou outra pessoa.

— Não se preocupe com isso, — diz ele.

Não importa. Eu sei tanto quanto preciso saber. Ele é um dos jogadores de

futebol, alguém que se sentiu mal o suficiente para voltar para mim, mesmo depois de se juntar aos outros. Ele fez isso e, no entanto, voltou. Não sei se isso o torna melhor ou pior.

O céu acima está parcialmente encoberto por folhas minúsculas, mas a luz pálida que se insinua no pântano desde o amanhecer aumentou desde que o homem me encontrou. Tudo o que posso ver enquanto ele se ajoelha ao meu lado guardando sua garrafa de água e fechando sua bolsa é um gorro preto e ombros largos. Quando ele levanta o rosto, porém, percebo o que não registrei quando fui cegada pelo farol. Uma máscara prateada cobre a metade superior de seu rosto.

Eu deveria sentir algo sobre isso, mas não sinto.

Por um momento, na escuridão, quase posso acreditar que é um dos irmãos Dolce.

Mas isso é estúpido. Claro que não é um dos Dolces. A maioria dos caras do mundo tem ombros largos e gorros próprios. E o sotaque está todo errado. O sotaque pertence aqui. Os Dolces não.

Sem pensar, puxo minha mão boa e pego a máscara que mal consigo distinguir na luz escassa. Ele agarra meu pulso. Seu aperto é duro, castigando a pele machucada e quebrada.

Minha boca se abre em um grito silencioso.

— Nem pense nisso, — diz ele. — Ou eu vou amarrar você naquela árvore e deixar você. Entendido?

Concordo com a cabeça, a dor sufocando minhas palavras.

— Nunca, nunca toque na máscara, — diz ele. — E nós temos um acordo.

Eu aceno de novo, forçando minha garganta a engolir. Não sei o que ele quer dizer com acordo, mas não o quero. Acordos com o diabo são o que me trouxe aqui.

— Combinado? — ele pergunta, seu aperto aumentando até eu gritar. O som lamentável ecoa pelo pântano escuro e aquoso ao nosso redor.

— Combinado, — eu sussurro, me curvando sobre meu braço. Por que o que importa agora? O que ele pode tirar que já não foi tirado de mim?

— Bom, — diz ele, soltando minha mão e colocando-a dentro do cobertor.

— Boa menina.

Ele se inclina para me pegar em seus braços. Ele demora um segundo para se equilibrar com a mochila nas costas e eu nos braços, e então entra na água. A dor me atravessa a cada passo que ele dá, embora ele se mova lentamente, tateando seu caminho através das poças rasas e colinas macias. Ele tropeça em algumas raízes, mas não me deixa cair. Começo a descongelar com o frio, o cobertor e o calor de seu corpo penetrando em mim enquanto ele se arrasta pela água turva do pântano, por trechos de terra seca, escorregando na lama.

O ritmo de seus passos me acalma e, em poucos minutos, estou caindo na inconsciência novamente. Luto para manter os olhos abertos, para ficar acordada, para saber aonde ele está me levando. Mas qual é o ponto? Por que se importar?

Eu me deixo escapar.

Quando acordo, ele está de pé sobre mim, me deitando no banco de trás de uma caminhonete. O céu acima é de um azul pálido matinal agora que saímos das árvores e, pela luz da cabine, posso distinguir as feições não escondidas pela máscara. Traços nítidos, um toque de bronzeado, bons lábios. Mais uma vez, eu quase poderia acreditar que ele é familiar se eu tentasse o suficiente. Mas não posso porque ele não é. Não importa quem ele é. Ele não é um dos meus meninos, e eles não são mais meus meninos. Eles nunca foram.

Era tudo uma mentira.

Minha mentira.

Minha culpa.

Eu poderia ter parado a qualquer momento, e teria sido real. Mas não o fiz. O que significa que foi tudo para o Sr. D.

— Quem é Você? — Eu pergunto novamente, minha voz esganiçada e áspera e sem curiosidade.

— Não se preocupe, — diz o homem da máscara. Ele fecha a porta e dá a volta na caminhonete para subir no banco da frente antes de falar novamente. — Você estará segura comigo.

Ele entra na rodovia, quase vazia a essa hora do dia. O zumbido dos pneus abaixo de nós me acalma novamente, e sinto meu corpo maltratado lutando para descansar, minha mente implorando pelo esquecimento. Não quero pensar no que aconteceu, no que fizeram comigo. Não quero me lembrar do olhar de

traição no rosto de Royal, do pequeno vislumbre que tive no retrovisor antes que ele parasse o carro, antes que seus olhos se esvaziassem de toda a vida.

Também não quero lembrar como ele me traiu, a descrença que senti quando ele se afastou dos meus apelos e permitiu que seus irmãos pegassem o que eles pediam desde a primeira vez que ele disse que eu pertencia apenas a ele. Eu afundo no cobertor e me permito esquecer.

Acordo suando frio de terror quando a caminhonete para.

— Vamos, — diz o homem mascarado. — Vamos limpar você.

Eu não me mexo, mas ele não deve esperar isso. Ele me puxa para fora do banco de trás, levantando-me em seus braços. Entramos em um prédio pela garagem dele. Há um conjunto de escadas e outra porta. Ele me deita em um sofá de couro e tira fotos. Acho que deveria protestar, mas não o faço. Não importa.

Quando ele termina, ele me leva para um banheiro e entra no chuveiro com suas roupas, segurando-me pela parte de trás da minha cabeça como uma boneca enquanto ele me lava com o chuveiro. Suas mãos são gentis, mas eficientes enquanto ele lava cada centímetro de mim. Eu não me mexo, nem mesmo quando ele abre minhas pernas e lava com o chuveiro. A água quente queima minha carne dilacerada como uma tocha, e perco o fôlego com a dor, a escuridão nadando sobre minha visão. Quando ele termina, ele me puxa para fora e me enxuga, então me carrega para uma cama e me deita. Ele olha para mim por um longo minuto.

— O que você fez para irritar os Dolces? — ele pergunta.

Eu não respondo. Minha garganta dói demais.

Ele me cobre com um cobertor e sai do quarto. Algum tempo depois, acordo quando ouço vozes discutindo na outra sala. Eu fecho meus olhos e tento bloqueá-los. Eu só quero que tudo vá embora.

Um homem entra e me diz que é médico. Eu não sabia que eles faziam mais visitas domiciliares. Ele cutuca os cantos rasgados da minha boca, minha garganta machucada, a queimadura no meu quadril. Ele ajusta meu ombro deslocado e me dá uma tipoia, coloca minha mão em uma tala. Eu penso como é estranho que antes, perder o uso da minha mão direita teria me devastado. Agora, eu não me importo.

O médico dá ao homem da máscara um frasco de comprimidos e folhas. Eu me viro de costas para ele e durmo novamente. Mais tarde, o homem

mascarado volta. Está escuro fora da janela. Sei que já estou aqui há um ou dois dias. Eu quero ir embora, mas não é seguro lá fora.

O estranho me dá suco e comprimidos para engolir e tira fotos do meu rosto. Ele fica parado ao lado da cama por um minuto, com o telefone na mão. Então ele puxa o lençol, me vira de bruços e me puxa para a beirada da cama para que eu fique curvada sobre ela. Eu sei que ele vai me foder, mas eu não luto. Qual é o ponto? Eu não vou ganhar.

Ele coloca uma camisinha e tira um frasco de lubrificante da mesa de cabeceira, passando uma linha por seu pênis. Então ele abaixa até minha entrada e empurra. Dói, e eu choro, mas ele é rápido. Depois, ele me lava novamente e me coloca na cama. Mais tarde, sinto que ele se enrosca em mim e volto a dormir.

O mundo volta devagar, como água ganhando força. Ouço vozes e guinchos suaves e um bipe constante e monótono. É doentiamente familiar.

Ele quebra rápido, como uma onda que está se formando.

Sento-me, meu batimento cardíaco enviando a máquina em um frenesi. Começo a puxar os tubos e fios em meu rosto, meu braço, meu peito. Tantas porras de fios me prendendo à vida.

Os guinchos vêm mais rápido, e um bando de enfermeiras entra correndo, me empurrando para trás quando eu luto, me prendendo na cama, batendo no botão para me dar mais remédios, para me sedar. Eu não quero afundar. Há algo importante...

E então acabou.

Quando acordo de novo, estou grogue, mas desta vez abro os olhos. Meu irmão está sentado ao meu lado, rolando em seu telefone, aquele maldito pirulito enfiado em sua boca.

— Onde ela está? — Eu pergunto.

Sua cabeça se ergue, seu olhar voando para o meu e depois para a porta, onde papai está parado, com o telefone no ouvido. Baron pega seu doce e coloca um dedo nos lábios, virando as costas para papai para que só eu possa ver.

— Quem? — ele pergunta em voz alta.

Então, ele não contou ao papai.

Papai faz um gesto de 'espere' para nós e então entra no corredor.

— Que porra eu estou fazendo aqui? — Eu exijo.

— Você que me diz —, diz Baron. — Deixamos você em casa e saímos e, no dia seguinte, quando acordamos, vimos todas essas mensagens do papai dizendo que você estava no pronto-socorro com uma concussão e uma fratura no crânio. *Novamente.*

Um pouco mais volta. Ligando para Dínamo. Encontrando Colin sozinho no Slaughterpen. Lançando apenas socos suficientes para fazê-lo pensar que eu

estava tentando. Como seus punhos pareciam certos se conectando ao meu rosto, quase orgásmicos.

— Quando? — Eu pergunto, empurrando para cima.

Eu tenho que buscá-la.

O pensamento é rápido e claro, um golpe no plexo solar.

— Alguns dias atrás, — diz Baron, empurrando o doce de volta em sua boca.

— Foda-se, — eu digo, arrancando a fita da minha mão e liberando o soro. Sangue jorra da minha veia, e meu cérebro se dobra de volta.

Sangue na boca de Duke.

Sangue no pau do Baron.

Sangue em suas coxas.

— O que você está fazendo? — Baron exige. — Calma, porra. Você está drogado fora de sua mente agora. Apenas volte a dormir.

— Onde está Harper?

Ele olha para a porta e abaixa a voz. — Onde a deixamos. Ela provavelmente já está morta.

Eu balanço minha cabeça. Não. Ela não pode estar morta.

— Eu tenho que pegá-la.

— Você a queria morta, — Baron me lembra. — Você ia matá-la. Fui eu quem disse para você não fazer isso. Lembra?

Não quero me lembrar disso porque então tenho que me lembrar do que ela fez, da verdade que Baron me mostrou em seu telefone – centenas de mensagens enviadas ao longo de meses, revelando os detalhes mais pessoais e vergonhosos da minha vida para um estranho na Internet.

Não, não um estranho. Um inimigo.

Ela é uma inimiga.

Não sei por que meu corpo continua lutando mesmo quando me lembro

disso. Mas eu tenho que sair, tenho que encontrá-la, tenho que saber a verdade, o motivo. Eu puxo o tubo no meu nariz, mas ele atinge a parte de trás dos meus seios nasais e faz minha cabeça rodar. Baron bate seu peito no meu, apertando um botão de chamada. — Que porra é essa, — ele rosna. — Você está entubado. Você não pode tirar isso. Você vai romper a porra do seu esôfago ou algo assim.

Eu ainda estou lutando quando a porra do exército aparece, as enfermeiras em uniformes azuis claros que já aparecem em muitos dos meus pesadelos. Eu odeio hospitais. As drogas que obscurecem sua mente, o desamparo, a maneira como elas o mantêm vivo quando você não quer fazer parte disso. É tudo muito familiar agora.

A maneira como eles pensam que estão salvando você, mas estão destruindo você.

A maneira como eles impedem que você a salve depois de destruí-la.

Os primeiros dias são difíceis. Não saio da cama a não ser para ir ao banheiro, o que é insuportável. O sexo também, mas não digo nada quando, todas as noites, o estranho vem para a cama, me inclina para o lado e me fode. Não adianta contestar. O que eu quero não importa. Nunca importou. Royal ficava me dizendo, mas eu não entendia. Agora eu entendo.

O estranho nunca fala, nem me beija, nem me toca, mas não tenta me machucar. Ele usa muito lubrificante e no quarto ou quinto dia para de doer. Ele pergunta se estou tomando anticoncepcional e eu digo que estou. Ele me chama de boa menina, mas ainda usa camisinha. Ele nunca tira a máscara.

Ele tira fotos do meu rosto e corpo todos os dias, às vezes durante o sexo, às vezes não. Eu não protesto. Qual é o ponto? Eu durmo quando ele não está pedindo nada de mim. Aprecio, de uma forma desapegada, o quão pouco ele quer, o quão pouco ele me incomoda. Mesmo durante o sexo, ele não pede nada, nem mesmo uma resposta. Acho que se ele exigisse qualquer tipo de intimidade, eu me despedaçaria completamente. Mas ele não. Ele mal me toca.

Ele me acorda, me veste e me traz para a mesa todos os dias. Ele cozinha refeições sofisticadas para mim, mas não as provo. Eu como e, quando termino, ele me carrega para a cama, onde me enrolo sob os cobertores. As vozes embaladas no *Local News with Jackie* encham minha cabeça enquanto falam sobre o custo da gasolina e alguém tendo uma overdose de uma nova droga de rua. Não ouço nada sobre uma garota desaparecida. Adormeço rezando para não acordar desta vez.

É por volta da sétima noite, enquanto estou caída na ilha comendo algumas batatas elegantes com ervas com couve de Bruxelas e salmão, quando meu salvador e captor pausa o garfo.

— Eu tenho que sair um pouco amanhã, — diz ele.

Eu não respondo. Eu não me importo para onde ele vai. Eu durmo a maior parte do dia. Às vezes, o apartamento está silencioso e às vezes eu o ouço se exercitando ou digitando em seu teclado no grande loft aberto, onde ele tem uma mesa encostada em uma parede. Não me perguntei para onde ele vai ou o que fará quando se for. Não importa.

— Você precisa ir para casa e pegar suas roupas ou algo assim? — ele pergunta.

Eu dou de ombros.

— Vou comprar algumas roupas para você, — diz ele com decisão.

Eu não respondo.

— Onde você mora, afinal?

— Rua Mill. — Minha voz soa rangente e sem uso. Eu limpo minha garganta.

— Certo. — Ele toma um gole de vinho e me observa por um minuto. — Estou feliz por ter usado camisinha.

Eu não digo nada. O que há para dizer?

— Você vive sozinha?

— Não.

— Você tem um colega de quarto?

— Minha mãe.

Ele xinga baixinho. — Merda, isso mesmo. Você está no ensino médio.

Eu não respondo.

— Estou prestes a ser preso? — ele pergunta. — Quantos anos você tem?

— Dezoito.

Ele apoia os cotovelos na ilha, fechando os olhos. — Obrigado, porra.

Ele sempre me coloca do lado bom, mas sei por que ele se esconde sob a máscara. Ele é um monstro sob a máscara, desfigurado e feio.

Enfio um pedaço de salmão na boca. É escamoso e salgado, mas não sinto gosto de nada. Os cantos da minha boca estão curados, e os rastros vermelhos raivosos em minhas bochechas das cordas sumiram quando eu me olho no espelho. Meu corpo absorve comida e água e se cura. Mas tudo o que está quebrado abaixo da superfície não muda. Pelo menos você não pode dizer, olhando para ele, que ele sofreu.

— Sua mãe, — diz ele depois de mastigar e engolir lentamente. — Ela estará procurando por você?

— Ela não vai se importar.

— Você falou com ela? Disse a ela que você está bem?

— Com o que?

— Foda-se, — diz ele, levantando a mão como se fosse passá-la sobre o rosto. Ao tocar na máscara, ele deixa cair a mão no colo. — Eu vou te dar um telefone amanhã.

Eu dou de ombros. Decido chamá-lo de Fantasma, como o mascarado da ópera.

— Por que ela não chamou a polícia?

— Ela não vai.

— Oh. — Ele se senta na banquetta do bar, passando a língua dentro da boca. — Ela soa como um pêssego

Eu não discuto.

— Vou subir para regar minhas plantas antes que escureça, — diz ele, levantando-se da ilha para levar o prato à pia. — Por que você não vem? Pegue um pouco de ar. Vai ser bom para você.

Ele pega meu prato e minha taça de vinho sem perguntar se terminei. Sento-me na ilha enquanto ele limpa. Todas as manhãs, ele se veste como se estivesse indo para um escritório, mas toda vez que acordo, posso ouvi-lo se movendo pelo apartamento, vivendo. Seu armário está cheio de diferentes tons de calças cinza e camisas sociais de todas as cores. Ele arregaça as mangas nos antebraços bronzeados antes de enxaguar os pratos e colocá-los cuidadosamente na máquina de lavar louça de aço inoxidável. Tudo aqui é imaculadamente limpo e organizado. Não consigo imaginá-lo sujando as mãos.

Ele abre uma porta e puxa uma pequena bolsa de ferramentas de uma prateleira, então gesticula para que eu o siga. Penso em ficar, mas não há por que desobedecer. Ele puxa uma escada suspensa e subimos para um sótão minúsculo com isolamento aparente e uma porta. Abrindo-a, ele entra na noite azul.

A porta se abre para um telhado plano cheio de vasos de plantas em recipientes de tamanhos diferentes. Deixando-me na porta, o Fantasma desenrola uma mangueira de um carretel, abre uma torneira contra a parede perto da porta e começa a borrifar água sobre uma caixa retangular cheia de flores encaracoladas roxas e rosa. Seu perfume me atrai para o telhado. Não

respiro ar externo há uma semana. É úmido e pesado, agarrando-se aos meus braços nus como algas.

Posso ouvir o tráfego à distância, mas do telhado vejo apenas o mesmo campo que posso ver das enormes janelas no sótão abaixo. A grama é alta e marrom por causa do inverno, mas o verde aparece em pequenas manchas no chão. Eu ando até a beira do telhado. Eu me pergunto se ele me impediria se eu pulasse lá de cima. Não tem nem corrimão. Isto seria tão fácil. Tudo estaria acabado.

Olho para trás, para o homem que me tirou do pântano, que se esforçou tanto para me encontrar e me trazer de volta. Ele se agacha para cutucar um pote grande e redondo. Ele está de costas para mim enquanto tira um par de luvas de sua bolsa. Eu poderia fazer isto. Seria rápido.

— Arranjei uma consulta para você na clínica da mulher na quarta-feira, — diz ele. — Para exames de DSTs. Você pode pegar minha caminhonete e trazê-la de volta quando terminar.

Eu me aproximo da borda, até que meus dedos estejam alinhados com o final do telhado plano. Eu olho para o estacionamento abaixo. Tento me lembrar porque estar aqui em cima é melhor do que lá embaixo. Levanto um pé, observando-o suspenso no ar, como um mergulhador.

Ele olha para cima quando eu não respondo. Seu olhar se move para a beira do telhado e de volta para o meu rosto. Nossos olhares se encontram e sei que ele sabe o que estou prestes a fazer. Espero que ele diga alguma coisa, fique com raiva ou com medo. Exigir saber o que estou fazendo, se quero morrer.

— Vou trazer uma cadeira para você da próxima vez, — diz ele, desdobrando-se lentamente, com cautela, de sua posição agachada ao lado de algumas plantas brotando. Eu o observo se mover, como ele está confortável em seu corpo, como ele é confiante. Ele é rápido, mas sem pressa; alto e esguio, dolorosamente elegante. Ele é construído como um dançarino, todas as linhas finas e graça medida.

Ele está ao meu lado antes que eu saiba o que está acontecendo. Suas mãos fortes são gentis em meus braços enquanto me puxam para trás. — Boa menina, — diz ele suavemente, puxando minhas omoplatas alinhadas com seu peito.

Sei que ele está me agradecendo por não pular, por deixar que ele me puxasse, mas, na verdade, não tenho mais vontade de morrer do que de viver. Não vale a pena o esforço.

— Você pode vir aqui comigo todos os dias, — ele diz quando eu não

respondo. — Você poderia tomar um pouco de sol.

Nós olhamos para o terreno coberto de mato ao lado de seu prédio sem falar. Sua respiração é regular, suas mãos mal me seguram. Mas posso sentir seu coração batendo rapidamente nas minhas costas a cada batida forte.

Eu o assustei. O pensamento se registra de alguma forma distante. Ele quer que eu viva.

O que eu quero parece igualmente irrelevante para nós dois. Não adianta contar a ele, então não falo, e ele não pergunta.

— Onde você esteve?

Eu giro em direção à voz, minhas mãos em punho, adrenalina bombeando. Não gosto de ser pego de surpresa.

— Fora, — eu rosno. — Que porra você está fazendo sentado no escuro?

Baron acende a lâmpada ao lado do sofá. Duke está esparramado no sofá, os olhos vidrados, um copo de uísque em uma das mãos.

— Você vai nos entregar, — diz Baron. Ele pega um pirulito e começa a desembulhá-lo lentamente, os cotovelos apoiados nos joelhos e os olhos fixos em mim. — Esta é uma cidade pequena. Não é Nova York. É mais difícil esconder um assassinato quando há apenas um casal por ano.

— Nós não matamos ninguém, — eu retruco, odiando que ele seja a razão para isso. Ele me lembrou que a morte é muito gentil. Que não matamos Darlings.

— Isso mesmo, — diz Duke. — E eu não tenho medo dos tiras. Eles não são a polícia de Nova York. Eles são caipiras. O que eles podem fazer conosco?

— Se não ficarmos desleixados, nada, — eu digo. — Ninguém além de nós três sabemos o que aconteceu.

Os gêmeos olham um para o outro, aquela porra de telepatia gêmea que me irrita pra caralho.

— Certo? — Eu mudo.

— Certo, — diz Duke. — Não dissemos nada a ninguém na escola. Não somos estúpidos.

Não, não é estúpido. Eles simplesmente nunca fizeram essa merda antes. Às vezes esqueço como há pouco sangue em suas mãos.

E isso é intencional.

Proteja nossos irmãos.

King me desprezaria se soubesse o que fizemos, o que eu deixei eles se

tornarem. Eu deveria tê-la matado como eu queria, escondido ela, me impedido de admitir essa verdade sobre eles - que eu sabia o que eles fariam com Harper quando eu finalmente os deixasse tê-la depois de seis meses negando-os. Foi tanto a recompensa por respeitar minha reclamação anterior quanto a punição dela por traição. Mas não consigo me lembrar quando eles se tornaram o tipo de pessoa cuja atenção é um castigo.

Os gêmeos admiram King, no entanto, e eu devo ocupar o lugar dele. Penso no que ele diria, não porque eu queira ser como ele, mas porque isso vai confortá-los. Duke precisa disso, pelo menos. Não tenho certeza se Baron tem o que faz uma pessoa buscar conforto.

— Não fizemos nada que os Darlings não tivessem feito conosco, — resalto. — Eliminamos uma ameaça à família. Isso é tudo. Um homem tem o direito de proteger sua família.

Isso não é o que ela era, e todos nós sabemos disso, assim como todos nós sabemos que o sangue de Crystal está em minhas mãos. Harper não era uma ameaça para minha família. Ela era uma ameaça para mim.

Eu finalmente entendo verdadeiramente o que eles passaram com Mabel. Quando aconteceu, eu vi de fora, e senti pena dos meus irmãos, mas não entendi. Eu pensei que eles eram idiotas por pensar nela como humana. Eu não achava que era capaz de me importar com uma Darling. Mas agora eu sei o que as garotas Darling fazem com uma pessoa quando estão de olho em você, quando decidem brincar. Eu sei como eles mentem e torcem tudo até você começar a acreditar que contra todas as probabilidades, mesmo sabendo que é impossível, alguém poderia se importar.

— Mas com quem ela estava falando? — Duke pergunta. — Porque ele pode descobrir.

— Acho que não precisamos nos preocupar com ele, — diz Baron, deslizando o doce em sua boca. — Ela não falava com ele há semanas. Ela o bloqueou. Ele não vai pensar em nada, a menos que seja notícia.

— Então, é nosso trabalho garantir que isso não aconteça, — eu os lembro.

Nossos olhos se encontram. Ele entende. Ele pode não ter sangue nas mãos, mas tem estômago para isso.

— Exatamente, — diz ele. Ele pega a garrafa de uísque e coloca um dedo em um copo, então me olha, seu olhar observando meus jeans e sapatos molhados. — Então, de novo, onde você estava? Porque estamos sendo cuidadosos. Mas estacionar ao lado da estrada e atravessar um enorme campo de

arroz no pântano vai nos pegar muito mais rápido do que qualquer coisa que possamos dizer no vestiário.

— Eu estava procurando o telefone dela.

— Foda-se, — diz Baron, inclinando-se para trás e fechando os olhos. — Ela deixou cair quando estava lutando contra nós.

Eu concordo. Mesmo um telefone morto é facilmente rastreável. Não importa se está no fundo do pântano e nunca mais funcionará. Eles ainda podem rastreá-lo.

Se os Darlings forem procurá-la, vão envolver a lei. Eles não seguem nossas regras, cuidando de seus próprios problemas. Eles não têm honra.

Somente uma pessoa sem honra poderia fazer o que ela fez, explorando o desamparo de alguém para seu próprio ganho. Por uma porra de bolsa de estudos de todas as coisas. Uma coisa tão patética e pedinte. O tempo todo, ela não passava de uma garimpeira.

Pensávamos que ela não sabia que era tão querida, mas ela devia saber. Mesmo que ela não soubesse, e ela realmente não soubesse com quem ela estava falando, ele devia saber. E se ele envolver os policiais e eles suspeitarem de assassinato, eles envolverão o FBI. E o FBI encontrará o telefone dela.

Portanto, temos que garantir que ninguém mais procure por ela.

— Você não encontrou o telefone dela? — Duke pergunta.

— Não, — eu digo, franzindo a testa para sua bunda bêbada. — Não encontrei.

— Devemos contar ao papai, — diz Baron. — Ele saberá o que fazer.

— Não, — eu digo, levantando a mão. — Se precisarmos da ajuda dele, contaremos a ele então.

— Tudo bem, — diz Baron, parecendo cético. — E agora?

— Onde você colocou as roupas dela?

— Merda, — diz Duke. — Elas estão na minha bolsa.

— Esse é o tipo de merda que não podemos fazer, — eu digo. Isso e permitir ela deixar cair o telefone no pântano. Se eles encontrarem isso, eles vasculharão o pântano e a encontrarão.

Pelo menos... acho que sim.

Eles vão ter uma equipe inteira, cachorros e equipamentos de infravermelho e merdas que eu não tenho. Estive naquele pântano exatamente uma vez antes de hoje, e já era noite quando saímos, e eu estava... Não totalmente presente. Mal me lembro de ter entrado no pântano. Eu estava no modo de sobrevivência, como naqueles meses após a morte de Crystal, dos quais mal me lembro, e dos anteriores, não me lembro de nada. Deixei o monstro cuidar de mim, cuidar do que precisava ser feito, do que eu não podia. Eu era fraco e ele era forte.

Talvez se eu colocá-lo no controle, ele possa encontrá-la. Eu vou ter que voltar novamente. Mas eu tenho um bom motivo. Eu olhei hoje, meu primeiro dia em casa depois de sair do hospital, procurando até depois do anoitecer, mas com apenas a lanterna do meu telefone e uma vaga lembrança de estar lá antes, não consegui encontrar onde a havíamos deixado. Eu não poderia encontrá-la.

— O que você está pensando? — Baron pergunta, sentando-se ereto e colocando seu uísque na mesa de centro. — Queimar as roupas dela?

— Sim, — eu digo, entrando na sala de estar. — Ela era uma Darling. Precisamos agir como tal.

Vou queimar tudo que me lembra dela, toda a merda aleatória que ela deixou na minha casa, meus cadernos onde escrevi poemas sobre ela como um patético cachorro apaixonado perseguindo uma cadela no cio. Devíamos queimar toda a porra da cidade com todos os Darlings nela.

— Ela é uma das pessoas renegadas dos Darlings, — diz Duke. — Eles não se importam com ela.

Duke não é bom com as consequências, a limpeza, os detalhes. Ele está lá para se divertir e brincar, mas esquece que depois dos jogos é real.

— Um deles se importou o suficiente para encontrá-la, — eu digo. — Mesmo que o avô os cortasse, um deles estendeu a mão para ela.

— Ou ele fez, — diz Duke.

— Bem, ela tem dezoito anos, então ela não é uma garota fugitiva, — diz Baron, trocando seu doce pelo uísque. — E a mãe dela provavelmente não vai chamar a polícia. Certo?

— Precisamos agir como se tudo estivesse normal, — eu digo.

Por um minuto, ficamos congelados em confusão. Nenhum de nós tem a menor ideia de como ser normal.

— Sem faltar ao treino, — Duke diz finalmente.

— O basquete acabou, idiota, — diz Baron. — Sem faltar à escola, no entanto. Agora que Royal está de volta, temos que agir como se fosse apenas sobre ele.

Irritação queima em mim, mas ele está certo. Eu não posso ser o único a ir ao fundo do poço sobre isso. Não quando isso significa que os gêmeos vão cair comigo.

Eu deveria ter deixado eles fora disso. O que eu estava pensando? Eu poderia ter feito isso sozinho, cortado sua garganta e jogado ela no rio.

Mas eu não a queria no mesmo rio onde Crystal se afogou. Essa água é sagrada. Ela merecia a água do pântano.

— Vou falar com a mãe dela.

— O que? — Duke pergunta, sentando-se ereto. — Você está louco?

— Não, — diz Baron, levantando a mão, com os olhos em mim. — Ele tem razão. Isso é o que uma pessoa normal faria se sua ex desaparecesse da escola. Traga as coisas dela de volta, pergunte à mãe dela se ela está bem. Aja como se pensasse que ela voltou para Faulkner High.

— E no processo, veja o que ela sabe, — eu digo.

E veja se Harper está lá.

Eu não adiciono essa parte em voz alta. Não quero que meus irmãos se preocupem.

Nós a deixamos amarrada a uma árvore em algum lugar naquele pântano infestado de cobras. Eu mal consegui sair sem ser mordido por uma das víboras. Ela não poderia ter escapado das cordas, muito menos passado pelas cobras e caminhado trinta quilômetros de volta à cidade sem sapatos ou roupas.

Ela poderia?

Se há uma pessoa no mundo que é forte e engenhosa o suficiente para fazer isso depois do que fizemos com ela, é Harper. E ela estará em busca de vingança.

Então, se ela está viva, por que não chamou a polícia? E se ela está morta,

por que não consigo encontrar seu corpo?

Eu não conto os dias. Eu sei que há algo errado comigo, que isso não é normal, mas não consigo reunir forças suficientes para fazer nada sobre isso. Quando o Fantasma me entrega uma caixa com um iPhone novinho em folha, o modelo mais recente, e me diz para enviar uma mensagem de texto para minha mãe, eu o faço. Não me incomoda em dizer a ele que tinha um telefone de terceira que se desligou sem motivo, não aguentou a carga e tinha tantas rachaduras na tela que mal conseguia ler um e-mail. Não faz diferença qual telefone eu tenho, se é que tenho um. Eu não uso, exceto quando ele me diz para falar com ela.

Os dias passam, depois as semanas. Eu sei que a escola está chegando ao fim, mas isso não importa mais. O Sr. D teria cancelado minha bolsa e eu não seria capaz de enfrentar os Dolce e seus amigos que voltaram para mim naquela noite. A escola parece trivial e sem sentido como tudo mais. Seria preciso um esforço que não posso dar e, portanto, não o faço.

Uma noite, quando acordo miando como um gatinho patético se afogando, chorando que eles estão voltando para me buscar, o Fantasma me aperta contra seu peito quente e me diz que vai me manter segura, que ninguém vai me encontrar aqui se eu não sair. Ele acha que estou com medo, que estou me escondendo como ele, mas não estou. Eu simplesmente não tenho coragem de ir embora. Então, eu fico.

Ele não me tranca nem tenta me convencer a não ir. Eu não sou uma prisioneira. Eu poderia sair. Eu até fui na clínica quando ele me falou, na farmácia pra onde me mandaram. Tomei os antibióticos que ele me deu todos os dias. Mas não há razão para sair de novo. Posso existir neste espaço limpo e ordenado, assim como em qualquer outro lugar. Melhor. Ninguém exige respostas para o que há de errado comigo. Ninguém pede coisas que não posso dar, para que eu faça escolhas impossíveis. O Fantasma pede tão pouco em troca deste paraíso em que posso existir na bolha que ele criou, sem ocupar nenhum espaço no mundo.

Talvez sejamos ambos fantasmas.

Ele me alimenta, colocando minha comida diante de mim e tirando quando termino de comer, nunca comentando o quanto ou o pouco que comi. Depois do jantar, subimos ao telhado onde ele apara e rega as flores, borrija as plantas e admira o jardim. Os brotos se transformaram em plantas, e os mais velhos ganham vida como se para mostrar-lhes o caminho - as folhas de uma delas

produzem um caule com cachos de flores brancas que pendem como sinos; flores de laranja como estrelas do mar onduladas emergem de outra.

Eu não vou para a borda novamente. Eu não me importo o suficiente para pular. Sento-me na cadeira onde ele me manda sentar, como a boa menina que ele me diz que sou. Quando chega a hora de entrar, ele me traz de volta. Ele me mede um dia, tocando meu corpo com meticulosidade possessiva, desapegado e autoritário, como se eu fosse uma boneca e não um ser humano. Ele passa o polegar sobre a cicatriz de queimadura sedosa em meu quadril, verifica minha mão curada, coloca minha pílula anticoncepcional na mesa de cabeceira todas as manhãs. Sou outra planta para ele, um acessório, algo para cuidar.

Ele corta minhas unhas, pinta minhas unhas dos pés. Ele tingue meu cabelo de um castanho-chocolate mais rico, passa a chapinha e o escova na frente do único espelho da casa, do lado de dentro da porta do armário, enquanto assiste a um tutorial sobre como arrumá-lo em diferentes estilos. Ele coloca um anel no meu umbigo e me compra maquiagem e uma bolsa para guardá-la. Ele me chama de sua boa menina. Logo, entre suas entregas habituais, chegam mais roupas para mim - um sutiã acolchoado com inserções de gel pesadas que me deixam com proporções mais uniformes, saias e vestidos que abraçam e acentuam minhas curvas sem parecer um lixo. Sei que devem ser caras, e nunca mandei fazer uma roupa para o meu corpo, que me caísse tão bem. O estilo não é nada que eu escolheria para mim, no entanto. São roupas de garota rica.

Mas então percebo que não sei mais o que escolheria. Eu não sou mais a garota que gostava de shorts curtos que mostravam suas tatuagens na coxa, que usava botas de combate e moletons. Eu não sei quem eu sou. Então eu experimento essa garota que o Fantasma quer que eu seja, assim como eu experimento as roupas quando ele me dá. Ele observa com indulgência arrogante, escolhendo as coisas que não gosta e devolve. Olho no espelho a menina de cabelos lisos, peitos que equilibram os quadris, cintura fina e sapatos de solado vermelho.

Eu me pergunto se ela nunca mais será eu.

Todas as manhãs e todas as noites, ele me fode de forma rápida e eficiente enquanto eu fico lá sem me mover, deixando-o extrair seu pagamento.

Eu sou a prostituta que Royal sempre disse que eu era.

Ele desliza na cama ao meu lado quando termina.

— Quer que eu termine para você? — ele pergunta. — Este não é o tipo de relacionamento em que vou comer você, mas tenho um vibrador e alguns estimuladores de clítoris.

Meu estômago se contrai com repulsa, quase pânico, com uma lembrança que não vou deixar se formar. Eu balanço minha cabeça rapidamente. Eu não quero ou preciso de prazer. Prefiro apenas ficar aqui, meu corpo oco, exceto pelo que ele coloca dentro de mim.

Ela não está aqui, porra. Eu estou na base do que eu tenho certeza que é a árvore onde nós a deixamos. É difícil dizer. Choveu desde então, e a água está mais alta e, a julgar pelos estrondos à distância, está prestes a ficar ainda mais alta. Comprei thick waders¹ que me fazem parecer que pertencço a um navio baleeiro e passo os fins de semana vasculhando a porra de um pântano, atirando em cobras e sendo drenado por mosquitos.

Não há sinal de ninguém no pântano além de mim.

Foda-se Harper. Ela não importa. Ela não merece tanta atenção. Eu deveria estar na ponte, onde alguém importante morreu. Eu deveria estar de luto por Crystal, pensando em Crystal.

Foda-se essa merda.

Eu saio do pântano, arranco os thick waders e a jogo na parte de trás do Range Rover, não me importando se a lama do pântano respinga na parte de trás do meu assento. Vejo o cobertor ali, aquele com o qual fodi tantas vezes com Harper. Aquele que enrolei em seu corpo para mantê-la aquecida durante todo o inverno. Uma imagem dele abraçando suas curvas vem à minha mente, a maneira como ele escorregou por suas coxas grossas, mostrando aquela porra de tatuagem...

Subo no banco do motorista e bato a porta, batendo a cabeça no topo do volante. Estou duro só de pensar nela. Que porra há de errado comigo?

Eu saio, viro na próxima saída e dirijo de volta para Faulkner sob o céu negro. Harper não merece um lugar na minha memória. O que ela fez vai muito além da traição, um corte tão profundo que nunca poderia cicatrizar. Ela encontrou um jeito, quebrou os últimos pedaços da minha sanidade. O tempo todo, eu pensei que estava esperando meu tempo até que eu a quebrasse. Mas ela me quebrou primeiro.

Eu estaciono atrás de um pequeno sedã de merda em sua garagem e olho para as nuvens de tempestade que se aproximam. Seus vizinhos estão do lado de fora, a garota de cabelo azul-escuro e a garotinha, que está desfilando em um bambolê, vestindo shorts e um top de biquíni que pende estranhamente em seu peito achatado. As portas do carro estão abertas, e uma música que só espero que a garota não entenda está saindo dos alto-falantes.

Imagino o que minha mãe diria e sorrio para eles enquanto circulo meu

carro para pegar a caixa com as coisas de Harper que trouxe, como se fosse um rompimento normal. A garota de cabelo azul me lança um olhar sujo, um cigarro apagado pendendo do canto da boca.

A criança para de dançar, o arco batendo no caminho rachado a seus pés.
— Ela não está aqui, — ela fala. — Então você pode voltar para casa!

A menina de cabelos azuis olha para a irmã, mas não diz nada. Ela me observa com olhos taciturnos e tira um isqueiro do bolso para acender. Eu deveria ter dado algumas tragadas em um baseado antes de chegar aqui. Eu poderia usar a calma.

Eu me afasto delas e bato na porta de Harper. Depois de um minuto, a maçaneta gira e meu peito se contrai como se alguém tivesse dado um soco. Mas uma mulher que eu nunca vi olha para mim, não Harper.

— Posso Ajudar? — ela pergunta, olhando para mim.

Ela tem estatura mediana, com um peito largo que ela empurra para fora para parecer que tem mais peitos do que realmente tem. Ela é uma daquelas garotas com corpo quadrado e sem bunda, o oposto da figura de vespa de Harper.

— Harper está aqui? — Eu pergunto. — Eu trouxe algumas coisas que ela deixou na minha casa.

— Não a vi, — diz a mulher. Sua voz é áspera, como a de um fumante inveterado, e há um quê de beligerância nela. Ela deve estar na casa dos trinta, mas a camada de maquiagem endurecida a faz parecer mais velha. Seu cabelo platinado já passou por muitas rodadas com uma garrafa de alvejante barato, e uma polegada de louro aparece na raiz. Sugando um cigarro com força, ela deixa seu olhar se mover sobre mim novamente, mais lentamente desta vez, seus olhos de contorno preto brilhando de interesse.

Lembro a mim mesmo que estou aqui pelos meus irmãos. Para que eles não levem a culpa pelo que eu os deixei fazer. Eu sabia que não devia soltá-los em Harper, mas queria que ela sofresse. Eles fizeram isso acontecer.

— Entre, — a loira diz, abrindo mais a porta. — Deixe-me pegar uma bebida, olhar para você por um minuto. Então é isso que tem mantido Harper longe este ano. Não pode culpar a garota, pode?

Não quero entrar. Minha garganta está tão grossa que acho que vou engasgar, e a casa dela parece uma armadilha, um calabouço enfumaçado de imundície e abandono.

— Eu só trouxe as coisas dela, — eu digo, empurrando a caixa para a mulher.

— Bobagem, venha aqui. — Ela gesticula com o cigarro, não pegando a caixa. — Eu não mordo. A menos que você goste disso.

Estou acostumado com a forma como as mulheres olham para mim, mas desta vez, isso me faz arrepiar. — Você é... irmã de Harper? — Eu pergunto, relutantemente passando pela porta.

— Oh, querido, você não é um amor? — ela diz, dando um empurrãozinho sedutor no meu braço antes de desfilar pelo corredor, tentando balançar sua bunda inexistente como um convite.

Minhas costas enrijecem com sua escolha de palavras, e eu apenas consigo dar um grunhido em resposta.

— Todo mundo sempre pensa que somos irmãs, — diz ela. — Olhando para mim, você nunca saberia que eu tive um bebê, não é? Acho que é porque eu fiz uma cesariana. Mantive tudo bonito e apertado, do jeito que estava.

Ela pega um pedaço de tabaco da língua e sorri para mim. Meu estômago aperta e eu desvio o olhar. Se ela soubesse o que eu fiz com a filha dela...

— Não vejo Harper há semanas, — diz ela. — Eu trabalho durante o dia e me divirto quase todas as noites. Podemos não nos cruzar por dias. Tenho certeza de que ela vai se arrastar para casa quando acabar com qualquer problema em que esteja agora.

Se ela soubesse...

Tento não olhar em volta para o lugar onde Harper sempre se recusou a me deixar vir. O teto é baixo e opressivo, como o teto de um carro muito pequeno. As persianas das pequenas janelas estão fechadas e a única luz vem da TV. Mesmo no quarto escuro e parecido com uma caverna, posso ver que o lugar é um casebre. A mesa de centro está coberta de latas de cerveja vazias, embalagens de fast food e cinzeiros transbordando de bitucas de cigarro. O tapete não é nem mesmo uma cor, apenas uma coleção opaca de manchas e fibras baratas e emaranhadas. O sofá parece o lugar onde os viciados em crack vão foder.

— Está tudo bem, — eu digo. — Eu só queria trazer as coisas dela de volta. Ela não foi à escola.

— Não é como se ela se preocupasse em me contar o que está acontecendo com ela, — sua mãe diz, revirando os olhos. — Você pensaria que com tudo o

que faço por ela, ela poderia me mandar uma mensagem.

— Você pensaria, — eu digo, esperando que ela continue falando.

Eu poderia escrever o livro sobre o que ela está fazendo, mas Harper é quem resumiu em uma frase quando terminamos de foder um dia e falamos sobre nossas mães. *A mãe narcisista com complexo de vítima*, é como ela a chamava. Era engraçado o quanto nossas mães tinham em comum, embora nenhuma delas admitisse se se conhecessem.

Mas isso não importa. Eu preciso de informações. Tanto quanto sei, Harper não tem amigos. Se ela sabe que a queremos morta, com quem ela se esconderia?

Isso é fácil demais. Ela iria para esse idiota que está alimentando com informações. Não sei quem é o Sr. D, mas a mãe dela pode saber.

Essa é a parte mais foda de todas. Mesmo agora, ela está fodendo com a minha cabeça. Não quero falar com a mãe dela, tirar vantagem da ignorância dela, se a filha dela estiver morta. Mas se ela estiver viva, tenho que encontrá-la. Me irrita não saber que jeito de ser, de agir.

— Eu vou deixar você saber se eu ouvir dela, — digo a Sra. Apple. — Lamento que ela tenha fugido de você.

— Sinto muito por ela ter ido longe de *você*, — diz a sra. Apple. — Algumas garotas não conhecem uma coisa boa até que elas mordam a bunda delas.

A última coisa que deveria me importar é com quem Harper estava fodendo, mas meu cérebro de homem das cavernas não consegue pensar em mais nada. — É por isso que ela disse que terminamos? — Eu pergunto com cuidado.

— Eu apenas imaginei, — diz ela. — Sabe, se ela não está aqui, nove em cada dez vezes ela está com aquele cara que faz as tatuagens. Ele tem andado nas esquinas com os Crosses ultimamente, provavelmente vendendo aquela merda de Alice no País das Maravilhas que está em todos os noticiários. Eles dizem que isso faz você passar a noite toda, então se ele está gastando em seu suprimento, ele tem uma dama para colher os benefícios.

Eu tento não reagir. O cheiro do lugar está me deixando doente. O sangue corre na minha cabeça. Não quero estar aqui, nesta armadilha mortal. Mais uma vez, empurro a caixa para a Sra. Apple, ou seja, lá qual for o nome dela. Nunca perguntei a Harper se a mãe dela era casada. Só sei que ela não se casou com o pai de Harper, o Darling rejeitado.

— Você pode tentar enviar uma mensagem de texto para ela, — diz ela. — É uma pena que vocês dois tenham se separado. Se você precisa falar com alguém, talvez beba para acabar com esses problemas...

— Estou bem, — eu digo, voltando para o corredor. De repente, não posso estar aqui. O fantasma dela está respirando na minha nuca - não, gritando.

Não é de admirar que Harper nunca me deixou entrar. A casa dela é uma merda. A mãe dela é uma merda. A vida dela é uma merda. Se ela se livrasse dessas cordas, provavelmente seguiria na direção oposta de Faulkner e nunca mais olharia para trás. Ela é muito esperta para voltar aqui, especialmente sabendo que cruzou com as pessoas erradas.

Ignoro as tentativas da Sra. Apple de me atrair de volta enquanto corro para fora, segurando a vontade de vomitar. As nuvens baixas começaram a cuspir chuva e o ar está denso e pesado com a umidade. A garotinha está parada no teto do carro, dançando na chuva ao som de outra música que nenhuma criança deveria ouvir.

— Sim, vá em frente e vá para casa! — Sua voz aguda corta a chuva que espirra. — Você não é bem-vindo aqui, porque partiu o coração de Harper.

Ignorando-a, corro para o Range Rover e entro, batendo a porta para impedir a entrada da chuva, da garota e da sensação daquela casa que se agarra a mim como a sensação arrepiante de sujeira, sujeira e suor depois de um jogo de futebol.

Lixo, todos eles. Assim como Harper.

Tento manter esse pensamento em mente em vez de me sentir o pedaço de merda que sou, fugindo deles com uma consciência pesada.

Respiro fundo algumas vezes, dizendo a mim mesmo que estou imaginando o fedor de sua vida pairando sobre mim. Então eu mudo para dirigir e saio, de volta para o lado da cidade onde a podridão faz sentido para mim.

Eu não vou para casa, no entanto. Continuo em direção à casa do velho Darling, aquela para onde fomos depois que reneguei Crystal, mas antes dela morrer.

Eu paro na ponte. Isto é onde eu pertencço. Honrando a memória de uma garota que merece meu remorso. A primeira garota que matei, há dois anos e meios atrás.

Uma garoa cinza cai no para-brisa. Não é o tipo de chuva que caiu na noite

em que o rio levou Crystal. É do tipo que estava caindo na noite em que Harper veio à nossa casa pela primeira vez, pensando que ela iria espionar. Ela era boa em encontrar meus esconderijos, os lugares que vou para lembrar, para provar que não me machucam. Dominei este lugar da mesma forma que dominei a sacada de Devlin.

Sua casa se foi agora, e Harper não pode assombrar sua varanda, mas ela assombra o rio. Eu a deixei no pântano, mas o fantasma dela está aqui. É a chuva no para-brisa, o cobertor no porta-malas. É embaixo da ponte, onde deitamos, conversamos e fodemos. É do outro lado da ponte, onde lutamos contra os Darlings, e onde eu a empurrei e fodi sua bunda pela primeira vez. Está no banco de trás deste carro, onde eu me choquei com ela e a fiz gritar por mim enquanto sua boceta sufocava meu pau com suas garras.

Eu inclino o assento para trás e deslizo minha mão em minhas calças. Meu pau está duro, minhas bolas prontas para despejar seu conteúdo em seu núcleo sedento. Pego meu telefone e o mando.

Penso no que a mãe dela disse. Desço até o nome dela e leio nossas últimas mensagens no *OnlyWords*.

Royal: encontro você no seu armário depois da escola

BadApple: ate então

É tão normal. Tão comum.

Eu pressiono o botão e desligo minha tela. Eu deveria apagar todo o tópico, apagar qualquer evidência de que a conheci. Em vez disso, abro o aplicativo de mensagens de texto normal que usa nossos números de telefone, aquele que quase não usamos. Leva apenas um minuto para voltar todos esses meses, para o primeiro texto que ela enviou. É uma foto dela com meu casaco, a foto que pedi no Dia de Ação de Graças. Meu pau estremece na minha mão, e eu fecho meus olhos e respiro fundo, como se eu pudesse tirar o cheiro dela desses assentos de couro onde ela se deitou tantas vezes.

Mas não. Aquele era um carro diferente. Ela só esteve neste uma vez - sua última noite.

Quando abro os olhos, porém, ela ainda está lá. Ela não está mostrando muita pele. Ela nunca mandou nudes. Isso só me faz querer ver mais, abrir a jaqueta e ver seus peitinhos apertados com os mamilos caramelo me cutucando. Ela não está usando nada por baixo, mas apenas uma polegada de pele aparece entre os botões da jaqueta. Uma polegada de barriga lisa, a pequena depressão de seu umbigo como uma provocação. Abaixo da jaqueta, ela está usando shorts

esportivos minúsculos, meias até os joelhos e tênis. Seu cabelo está bagunçado em volta dos ombros e ela está sorrindo para a câmera, um sorriso atrevido que puxa um canto de seus lábios. Mas são seus olhos que me seduziram então, seus olhos que me seduzem agora.

Eu me acaricio, mas não é o suficiente. Eu preciso dela, preciso esmagar seu pequeno corpo sob o meu, prendê-la e penetrá-la e ouvi-la suspirar por misericórdia. Eu olho para a foto dela e percorro as outras, puxando meu pau até que minha pele fique em carne viva, mas não consigo encontrar alívio. Minhas bolas estão tão cheias que doem. Só preciso de um empurrãozinho, mas não consigo fechar o negócio. Finalmente, jogo meu telefone no carro e bato minha cabeça contra o assento.

Porra. Porra. Porra.

Eu vim aqui como uma lembrança de Crystal, não para me masturbar com fotos de uma garota que me usava em seus joguinhos, dizia para seu velho doente como meu pau era grande, como eu me saía, como eu lambia a boceta dela até ela gozar toda sobre meu rosto, seus gritos suaves um canto de sereia para meus ouvidos.

Ligo o carro e giro o volante, voltando pela noite incolor e encharcada. Quando pensei que não poderia afundar mais, encontrei novas maneiras de me surpreender. Como a porra de um serial killer, eu apenas me masturbei enquanto olhava as fotos da garota que matei.

Certa noite, estávamos sentados na ilha quando o Fantasma pegou o vinho branco e se serviu de uma segunda taça. Ele nunca faz isso. É estranho o quanto sei dele sem nem tentar, sem perceber que estou aprendendo.

— Eu preciso que você vá para casa amanhã, — diz ele.

— Ok.

— Minha namorada está voltando para casa no dia 4.

— Ok.

— Vou te levar para casa de manhã.

— Ok.

Ele me observa dar uma mordida. Eu não gosto de nada. Eu nunca estou com fome. Lembro-me de quando teria matado para ser tão bem alimentada, mas não me lembro por quê.

— Depois que ela for para casa, você virá todas as terças e quintas à tarde.

— Ok.

Falar sobre ir para casa começa a despertar uma pequena parte do meu cérebro de seu estupor. Embora eu more aqui há meses, não olhei em volta com nenhuma curiosidade. Estive em seu quarto, em seu chuveiro, em seus armários, em seu telhado. Conheço cada centímetro de sua casa, mas nunca a notei. Ele conhece cada centímetro do meu corpo, mas nunca vi seu rosto. Há meses que sou um caracol escondido dentro da minha concha. Não fui a lugar nenhum desde a ida à clínica em abril.

Já é julho mesmo?

— Eu vou buscá-la em sua casa às quatro, — diz ele. — Eu não vou entrar ou conhecer sua mãe. Você dirá a ela que está com uma amiga se ela perguntar.

— Ela não vai.

— Você não vai contar nada a ela sobre mim, — diz ele. — Você vai passar a noite aqui duas vezes por semana. Eu gosto de você estar aqui quando eu

acordo.

— Ok.

— Termine o seu vinho, — diz ele. — Eu vou tomar banho.

— Ok.

Ele descansa sua mão tatuada em cima da minha. — Boa menina.

Eu termino minha comida e vinho. Ele toma banho e, enquanto ele faz a limpeza na cozinha, eu me lavo para ele, do jeito que ele gosta. Tomar banho, me depilar, escovar os dentes. Vou até a cama onde ele está deitado esperando, lendo um livro, sua máscara ainda no lugar.

— Você nunca tira isso? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele, colocando o livro para baixo. — Mãos e joelhos.

Eu fico de quatro e ele fica atrás de mim, tirando fotos.

— Boa menina, — diz ele finalmente, desligando o telefone antes de me foder. Depois, ele apaga a luz e me abraça enquanto adormece. Pela primeira vez em meses, tenho presença de espírito suficiente para me perguntar como ele é e quem ele é.

Ele me leva para casa no dia seguinte. Mande mensagens de texto para mamãe uma vez por semana, seguindo as instruções dele, avisando que estou bem e que fui morar com um amigo. Assim que passo pela porta, ela começa a me interrogar, e fico surpresa com a saudade das familiares e seguras paredes brancas do loft do Fantasma. Eu me viro e caminho pelo corredor até o meu quarto.

Eu não conseguiria responder às perguntas de mamãe nem mesmo se tentasse. Então, eu não tento. Depois de gritar comigo da porta por um tempo e não obter resposta, ela sai furiosa e não volta para casa. A casa é pequena e fede a cigarro velho e bebida. É estranho e familiar ao mesmo tempo. Tudo parece igual, mas parece que sou uma estranha.

Na terça-feira depois de 4 de julho, meu telefone toca exatamente às quatro da tarde. Saio e subo nos assentos de couro da grande caminhonete branca com lama nos pneus que fica na frente da minha casa. É estranhamente reconfortante encontrá-lo ali, atrás dos vidros escuros do Escalade, escondido atrás de sua máscara. De alguma forma, não ver seu rosto real torna mais fácil essa vida que construímos juntos.

— Você teve um bom feriado? — ele pergunta.

— Sim.

— Você viu alguém de Willow Heights?

Eu olho de soslaio para ele. Ele acha que eu saí e festejei? Que eu tenho um namorado em algum lugar por aqui?

Eu me viro para a janela. — Não.

Ele dirige o resto do caminho em silêncio. Em sua casa, sento-me na seção cinza-clara enquanto ele faz pizza caseira com pesto e salada. Cada um de nós toma uma taça de vinho. Não conversamos durante o jantar. Depois de tomarmos banho separadamente, ele vem até a cama e fica de pé sobre ela. Empurro o cobertor e começo a me virar, mas ele me impede.

— Deite-se de costas e abra as pernas. Eu quero assistir você enquanto eu te fodo esta noite.

Deito-me e abro as pernas. Ele se ajoelha entre elas, acariciando-se com uma mão e me tocando com a outra até que esteja duro e eu molhada. Ele empurra seu pau para baixo, posicionando-se na minha entrada.

— Preservativo, — eu o lembro.

— Não esta noite, — diz ele. — Eu quero foder a cadela de Royal esta noite. Quando ele quiser você de volta, quero que ele sempre saiba que senti sua boceta com meu pau nu e gozei dentro de você. Ele empurra para dentro de mim, sem lubrificante, sem camisinha.

Ele conhece Royal.

Um calafrio corre através de mim.

Claro que ele conhece Royal. Ele sabe que eu era de Royal. Quem foi o jogador de futebol que disse algo na noite que nunca acabou, aquela em que nunca penso, quando voltaram com os gêmeos? Algo sobre apostar tudo em dirigir um trem no brinquedo de Royal. Deve ser o mesmo cara. Eu penso nele como meu salvador, como alguém distante daquela noite, mas ele não é. Não preciso dizer a ele que, quando voltaram, trouxeram amigos, se revezaram e não pararam até que eu rezasse pela morte. E então, quando isso não funcionou, eu desisti. Abandonei tudo, até a vontade de viver.

Ele já sabe.

— Dawson? — Eu pergunto quando ele está na metade. Não sei mais se ele é familiar porque estamos juntos há tanto tempo ou se eu o conhecia antes.

— O que? — Ele pergunta, levantando as mãos para olhar para mim. Seus olhos são da mesma cor azul, mas um deles está vazio e cego, como se ele fosse cego. Ao redor, sua pele é vermelha dentro do olho de sua máscara. Já me perguntei qual dos amigos dos Dolce viria me procurar no pântano, alguém com consciência suficiente para me salvar. Nenhum deles tinha cicatrizes. Dawson é loiro, mas mora com seus pais e irmãs. Este não é um lugar vazio onde ele traz garotas, ou o apartamento da amante onde um homem casado vem para foder de vez em quando.

É uma casa.

Casa de um homem com cicatrizes no rosto e letras tatuadas nos nós dos dedos, um cisne tatuado no braço, palavras em latim escritas em sua pele.

— Quem é você? — Eu pergunto.

— Eu posso ser quem você quiser que eu seja, boneca, — ele diz, como se tivesse lido minha mente.

Eu gostaria de poder realmente me lembrar de como Dawson era. Nunca olhei muito de perto. Os meninos Dolce chamaram toda a atenção. O resto dos caras são bonecos de papel na minha cabeça. Com uma máscara, eles poderiam ser qualquer um. Afasto meu olhar de seus olhos estranhos, focando na tatuagem de cisne na parte interna de seu antebraço, uma estranha lembrança de onde vim, enquanto ele desliza para dentro e para fora. Parece que uma vida atrás uma sociedade secreta poderia significar algo para mim.

Ele observa meu rosto enquanto goza dentro de mim e diz que é lindo. Isso costumava significar alguma coisa também, mas não me lembro o quê.

Ele se enrola em mim depois, me segurando enquanto adormecemos. De manhã, enquanto ele toma banho depois do sexo, olho em volta como se fosse a primeira vez que venho aqui. É tudo o que minha antiga casa, minha antiga vida não era - limpa, aberta, brilhante e simples. Todo um lado do loft é composto por janelas, não apenas a sala de estar, mas também o quarto. A guarnição é toda de vidro e madeira e aço inoxidável. É escasso, mas mobiliado e decorado com bom gosto.

Observo a parede de tijolos brancos da cozinha, a ilha onde comemos separando-a da espaçosa área de estar com uma parede inteira de janelas com vista para o campo abandonado - um terreno baldio antes de um trecho de árvores. Há a escrivaninha onde ele trabalha e uma esteira onde ele corre,

olhando para o campo. Ele levanta pesos em uma configuração que tem ao lado da esteira. Olhando em volta, percebo que ele deve ser rico.

Volto para o quarto e sento na beira da cama e assisto a uma reportagem sem realmente ver, Jackie falando sobre alguém tendo uma overdose dessa droga de Lady Alice. O Fantasma sai do banheiro com uma toalha pendurada no pescoço e outra na cintura, com a máscara no lugar. Desvio os olhos enquanto ele se veste.

Ele me deixa depois do café da manhã e diz que volta na quinta. Não digo nada, mas gostaria de não ter que sair do apartamento dele. Enquanto o observo ir embora, meu corpo fica cada vez mais pesado de pavor. Eu estou na calçada, enraizada no lugar. Só quando ouço a voz aguda de Olive cantando lá atrás é que me mexo. Sou tomada por uma forte certeza de que não quero vê-la ou Blue. É tão profundo que é quase físico, e corro para dentro de casa e fecho a porta atrás de mim, meu coração martelando.

Ele disse que me manteria segura. Mas não estou segura aqui. Então, por que ele me mandou para casa?

— Você está bem? — King pergunta baixinho, me estudando com muita fodida intensidade.

— Foda-se, — eu digo, mudando de faixa. — Não é como se eu estivesse literalmente preso no inferno. Falando nisso, por que exatamente você está visitando o Arkansas em julho?

— Não estou visitando o Arkansas, — diz ele. — Estou te visitando.

— Ninguém pediu para você vir, — murmuro.

— Você não tem que perguntar, — diz ele. — Eu sou seu irmão.

— Sorte a minha.

Ele suspira. — Ainda somos uma família, Royal. Elisa também. Ela não pode viajar no terceiro trimestre, ou estaria aqui também. Não podemos levar o bebê no avião por alguns meses, e não quero ficar longe deles mais do que quando o bebê nascer. Não queria esperar até o Natal para ver você, e você não veio para Nova York neste verão, então aqui estou. Quer você goste ou não, ainda sou um Dolce.

— Como estão os gêmeos?

Prefiro falar sobre eles do que sobre mim. Quando eles quiseram passar o verão em Nova York com Ma, foi um golpe, mas depois que eles partiram, foi um alívio. Eles precisavam estar fora de perigo, e isso significa fora do meu caminho. Precisam se distanciar da culpa, ou do crime, se não sentirem remorso. Afastá-los de qualquer suspeita que pudesse surgir na cidade era a melhor maneira de protegê-los, mesmo que isso significasse que eu não poderia vigiá-los. Então eu disse a eles para irem, mas não consegui sair.

Todos nós precisávamos de um tempo separados, de qualquer maneira. Um verão para esquecer, para deixar tudo para trás, então é apenas mais uma sombra à espreita em nosso passado sombrio. Ou espero que seja isso que eles estejam fazendo, que não estejam revisitando o lugar em suas mentes como eu visito o lugar ao norte da cidade, puxado de volta por uma corda invisível que me prende ao pântano. Encontrei uma estrada de terra que passa por trás dela, então não preciso estacionar no acostamento da rodovia. Ninguém nunca me vê lá fora, e se me viram, provavelmente são caipiras do interior que não pensariam duas vezes antes de eu entrar no pântano com um macacão de borracha que quase

queima minhas bolas depois de dez minutos.

Os gêmeos não estão por perto para fazer perguntas, para perguntar por que estou indo para lá. Eles não estão por perto para falar comigo e me dizer para não ir. Digo a mim mesmo que não importa. Ninguém vai encontrá-la agora. E se o fizerem, não há nada que nos ligue a ela. Queimamos as roupas dela e eu queimei todos os meus cadernos. Eu não escrevo mais. Eu não quero saber que merda iria sair. Ainda vou ao Slaughterpen todo sábado à noite, mas não vou ao Hockington. Agora sou uma parte legítima do império Dolce, com ações em meu nome e um lugar no conselho de administração.

King parece feliz em encher o caminho do aeroporto com histórias das façanhas dos gêmeos, então eu o deixo falar. Eles estão festejando em nosso antigo reduto e ficando chapados com essa merda de Alice, e eu estou aqui com papai, aprendendo o negócio que um dia herdarei. À noite, eu ando pelas ruas ou assombro os pântanos como um maldito espectro desamparado de vingança.

Está feito. Eu matei ela. Então, por que não consigo esquecê-la?

Estive na casa da mãe dela algumas vezes, mas não quero que ela ou qualquer outra pessoa suspeite, então parei depois da segunda vez. Eu também perguntei sobre ela casualmente quando a garota de cabelo azul que mora ao lado dela estava do lado de fora. Eu até rastreei Maverick, o pedaço de merda que ela costumava foder antes de mim. Ela não está em lugar nenhum.

— Você deveria voltar comigo, — diz King. — Pode ser bom para você fugir também.

Minhas costas enrijecem e eu olho para ele, tentando descobrir o que ele quer dizer, o que ele sabe. Os gêmeos juraram que não contariam a ele o que fizemos, mas eles confiam nele o suficiente para que provavelmente tenham contado tudo. Qualquer que seja. Eu cuido disso. Não estava fazendo nenhum favor a eles estar perto de mim agora. Eu morreria antes de admitir isso para alguém, mas tudo tem sido uma merda desde Harper. Minhas entranhas são bordas cruas e irregulares.

Desde o início, eu só pretendia destruir a vida dela, não tirá-la. Mas depois do que ela fez, que escolha eu tinha? Fiz o que qualquer pessoa no meu lugar teria feito, o que todos esperavam de mim. Ela merecia morrer. Ela não apenas vendeu meus segredos mais obscuros e vergonhas mais profundas para meu inimigo. Ela vendeu nosso relacionamento para ele, um detalhe sujo de cada vez. Era tudo falso. E ela não jogou apenas comigo. Ela não apenas fez eu me apaixonar por ela. Ela me fez acreditar que alguém poderia fazer o mesmo em troca.

Essa é a mentira que nunca poderei perdoar.

E não é que eu me importe se ela está morta. É o fato dela sumir assim, sem deixar rastros, assim como Crystal...

— Apenas fique fora da minha vida, ok? — Eu digo, contornando o tráfego e pressionando meu pé com mais força no pedal do acelerador, pronto para chegar em casa e sair desta armadilha.

Meu irmão suspira. — Você não precisava ir para Thorncrown. Você poderia ter ido a qualquer lugar para jogar futebol. Ou inferno, volte para Nova York se você não estiver indo para a escola.

— Eu estou indo para a escola, — eu rosno. — Thorncrown U.

Ele me dá um olhar indulgente. Nós dois sabemos que é uma escola de merda. Nenhuma universidade que se preze estaria em Faulkner, Arkansas, e ainda assim, a cidade de alguma forma consegue ter duas faculdades de merda. Não tenho nenhum talento artístico, então a escola de artes liberais estava fora. Portanto, Thorncrown é o melhor.

— Você poderia ir para qualquer universidade do país, — ressalta King. — Você é a porra de uma estrela do futebol, Royal.

— Eu poderia ter ido para CBC, — eu digo, sorrindo com o pensamento. Ma teria um aneurisma se eu fosse para uma faculdade batista.

— Você poderia estar jogando em uma escola da primeira divisão.

Eu dou de ombros. — Só porque eu sou bom em alguma coisa, não significa que eu goste.

— Mas você gosta.

— Você já gostou também, — eu o lembro. — Você está jogando bola?

Ele fica quieto por um longo minuto. Então ele balança a cabeça. — Estou fazendo o que tenho que fazer para que todos vocês possam ir para boas escolas.

— Porque se você não trabalhasse para Al Valenti, eu teria que trabalhar, — eu digo categoricamente. Eu sei que é a verdade, mesmo que ninguém mais tenha *cajones* para dizer isso. King poderia ter saído do trabalho para nosso tio-avô. Sim, nossos pais prometeram a ele o primeiro filho, mas Al é um cara razoável. Ele teria me escolhido, o melhor homem para o trabalho, se todos tivessem dito a ele que King não era a pessoa certa. Não foram nossos pais ou Al

Valenti que insistiram em manter o contrato. Foi King.

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo. — Você tem uma escolha, Royal. É tudo o que estou dizendo.

— E eu fiz minha escolha, — eu digo. — Você acha que é o único que pode fazer sacrifícios por nossa família? Os gêmeos se formarão no próximo ano.

Não vou deixá-los com o papai. Eu sei para que ele vai usá-los. Se é a única coisa de que os protejo, pelo menos é mais do que nada.

— Nossos irmãos me contaram sobre Harper, — King diz calmamente. — Você contou ao papai?

Então, aí está. Eu sabia que eles não conseguiam manter a porra da boca fechada. Mas é melhor divulgar tudo em Nova York do que deixar escapar nesta cidadezinha fofoqueira.

— Não, eu não contei para o papai, — eu retruco. — Ela não era a marca dele.

— Ela é uma Darling, — diz ele. — Ele gostaria de saber.

— O que, você acha que ele está fazendo negócios com algum viciado em um parque de trailers? Ela não é um dos Darlings com quem ele está preocupado.

— E com quem ele está preocupado? — ele pergunta. — Você está contando a ele sobre eles?

— Não há nada para contar, — eu digo, cerrando os dentes de irritação com a merda que tive que aguentar no ano passado. Agora que estou trabalhando com papai, começo a entender por que isso é necessário. Mas Preston não facilita deixá-lo sozinho quando ele está constantemente fodendo conosco, nos cutucando, tentando obter uma reação. Me irrita pra caralho que haja Darlings andando por esta cidade impunemente.

— Talvez isso seja bom, — diz King.

Ele acha que os Darlings já pagaram pela morte de Crystal, e talvez ele esteja certo. Mas ele não é seu irmão gêmeo, e ela não é a única que os Darlings mataram naquele inverno.

— Até que o cassino funcione, os Delacroixs são intocáveis, — eu digo. —

Depois disso... Todas as apostas estão canceladas.

Assim que os gêmeos se formarem e eu me livrar dos Darlings, estarei no primeiro voo saindo de Faulkner. O lugar faz minha pele arrepiar. Há muitos fantasmas aqui, muitas razões para olhar por cima do ombro.

As meninas que morrem nesta cidade não têm enterro, não deixam corpos. Elas simplesmente desaparecem, como se a própria cidade as engolissem vivas.

Os meninos também não vão a funerais, mas não desaparecem. Os meninos deixam os corpos - sem nada dentro deles.

Nossos fantasmas também assombram Faulkner.

Toda semana é a mesma coisa. Eu sigo os movimentos, mas estou congelada por dentro, como se não fosse realmente eu ali. Há uma boneca do tamanho de Harper em minha casa, alguém que eu costumava ser, mas não sou mais. O mundo esqueceu minha existência. Apenas o Fantasma se lembra. Eu espero por ele, pelo cheiro de limpeza de sua casa, a madeira polida, a curvatura de seu corpo duro em torno do meu, o distanciamento que sinto quando ele está dentro de mim que é a coisa mais próxima da liberdade que posso imaginar.

Quando não estou, sou um fantasma andando pela rua à noite, esperando que ele volte.

Ele sempre vem. Dois dias por semana, ele me leva para casa, me alimenta, me fode, às vezes me filma. Ele enche metade de seu armário com roupas novas para mim, sapatos, joias, uma bolsa cara para carregar meu telefone, chaves e carteira. Tudo chega na casa dele em caixas ou sacolas entregues na porta, então ele não precisa sair de casa a não ser para me buscar e me levar para casa.

Ele verifica o anel que colocou em meu umbigo para se certificar de que está curado, coloca lentes de contato escuras em meus olhos, tocando meus globos oculares como se fossem dele. Acho que talvez ele arranque meu olho e substitua o cego. Mas eu não me mexo, não tento impedi-lo quando ele coloca a mão entre minhas pálpebras e coloca a lente fina sobre a minha.

— Boa menina, — diz ele, acariciando minha bochecha. — Linda.

Ele abre a porta do armário e me coloca diante do espelho. Ele me diz que estou perfeita agora, que estou pronta. Olho para a estranha no espelho com olhos escuros, lábios escuros e cabelo castanho-escuro, e acho que ela parece pronta, então ele deve estar certo. Eu não pergunto a ele para o que estou pronta. Não importa.

Essa é a primeira noite que ele quer um boquete.

Quando a água é cortada em casa, eu não pago a conta. Pergunto ao Fantasma se posso começar a vir tomar banho no domingo. Acostumei-me com os banhos diários na casa dele. Ele diz não ao tempo extra com ele, mas no dia seguinte, a água está de volta. Mamãe disse que alguém pagou o aluguel pelo resto do ano também. Eu não digo nada. Ela balança a cabeça e diz para onde quer que eu tenha me esgueirado, continue me esgueirando. Então ela ri e acende um cigarro.

— Os ricos sempre querem um rabo jovem, — diz ela, soprando a fumaça pelo canto da boca. — Se eles estiverem dispostos a pagar por isso, melhor ainda.

Eu me pergunto novamente cuja prostituta eu me tornei.

— Melhor do que o último que você deu, — mamãe diz. — Eu cuido da minha vida, mas isso não significa que eu não vi você voltar para casa com hematomas mais do que deveria.

Não digo a ela que não foi um cara que me deu aquelas contusões. Que Era uma menina - muitas meninas. Sei que sinto falta de lutar, mas não sinto de verdade, a dor que costumava sentir quando estava ansiosa por uma briga. Lembro-me de como a luta foi gratificante, mas não consigo realmente ansiar por isso do jeito que eu queria. Não sinto mais nada.

Algumas semanas depois, noto o campo verde-escuro do lado de fora da janela do Phantom ficando cor de feno à medida que a grama murcha no calor do final do verão. Margaridas e margaridas-de-olhos-pretos e ásteres selvagens pontilham a grama agora. O Fantasma fica parado ali, olhando para fora com as mãos atrás das costas, como se estivesse olhando para um império e não para um campo coberto de ervas daninhas.

— Os Dolce entraram em contato com você? — ele pergunta.

Eu tenho o mesmo número de telefone, mas ninguém nunca me liga. Por que eles iriam? Também não os contactei. Todos enviaram mensagens de texto no aplicativo *OnlyWords* e eu não baixei no meu novo telefone. Eu não tinha amigos, de qualquer maneira. Apenas os meninos Dolce e seus amigos se aproximaram e me deixaram para morrer. Eles lavaram as mãos de mim e não preciso mudar isso.

Eu dou uma única sacudida de cabeça, então percebo que ele não vai ver. — Não.

Ele esfrega a mandíbula. Posso ouvir o barulho da barba por fazer. — Não é o suficiente, — ele murmura.

No jantar, ele me dá um vestidinho preto e me diz para colocá-lo e pentear o cabelo. O vestido é decotado, mas não muito revelador, e abraça minhas curvas e me envolve como se devesse custar milhares de dólares. Enrolo as meias e ligas que ele deixou com ele. Coloco os brincos de lágrima de diamante que ele deixou sobre a cômoda. Eu prendi meu cabelo do jeito que ele instruiu e apliquei um pouco da maquiagem que ele deixou lá para mim. O batom é muito escuro, mas passo nos lábios mesmo assim. Não fico mais assustada quando vejo

uma estranha olhando para mim por trás da porta do armário.

Importa quem ela é?

Eu sei que ela é uma boa menina.

O Fantasma caminha atrás de mim e coloca um colar no meu pescoço. Eu posso sentir isso descansando frio contra o meu peito, e isso me faz tremer. Eu toco o charme, uma bailarina de diamantes. Ele corre os nós dos dedos pela minha nuca, desliza as pontas dos dedos pelos meus ombros nus.

— Você parece... — Ele inclina a cabeça, então só posso ver seu cabelo dourado, nem mesmo seus olhos ou boca para revelar o que ele está pensando. Eu nunca me perguntei o que ele está pensando antes. Nunca importou.

Depois do jantar, ele me manda para a cama sem o banho de sempre. Ele não me despe, apenas me manda deitar de costas enquanto ele levanta meu vestido. Então ele pega o telefone, inclinando-o para que alcance todo o meu corpo.

— Sem rostos, — eu choro, minha voz ecoando no apartamento de luxo. Eu jogo minhas mãos sobre meu rosto, surpresa por ainda poder reagir tão apaixonadamente a qualquer coisa. Ele gravou dezenas de cliques pornográficos caseiros de seu pau entrando em mim, mas me prometeu que ninguém saberia que fui eu. Normalmente ele me fode por trás, de qualquer maneira. Eu me sinto exposta, vulnerável e assustada de uma forma que nunca senti com ele antes. De repente, estou tremendo toda.

— Mantenha as mãos sobre o rosto, — diz ele, colocando uma mão reconfortante na minha coxa. — Ninguém vai saber que é você.

Ele brinca com minha calcinha, esfregando seu pau contra o lado de fora dela, puxando-a entre meus lábios e depois para baixo em minhas coxas. Eu puxo um travesseiro sobre o meu rosto. Ele puxa um pouco mais alto, ajustando meu colar antes de voltar ao trabalho. Eu tento não sentir o que ele está fazendo, esfregando seu pau entre meus lábios, me molhando. Finalmente, ele empurra dentro de mim. Ele levanta minha perna e a gira para que eu fique deitada de lado, então ele está filmando meu quadril com as tatuagens. Alguém definitivamente poderia reconhecer isso. Acima do meu quadril, há um D marcado na minha pele. E se meus atacantes virem e voltarem atrás de mim?

— Pare, — eu suspiro.

— Estou quase terminando, — diz ele, movendo minha perna de volta onde estava, então estou de costas. Ele goza rapidamente, atirando uma vez

sobre minha barriga antes de empurrar de volta para dentro de mim para terminar. Ele não abaixa o telefone até que tenha entendido toda a confusão da cena.

— Boa menina, — diz ele. — Você foi perfeita.

Então ele entra no banheiro e ouço o chuveiro ligado.

Eu me levanto, meus membros tremendo, meu pulso acelerado. Algo está acontecendo comigo. Algo despertando, algum monstro horrível que está subindo como um maremoto dentro de mim, como Godzilla emergindo do oceano. Eu não posso respirar.

Quero subir correndo a escada até o telhado, sugar a noite e gritar para o céu. Eu quero navegar sobre a borda, braços e pernas abertos, e voar para a minha morte abaixo.

Algum impulso em mim se rebela contra a seda cara apertando minha cintura, as almofadas pesadas do sutiã. De repente, fico revoltada com o corpo em que estou, com o que permiti que acontecesse com ele. Eu arranco o vestido, rasgando o tecido estrangulado, chuto os saltos que ele me colocou, arranco as ligas e as meias. Eu os jogo de lado e ando pelo chão com os pés descalços, nu como um animal. Meu coração está disparando de forma irregular em torno do meu peito. Eu me sinto presa, enjaulada, embora ele nunca tenha me dito que eu não poderia sair. Na verdade, ele me fez sair.

Sempre fui livre e, no entanto, não sou livre. Ele me tratou melhor do que qualquer um, do que qualquer um deveria, e ainda assim, acho que vou gritar se vir sua máscara novamente, se ele me chamar de boa menina mais uma vez.

Tiro os brincos e pego a caixa em que estavam, meus dedos tremendo. Coloco-os na caixa de joias. Há um saco de papel preto lustroso com o nome do joalheiro ao lado porque ele os comprou só para mim, talvez só hoje, e mandou alguém entregá-los.

Tem uma plaquinha grampeada na sacola, dessas que vem em flores. Do tipo que diz ao entregador para onde enviar, já que o Fantasma nunca sai de seu apartamento.

Tem um nome escrito na etiqueta. Em caligrafia cursiva em loop, as palavras *Mr. D.*

Meu telefone toca com uma notificação no assento ao meu lado. Eu verifico a tela. Olha de novo. Não a vi durante todo o verão. Depois que descobri o que Harper fez, fiquei em uma situação ruim por um tempo. Não me lembro muito do resto do último ano. O monstro operou em meu lugar, reservando espaço para mim até que eu estivesse pronto para voltar.

Quando as aulas terminaram e tive tempo para pensar nas coisas, parei de pensar no que Harper havia feito e finalmente olhei para os fatos por trás disso. Claro, minha mente foi direto para a única pessoa que poderia ter contado a ela sobre o Hockington - Gloria Walton. Eles chegaram perto, graças a mim, e eu paguei por isso. Por deixar uma Darling entrar na minha vida, deixá-la estar com meus amigos. Isso é o que eu ganho por deixar alguém se aproximar de *mim*.

Ainda assim, é uma jogada idiota da minha parte não dar a Lo pelo menos uma chance de se defender. Se não foi ela quem contou a Harper, eu a interrompi por nada. Harper poderia ter subornado alguém que trabalhava lá, me visto saindo com alguém e a rastreado, vasculhando minhas coisas ou as de papai quando ela estava em nossa casa e de alguma forma juntando tudo.

É melhor assim, no entanto. Melhor não ter ninguém ao meu redor que saiba merda nenhuma sobre a minha vida.

Quando Lo descobriu sobre o quarto 504, pareceu mais seguro mantê-la por perto, dar a ela um motivo para não contar a ninguém. Mesmo que nunca falássemos sobre isso, nunca falássemos sobre nossas famílias do jeito que fiz com Harper ou qualquer merda real, nossa amizade era real.

Mas deixar as pessoas entrarem na minha vida é um erro. As pessoas chantageiam e traem. E se fosse ela, se ela dissesse a Harper... Bem, Preston pode ficar com ela.

Quando meu telefone toca um minuto depois, suspiro e atendo. Podemos conversar uma vez. Só para esclarecer algumas coisas. Não vou dar carona para ela em lugar nenhum, como fazia quando ela não tinha dinheiro para gasolina. Meu carro cheira a pântano de todas as vezes que deixei cair minhas botas enlameadas e macacão de borracha aqui neste verão. Gloria faria perguntas, e não vou responder.

— Ei, — diz ela. — Achei que você iria me ignorar de novo.

— E aí, Lo? — Eu pergunto, minha voz soando cansada.

— Você usa o aplicativo *OnlyPics*?

— Não, — eu digo categoricamente, eriçada com a insinuação. — Por que eu deveria?

— Isso não é - eu não quis dizer que você colocaria coisas lá.

— Por quê? — Eu pergunto. — Você não acha que as pessoas pagariam para ver meu pau?

— Não! — ela diz rapidamente. — Quero dizer, eles iriam, se você quisesse colocá-lo. Não é por isso que eu estava perguntando, no entanto.

— Então, *you* não quer ver meu pau? Não é assim que me lembro.

Estou sendo um idiota, mas ela basicamente está me chamando de puta. Ela sabe que não deve perguntar se eu uso um aplicativo que é basicamente uma plataforma para profissionais do sexo. Não sou pago por sexo e não preciso vender fotos do meu corpo por dinheiro.

O aplicativo *OnlyPics* deveria ser um companheiro do *OnlyWords*, que é um aplicativo de mensagens de texto, como o próprio nome indica, apenas palavras nas mensagens. Todo mundo gosta *do* *OnlyWords*, mas ele não tem recursos de compartilhamento de fotos. Então, a mesma empresa fez o *OnlyPics*, mas era basicamente uma imitação do Instagram, onde você não pode usar legendas e as hashtags ficam ocultas, usadas apenas pelos algoritmos para saber para quem mostrá-las.

Provavelmente teria morrido rapidamente se não fosse pela indústria do sexo, que lucrou com três recursos principais - a capacidade de adicionar um link para perfis, onde eles adicionaram seu link de pagamento; o limite de vídeo de quinze segundos, que permitia que eles fizessem provocações para atrair as pessoas; e o recurso de bate-papo privado, que permite enviar a alguém o restante do vídeo por qualquer taxa que eles desejem negociar ou até mesmo um bate-papo por vídeo para um show ao vivo.

Não uso o aplicativo porque não sou uma estrela pornô amadora e, se quiser assistir pornografia, posso fazê-lo de graça como todo mundo. Se eu precisar de uma transmissão ao vivo, tenho um telefone cheio de garotas que ficariam felizes em fazer um show para mim e posso fazer mais do que assistir e me masturbar. Não estou interessado nisso mais do que estou neste aplicativo.

— Ok, vamos tentar de novo, — diz Gloria. — Você se lembra de como Harper abandonou a escola e desapareceu da face da terra quando você terminou com ela?

Eu endureço em meu assento, puxando o volante para sair na saída mais próxima no último segundo. O carro atrás de mim toca a buzina, mas eu ignoro. O barulho é quase abafado pelo sangue batendo em meus ouvidos. — Sim, e quanto a isso? — pergunto a Glória.

— Bem, acho que a encontrei.

— Em um site pornô? — Eu pergunto, esperando como o inferno que alguém acabou de enviar o vídeo de seu professor chupando o pau do ano passado. Fode-me a cabeça pensar que, há um ano, nem sequer conhecia o nome Harper Apple. Demorou mais um mês até que eu a visse dando um boquete no estacionamento atrás da fábrica de absorventes internos.

— Ei, não me julgue, — diz Gloria. — Seus irmãos estiveram fora da cidade durante todo o verão, e você tem me ignorado. Estou tendo um período de seca.

Eu poderia dizer a ela que os gêmeos estão de volta, mas se ela abriu a boca para Harper, não a quero em minha casa, abrindo a boca para meus irmãos. Então, ressalto o óbvio. — Há mais de três paus nesta cidade.

— Depois que você tem Dolce, você nunca mais volta, — diz ela levemente. — E de qualquer maneira, eu só vi por que ela mandou para Dawson.

Estou feliz por ter parado na saída, porque provavelmente tiraria alguém da estrada agora mesmo se ainda estivesse dirigindo. Agarro o volante com uma das mãos e fecho os olhos.

Minha voz sai tão normal que você pensaria que eu era apenas um cara que largou uma garota e não deu a mínima para o que aconteceu com ela desde então. — Tenho medo de perguntar, mas... Seu irmão sempre compartilha pornografia com você?

— Não, seu esquisito, — diz ela. — Alguém mandou uma DM para ele, e estive obcecada por ela durante todo o verão, então ele me mostrou. Ele acha que é engraçado pra caramba.

— Por que você está obcecado com Harper? — Eu exijo. Que porra. Talvez eu devesse ter mantido contato com Lo. Ela poderia descobrir merda, talvez até a verdade.

— Eu não sei, — diz ela. — Você não acha estranho que ela apenas... Desapareceu? Quero dizer, não estou dizendo que você não vale a pena ir até o fundo do poço, ou que você não poderia eviscerar o coração dela tão completamente que ela nunca poderia amar novamente. Ela gostava de parecer

legal, mas ela *realmente* te amava, Royal. Tipo, o tipo de amor que te devora vivo, e você nunca mais é o mesmo.

— Coloque essa merda em um cartão de Dia dos Namorados de noventa e nove centavos. Você poderia ganhar dinheiro de verdade.

— Continue jogando, você também sentiu isso, — diz ela. — Mas vocês partiram muitos corações quando se separaram, não apenas os seus. Todo mundo achou que vocês voltariam depois das férias de primavera.

— Aonde você quer chegar? — Eu estalo. Não preciso de uma porra de sermão sobre o quanto decepcionei a todos. Ela pode adicioná-lo à porra da minha conta por todas as vezes que estraguei tudo e irritei todos que importam.

— Meu ponto é, mesmo que Harper tenha ficado arrasada além do reparo, ela não é o tipo de garota que deixaria um rompimento destruí-la. Ela é mais forte que isso. Você pode ser insubstituível até para ela, mas ainda é um menino. E seria preciso mais de um garoto para quebrar Harper.

Talvez nenhum menino. Mas um garoto que a compartilhou com mais dois contra sua vontade? Uma mão quebrada e uma corda da qual ela não conseguia se livrar, um pântano cheio de cobras mais venenosas que ela?

Sim. Isso poderia fazer isso.

— Então obviamente não teve nada a ver comigo, — eu digo. — Talvez ela tenha ficado viciada em Lady Alice ou Pearl Lady ou o que diabos eles estão chamando agora, e ela está se vendendo para pagar por isso como um viciado normal. Inferno, a mãe dela basicamente disse isso.

— Isso explodiu a cena bem naquela época... — Gloria reflete.

— Talvez ela lhe diga o preço certo, — eu digo categoricamente. — Isso é tudo com o que ela sempre se importou.

— Royal...

— O que?

— Olha, eu não sei tudo o que aconteceu entre vocês, mas eu sei como é se afastar do amor. Só porque você se separou não significa que seu coração não foi dizimado também.

Minha risada é quebradiça, como pisar em vidro. — Você é engraçada, Lo.

Eu poderia perguntar a ela, simplesmente ser direto, como King.

Você contou a Harper sobre o Hockington?

Mas não posso reconhecer isso em voz alta. O hotel é o seu próprio mundo. Quando saímos, não mencionamos o que acontece lá. Não digo à escola que Gloria é bolsista. Eu a elevo, a levo ao baile, ganho suas coroas. E ela nunca conta a ninguém que alugo um quarto lá a cada poucos meses.

Ela arriscaria contar a alguém, sabendo que poderia perder tudo?

Mesmo que ela me odiasse, ela ama demais seu status para arriscar.

O que a faria se voltar contra mim assim? Harper não disse a esse canalha onde descobriu a informação. Mas tem que ser Lo. Ninguém mais sabe.

Então, desligo o telefone, deixando-a pensar que se trata de um rompimento. Que não é sobre um assassinato, não sobre uma garota voltando dos mortos, um fantasma arrastando seu corpo quebrado do pântano e rastejando de volta ao meu cérebro para foder ainda mais com ele.

Abro meu e-mail, aquele conectado por padrão aos aplicativos *OnlyWords* e *OnlyPics* porque é tudo feito pela mesma empresa. Mal me lembro de ter descartado as notificações automáticas que recebi quando alguém me enviou uma mensagem neste verão. Ignorei todas elas, sabendo que eram spam pornográfico. Meu peito está vazio quando abro um da minha pasta de spam.

Ele me diz que tenho vinte e quatro novas mensagens no *OnlyPics*. Eu sigo o link e abro minhas mensagens diretas. A primeira é uma miniatura de um vídeo, enviado esta noite. Se for de Harper, ela mudou seu nome de *BadApple*. Por alguns segundos, tudo o que vejo é um close de parte de sua tatuagem. Eu o observo, examinando-o até perceber que é a dobra do quadril e pressionada na parte de trás da coxa, uma extensão de pele pálida. Levo um minuto para entender o que estou vendo. Quem quer que ela esteja fodendo, ele a dobra ao meio como se as pernas dela estivessem sobre seus ombros enquanto ele a prega na cama.

Não tem legenda, e não tem palavras nem no Messenger, então tenho que clicar no perfil para achar uma explicação.

Torta de Creme de Maçã, \$ 1¢/min.

O tempo parece pular. Alguma parte do homem das cavernas deve assumir o controle, porque a próxima coisa que eu sei é cinco minutos depois, e estou cinco mil dólares mais leve, e estou batendo meu telefone contra a parte superior

do volante sem parar. Sinto-a triturar e estalar, mas continuo batendo nele até não restar mais nada na minha mão, e os pedaços dele se espalharem no meu colo e no chão.

O tempo pula novamente. Estou na minha garagem em casa. O sangue está pingando do volante e no meu colo. Abro minha mão e encontro pedaços de vidro projetando-se da minha palma em uma dúzia de lugares. E só penso naquele dia em que meu carro foi bombardeado e Harper tentou tirar o vidro do meu rosto com seus dedinhos cuidadosos.

Eu saio do carro. Há um Jaguar preto estacionado no cascalho, uma figura alta encostada nele. Eu ando até ele. Algo em mim parece ter se soltado, e acho que posso matá-lo, porra, mesmo que seja apenas Oliver Finnegan, que nunca entra. Ele não aprova os negócios da família.

— Olá, Royal, — diz ele, seu sotaque irlandês distorcendo as palavras. Ou talvez seja o zumbido em meus ouvidos. — Estou no seu lugar? Eu posso tirar o carro.

— Não se preocupe com isso.

Ele inclina a cabeça, seus estranhos olhos claros observando o sangue em minhas calças, minha mão. — Você está bem, companheiro?

Eu dou de ombros e vou para a casa. Assim que estou prestes a entrar, seu irmão sai, uma mochila preta em uma mão, provavelmente cheia de dinheiro ou aquelas malditas pílulas que todo mundo está falando. O maldito Colin Finnegan. Meus olhos se estreitam, meus punhos cerrados até que eu possa sentir o vidro mordendo mais profundamente, perfurando minha pele e os músculos e tendões.

— Foi você? — Eu mudo. Parte de mim sabe que é impossível, mas talvez ele tenha enviado a foto a caminho daqui, ou talvez tenha tirado antes. Preciso que o Baron encontre a assinatura da data em um vídeo, se for possível. Pelo que sei, Harper está morta e ela mesma gravou aqueles vídeos enquanto estávamos juntos. Se ela vendia minha dignidade por uma bolsa de estudos, por que não venderia vídeos dela transando com outros caras quando estava comigo?

— Seja o que for, aposto que fui eu, — Colin diz, me dando um sorriso astuto que mostra seu dente da frente lascado. — Você ainda está chateado com aquela surra que levou na primavera passada?

— Você sabe do que se trata.

— Se não for isso, você está chateado por não ter conseguido uma fatia disso, — diz ele, sacudindo o saco.

— Não me empurre agora, — eu advirto.

Seus olhos assustadores ficam presunçosos. — Ou... Você ainda está falando sobre aquela puta? Achei que foi isso que te desencadeou na última primavera. Todo mundo na cidade sabe que eu comi ela primeiro. Você está apenas descobrindo agora?

— Onde ela está? — Eu exijo, agarrando-o pelo pescoço e jogando-o contra a parede. — Onde diabos você a colocou, seu chumaço de queijo de pau infectado, bebedor de esperma e purulento?

Um sorriso arrogante e desafiador se estende em seus lábios. — Aww, você pegou algo dela? — ele pergunta. — Não fui eu, cara. Eu estourei aquela cereja quando havia apenas três fios de cabelo em sua boceta. Não a toquei desde então.

Não sei exatamente o que acontece a seguir. Não vejo mais Colin Finnegan na minha frente. Tudo o que vejo é vermelho.

A próxima coisa que sei é que meus irmãos e meu pai estão me segurando nos degraus, e Oliver e seu tio estão segurando Colin enquanto ele pragueja, se debate e cospe. O cascalho branco está pintado de vermelho como no dia em que os Darlings vandalizaram nossa casa, mas desta vez é sangue.

— Deixe-me levantar, — eu rosno, empurrando o degrau e me livrando da minha família. Eu espreito em direção a Colin, que se contorce como um gato tomando banho. Posso sentir o sangue escorrendo pelo meu rosto, as bordas irregulares de alguns dentes quebrados e o latejar de um olho que já está inchado e fechado. Mas não sinto dor. A outra coisa que vive dentro de mim a engoliu e não consigo sentir nada.

— Vamos, — Colin grita, dançando nas mãos de seu irmão. — Vamos fazer de novo. Eu posso ir a noite toda. Uau! Eu me sinto vivo!

Eu paro na frente dele, ignorando meus irmãos, que correram atrás de mim para me agarrar se eu perdesse a cabeça novamente. Mas estou tranquilo agora.

— Aproveite enquanto dura, — digo a Colin. Meu lábio está rachado e inchado tão grosso que minhas palavras saem arrastadas. — Se eu descobrir que foi você quem enviou esses vídeos, você não estará vivo por muito mais tempo.

Eu me viro e entro. Não sei por que me importo. Eu vi dois caras transando com ela. Eu dei-lhes permissão. Fiz questão de assistir, então sabia que nunca poderia desejá-la novamente, nunca pensar que ela era minha. Eu a quebrei de propósito, mas pedaço por pedaço, sou eu que estou caindo.

— Você é o Sr. D? — Eu exijo, de pé no quarto do Fantasma, todo o meu corpo tremendo. Seguro a etiqueta entre o indicador e o polegar, acenando para ele. Ele acabou de sair do chuveiro, o corpo todo cheio de vapor, uma toalha em volta dos quadris, máscara sobre o rosto.

Ele dá de ombros. — E daí?

A raiva ferve através de mim. — Foi assim que você soube onde eu estava naquela noite. Não é?

Ele abre a cômoda e tira sua cueca. Eu sei onde ele as guarda. Eu sei onde está tudo no apartamento dele. Mas eu não sabia o nome dele, nunca vi seu rosto. Eu venho quando ele liga, praticamente moro aqui dois dias por semana, como uma maldita puta. Ele prometeu que me foderia um dia, e agora ele fez.

Não sei por que isso importa de repente. Eu nunca me importei antes.

Ele acena vagamente em direção às janelas. — Eu fico de olho nas coisas.

— Por minha causa, — eu digo, afundando na beirada da cama. — Você fica de olho em mim.

— Eu te disse, posso ser quem você quiser que eu seja, — diz ele com um sorrisinho arrogante. — Contanto que você seja você, *senhorita A*.

— Contanto que eu seja o brinquedo de foda de Royal, — eu o corrijo. — É por isso que você tira essas fotos, não é? Para enviar a ele e mostrar a ele o que você fez comigo.

— O que eu fiz com você? — Ele pergunta, virando-se para mim depois de vestir um moletom. Eles ficam baixos em seus quadris estreitos. Acima deles, os cumes de seu abdômen são esculpidos profundos e afiados. Seu corpo é uma escultura finamente esculpida. Nunca reparei, mas ele é lindo, mesmo sem rosto.

— E o que *ele* fez? — Ele avança, perseguindo, sua voz misturada com fúria que me faz encolher na cama, como se ele pudesse me machucar mais do que eu já fui ferida. Como se ele pudesse tirar de mim algo que não tem tirado o tempo todo.

— Você me mudou, — eu sussurro.

— Eu salvei você.

Eu o encaro, me sentindo culpada por sentir qualquer coisa além de gratidão. Ele se exercita, cuida de si mesmo, usa roupas requintadas para trabalhar em sua escrivaninha com três monitores, um teclado ergonômico e um sofisticado computador Mac. Quem deveria ter vergonha sou eu. Eu não cuido de mim até que ele me diga. Ele me diz para tomar banho, me veste com roupas chiques, me faz parecer uma garota que poderia ser, em algum conto de fadas em sua mente, merecedora dele.

E ele me trata como eu sou. Ele prepara jantares sofisticados para mim e compra tudo o que preciso ou posso querer sem que eu precise pedir. Ele até cuidou da minha mãe. Eu não o trato tão bem. Não cozinho nem me ofereço para ajudar na limpeza. Eu nem falo com ele quando venho. Enquanto ele cozinha, eu me sento enrolada em seu sofá de couro fino, tomando um gole de seu bom vinho. A única coisa que faço por ele em troca de tudo que ele fez é abrir minhas pernas.

Se ele me fez uma prostituta, eu o deixei fazer isso. No primeiro dia que ele me comprou alguma coisa, o telefone, eu poderia ter dito não. Mas não o fiz. Eu deixo ele me vestir como uma boneca, me tratar como uma propriedade e me foder como uma prostituta. Na verdade, ele me mostrou que me valoriza mais do que eu me valorizo. Ele me comprou a porra dos diamantes. Uma garota como eu, não tenho o direito de esperar por esse tipo de homem, esse tipo de tratamento. Tenho sorte de ser sua prostituta.

Mas pela primeira vez em meses, quero falar, expressar meus desejos.

— Você está certo, — eu digo. — Você me tratou bem. Mas cansei de ser sua prostituta.

— Você não é... — Ele interrompe, pressionando os lábios e balançando a cabeça. — Eu não queria fazer você se sentir assim. Não é assim que eu vejo você, Harper.

— Como você me vê?

Ele me encara por um longo momento. — Eu só queria cuidar de você, — ele diz finalmente. — Eu vi o que eles fizeram com você. Você não é a única pessoa... Ele balança a cabeça novamente. — E sim, eu queria foder você para irritar Royal. Eu admito isso. Mas eu nunca te vi como uma prostituta. Eu só dei a você o que você precisava.

— Como estes? — pergunto, virando a bolsa do joalheiro. A caixa cai, a tampa torta, um dos diamantes pendurado na lateral como algo obsceno.

— É justo, — diz ele, movendo-se pelo quarto e sentando-se pesadamente na parte inferior da cama. — Talvez eu tivesse motivos egoístas. Mas eu nunca pensei que você me devia. Eu sei que você não vai acreditar em mim. Eu sei como eu pareço. Você acha que não consigo transar a menos que compre diamantes para uma garota. E você está certa.

— E a sua namorada? — Eu pergunto, minha voz grossa.

Ele zomba. — Eu não tenho namorada. Olhe para mim.

— Então você me vestiu e fingiu que sim, — eu digo, me sentindo como uma estranha boneca inflável. Eu agi como uma. Não sou uma pessoa completa desde antes do pântano. Eu fui uma boneca, quebrada em um milhão de pedaços, e ele juntou alguns deles - pelo menos por fora. Mas ele não pode me consertar por dentro. Ele pode estender a mão, mas não encontrará nada para juntar novamente. Eu sou oca.

— Eu nunca fingi ser um cara legal, — diz ele. — Não fique chocada por eu ser exatamente quem eu fui o tempo todo.

— Mas você nunca me disse quem você era, — eu indico.

— Você nunca perguntou.

— Eu perguntei.

Ficamos sentados lado a lado por um tempo, nenhum de nós falando.

— Você não quer saber quem eu sou, — diz ele. — Olhe para mim. Veja o que eu me tornei.

Eu poderia dizer a mesma coisa.

Quando digo ao Sr. D que não vou voltar, ele não diz nada. Mas ele não se prepara para me levar para casa como de costume. Pergunto se ele vai me levar para casa e ele diz que não, mas não me impede quando pego as chaves. Continuo esperando que ele venha atrás de mim, mas ele apenas me estuda, seu rosto por trás daquela máscara em branco irritante, seu único olho bom me observando sair.

Na garagem, subo em sua caminhonete. Tenho certeza que ele vai descer e me impedir. Minhas mãos estão tremendo tanto que mal consigo colocar a chave. Abro a garagem no andar de baixo do prédio e saio. Fico olhando pelo

retrovisor, com certeza vou vê-lo vindo atrás de mim. Mas ele me deixa ir.

Uma parte doente de mim murcha quando viro na entrada da minha garagem e ele não está lá. Nem mesmo o Sr. D acha que vale a pena me caçar. Eu saio da caminhonete e entro. Nada mudou. Mas tudo é diferente.

Sem as excursões de terça e quinta, paro de sair de casa. Não há sentido. Eu nem mesmo devolvo a caminhonete dele. Ele fica como um monstro enorme em nossa garagem, chamando a atenção de membros de gangues locais e das conquistas de mamãe, que ficam em volta se perguntando como minha bunda deve ser boa para justificar tal pagamento. Eu escondo as chaves dentro de um rasgo na mola da minha caixa, sabendo que mamãe vai embora com ela em um segundo se eu deixar as chaves. Durmo com um canivete em uma das mãos para os homens que vêm quase todas as noites, como se minha queda em desgraça lhes desse permissão para me tratar como ela. Ou talvez eles possam sentir o cheiro da minha fragilidade, da minha fraqueza, da mesma forma que sinto o cheiro de álcool em seu hálito.

E embora eu tivesse certeza de não ter sentido nada durante todos esses meses, agora que não vejo o Fantasma, resta uma dor dentro de mim que ele já acalmou. Quando eu acordo coaxando debilmente, de um sonho onde estou amordaçada, silenciada enquanto tento forçar o som da minha garganta estrangulada, há apenas cobertores para me envolver em vez de seus braços fortes e silenciosos.

Eu paro de sair de casa, paro de fazer qualquer coisa. Não consigo me lembrar por que importava estar limpa, comer, viver. Uma noite, quando estou deitada como um cadáver em minha cama, uma batida soa na minha janela suja. Estou tão assustada que me sento antes que meu cérebro possa entrar em ação e dizer o que diz sobre tudo - não vale a pena. Não importa.

Do lado de fora da minha janela, um rosto pálido paira no crepúsculo. Aperto os olhos para ver através da janela suja. Blue ergue um maço de cigarros e aponta para ele com a mão livre, murmurando algo para mim através do vidro.

Eu suspiro e arrasto minha bunda para fora da cama e abro a janela.

— Quer fumar? — ela pergunta, acenando com o pacote para mim.

— Ok.

— Sério? — ela pergunta, sorrindo largamente. Seu cabelo cresceu, então apenas os poucos centímetros inferiores são de um azul desbotado.

Eu dou de ombros. — Vou sair em um minuto.

Eu já estou me arrependendo, meu corpo me dizendo para rastejar de volta para o ninho quente e acolhedor da minha cama e afundar de volta no esquecimento meio sonolento da minha vida. Aborrecimento queima dentro de mim. Por que Blue está vindo para a janela? Ela provavelmente só quer o que todo mundo quer - fofoca.

Eu me arrasto para fora, onde ela está parada ao lado da caminhonete. — Você pode me levar para um passeio? — ela pergunta timidamente.

Eu balanço minha cabeça. — Não trouxe as chaves.

— Oh, — diz ela, seu rosto caindo. — Bem, você quer dar um passeio?

Eu dou de ombros. Ela aceita isso como um sim e começa a andar, e mesmo que eu queira voltar para casa e cair de cara na cama, arrasto os pés atrás dela, o ressentimento crescendo a cada passo. Agosto no Arkansas é quente como as ruas do inferno, e é tão úmido que você nem consegue suar para se refrescar. Eu gostaria de não ter saído, de estar na minha própria cama no fraco ar-condicionado que o Sr. D pagou. Tenho certeza de que foi ele quem colocou os mil dólares em nossa conta de luz, assim como foi ele quem pagou nossa água. Eu deveria estar grata, mas só me sinto usada.

Blue diminui a velocidade para caminhar ao meu lado, me entregando um cigarro. Ela acende antes de me passar o isqueiro. Eu acendo também. O gosto amargo do tabaco invade minha boca, forte, mas ainda familiar depois de meses sem. Eu inspiro longa e profundamente, deixando-o afundar em meus pulmões. Uma onda de tontura corre através de mim, meus dedos tremendo com o ato.

Chegamos ao final do quarteirão e viramos à direita, em direção à velha igreja branca e ao cemitério.

— Eu sei que pareço uma professora agora, mas, tipo, você está com algum tipo de problema? — Blue pergunta finalmente.

— Você não ouviu? — Eu digo categoricamente. — Eu sou uma prostituta agora.

— Ouvi um boato de que você estava fazendo Pearl, mas caramba. Você conseguiu isso por transar com alguém? Digo, é uma caminhonete muito legal, Harper. A maioria das pessoas só ganha, tipo, cem dólares ou algo assim.

— Acho que sou uma prostituta de alta classe.

Ela está quieta enquanto continuamos até o final da rua, onde não há para onde ir a não ser a igreja. Eu provavelmente pegaria fogo se passasse pelas portas

de uma igreja, então paro de andar. Blue se move pelo terreno de cascalho e abre o portão do cemitério, deixando-o aberto para mim enquanto ela entra. Há alguns carros estacionados perto da cerca. Além do cemitério, um enorme carvalho estende seus galhos, como se abraçasse os últimos fios de laranja no azul profundo do céu noturno.

Eu me pergunto se o Fantasma está em seu telhado, regando seus tomates.

Suspiro e sigo Blue, irritada com meus pensamentos. Ela para em uma lápide simples com um único buquê de flores de plástico sobre ela, agora desbotada em uma cor indiscriminada pelo sol.

— Meu pai, — diz ela, apagando o cigarro no túmulo.

Eu aceno e arrasto com força o meu. — Pelo menos você sabe onde ele está.

Um cara em um túmulo sob os galhos do carvalho se levanta de onde estava ajoelhado e joga para trás seu cabelo loiro brilhante. Há algo familiar nele e, por um segundo, acho que é Colt, mas quando ele se vira em nossa direção, vejo que é um jogador de futebol americano de Faulkner — *o jogador de futebol americano*. Lembro-me de deixar Lindsey na entrada de sua garagem e de como fiquei com medo de voltar e enfrentar Royal, sabendo que ele veria como uma traição eu ter ajudado uma Darling. Eu deveria ter ouvido esse medo.

Chase aponta o queixo para nós em um aceno enquanto passa por nossa fileira de lápides, mas não diz nada. Ele provavelmente não se lembra de mim, e Blue não é do tipo que chama atenção.

— Eu sei que você abandonou a escola, — Blue diz depois que ele sai. — Nem eu faria isso. Você costumava ser tão obcecada por isso. Você é inteligente, Harper.

Eu suspiro. — Você realmente parece uma professora.

— Não, quero dizer, você é inteligente o suficiente para ter certeza de que sabe o que está fazendo, — diz ela, levantando a mão. — Se você pudesse tirar aquela caminhonete chique dele...

— Então eu devo ser boa? — Eu pergunto. — O que, você quer dicas de sexo? Vinte e cinco maneiras para fazê-lo gozar em menos de um minuto?

— Não. — Ela me observa com o canto do olho enquanto dá uma tragada no cigarro. — Mas se o seu cara tem amigos...

— Você se prostituiria por uma caminhonete?

Ela dá de ombros, evitando meus olhos.

Eu sei que estou sendo uma vadia. Eu transei com caras por nada. Por menos que nada. Eu nem tive escolha, muito menos uma caminhonete. Eu disse que não, e eles pegaram mesmo assim. Eles não se importavam com o que eu queria mais do que um cara pagando se importa com o que sua prostituta gosta. Por que não assumir algum controle sobre isso, vendê-lo como a mercadoria que é? É tarde demais para mim. Eles já pegaram o que queriam e me deixaram para morrer. Mas a Blue não é uma loja que foi saqueada, tudo de valor roubado, deixando-a estéril e sem valor para os saqueadores.

— Ele não me deu a caminhonete, — eu admito, jogando minha ponta de cigarro no túmulo de seu pai. — Só peguei emprestado. E então eu não devolvi.

Ela me dá um sorriso lento, parecendo impressionada. — Você roubou isto?

— Mais ou menos, — eu digo. — Mas eu não acho que ele vai chamar a polícia. E ele me deu outras coisas. Joias e roupas e merda. Acho que ele não está procurando acompanhante, mas vou ver se ele tem um amigo, ok?

Ela balança a cabeça, jogando a guimba de cigarro na grama seca perto da minha. — Obrigada, — diz ela. — E Harper... Posso te perguntar mais uma coisa?

Eu dou de ombros.

— Se algo acontecer comigo... quero dizer, eu tenho Olive. Se eu não voltar para casa, você pode pegá-la e mantê-la segura?

— E a sua mãe?

Ela balança a cabeça, arrastando o dedo do pé na terra.

Engulo em seco, sabendo que não posso cuidar de uma criança, não do jeito que ela faz. Mas para garotas como nós, adultos de confiança são poucos e distantes entre si. Eles não são mais propensos a nos ajudar do que os policiais. Fazemos nosso próprio caminho no mundo e só temos a nós mesmos e, às vezes, um ao outro. Eu sei que Blue não me perguntaria se ela tivesse mais alguém.

Concordo com a cabeça e tento sorrir, mas parece mais uma careta. — Ok.

Voltamos em silêncio. Quando chegamos em casa, já está quase escuro. Desmonto a tampa do porta-malas, sentamos nela e fumamos outro cigarro em silêncio. Quando terminamos, descemos e Blue enxuga as mãos na calça jeans. — A escola começa em uma semana, — diz ela. — Você vai voltar?

Sei que deveria me importar, mas não consigo reunir a energia. Minha bolsa de estudos acabou. Não há saída. Desisti, aceitei o fato de que serei igual à minha mãe.

— Eu não sei, — eu digo. — Eu realmente não tinha pensado nisso.

Mas depois, deitada na minha cama, acho que talvez seja a hora.

Abro a porta de Baron e paro, Lo está esparramada de costas como se fosse a rainha da Califórnia, com os braços abertos e o cabelo loiro espalhado ao seu redor, enquanto as pernas se estendem até a cabeceira estofada. Sua saia gira em torno de seus quadris, expondo pernas longas e bronzeadas.

— Que porra você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Ela se senta, jogando o cabelo para trás como a porra de uma stripper e enrolando as pernas na cama ao lado dela. — Oh, ei, Royal, — ela diz, como se ela não tivesse me traído para uma cobra.

— Por que você está no quarto do meu irmão? — Eu pergunto novamente, minha voz dura.

— Ao contrário de você, seus irmãos não me chutaram no meio-fio quando o segundo baile acabou, — diz ela. — Então, eu estou saindo. Com o que se parece?

— Você realmente quer que eu responda a essa pergunta?

Ela passa os dedos pelos fios loiros, descoloridos de um verão na praia, e endireita a coluna. — Caso você tenha esquecido, ainda estou no ensino médio, — diz ela. — Enquanto você e Dawson vão para a faculdade, estou presa aqui por mais um ano antes de Yale me notar.

— E deixar dois caras se revezarem com você o ano todo fará com que você seja notada? Não tenho certeza se você entende como funciona a admissão na faculdade.

— Foda-se, Royal. Só porque Harper fugiu quando você terminou com ela, isso não lhe dá licença para deixar todo mundo tão infeliz quanto você.

— Tem certeza disso? — Eu murmuro, incapaz de segurar minha raiva quando ela está olhando para mim com uma mágoa inabalável e crua em seus olhos.

Baron sai do banheiro e acena para mim antes de cair em sua poltrona. — E aí?

— Tire ela daqui, — eu digo. É mais fácil ser um idiota através dele. — Ela não é mais bem-vinda aqui.

Baron levanta uma sobrancelha e pega sua xícara de pirulitos.

— O que eu fiz com você? — Lo exige.

Eu poderia dizer a ela, mas não quero fazer isso na frente de Baron, então não me incomodo. — Vá para casa, — eu digo. — Preciso falar com o Baron.

— Ninguém me disse que estava acontecendo uma festa, — diz Duke, parando na porta. — Onde está a cerveja? — Ele abre a porta de vidro do frigobar do Baron e tira um punhado de garrafas.

— É por isso que estou aqui, — Lo diz, sacudindo o cabelo no lugar e pegando uma cerveja. — Seus pais são muito mais legais do que os meus.

— Esqueça, — eu retruco, batendo na mão de Duke quando ele estende uma cerveja.

— Espere, — diz Baron. — O que você precisa?

— Para saber quando um vídeo foi filmado. Voltarei quando você terminar de operar um trem em Lo.

— Ooh, isso é sobre o site pornô de Harper? — Lo pergunta, balançando as pernas para fora da cama.

Eu olho para ela. Isso é o que ganho por deixá-la entrar, por me deixar usá-la para preencher um buraco que outra garota deixou em minha vida. Ela se intrometeu em tudo, e não consigo tirá-la dos cem pequenos lugares que ela mesma cimentou. Insultos não funcionam com ela. Ela é alheia ou imperturbável por palavras.

— O que? — Duke uiva. — Harper tem um site pornô?

— Eu só preciso saber quando foi filmado, — eu digo, olhando furiosamente para Baron. — O resto de vocês pode sair.

— Foda-se, — diz Duke. — Eu quero ver Harper fazendo pornografia!

— Vamos, — diz Gloria, pegando seu braço. — Eu tenho o link. Eu posso te mostrar.

— Mostre a ele essa merda e veja o que acontece, — eu rosno.

Lo levanta uma sobrancelha e toma um gole de sua cerveja. — Então, posso ficar?

Eu olho de volta para ela. Por que estou protegendo Harper? Ou ela filmou antes de nos conhecermos, e ela é uma mentirosa de merda, ou quando estávamos juntos, e ela é uma mentirosa *e* trapaceira.

Ou, ela filmou recentemente, e ela não está sentada pensando em me proteger, com certeza.

— Tanto faz, — eu resmungo. — Fique, sua sapatão de merda.

Gloria sorri para mim e se inclina para Duke, que coloca um braço em volta dela. — Nós só queremos ajudar, — diz ele, dando-me um sorriso desleixado. — Certo, Lo?

— Exatamente, — diz ela como uma cadela presunçosa que acabou de me derrotar. Pelo menos assim posso controlar o que ela vê. Eu sei que ela não pode assistir nem um minuto do vídeo sozinha, mas ela não hesita em usar Duke para conseguir o que quer.

Eu o coloco no computador de Baron enquanto ele desliza para seu segundo monitor para assistir.

— Torta de creme de maçã? — Gloria diz, cruzando os braços e olhando por cima do meu ombro. — Esperta.

— Droga— , diz Duke, dando um assobio baixo. — Um minuto mil? Ela com certeza pensa muito bem dessa boceta desgastada.

— Cale a boca, — eu retruco, virando-me para Baron. — Você pode dizer quando foi filmado?

— Se ela está ganhando isso pelo vídeo, você acha que ela está ganhando mais pelo sexo? — Lo pergunta.

— Cara, não é assim que a pornografia funciona, — diz Duke. — É assim que é legal. Você não é pago por sexo. Você é pago pelo desempenho.

Baron balança a cabeça e tira o doce da boca para falar. — Você não pode acessar isso. Foi um feed ao vivo transmitido para suas mensagens. Todos estes foram. Uma vez que o show acabou, acabou. Ele pode ter gravado enquanto transava com ela, mas você só conseguiu a transmissão ao vivo.

— Não acredito que ela mandou isso para você, — diz Gloria. — Isso é frio. O que você fez com a pobre garota?

Essa é uma pergunta que nunca vou responder. Sempre quis destruí-la,

assim como fizemos com Mabel. Mas se eu descobrisse que Mabel estava fazendo pornografia, eu balançaria minha cabeça e talvez riria, pensando que nós realmente a arruinamos para outros caras.

Harper não é Mabel, no entanto.

— Pode ser outra pessoa, — diz Duke, mas não há convicção em sua voz. Todos nós sabemos que é ela. Mesmo que alguém tivesse exatamente as mesmas tatuagens de Harper, ela não teria um corpo assim.

— Sim, — Lo diz. — Esse não é o identificador *OnlyWords dela*. Talvez outra pessoa tenha enviado. Qual dos seus inimigos enviaria algo assim para foder com você? Colt?

Essa não é uma pergunta que vamos responder quando ela estiver na sala.

Baron percorre uma dúzia de miniaturas que ela me enviou neste verão, nenhuma das quais eu assisti. — Aqui está um clipe gravado.

Ele paga, coloca o pirulito na boca e começa o vídeo. Ele vai trabalhar, fazendo sua mágica para dissecar qualquer codificação que esteja por trás do vídeo, sem nem mesmo olhar para a tela. Também não consigo assistir. Quando vejo o pau sair da calça do cara, acho que vou perder a porra da sanidade.

— Desligue, — eu estalo.

O minuto se esgota antes que haja um pau nela, mas não é melhor. Já vi cinco minutos que nunca poderei esquecer. Eu posso me sentir escorregando, sob a superfície onde está calmo. Baron me observa por um segundo, como se estivesse esperando para ver se vou enlouquecer, como fiz quando vi aquele sádico filho da puta do Colin saindo de nossa casa. Mas estou no controle, assim como ele. Duke está muito ocupado apalpando Gloria e despejando cerveja goela abaixo para pensar agora, mas Baron é perspicaz. Ele sabe o que isso significa.

— O que você pode dizer?

— Foi filmado neste verão, — diz ele calmamente. Por um minuto, nenhum de nós fala. Até Duke finalmente fica sério, seu rosto sóbrio enquanto seus olhos encontram os nossos.

Ela está viva.

Não sei o que esperava, algo brotando por dentro, raiva ou alívio, mas nada vem. Eu sabia que ela estava viva. Alguma parte de mim sempre soube. Não fui vagar pelo pântano pensando que encontraria os ossos dela. Não me sentei sob a

árvore onde a deixamos para chorar por ela todas as noites. Talvez alguma parte fodida de mim estivesse esperando que ela voltasse, para me dizer que eu entendi tudo errado ou pelo menos se explicar.

Não era algo racional. Claro que ela não vai voltar para o lugar onde tentamos matá-la. Ela não é eu. Mas alguma parte inconsciente da minha mente deve ter esperado por isso. Uma explicação de como ela poderia fazer isso. Como ela pode ter me enganado tanto. Algo para me convencer de que ela não era como todos os outros Darlings.

Mas ela é. Ela brincou comigo, aceitou o castigo e seguiu em frente com outro cara. E agora ela está tentando me destruir pelo que fiz com ela. Ela me conhece tão bem que sabe que mesmo depois do que fiz, não posso deixá-la ir. Ela sabe que ainda tem garras em mim, e ela vai me fazer pagar até que ela me leve ao limite. Eu tentei matá-la, mas é ela quem vai conseguir. Ela vai continuar até eu morrer. Então ela ficará satisfeita.

— Se isso faz você se sentir melhor, acho que ela não filmou isso, — diz Gloria, olhando para mim com algo muito próximo da pena.

— Isso é óbvio. O cara está segurando o telefone, — diz Duke, apontando para a miniatura à esquerda quando Baron rejeita a solicitação de colocar mais mil para continuar assistindo.

— Quero dizer, isso é pornografia caseira de um cara, — diz Lo. — Não é de uma garota.

Eu estreito meus olhos para ela. — O que, você faz pornô agora? Desde quando você é a especialista?

— Não, — diz ela lentamente. — Pare de ser um idiota e eu posso te dizer.
—

Eu cruzo meus braços e olho para ela. — Explique.

— Só estou dizendo, um cara vai ficar bem próximo e pessoal com o ato da penetração. Assim. — Ela aponta para a tela. — Se fosse Harper tentando fazer você comer seu coração, ela lhe daria algo menos grosseiro do que um close-up de seus negócios femininos. Ela daria a você seu rosto, alguns sorrisos convidativos ou olhares sedutores. Ela o deixaria louco, fazendo você se perguntar se ela continuaria com isso antes de dar o golpe final. Ela gostaria que você visse o rosto dela quando ele colocasse.

— Cara, você é malvada, — diz Duke, afastando-a.

Gloria sorri como se ele tivesse acabado de lhe dar o maior elogio e toma um gole de cerveja.

— Há muita provocação no vídeo ao vivo, — eu digo. — Ele está esfregando seu pau nela. E ela nunca mostraria o rosto. Ela é mais obcecada com a faculdade do que você.

— Eu mantenho meu raciocínio, — diz ela. — Mesmo que ela não estivesse mostrando o rosto, ela ainda provocaria. Ela se despiria para a câmera, se tocaria, deixaria você ver ela subindo no cara. Isso é foda.

— Essa é a parte boa, — ressalta Duke.

— Veja? — Gloria gesticula para ele, arregalando os olhos para mim. — Eu encerro meu caso.

— Ou talvez ela não esteja fazendo pornô para você, Lo, — Baron argumenta. — Talvez ela seja uma profissional e saiba do que os caras gostam.

— Hm, duvido, — diz Gloria. — Quero dizer, suponho que seja possível. Mas estou disposta a apostar que um cara está por trás desse nome de tela.

— Você precisa ir embora, — eu digo.

Ela provavelmente está certa, mas preciso falar com meus irmãos agora, descobrir um plano de jogo. Eu sei o que eles vão dizer já, no entanto. O problema foi resolvido. Ela não morreu, mas manteve a boca fechada. Não importa onde ela está ou o que aconteceu com ela, desde que ela não tenha procurado a polícia ou causado problemas para nossa família. Está bem. Ela desapareceu como Mabel. Ela se foi. Afinal, era isso que queríamos.

— Acompanhe-me até em casa, — diz Lo. — E eu irei tranquilamente.

Cerro os dentes, mas ela apenas toma um gole da cerveja e espera. Eu arranco a garrafa de sua mão e empurro para Duke. — Vamos.

Eu a agarro pela nuca e a puxo para fora de lá. Eu a deixaria levar sua bunda para casa sozinha se eu confiasse nela para não espreitar e bisbilhotar. Ela é pior do que Harper quando mete alguma coisa na cabeça. Quando saímos para o calor escaldante de agosto, dou-lhe um pequeno empurrão na direção de sua casa.

— Esta é a última vez que estou levando você para casa, — eu estalo.

— Tudo bem, — diz ela. — Eu sabia que seria.

Por um minuto, caminhamos um ao lado do outro, nenhum de nós falando.

— Você disse a ela, não é? — Eu pergunto finalmente.

— Disse a quem o quê?

— Não me venha com essa porra de besteira, Lo, — eu digo. — Ela sabia, e só há uma pessoa que poderia ter contado a ela.

Os olhos de Gloria se arregalam e ela engole visivelmente. — EU...

— Não, — eu estalo. — Eu não quero nenhuma desculpa. Eu só quero ouvir você dizer isso.

— Sinto muito, — ela deixa escapar.

Paramos no final de sua garagem. Ela olha para mim com seus grandes olhos azuis brilhantes com lágrimas de crocodilo. Foda-se ela. Ela não pode chorar por me trair, porra, tentando me fazer sentir mal. Eu tenho que fechar minhas mãos em punhos para não estender a mão e sufocá-la.

— Diz.—

— Eu não queria, — ela lamenta, uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

Eu levanto uma mão. — Eu não quero ouvir uma única palavra da sua boca, exceto uma confissão, — eu digo. — Então, até que você tenha isso, não fale comigo. Não envie mensagens de texto ou ligue. E não me deixe ver você na porra da minha casa. Meus irmãos são bons demais para sua família conivente, de classe baixa e falsa.

Eu a atingi onde dói — a situação financeira de sua família. Ela não é a única que conhece segredos. Sei que todos recebem bolsa de estudos porque não podem pagar por Willow Heights. Inferno, papai patrocinou suas bolsas de estudo no ano passado. Sei que tudo neles é tão falso quanto o gramado bem cuidado e o paisagismo personalizado do lado de fora da casa que herdaram de um tio porque eram pobres.

Gloria engole e enxuga as lágrimas, endireitando os ombros e me encarando como a garota durona que ela é e não como a vadia chorona que finge para obter simpatia.

— Eu disse a ela, — diz ela. Sua voz é fraca, quase um sussurro. Mas eu a respeito por ter a decência de dizer isso na minha cara.

— Eu sei, — eu digo. — E agora você pode estar morta para mim também.

Olho por cima do ombro para a fachada de prestígio de Willow Heights uma última vez antes de subir na caminhonete do Sr. D. Parece surreal de uma maneira diferente de quando eu andava no mundo de Royal. Agora, parece completamente irreal, como voltar para uma reunião de dez anos, uma garota diferente em uma década diferente daquela que eu era quando vim para cá.

Nenhuma outra pessoa estava aqui, já que as aulas ainda não começaram. Só tive que falar com o administrador, que está aqui se preparando para o retorno de todos. Mesmo que a escola pública comece em agosto, os alunos de Willow Heights não voltam até primeiro de setembro, então não há chance de encontrar alguém que eu conheça. Penso em Blue enquanto dirijo para casa, em convidá-la para dar uma volta na caminhonete hoje. Tento me lembrar de como era ser uma garota que achava excitante andar de Cadillac, mas não tenho certeza se alguma vez fui uma garota assim. Não me lembro que tipo de garota eu costumava ser.

Mas eu sei que Blue me incutiu algum bom senso, mesmo que ela tenha feito isso de seu jeito quieto e despretensioso. Sou inteligente demais para desistir sem lutar, inteligente demais para abandonar a escola. Talvez eu nunca entre em uma escola da Ivy League ou mesmo na Universidade de Arkansas, mas uma faculdade comunitária está ao meu alcance. Levei uma bronca na escola, mas o orientador disse que eu provavelmente poderia compensar a maior parte do trabalho que perdi e não ser retida, já que sou mais velha do que a maioria das pessoas da minha série. Vou ter que trabalhar em dobro, compensando o trabalho do primeiro ano na WHPA enquanto vou para Faulkner, mas pelo menos vou me formar.

Ou inferno, talvez eu aproveite minha conexão com o Sr. D para conseguir empregos para mim e Blue como prostitutas de alta classe e viver uma vida de luxo, abrindo nossas pernas para nosso sustento. Não é como se eu tivesse alguma habilidade especial, de qualquer maneira. Deitar de costas é uma maneira bem tranquila de ganhar a vida.

Estaciono na beira da estrada em frente à nossa casa, já que o carro da mamãe está estacionado na garagem. Ela está na metade do caminho para a porta da frente, lutando para puxar uma montanha de sacolas de compras para dentro com as duas mãos, um cigarro enfiado no canto dos lábios. Desço e vou ajudá-la a arrastar as sacolas para dentro.

— Qual é a ocasião? — Eu pergunto. — Você está dando uma festa ou

ganhou na loteria?

Ela se levanta e afasta o cabelo dos olhos, apoiando a palma da mão na beirada do balcão e me examinando. — Eu não comprei toda essa merda, — diz ela. — Achei que você foi paga.

Ela cacareja quando eu dou de ombros e começo a guardar as compras. Se o Sr. D quer me alimentar mesmo que eu não tenha devolvido a caminhonete dele, não vou reclamar. As sacolas estão cheias de coisas que nunca compramos - em vez de hambúrguer com desconto, há bife; em vez de arroz instantâneo, é quinoa; em vez de feijão verde enlatado, há sacos de vegetais frescos que nunca comi antes de morar com o Sr. D e com certeza não sei cozinhar. O que as pessoas fazem com alcachofras?

Quando termino de colocar as coisas, volto para pegar o pacote de coisas que o conselheiro me deu para examinar e preencher. Não estou motivada como antes, quando queria deixar Faulkner, mas é como se estivesse saindo do estado de choque. Meu cérebro ainda está se movendo devagar, processando as coisas de forma desconexa. O que explica por que dou três passos para fora da porta antes de ver o que está esperando por mim. Meu coração para no meu peito.

Royal Dolce está ao lado do Escalade.

Meu cérebro hesita por um segundo, como se não pudesse compreender essa visão do meu pior pesadelo e encaixá-la na realidade. O instinto me diz para virar e correr de volta para minha casa, para bater e trancar a porta, para rastejar de volta para a cama que eu nunca deveria ter deixado. Ele está aqui. Tudo o que fiz foi em vão. O Sr. D nunca iria arriscar mostrar seu rosto ao mundo para expor os Dolces. Ele apenas ficou sentado em seu apartamento comigo durante todo o verão, sem fazer nada.

Eu deveria saber que Royal era intocável.

Eu deveria saber que os Darlings já haviam perdido.

Eu deveria saber que era a única perdedora que restava no jogo.

Mas aqui está o problema de alguém pegar tudo o que você possui - seu corpo, sua alma - e destruir até as partes mais sombrias e ocultas disso.

Não há mais nada para eles quebrarem.

Para não voltar correndo para dentro de casa. Porque foda-se Royal Dolce. Fodam-se todos eles. Vou passar por cima dele se ele tentar me impedir.

Eu marcho direto para a caminhonete, os respingos de lama nas laterais de alguma forma cativantes em vez de desleixados. Royal apenas fica parado me observando me aproximar, sua expressão quase cautelosa, como se eu fosse um demônio ressuscitado dos mortos depois que ele viu a vida se esvaír de mim com seus próprios olhos.

Acho que sim.

— Qual é o problema, nunca viu uma garota em uma caminhonete antes? — Pergunto enquanto destranco a porta com o chaveiro. — Ou você acha que eu sou um fantasma?

— Por que diabos você está nesta caminhonete? — ele pergunta.

— Talvez seja minha, — eu digo. — Uma prostituta precisa de suas rodas.

— Essa não é a sua caminhonete, — diz ele, olhando para mim com os olhos vazios com sombras sob eles, como se ele não dormisse há dias.

— O quê, você conhece todos os veículos em Faulkner?

— Conheço todos os veículos de Darling, — retruca ele. — E porque você está vestida assim... Isso? — Seu olhar percorre meu corpo, e eu tenho que lutar contra o desejo de me cobrir, embora não haja nada sexual em seu olhar. É um exame, tão imparcial quanto o olhar avaliador de Baron.

Eu ia pegar algo no banco de trás, mas sei que não poderei voltar para dentro e agir normalmente. Não quando ele está aqui, quando ele pode me encontrar tão facilmente, voltar para mim. Posso agir como durona, mas por dentro... Os gritos que não consigo forçar em meus pesadelos estão repetindo, o loop temporal que nunca visito girando a uma velocidade vertiginosa.

Preciso me sentir maior, mais no controle, ter algo sólido em que me agarrar. Eu subo no assento alto, então estou mais alta e cercada por aço, e me viro para encará-lo. — O que é isso, Royal? Você tem medo que desde que eu vivi depois que você tentou me matar, de novo, que haja uma testemunha do que você fez? Não se preocupe, mesmo que eu fosse à polícia, tenho certeza de que todo o seu time de futebol iria apoiá-lo e dizer que não me estupraram naquela noite.

— O que você está falando? — Royal exige, caminhando em direção à porta aberta da caminhonete.

Todo o meu ser recua e meu coração bate uma vez, tão forte que tenho que pressionar meu punho contra o peito para não gritar.

Ele para, me observando com aquele olhar sombrio e taciturno.

Eu me forço a falar como se não estivesse sufocando no próprio ar. — Mesmo que eu apresentasse um relatório e pudesse pagar um advogado, em quem você acha que o júri acreditaria? — Eu pergunto baixinho. — Uma prostituta do lado ruim da cidade, ou todo o time de futebol cheio de garotos de ouro de Willow Heights?

Sua mandíbula aperta, e ele descansa a mão na porta aberta. Não é uma pose ameaçadora, mas tudo que consigo pensar é que não posso fechar a porta agora. Estou presa. Meu corpo está gritando para eu subir no assento, pular pela porta mais distante e correr até meu coração explodir. Mas não vou dar a ele a satisfação de ver meu medo.

— Não foi todo o time de futebol, — diz ele, com a voz baixa, uma pontada entre as sobrancelhas como se estivesse genuinamente confuso. — Você sabe disso. Você andou de carro conosco. Eram apenas os gêmeos.

— Até você sair, — eu sussurro, desejando nunca ter me comprometido, que eu tivesse me virado e corrido para o outro lado quando o vi esperando na caminhonete. Olhamos um para o outro por um longo momento, e o resto do mundo parece desaparecer - o zumbido dos grilos, o calor sufocante da tarde, o cheiro de escapamento e asfalto queimado.

— Harper... — Royal diz finalmente. Seus olhos, sua voz, estão tão cheios da dor que sempre me atingiu. Achei que isso nos tornava almas gêmeas, que ambos estávamos lutando contra alguma escuridão interior. Agora eu sei a verdade. Nada pode ajudá-lo. Sua maldade não conhece limites. Eu não sou o demônio. Ele é o demônio, aquele que me possuiu e roubou minha alma, sem deixar nada para trás. Eu sou a casca vazia de uma garota, tudo o que resta depois que o demônio consegue o que quer e passa para a próxima vítima.

— Não, — eu assobio, virando-me para chutar o braço para fora da porta. Eu coloco toda a força que posso atrás dele, e ele realmente estremece, esfregando o braço enquanto eu estendo a mão para a maçaneta da porta. — Não se atreva a se desculpar. Você é um homem doente e quebrado, e agora eu também estou quebrada. Eu nunca vou me recuperar do que você fez comigo. Você não consegue se sentir melhor sobre isso agora.

Bato a porta na cara dele e enfio as chaves na ignição, meu coração disparado e minhas mãos tremendo tanto que são necessárias três tentativas para ligar a caminhonete. Eu não olho para ver se ele está longe do veículo. Piso fundo no acelerador e ele avança, poderoso e perigoso. Não é o suficiente, no entanto. Eu sou como Royal em seu corpo grande e volumoso com sua pequena alma despedaçada escondida dentro. Ainda me sinto pequena e impotente dentro

do enorme monstro. Nunca mais me sentirei segura.

Quando chego à casa do Sr. D, sento na garagem e soco o volante até meus dedos sangrarem e, pela primeira vez desde que aconteceu, me permito chorar.

Minha cabeça está latejando. Eu pisco para os longos raios do sol quente de verão e me sento, agarrando a espreguiçadeira quando uma onda de tontura me atinge. Levo um segundo para me orientar, para observar os jalapeños vermelhos pendurados em suas plantas e os altos girassóis acima. Eu estremeço com o barulho incessante da música da cigarra, cortando meu cérebro em vez de me acalmar com sua familiaridade, e o vento quente e constante que sopra constantemente do sul. Meu coração dispara de forma irregular, e eu tropeço em meus pés, ofegando por causa da dor dentro de mim.

Eu quero - preciso - sair do meu casulo, para que isso aconteça desta vez.

Da última vez, o pensamento parecia uma pergunta, algo para ponderar distraidamente, as consequências sendo iguais de qualquer maneira. Desta vez, parece uma resposta, a única solução possível.

Leva apenas um momento para cruzar o telhado. Estou quase no limite quando o Sr. D agarra meu braço e me gira. Ele não é gentil desta vez. Seus lábios estão em uma linha apertada, e ele mantém seu aperto no meu braço e me leva de volta para a cadeira. Ele me empurra para dentro dela, os móveis de pelúcia que ele comprou para eu sentar e que provavelmente custam mais do que os móveis da minha casa. Minha cabeça lateja quando minha bunda bate na almofada.

Ele se senta ao lado dos meus joelhos e apenas olha para mim, seu olho bom me perfurando até eu ter que desviar o olhar.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Você trouxe Royal aqui, — diz ele categoricamente.

Minha voz sai como pouco mais que uma respiração, quase roubada pelo vento. — O que?

Ele passa a mão pelo cabelo loiro, que cortou desde a última vez que o vi, quando o deixei. — Eu só... Por que aqui, Harper?

Eu fecho meus olhos. Meus dedos tremem, e eu tenho que fechá-los em punhos para me firmar. — Eu estava trazendo de volta a sua caminhonete, — eu sussurro.

— E você não tem garagem.

Suas palavras são inflexíveis. Não é uma pergunta.

Eu não discuto. Lembro-me de voltar, estacionar a caminhonete, fechar a garagem para colocar mais uma parede entre mim e Royal. Mas ele me encontrou, de qualquer maneira. E agora ele encontrou o Sr. D, e também não estou segura aqui. Não há nenhum lugar seguro.

Pior ainda, expus o Sr. D. Ele terá que desistir de sua bela casa? Suas plantas? A vida dele?

— Sinto muito, — eu sussurro, com lágrimas transbordando em meus olhos.

Palavras não são suficientes para consertar o que eu fiz.

— Talvez eu devesse ter conseguido ajuda para você, — diz ele com um suspiro cansado. — Em vez de pensar que você se recuperaria aqui se eu desse tempo.

— Não, — eu digo, sentando-me e puxando meus joelhos até meu peito. — Não é sua culpa.

Ele se vira para mim, engolindo em seco e procurando meus olhos. — Você precisa estar sob vigilância? Não posso mudar o que fiz, mas posso levar você agora, se precisar.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não preciso disso.

Ele pega minha mão entre as suas, lentamente enfiando seus dedos tatuados nos meus. — Do que você precisa, Harper?

Lembro-me de todas as vezes que ele me disse que precisava de mais, que minhas informações não eram boas o suficiente. Talvez não fosse o suficiente porque ele não podia pedir o que realmente precisava. Ele parecia tão frio, tão sem coração. Mas ele não é o mesmo pessoalmente. Ele está tão quebrado quanto o resto de nós.

Lembro-me de como era necessário para Royal, o quanto eu precisava disso. Talvez seja tudo o que o Sr. D sempre precisou também, mesmo que ele não soubesse. Talvez seja tudo o que qualquer um de nós precisa, pelo menos uma vez na vida. Já não sei do que preciso, mas ainda me lembro de como dar. Então eu engulo a dor na minha garganta e dou a ele a resposta que ele merece.

— Você, — eu sussurro. — Eu preciso de você, Sr. D.

Mais tarde, sento-me na ilha onde me sentei tantos dias. Eu preencho a papelada da escola enquanto o Sr. D cozinha e o *Notícias locais com Jackie* coloca um mapa mostrando os pontos de acesso onde a nova droga de designer apareceu. Eu olho para cima de vez em quando, checando a TV ou pensando em como é estranho que eu nunca tenha parado para admirar o Sr. D do jeito que ele me admira. Sempre fui um objeto para ele, algo para vestir, decorar e elogiar, algo para consumir da maneira como ele consome suas refeições sofisticadas, beber com os olhos da maneira como bebe sua única taça de vinho fino no jantar todas as noites.

E ele era o oposto de mim, uma ideia sem substância. Fiquei feliz em deixá-lo se esconder atrás de sua máscara, chamá-lo de Fantasma, não fazer perguntas. Raramente admirei as belas e longas linhas de seu corpo esguio, o guarda-roupa impecável, a habilidade necessária para selar costeletas de porco e assar vagens e frisar alho-poró ao mesmo tempo.

— Onde você aprendeu a cozinhar assim? — Eu pergunto.

Ele olha para mim de onde está arrumando os pratos, espalhando alho-poró crocante em uma linha organizada sobre uma pilha de purê de batatas de verdade, não o tipo em pó da caixa. — Eu sou um recluso, — diz ele. — Com energia para queimar e ainda mais tempo para matar.

— Você aprendeu sozinho a fazer tudo isso? — Eu pergunto enquanto ele desliza um prato na minha frente, tudo parece apetitoso e visualmente atraente, como se pudesse ser servido no melhor restaurante de uma cidade grande, não em um apartamento de solteiro em Faulkner, Arkansas.

— Não aceito nenhum crédito, — diz ele. — Foi tudo TV e internet.

— A TV e a internet não prepararam este jantar, — eu digo, aceitando uma taça de vinho.

Eu me sinto estranha, como um estranho na casa dele, da mesma forma que me senti quando voltei para casa depois de estar aqui por meses. Nada mais se encaixa direito. Talvez nunca tenha acontecido. Você pensaria que seríamos perfeitos juntos, duas pessoas perdidas sem lugar, sem propósito no mundo.

Talvez pudesse ter funcionado antes, se ele tivesse concordado em se encontrar em vez de ficar com muito medo de mostrar o rosto. Agora estou muito quebrada, muito fragmentada para me encaixar com alguém. E embora ele também esteja quebrado, nossas peças não combinam. Elas se opõem enquanto tentamos forçá-los a se unirem em uma tentativa desesperada de tornar nossas

vidas suportáveis.

O Sr. D senta ao meu lado e comemos em silêncio por alguns minutos.

— Vou voltar para a escola, — digo finalmente.

Ele faz uma pausa, então termina de mastigar antes de responder. — Por que você perdeu os últimos meses? Você deve ser capaz de resolver alguma coisa se estiver tão perto de se formar.

— Eu era apenas uma júnior, — eu o lembro.

— Você disse que tinha dezoito anos.

Eu dou de ombros. — Minha mãe esqueceu de me matricular na escola quando eu tinha cinco anos.

Ele concorda. — Royal se formou. Você não terá que vê-lo.

— Ele conhece a sua caminhonete, — eu digo.

Há uma batida de silêncio, pesado com as palavras que deixei não ditas. Ele sabe mais do que a caminhonete do Sr. D. Ele conhece a casa dele.

— Tem certeza de que ele me seguiu até aqui? Eu pergunto finalmente. — Que ele sabe onde você mora?

— Tenho certeza.

Meu estômago embrulha e não consigo engolir a comida que está em minha boca. Eu tenho que cuspir em um guardanapo e respirar alto e feio antes de poder falar. — Estamos seguros? Ele está lá fora agora?

Ele bufa. — Agora você está preocupada com sua segurança? Nós dois sabemos o que você estava fazendo hoje, Harper. O que você estava tentando fazer.

— Eu não estava...

Eu estava? Eu não me lembro. Lembro-me de chorar tanto que pensei que meu peito fosse explodir. Quando acordei naquele telhado, porém, sabia o que queria, a primeira vez que realmente queria alguma coisa desde a manhã em que o Sr. D me puxou daquela árvore.

— Você deixou a caminhonete ligada, — ele diz baixinho, espetando uma ervilha verde. — E fechou a garagem.

Tomo um gole de vinho para fazer minha garganta funcionar novamente. Fiquei tão fora de si depois de ver Royal que nem me lembro de dirigir até aqui. Eu deveria estar apavorada, procurando por ele nos espelhos. Em vez de ficar paranoica, esqueci os jogos que ele joga.

— Não posso protegê-la quando não estou com você, — diz o Sr. D. — Se ele fizer você fazer isso de novo...

— Ele me seguiu até aqui, — repito, como se apenas percebesse, como se dizer isso de novo fosse torná-lo falso, fazê-lo me contradizer. O pânico aumenta em minha voz. Minha cabeça gira, e eu tenho que agarrar a borda do balcão para não cair da banqueta. Ele poderia ter me tirado da estrada e me matado ali mesmo. Ele poderia vir atrás de mim novamente. Ele também. Ele não vai parar até que eu esteja morta. Ele sabe onde minha mãe mora e agora conhece meu esconderijo.

O Sr. D franze a testa para o prato. — Você deveria ter proteção para quando não estiver comigo, — ele diz finalmente. — Eu não posso te dar uma arma, não depois do que você puxou hoje. Mas vou preparar você para o soco-inglês, e se você conhece alguma outra arma, não pode se virar contra si mesma...

— Eu não vou, — eu digo.

Ele me encara com seu olhar turquesa inabalável. — Até você vê-lo novamente.

Eu não respondo. Eu não sei o que vou fazer. Não me conheço mais, a pessoa que sou agora. Eu não sabia que seria capaz de enfrentar Royal, falar com ele e até mesmo responder como se nada tivesse mudado. Eu não sabia que seria a coisa que finalmente me levaria ao limite.

Eu termino o jantar com o Sr. D e deslizo em sua cama. Estou pronta para ele, mas ele não me usa como antes. Quando ele volta do banho, sobe ao meu lado e me puxa para seus braços, e vamos dormir.

Nas próximas semanas, é assim que continua. Eu não saio de novo. Não quero correr o risco de encontrar Royal. Mergulho fundo no trabalho de artes que meus professores enviaram nos últimos dois meses que perdi na WHPA, para que eu possa entregar tudo e começar o último ano na Faulkner. Isso ajuda a me concentrar em algo e sair da minha cabeça. Dia após dia, eu me sinto emergindo, não a garota que eu costumava ser ou a que o Sr. D fez, mas outra pessoa, alguém cujas arestas estão seladas com tecido cicatricial, cujos pedaços quebrados pelo menos se assemelham a um ser humano.

A última semana de agosto parece uma contagem regressiva, os dias passando para o fim entre o Sr. D e eu. Nós dois sabemos que tudo mudou quando eu saí, e talvez tenha mudado de novo quando voltei. Estou mais acordada agora, acordada demais para ser a boneca dele. Tento acalmar meu coração martelando quando penso em voltar para a escola, mas mantenho a determinação, um dos únicos sentimentos que consigo controlar.

Um dia antes de eu planejar voltar para Faulkner, o Sr. D está quieto durante todo o jantar e nossa visita ao jardim. Ele corta uma enorme flor de girassol e a coloca no meu peito, onde estou reclinada na espreguiçadeira. Então ele se senta ao lado das minhas pernas, de costas para mim. Grilos cantam no campo dourado abaixo. O ar é pesado e denso, aquele calor do final de agosto que se estende pelo dia como um cobertor pesado, ameaçando sufocá-lo mesmo depois que o sol se põe vagorosamente abaixo do horizonte.

Pego a flor, acariciando as pétalas macias entre o indicador e o polegar.

— Obrigada, — eu digo. — Isso é um sol para iluminar meu primeiro dia de aula amanhã?

— Você sabe por que eles são chamados assim?

— Por que eles se parecem com sóis?

— Porque eles seguem o sol, — diz ele, apontando para a meia dúzia de hastes altas que se elevam sobre nós. Eles estão todos voltados para o oeste, onde o sol simplesmente desapareceu.

— Todos os dias?

— Todos os dias.

— E se estiver nublado?

— Mesmo quando está nublado, quando eles não conseguem ver o que importa, eles nunca vacilam em seu caminho.

Ele está falando sobre os Dolces, sobre vingança?

Ele se vira para mim, puxando o joelho ao meu lado, e observa meu rosto como se esperasse uma resposta. — Talvez devêssem, — digo, porque sei o que

a vingança faz a uma família, o que custa a quem a procura e a quem está em seu caminho. — As coisas mudam.

— À noite, no ponto mais escuro, quando o sol está mais longe deles, eles voltam para o leste, — diz ele. — Eles esperam que o sol volte. Eles sabem que sim.

Engulo em seco, meu peito apertando enquanto procuro seus olhos. Ele não está falando sobre vingança. Ele está falando sobre viver de novo.

— Você é meu girassol? — Eu pergunto, minhas palavras pouco mais que um sussurro. — Ou eu sou o seu?

Ele pega minha mão livre na dele, entrelaçando seus dedos elegantes nos meus. — Você é um girassol, mas não é meu, — diz ele. — Não sou mais o sol de ninguém.

— Você poderia ser, — eu digo, minha garganta apertada.

Ele balança a cabeça, os cantos da boca puxando para baixo. — Não, Harper. Você não pertence aqui. Você nunca pertenceu. Nós dois sabemos disso.

Meus olhos ficam borrados e tenho que piscar algumas vezes. Não quero largar a mão dele, deixar este casulo com apenas soqueiras como proteção. Eu desejo o esquecimento, a leveza da vida em seu mundo primitivo. — Eu não posso agradecer o suficiente por... Tudo.

— Você não tem que me agradecer, — diz ele. — Apenas me prometa uma coisa.

Eu fico tensa, pronta para as demandas. Eu sei o que ele quer, mas não quero mais fazer parte desse mundo. Não tenho mais luta, nem mesmo pelos garotos que me destruíram. — Não posso.

Ele aperta minha mão. — Encontre seu sol, Harper. Isso é tudo que eu quero para você.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, e eu alcanço seu rosto, meus dedos vacilando antes de fazer contato. — Eu posso?

Ele endurece, mas não se move. Eu cuidadosamente desamarro as fitas de seda que prendem a máscara de prata no lugar e a tiro.

Prendo a respiração, mas me forço a não desviar o olhar. Sua pele é tensa,

vermelha e raivosa, cobrindo metade da testa e descendo por um lado do rosto, o lado com o olho que não vê. Sua sobrancelha e cílios sumiram, seu olho ligeiramente torto e menor que o outro. Meus dedos tremem quando estendo a mão e toco a borda da marca.

— Algumas pessoas gostam de brincar com fogo, — eu sussurro, lembrando das palavras de Colt.

Ele não olha para mim, mas sei que acabou. Ele não teria me mostrado se pensasse que eu voltaria. Eu deveria dizer alguma coisa, dizer a ele que não é tão ruim, mas não quero mentir para ele.

— Talvez todos nós tenhamos, — ele diz calmamente.

— Eu não sou mais útil para você, — eu sussurro. — Royal não se importa comigo. Estou morta para ele.

— Você acha que poderia ficar mais uma noite? — Ele pergunta, a dor de sua vulnerabilidade fazendo meu peito se contrair dolorosamente. — Só me deixe te abraçar mais uma vez.

Eu aceno com a cabeça, meus olhos queimando. Ele desliza para a espreguiçadeira comigo, ajustando seu corpo ao meu. Ele não coloca a máscara de volta e me encara, mas fecha os olhos, como se não suportasse ver meu rosto agora que vi o dele. Eu me viro para ele na cadeira. Eu corro meus dedos sobre sua bochecha sem marcas e, em seguida, sua cicatriz. Finalmente eu me inclino e passo meus lábios sobre cada pálpebra. O contraste traz lágrimas de volta aos meus cílios.

— Obrigada por salvar minha vida, — eu sussurro.

O canto de sua boca se ergue um pouco. — Idem.

Solto uma risada silenciosa em meio às lágrimas. — Eu não fiz nada.

— Nunca se sabe.

Às vezes você faz, no entanto.

Durante meses, o Sr. D me acordou para foder todas as manhãs. Desde que voltei para ele, ele não me tocou. Não dessa maneira. No primeiro dia que planejei voltar para Faulkner High, o primeiro dia de aulas em Willow Heights, acordo com o sol batendo na parede das janelas. Descemos depois de escurecer

ontem à noite, e ele me deitou na cama entre seus lençóis de muitos fios. Ele não tirou fotos. Nós não conversamos. Ele apenas apagou a luz sem recolocar a máscara.

Esta manhã, ele ainda está dormindo, seu rosto terrível e cheio de cicatrizes ainda mais doloroso à luz do dia. Eu me levanto e tomo banho, já que não tive chance na noite passada. Quando saio do banheiro, ele está sentado na cama, a máscara cobrindo o rosto novamente.

— Mais uma vez, pelo bem dos velhos tempos? — ele pergunta, dando um tapinha na cama ao lado dele e me dando um sorriso hesitante. É diferente, no entanto. Somos pessoas reais agora, não marionetes. Ele não me fode há semanas, desde que eu disse a ele que não seria sua prostituta.

— Posso pegar minha bolsa de volta? — Eu pergunto.

É tarde demais para mim de qualquer maneira. Eu já sou uma prostituta.

— Não tenho ideia do que você está falando, — ele diz com um sorrisinho, como se estivesse pensando a mesma coisa, como se quisesse me garantir que não é uma troca por sexo.

Venho pensando nisso desde que comecei a inventar o trabalho, debatendo se sou forte o suficiente. Eu finalmente decidi.

Eu não sou *forte* o suficiente.

Estou *quebrada* o suficiente.

Se eu pude suportar a brutalidade dos gêmeos Dolce e seus amigos por uma noite quando eu estava inteira, posso suportar vê-los todos os dias agora que nada importa. Eu posso ter surtado quando vi Royal, mas é porque eu o amei uma vez. Ele não estará em Willow Heights, no entanto. Se eu fizer isso, nunca mais terei que ver nenhum deles em minha vida quando acabar.

Se for isso que eu tiver que fazer para deixar este lugar e nunca olhar para trás, recomeçar em algum lugar distante, onde ninguém saiba meu nome ou meu corpo, eu o farei. Certa vez, senti uma afinidade com Mabel Darling, mas agora realmente entendo. Agora sei o que faria uma pessoa mudar de nome e desaparecer como um fantasma, cortando laços até com a família. Alguma podridão é grave demais para consertar, e a única maneira de viver é cortá-la toda, como um membro gangrenado.

E estou entorpecida o suficiente para cortar o meu.

Eu subo na cama e sento em meus pés. — Tire a máscara, — digo ao Sr. D.

Ele hesita, e eu observo seu pomo de Adão balançar enquanto ele engole. Então ele chega para trás e o desamarra, deixando-o cair no criado-mudo antes de estender a mão para mim. Ele me puxa para o colo e pega o lubrificante na gaveta de cima. Eu pego seu pulso.

— Faça certo, — eu digo, deslizando para fora dele e puxando-o de volta para a cama.

Ele puxa as cobertas sobre nós e se aproxima, até que nossos corpos nus estejam pressionados um contra o outro. Tento não pensar em todas as coisas que dissemos um ao outro naquelas mensagens, tantos meses de mensagens. Não parece real, que ele possa ser a mesma pessoa. Ele não é nada do que eu imaginei. Mas talvez ninguém seja.

Ele pressiona seus lábios nos meus pela primeira e última vez, segurando minha bochecha em sua mão, dizendo adeus. A dor em cada beijo lento aperta dentro do meu peito até que eu tenho certeza que minhas costelas vão quebrar. Ele desliza a outra mão entre minhas coxas e me toca, e quando estou pronta, ele rola sobre mim e empurra para dentro de mim.

— Boa menina, — diz ele, seus lábios roçando os meus. — Tão bom.

Eu fecho meus olhos. — Senhor. D, — eu sussurro, como se para torná-lo mais real.

Ele solta uma pequena risada. — Você não precisa me chamar assim quando estou dentro de você, — diz ele. — Isso me faz imaginar que você está imaginando meu pai.

Concordo com a cabeça, e ele se move lentamente em cima de mim, deslizando para dentro e para fora, me observando como se estivesse esperando por algo. Não senti nada por ele todos esses meses, mas agora não posso evitar. Desde que ver Royal me despertou, me fez sentir algo de novo, tenho voltado à vida apesar de mim mesma. Eu queria ficar entorpecida para sempre, mas todos os dias minha alma mutilada se contrai um pouco mais do que no dia anterior.

Olho para o Sr. D e tento me lembrar do que devo sentir quando um homem está dentro de mim, mas não consigo. Eu não o amo. Eu sei disso. Tudo o que sinto é tristeza. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, molhando meu cabelo.

— É a minha cara? — ele murmura. — Posso colocar a máscara de volta.

Eu balanço minha cabeça, tentando parar as lágrimas, para parar meu lábio

de tremer e minha garganta apertar tão dolorosamente que traz mais lágrimas.

— Você quer que eu pare? — ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça novamente. Eu envolvo meus braços em volta do pescoço dele, e o seguro perto e dou a ele o que ele quer, não sexo, mas proximidade, por mais vazio que seja. Eu gostaria de poder consertar todas as coisas quebradas nele, que ele pudesse me consertar e que pudéssemos ser isso um para o outro. Mas não somos.

Quando ele termina, ele toma banho e eu vou para a cozinha fazer ovos e torradas. Tudo em sua cozinha é limpo, brilhante e caro. Sem placas lascadas ou facas incompatíveis. Penso em como minha mãe ficará furiosa quando eu contar a ela que me livre disso. Ela vai me dizer que é a fantasia de toda garota — toda garota como eu. Que eu nunca vou fazer melhor. E talvez ela esteja certa.

O Sr. D sai usando sua máscara, calça social cinza-carvão e uma camisa azul de botão que combina com seus olhos diferentes. Comemos em silêncio, mas é diferente, o ar pesado em vez de relaxado.

— Eu quero voltar para Willow Heights, — eu digo. — Não Faulkner High.

Ele faz um som evasivo e espeta os ovos. — Obrigado por cozinhar.

— Quantos anos você tem? — Eu pergunto, me afastando para estudá-lo — seu queixo pontudo recém barbeado, seus lábios que nunca me tocaram até hoje. É difícil dizer com a máscara, mas sei que ele é mais jovem do que imaginei. Ele é a coisa mais distante de um velho nojento se masturbando em seu trailer e me oferecendo a lua. Ou até mesmo um cara rico e nojento se masturbando em seu computador enquanto eu contava a ele sobre chupar pau.

— Dezenove.

Droga. Ele só saiu do ensino médio por um ano. Ele parece muito mais velho, pelo menos em seus vinte e poucos anos.

— Eu recuperei tudo o que perdi no ano passado, — eu digo, tentando evitar que os nervos me dominem com a ideia de colocar os pés na mesma escola que o time de futebol. — Talvez você possa entrar e falar com eles sobre minha bolsa de estudos?

— Aquilo novamente. — Ele balança a cabeça e leva os pratos para a pia.

— Acho que mereço.

— Você sabe que nunca saio deste lugar, — diz ele sem olhar para mim, abrindo a torneira para enxaguar os pratos.

— Você saiu para me buscar toda vez que eu vim neste verão, — eu indico, cruzando os braços, uma sementinha de teimosia brotando dentro de mim, afundando suas raízes no chão. — E quando eu morava aqui, ouvi você sair pelo menos uma dúzia de vezes à noite.

— Eu não saio da minha caminhonete.

— Prefiro ter isso do que todas as roupas, sapatos e joias.

Ele não diz nada. Quero ficar com raiva, mas não consigo reunir tanta emoção. Então eu me viro e vou para o quarto dele. Enquanto ele se lava, pego a bolsa de grife que ele comprou para guardar meu telefone novo e as chaves, e calço os sapatos de sola vermelha que ele colocou em meus pés um dia. Ele gastou tanto que me sinto culpada por pedir mais. Mas esse é o único presente que eu sempre quis. Eu não pedi coisas extravagantes.

Volto para a ilha que separa a cozinha e a sala principal do sótão. — Vou deixar as coisas que você me comprou aqui. Vou trazer de volta os sapatos e as roupas que estou usando.

— Eu não preciso delas, — diz ele, contornando o final da ilha. — Eu tenho um telefone. Não gosto de roupas femininas e, mesmo que gostasse, não poderia usar o seu tamanho.

— Eu não me sinto bem em levá-las. Você já fez tanto.

— Então deixe-me fazer isso, — diz ele, suas mãos familiares e autoritárias caindo em meus quadris. — Deixe-me pelo menos fingir que fiz algo de bom para você nesses últimos cinco meses.

— Ok, — eu digo, engolindo em seco. Eu procuro seus olhos, meu olhar se movendo de seu olho cego para aquele que é tão afiado e vivo, mas tão cauteloso quanto a máscara o torna. É injusto pedir minha bolsa de volta, pedir para ele ir para a escola e lutar por mim? Ele fez mais do que comprar coisas para mim. Coisas pelas quais nunca poderei recompensá-lo. Mas tudo o que ele vai lembrar é que eu o acusei de me tratar como uma prostituta depois de aceitar todos os presentes que ele deu.

Eu não posso pedir mais.

Ele passa o dedo pela corrente do colar, passando-o pela parte inferior, onde está pendurado o pingente de bailarina. — Não tire isso, ok? Eu gosto de

saber que onde quer que você esteja, você está usando. Que estou com você.

— Eu deveria ir para a escola.

Ele me entrega as chaves da caminhonete e dá um passo para trás, apertando os lábios. — Vou descer em um minuto.

Eu o vejo desaparecer no quarto, e um peso se instala em minha barriga. Ele nem mesmo lutou contra os Dolce depois do que fizeram com ele e sua família, mesmo quando eu dei a ele toda a munição que ele precisava para derrubá-los. Não há chance de ele lutar por mim.

Vou ter que me lembrar de como lutar por mim mesma.

Então, eu pego as chaves, pronta para enfrentar o administrador em Willow Heights sozinha. Respirando fundo, abro a porta.

Colt Darling está do outro lado.

— Colt? — Digo, como se quisesse ter certeza de que isso é real, que ele é a mesma pessoa de antes.

— Harper? — Ele me olha de cima a baixo da mesma maneira. Acho que também não sou a mesma garota que ele conheceu. Meu corpo mudou de maneiras que ele pode ver, mas ele não sabe que o resto de mim também mudou. Pelo menos, acho que não.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, olhando para trás por cima do meu ombro.

— O que *you* está fazendo aqui? — Colt pergunta, sua voz afiada. — Por que você está vestida assim?

Eu me recupero da minha surpresa rapidamente. Mr. D é um Darling, e Colt é um Darling, então não chega a ser um choque. Colt, no entanto, parece um pouco mais abalado. Seus olhos se estreitam e eu observo seu rosto. Não o vejo desde o ano passado, quando os Dolces o espancaram quase até a morte. Ele parece quase o mesmo, mas tudo está um pouco errado, o que é ainda mais desconcertante. É como olhar para uma versão de boneca em tamanho real de Colt. Seu nariz está um pouco mais reto, sua mandíbula um pouco mais quadrada, seus dentes um pouco mais brancos.

Não tenho certeza de como responder a ele, e antes que eu possa tentar, ele me agarra e me arrasta de volta para o apartamento.

— Preston! — ele berra, sua voz crescendo através do loft elegante.

Preston Querido.

— Preston, — eu sussurro para mim mesma, dizendo seu nome pela primeira vez, experimentando. Estou menos surpresa do que quando encontrei Colt aqui. Não tive nenhuma indicação de que eles ainda eram próximos, do jeito que estavam quando governavam esta cidade. Pelo que sei, Colt é quem recebe os vídeos, no entanto. Na verdade, não sei muito sobre o Sr. D além do que posso ver.

Nunca tentei descobrir quem é meu salvador. Não importava. Talvez eu sempre tenha sabido, só não pensei nisso. Ou talvez eu só soubesse esta manhã, quando ele me disse que tinha dezenove anos, mas não tive a chance de pensar nisso.

Tento encaixar o nome e o que sei sobre ele na minha concepção do Sr. D. Acho que não preciso mais chamá-lo assim, assim como ele deixou de ser o Fantasma quando se tornou o Sr. D. Ele era quem eu precisava que ele estivesse a cada passo do caminho, até que eu precisasse de algo mais. Ele não é mais um homem atrás de uma máscara ou uma sombra atrás de um teclado. Agora ele é mais real do que nunca, um homem com uma cicatriz no rosto e um nome e feridas que não são para eu saber.

O Fantasma - Sr. D “Preston” sai do quarto.

— *Essa* é sua namorada? — Colt exige, a fúria estalando suas palavras no espaço entre eles. — *É* com quem você está seguindo em frente? Você é uma porra de um suicida?

Preston dá de ombros e caminha para se apoiar na ilha, aparentemente não afetado pela fúria de Colt. — Você poderia realmente me culpar, *primo*?

Eu olho de um para o outro, sentindo a raiva brilhando no ar entre eles como uma miragem. Pela primeira vez em meses, minha curiosidade é despertada. Parei de tentar entender as pessoas, parei de me importar. Nada importava.

Não sei se isso importa. Mas estou interessada, mesmo que de maneira imparcial, em saber aonde isso leva.

Colt fica parado respirando com dificuldade, olhando para o primo. — Eu não culpo você, eu *os culpo*, — diz ele. — Eu os culpo por tudo, e você também deveria. Quando você vai parar... *isso*? Seja o que for. Autodestruição, tendências suicidas, autopunição?

Quando eu disse que ele me salvou, ele disse o *mesmo*. Mas eu não o salvei. Eu o coloquei em perigo.

Preston sorri, esticando o braço e começando a arregaçar lentamente uma das mangas. Estou cativada por cada movimento seu, cada palavra sua. Este homem gozou dentro de mim todas as terças e quintas à noite, todas as quartas e sextas de manhã, durante meses, e eu nunca dei a mínima. Agora, é como se meu cérebro estivesse acelerando para compensar. Ele não é o mesmo homem que se sentava nas banquetas ao meu lado e me servia bife com aspargos, aquele que me vestia e despia como um ritual, aquele que nunca tirava a máscara e era, portanto, um recorte em branco de uma pessoa para mim.

Ele é o Fantasma, um homem com uma máscara e um lugar seguro para meu corpo descansar enquanto minha alma se foi.

Ele é o Sr. D, um homem com um teclado e uma mente doentia, cavando em busca de segredos e acumulando-os como um dragão.

Ele é Preston Darling, um homem cuja casa eu destruí, cuja cama eu destruí quando Royal me fez gozar com tanta força que encharquei o colchão, cuja jaqueta de couro eu roubei.

Ele está vivo e totalmente fascinante. Ele tem uma família. Um nome. Um rosto. Ele sorri e se enfurece. Talvez ele até ria. Quero devorar sua alma, dissecar seu cérebro, estudá-lo ao microscópio.

— Acredite em mim quando digo que a porra da Harper é a coisa mais distante de uma punição, — ele diz quando termina de arregaçar a manga com meticuloso cuidado.

— Você sabe que Royal a reivindicou, — diz Colt, sua voz baixa e feroz.

O tom de Preston endurece. — Ele a jogou fora.

Por um minuto, não há som, nada além do estalo inaudível de tensão no ar.

— Não importa, — diz Colt. — Quando eles reivindicam alguém, é para sempre. Não há saída.

— Ele disse que eu estava morta para ele, — eu digo.

Quero acreditar que Royal acabou, que nunca mais vai falar comigo, que vai olhar através de mim como se eu fosse um fantasma. Mas depois que ele me viu do lado de fora da minha casa, não tenho certeza se acredito nisso, não importa o quanto eu tente. Ele me seguiu até aqui, o que significa que ele quer alguma coisa. Se a tortura não acabou, o que então? Eu não sou uma Darling, uma garota que pode se dar ao luxo de se internar em um luxuoso hospital psiquiátrico para se esconder ou fugir da cidade e mudar legalmente seu nome. Não há onde se esconder para uma garota como eu.

— Você acha que eu não sei como eles funcionam? — Preston pergunta, me ignorando.

Colt olha fixamente. — Ele vai levar mais do que o seu olho se descobrir que você mexeu com ela.

Seu olho que nunca vê. Ele se encaixa no lugar então. Não é cego. É protético.

— Eu não *mexi* com ela, — diz Preston, puxando a outra manga reta. — Eu

transei com ela. Quatro vezes por semana durante meses, e todos os dias antes disso. Eu gozei dentro de cada buraquinho delicioso, e eu amei isso pra caralho. O que você fez neste verão?

— Você sabe o que eu fiz, — Colt rosna, com as mãos fechadas em punhos.

Preston começa a enrolar a manga, seus movimentos espasmódicos e afiados agora. — Você deu a eles exatamente o que eles queriam. Você se curvou. Você joga bem, mas para quê? Eles vão matar todos nós, de qualquer maneira.

— Não se você jogar junto.

Preston zomba. — Quantas noites você passou no hospital, fazendo quantas cirurgias, por causa daqueles babacas? Quanto tempo você perdeu? Talvez valesse a pena se você estivesse deitado lá sabendo como é a boceta da garota por dentro, sem nada entre vocês além de esperma. Que eles nunca poderiam desfazer o que você fez com ela.

— Você vai se matar, — diz Colt calmamente. — Eu não posso mais assistir você fazer essa merda.

— E o que você quer que eu faça? — Preston pergunta. — Ficar de joelhos e chupar o pau deles como você? Prefiro morrer, porra.

— Essas não são as únicas opções.

— Não são? — Preston termina sua manga e mede que ambos param na parte mais grossa de seu antebraço, bronzeado dourado com pelos dourados brilhando neles.

— Você pode ir embora, — diz Colt.

— De jeito nenhum, — diz Preston, arrancando a máscara de seu rosto e jogando-a no balcão. — Esta é *a nossa* cidade, não a deles. Muitas pessoas nesta família correram como cachorros.

Colt suspira. — Por quanto tempo você vai se apegar a essa ilusão? Devlin não fugiu e não vai voltar para salvar a todos nós. Se ele fosse voltar, já o teria feito. Ele está morto. Aceite isso.

— Besteira, — Preston estala. — Ninguém tira milhões de dólares de seu fundo fiduciário antes de cometer suicídio.

Eu me animei automaticamente porque isso é algo que eu não sabia.

— Ele não cometeu suicídio, — diz Colt, esfregando a testa com o polegar, como se essa conversa lhe desse dor de cabeça. Pelo cansaço em sua voz, tenho a sensação de que eles já tiveram essa briga antes, tantas vezes que ambos sabem todas as suas falas. — Foi um acidente. Um acidente trágico e de merda com um timing ruim. Isso não significa que não aconteceu, não importa quantos caras você paga para ficar quieto. Você não está deixando eles viverem uma vida feliz. Você está desperdiçando nosso dinheiro.

— *Eu* não os paguei, — Preston diz calmamente. — Eu não sou o único que pensa que eles estão vivos.

— Você controla o dinheiro, — diz Colt. — E chega de teorias da conspiração. Sim, das centenas de pessoas em nossa família, três de vocês acham que ele está vivo. Isso não o torna verdade. Isso faz com que vocês delirem.

— Ele se despediu de nós, — diz Preston, olhando incrédulo para o primo. — Dolly o viu, porra. Como você pode honestamente acreditar que ele está morto?

— Porque isso não importa, — diz Colt, levantando as mãos. — Se ele está morto ou não, isso não muda nada. Ele não está aqui. Estava aqui.

— E eu não vou embora, — diz Preston. — Eles podem ter nos derrotado, mas ainda não estamos mortos. Ainda podemos lutar, se você parar de ser tão medroso.

— E você está planejando lutar contra eles... Como? Colocando rastreadores em seus carros e seguindo-os? Fodendo suas namoradas em segredo? Ou você tem algum novo plano que acha brilhante, mas no final não passará de uma travessura rancorosa?

Preston move sua mandíbula para frente e para trás. — Eu teria fodido a irmã deles, mas Devlin fugiu com ela. Então isso deixa suas namoradas. Não foi isso que eles fizeram conosco? Chama-se vingança, primo. Procure isso algum dia.

— Qual das coisas que você fez vai trazer nossa família de volta?

Eles se encaram por um segundo antes de Colt responder à sua própria pergunta. — Nenhuma delas, é isso. Eles não estão jogando o mesmo jogo que nós, e nunca jogaram. Acabou, Preston. Aceite isso antes que custe sua vida.

Preston se endireita, encarando seu primo até que eu me levanto de onde

afundei no braço da seção cinza. — Por mais esclarecedor que tenha sido, — eu digo. — Eu tenho que ir para a escola.

Ambos me ignoram.

— Se vinganças mesquinhas são tudo que eu consigo, eu vou levá-las, — diz Preston. — Vou tirar tudo o que puder deles em todas as oportunidades, quer eles saibam disso ou não. Eu saberei. E eu nunca vou parar.

Eu o imagino sentado aqui em seu computador chique, lendo minhas histórias obscenas, reunindo-as em um arquivo que nunca usará. Ele tem tanto dos Dolces, mas não pode fazer nada com isso. Ele não pode ir à polícia porque eles estão nos bolsos dos Dolces. Ele não vai aparecer na cidade, então não pode fazer com que ninguém o siga ou se junte a ele. Ele nunca iria me ajudar. Ele só tem que sentir que não desistiu. Eu posso respeitar isso. O homem tem seu orgulho, se nada mais.

— Eu realmente preciso ir, — eu digo novamente.

— Pegue minha caminhonete, — diz Preston, mal olhando para mim. — Traga de volta desta vez. E não o deixe ligada na garagem.

Pego as chaves e vou até a porta. De alguma forma, ainda me surpreende quando ele faz merdas como essa, como se não fosse nada me emprestar sua caminhonete chique ou pagar meu aluguel por seis meses.

A última coisa que ouço antes de fechar a porta é Colt respondendo a algo que Preston disse com: — Foda-se. Você não pode trazer minha irmã para isso. Sua irmã ainda está aqui.

Então, acho que não foi em vão. Salvei Lindsey na primavera passada, mesmo que não pudesse me salvar.

É preciso uma semana de trabalho da equipe do escritório em Willow Heights antes que eu consiga marcar uma consulta com o diretor, mas não estou muito preocupada com isso. Sei que não acontece muita coisa na primeira semana, mesmo em uma escola preparatória. Posso fazer as tarefas. Eu só preciso entrar.

Mando uma mensagem para Preston antes de ir para o meu compromisso - não usamos mais o aplicativo, já que ele colocou seu número no meu novo telefone no dia em que me deu - mas ele apenas diz que não pode aparecer na cidade, especialmente lá. Em outra vida, os meninos Dolce disseram algo sobre isso, sobre ele ameaçar Gloria e fugir para se esconder como uma barata. Engraçado, era assim que me chamavam também. Acho que essas duas baratas se encontraram, embora não consiga imaginar nenhuma comparação que seja menos adequada para descrever Preston Darling, com sua casa e guarda-roupa impecáveis.

Eu vou para a escola à tarde, quando todo mundo está na aula. Decidi tarde demais que iria para Willow Heights, mas agora que estou decidida, um pouco de burocracia não vai me impedir. Eu sobrevivi tanto para chegar até aqui. Eu não vou embora sem nada. Estou farta dos Dolces, farta dos Darlings. Não quero fazer parte de nada disso. A única saída era através, e agora estou acabada. Não percebi na época, mas era isso que o Sr. D estava fazendo. Ele era a outra peça do quebra-cabeça, o lado Darling que tinha que usar tudo o que restava quando os Dolces terminassem. Ele acabou comigo, e agora estou tão vazia que não sobrou nada além de uma casca perfeitamente polida.

Essa casca é dura, porém, martelada na determinação mais feroz e de aço, a única coisa que resta quando todo o resto foi quebrado em pedaços tão pequenos que não podem ser quebrados novamente. Todos eles conseguiram o que queriam. Todos eles me foderam e me usaram até que eu não tenha valor para nenhum deles.

Minha mãe perderia a cabeça e me diria que eu era mais do que estúpida por deixá-los tirar tudo de mim e depois me jogar fora. Tanto os Darlings quanto os Dolces podem pensar que sou inútil agora. Mas eu sei a verdade. Eu não sou inútil agora que eles me usaram, rasparam até o último traço de potencial de dentro do meu corpo.

Eu estou livre.

E vou usar essa liberdade para voar para fora desta cidade.

Mas não vou fazer isso como uma adolescente fugitiva sem diploma do ensino médio. Então, eu me fortaleço com a casca dura e fria que esconde minhas cicatrizes do jeito que a máscara do Sr. D esconde a dele, e eu marcho para dentro. Ao contrário das de Preston, minhas cicatrizes são invisíveis a olho nu, mas posso senti-las e, abaixo delas, o lugar oco onde a própria Harper costumava se sentar. Minha identidade se foi, minha alma, meu coração, metade da minha mente. Mas resta um instinto de autopreservação, uma vontade obstinada de viver que se endureceu dentro de mim desde o dia em que quase morri e, com ela, uma semente venenosa do mais miserável de todos os tormentos: a esperança.

Não é o tipo brilhante que os poetas falam, mas algo feio e deformado, uma coisa escura e distorcida. Este gole não me diz que a vida vai melhorar, que vou recomençar e que tudo ficará bem. Mas sussurra que um futuro de pesadelos ainda é um futuro, que embora meu coração e meu corpo tenham sido dizimados de maneiras que não há como voltar atrás, mesmo aqueles que perderam uma alma podem continuar respirando. Mesmo uma coisa mutilada e quebrada pode encontrar o sol.

Preston me disse isso.

Sento-me no escritório e espero até que o diretor possa me ver, e não presto atenção aos sussurros e olhares furtivos do pessoal do escritório. Quando meu coração começa a bater de forma irregular, lembro a mim mesma que Royal não está aqui. E quando é hora de falar com o diretor, entro com as pernas firmes.

— Sua bolsa de estudos não é o problema, — ele diz depois que eu coloco tudo para fora. — Você não se matriculou nesta escola. Cada inscrição vai para o comitê de inscrição, e você não colocou a sua para consideração. Você não é mais um estudante aqui.

— Então faça de mim uma estudante, — eu digo.

Ele cruza as mãos sobre a mesa à sua frente. — Receio que não seja tão fácil, senhorita Apple.

— Mais uma coisa, — eu digo. — Quero meu horário organizado para não estar em nenhuma aula com nenhum dos meninos Dolce, ou Cotton Montgomery, DeShaun Rose e Dawson Walton.

— Vários desses meninos não são mais alunos aqui, — diz ele, ajustando os óculos no nariz pontudo de tartaruga.

— Certo, — eu digo. — Isso deve facilitar.

— De qualquer forma, não sei se o seu pedido seria possível, — diz ele. — Não organizamos os horários dos alunos dessa maneira.

— Torne isso possível, — eu digo, inclinando-me sobre a mesa e descansando o desenho intrincado dos anéis falsos que cobrem meus socos ingleses na superfície. — Ou deixo seu segredinho sujo vaziar.

— Ameaças não vão funcionar aqui, Sra. Apple, — diz ele, enrijecendo-se. — Não há segredos em Willow Heights.

Meus olhos brilham com o pequeno verme que ele é. — Aposto que a cidade pensaria diferente quando descobrissem que você permite que a sociedade secreta de sua escola tenha uma sala de estupro embaixo da biblioteca.

Seu rosto congela, e eu sei que o tenho. — Isso é absurdo, — ele gagueja. — Dissolvemos essas organizações há vários anos e, antes disso, posso garantir que tais atividades não ocorreram.

— Isso não é conveniente?— Minha voz é monótona, sem perguntar.

— EM. Apple, — ele diz, seus lábios apertados. — Como expliquei, você não é mais uma aluna aqui e, mesmo que tivesse concluído o processo de admissão, preenchemos todas as vagas de bolsas.

— Espero minha agenda livre de bandidos na segunda-feira, — eu digo, me levantando e indo para a porta. O dia escolar está quase acabando e quero sair antes que alguém me veja. Eu sei que não faz sentido. Eles vão me ver quando eu voltar. Mas isso será nos meus termos.

Assim que dou a volta na última fila de carros e o Escalade aparece, meu coração afunda. A porra de um Range Rover está estacionado ao lado dele. Novamente.

Eu não quero vê-lo. Eu nunca mais quero vê-lo. Mas a única coisa que quero ver menos são os gêmeos, então continuo andando. Royal sai do carro no calor paralisante e espera que eu me aproxime. — Harper, — diz ele. — Não dirija. Não vou tocar em você.

Ele levanta as duas mãos, como se importasse para mim que ele estivesse desarmado.

Ele não precisa de armas. Ele é uma arma.

— O que você quer, Royal? — Eu pergunto, percebendo o cansaço em minha voz, meu sangue. Não estou com medo como da última vez. Eu só quero acabar com isso.

— Eu... queria ver você, — diz ele calmamente.

— Por quê? — Eu pergunto, parando na frente dele. — O que você poderia querer de mim que eu já não tenha dado? Não, na verdade, isso você ainda não *tomou*. Não sobrou nada, Royal. *Eu não sou* nada, como você sempre disse.

— Eu nunca disse isso.

Eu inclino minha cabeça. — Você não disse isso?

Ele passa uma mão áspera pelo cabelo. — Harper, ouça, — diz ele. — Podemos apenas... podemos conversar?

Uma risada me escapa, mas é mais um bufo amargo. Acho que não sou mais capaz de rir. — Tudo bem, — eu digo. — O que você quiser, o que você achar que ainda tenho para pegar, pegue. Eu não me importo. Eu vou te dar qualquer coisa que você quiser, se você apenas me deixar em paz pelo resto da porra da minha vida.

— Não quero nada, — diz ele, tendo a coragem de parecer ofendido, como se nunca tivesse me pedido nada.

— Então por que você está aqui? — Eu pergunto.

— Você está... não, — diz ele, balançando a cabeça. — Claro que você não está bem, porra.

— Agora que estabelecemos isso, posso ir?

Seus olhos escuros procuram os meus, como se tentassem encontrar algo real por trás da minha atitude sarcástica. Mas isso está bem trancado agora, onde ele não pode alcançá-lo. Eu gostaria de dizer que ele nunca mais vai me tocar. Mas fiz uma centena de promessas de *nunca* quando se trata de Royal, e ele transformou cada uma delas em *sempre*.

— Você estava realmente tentando acabar com sua vida? — ele pergunta depois de não encontrar o que procura em meus olhos.

— Não, — eu digo. — Claro que não. Minha vida é ainda mais glamorosa agora do que era antes de eu ser estuprada por uma gangue e deixada para

morrer em um pântano. Quero dizer, o que poderia fazer uma garota como eu querer acabar com isso?

— Eu não sei, — diz ele lentamente, uma carranca vincando sua testa. — Eu não sei o que poderia levar uma pessoa a tentar isso. Eu nunca fiz.

— E veja, essa é a coisa. Você e eu não somos nada parecidos. Nunca fomos. Então pare de pensar que vou reagir do jeito que você reage, ou pegar algo do jeito que você quer que eu faça. Eu não vou.

— Só de me ver fez você fazer isso? — Ele pergunta, como se importasse por quê.

— Eu tenho que ir, — eu digo. — Eu realmente não quero ver o resto do time de futebol hoje. — Eu me viro para a caminhonete, mas sua voz me interrompe, o ronco baixo dela é crua de preocupação.

— Você não está mais lutando.

— Você meio que quebrou minha mão. — Eu levanto meu punho e os anéis de prata brilham ao sol. Por um momento, nenhum de nós fala. Royal olha para os nós dos meus dedos, engolindo em seco com tanta força que posso ver seu pomo de adão balançar.

A palavra *BONECA* está escrita sobre meus dedos, assim como as tatuagens de Preston soletram a palavra sobre seus dedos. Ele mandou fazer a arma sob medida para caber exatamente na minha mão e, como não pouparia gastos, mandou engastá-la com um diamante no centro do O. Para uma pessoa normal, eles parecem apenas anéis berrantes, mas um bandido como Royal provavelmente sabe o que elas realmente são. Eu estou bem com isso. Com ele sabendo que estou armada, mas que não vou lutar contra ele.

— Foi ele quem mandou aqueles vídeos, não foi? — Royal pergunta finalmente, seu olhar subindo para encontrar o meu. Há algo tão cru em seus olhos que faz meu coração morto palpitar uma vez dentro de mim, como se pudesse voltar à vida.

Não quero que essa parte de mim viva novamente. Em algum momento, percebi o que Preston estava fazendo com aqueles vídeos, ou pelo menos suspeitava. Não me lembro quando. Mas ver Royal ao vivo e saber que ele os observou é diferente de uma teoria abstrata e isolada no fundo da minha mente. Eu deveria sentir vergonha, mas a capacidade de sentir essa emoção não voltou. Tudo o que sinto é despeito beligerante. Estou feliz que ele os enviou para Royal. Espero que o tenham deixado doente.

— Olha, o que você quiser, é só pegar, — eu digo novamente. — Quer conversar, fale. Você quer me foder, eu vou deitar no banco de trás e você pode me foder na bunda ou qualquer coisa doentia que você queira fazer que você acha que ainda pode me machucar. Não vai. Você não entende isso? Não importa, Royal. O que quer que você faça comigo, eu não me importo. Se você quer me matar, aqui estão meus pulsos. Pode cortá-los. Eu não vou lutar. Eu não me importo.

Royal dá um rápido passo à frente, e eu instintivamente me encolho, meu corpo me traindo, embora minha mente tenha estagnado naquela noite no pântano e só tenha havido alguns pontinhos desde então.

— Eu quero que você lute, — rosna Royal.

— Ora, é isso que te tira do sério? — Eu pergunto. — Oh, espere, não importa. Nada te tira do sério agora que não estou por perto, certo? É por isso que você está aqui?

— Não, — ele retruca, a frustração gravada em todas as suas belas feições. — Que porra é essa, Harper. Não estou aqui para te foder.

— Você pode ver onde uma garota pode se confundir, — eu digo. — Vendo como durante todo o ano passado, você me disse que esse era meu único propósito na vida.

Mesmo que eu esteja disposta a dar tudo a ele, meu corpo está em alerta máximo, pronto para ele fazer um movimento. Eu vejo seus dedos se contorcerem, mas em vez de tentar me machucar, ele os passa com força pelo cabelo novamente.

— Você poderia... — Ele para e toma uma respiração irregular. — Eu só queria ver você.

— Por quê? — Eu pergunto incrédula. — Para se vangloriar? Não há necessidade disso. Você ganhou. Uma vitória retumbante, de fato. Não há dúvida na mente de ninguém. Você aniquilou a concorrência. Regozijar-se é pouco até para você, Royal.

O sino toca e meu corpo enrijece.

— Esteja no Slaughterpen no domingo à noite, — diz ele. — Eu tenho algo para você.

Eu apenas o encaro incrédula. — Quão idiota você acha que eu sou?

— Apenas esteja lá.

— Por quê? — Eu exijo, cruzando os braços e olhando para ele.

— É apenas para uma luta, — diz ele. — Eu prometo.

Mal consigo evitar uma risada histérica. — Não há brigas aos domingos, — ressalto. — E uma promessa sua significa menos do que nada para mim.—

— Deveria.

Eu bufo. — Ah, e também não respondo mais a você, Royal.

Sua mandíbula aperta e ele olha para os alunos que começam a sair do prédio. Quando ele se vira, seus olhos não estão mais cheios de súplica e vulnerabilidade, o verdadeiro Royal. Eles endureceram em determinação.

— Então se acostume a me ver por aí, — diz ele.

Antes que eu possa responder, ele se vira e caminha até o Rover e entra, girando-o ao redor do Escalade e em direção à frente do estacionamento. A percepção de que ele deve estar pegando seus irmãos bate em meu peito, e meu coração dá uma guinada na minha garganta. Subo na caminhonete, não querendo vê-los. Sei que o farei assim que for admitida na escola, mas não estou pronta. Talvez eu nunca esteja pronta. Talvez isso tenha sido um grande erro.

Eu saio para fora do estacionamento, sem olhar para trás, não querendo ter um vislumbre deles ou para eles pegarem um de mim. Minhas mãos estão tremendo. Desta vez, eu observo os espelhos constantemente, meu coração ricocheteando em minhas costelas toda vez que olho para trás e tenho certeza de que verei o Rover se aproximando.

Mas desta vez, ele não segue.

Quando chego em casa, sento-me na caminhonete, com medo de sair, com medo de que ele apareça e estacione atrás dela como fez antes. Sento-me na bolha de ar-condicionado frio até o ônibus parar na esquina. Blue e Olive descem e começam a andar pelo quarteirão em minha direção. Quando elas chegam ao caminho, Olive acena e corre, sua pequena mochila balançando, suas pernas desengonçadas tornando a corrida ainda mais estranha. Ela pula no estribo e faz uma careta para mim pela janela.

Eu rolo para baixo, embora ela esteja bem na minha cara, muito perto.

— Você pode nos levar para um passeio? — ela pergunta.

Blue permanece do outro lado da rua, na frente de sua casa, observando.

— Claro, — eu digo, conseguindo dar um pequeno sorriso.

— Yay! — Olive joga os braços para cima, e tenho certeza que ela vai cair de costas na estrada. Ela perde o equilíbrio, mas pula, caindo de pé, apesar da execução desajeitada. Lembro-me de como era ter tanta confiança em meu corpo, saber que ele cuidaria de mim, e meu peito dói. Mais cedo ou mais tarde, todos nós percebemos a falsa sensação de segurança que nos dá, quando alguém maior, mais forte e melhor aparece e nos despoja de tudo.

Eu olho para o meu soco inglês, lendo a palavra mais e mais enquanto Blue sobe no banco de trás e Olive sobe na frente.

— Uau, — diz a garotinha, passando as mãos sobre os assentos de couro flexível. — Couro branco! São personalizados?

— Eu não sei, — eu digo, mudando para dirigir.

— Aonde estamos indo? — Olive pergunta, levantando-se para olhar por cima do painel. — Podemos ir ao cinema? Ou hambúrgueres de Boehner? Um bando de garotos estava indo depois da escola, e se eles me vissem nisto...

— Coloque o cinto de segurança, — Blue diz atrás de nós.

— Claro, — eu digo para Olive. Não tenho nenhum lugar melhor em mente. Só quero sair de casa e não posso ir para a casa de Preston, porque Royal também sabe onde fica. Se eu conseguir fazer uma criança parecer legal na frente de seus amigos, fiz algo de bom no mundo hoje.

Passamos pelo drive-thru porque não quero entrar. O Boehner's também é um ponto de encontro para garotos do ensino médio, e não quero encontrar ninguém que conheço. Olive vê algumas crianças que ela conhece em uma mesa de piquenique e abre a janela, pendurada no meio do caminho e acenando para elas. Quando comemos, de repente percebo que Preston não gostaria que comêssemos dentro de seu carro.

— Vamos sentar em algum lugar, — eu digo, voltando para a estrada. Pego a rodovia para fora da cidade, rumo ao norte. Eu olho para a frente como se minha vida dependesse disso enquanto passamos pelos arrozais com o pântano além, assim como eu faço toda vez que pego esta estrada para ir e voltar da casa de Preston. Só quando chego à saída é que relaxo.

— Posso comer? — Olive choraminga. — Eu estou com fome.

— Tudo bem, — eu digo. — Não derrame nada.

Paramos na pedreira e eu estaciono a caminhonete, mas a deixo ligada para que não sejamos todos assadas vivas no calor do Arkansas. Mas Blue abre a porta e desce. — Podemos comer na porta traseira.

Eu me junto a ela enquanto Olive fica dentro da caminhonete para brincar com o rádio e terminar sua comida.

— Eu pensei que você tivesse desaparecido de novo, — Blue diz enquanto espalhamos nossa comida na porta traseira. — Eu não vi você por aí.

— Vou voltar para Willow Heights.

— Você está morando com esse cara rico? — Ela se vira para verificar Olive, que está mexendo nas estações de rádio.

De repente, tudo isso é grande demais para eu carregar. Mesmo que ela nunca tenha passado por algo assim, ela entenderá. Eu me sinto desmoronando, e isso me apavora. Preciso de um amigo, mesmo que seja um que não conheço bem. A profundidade dessa necessidade me assusta, mas não sei a quem mais recorrer.

— Lembra quando eu desapareci na primavera passada? — Eu pergunto, minha garganta apertada.

Ela balança a cabeça e abre um pacote de ketchup com os dentes.

— Eu... fui estuprada por uma gangue, — eu deixo escapar.

Seus olhos azuis planos erguem-se para os meus. — Merda, — diz ela calmamente.

Concordo com a cabeça, engolindo o caroço que se formou, tentando sufocar minhas palavras. Mesmo que Blue não possa ajudar, mesmo que isso não ajude, não posso mais me segurar. Não há nenhum propósito, nenhum motivo em contar. Está se derramando como a água do poço quando chove e as margens não conseguem mais conter tudo.

— Aquele cara com quem eu estava saindo, do Range Rover, — eu digo. — Foram os amigos dele.

— Ele sabe?

Deixo escapar um pouco de ar e pego uma batata frita. — Sim. Ele estava lá. E agora ele está tentando falar comigo, e eu só... não me importo com o que ele quer. Só quero que ele me deixe em paz.

— Ele quer voltar com você? — ela pergunta, me observando enquanto ela morde seu hambúrguer.

— Eu acho que não. — Balanço a cabeça, lembrando-me da voz arrastada de Royal dizendo que estava entediado naquela noite. — Não, — eu digo, mais enfaticamente desta vez. — Definitivamente não. Mas ele ainda está fodendo comigo. Só quero sobreviver até poder sair desta cidade, e depois quero esquecer tudo o que aconteceu antes de eu partir. Acima de tudo, ele. Mas ele não está me deixando.

— Você sabe como você iria? — Blue pergunta.

— O que?

Ela acena com a cabeça em direção ao rádio, onde o baixo está batendo em alguma música que sua irmã encontrou. — Você sempre pode despejar o caminhão em algum lugar assim que sair.

Percebo que ela pensa que estou saindo agora. Eu poderia. Eu nem acho que Preston chamaria a polícia. Eu poderia simplesmente explodir, como Mabel Darling. Mas então eu abandonaria o ensino médio, talvez alguém com ficha criminal se eu subestimasse a relutância de Preston em envolver qualquer outra pessoa.

— Ele me salvou, — eu digo baixinho. — Pelo menos, eu pensei que ele fez. Mas não tenho mais tanta certeza.

— O que você quer dizer?

— Ele não é um herói.

— Mas ele está cuidando de você, — ela diz, mordendo seu hambúrguer.
— E tudo que você tem que fazer é transar com ele? Quero dizer...

— Sim, — eu digo. — Para garotas como nós, isso é o melhor possível.

— Não, — diz ela. — Isso é melhor do que a maioria das garotas consegue.

— Mas agora eu preciso da proteção de Royal, — eu digo. — E ele não pode me dar. Ele não vai.

Comemos em silêncio por um tempo. Quando terminamos com os hambúrgueres e batatas fritas, Blue se vira para se certificar de que Olive está bem antes de voltar para a caçamba da caminhonete, descansando bem contra o volante enquanto eu igualo sua posição do outro lado. Ela coloca o refrigerante ao lado dela e tira os cigarros.

Eu fico olhando para os nossos sapatos - seus Vans desgastados que provavelmente custam dez dólares em uma loja de segunda mão, e meus novos Doc Martens de couro que custam dez vezes mais - e a culpa aumenta dentro de mim. Não é que eu não aprecie o que Preston fez. Eu aprecio. E eu não quero mais dele. Ele não me deve nada, nem mesmo o que já fez. Não tenho o direito de esperar que ele me proteja, especialmente porque sei o que isso vai custar a ele. Colt já pagou esse preço.

Meu telefone toca e olho para a tela para ver um e-mail me notificando de que tenho uma nova mensagem e 27 mensagens não lidas no aplicativo *OnlyWords*. Não o uso desde que cortei o Sr. D, mas ele provavelmente quer o carro de volta. Estou prestes a fechá-lo quando outro e-mail chega. Blue me lança um olhar levemente curioso e me entrega um cigarro.

Pego com um suspiro e aperto o botão para baixar o aplicativo, embora faça uma sensação fria e pegajosa rastear pelas minhas costas, apesar do cobertor sufocante do verão espalhado sobre nós. Desligo meu telefone e acendo, tomo um gole do meu Dr. Pepper e limpo minhas mãos no vestido floral que Preston comprou para mim neste verão. É engraçado como muitos dos últimos meses parecem um sonho.

Pego meu celular e abro o aplicativo. Meu refrigerante fica preso na garganta e engasgo, deixando cair o telefone na porta traseira. Ele faz barulho na superfície, e Blue me dá um olhar engraçado enquanto tento inspirar. Pego o telefone, meus dedos tremendo. Não sei por que estou surpresa.

Royal: O que você está fazendo?

Trago o cigarro com força, lembrando-me de como Royal quase nunca mandava uma mensagem primeiro. Ele me fazia ir até ele todas as vezes. Mesmo assim, metade do tempo ele ignorava minhas mensagens, provavelmente apenas para provar que podia. Agora ele quer saber o que estou fazendo, e é tão tarde que nem consigo compreender que ele acha que não há problema em me enviar uma mensagem.

Estou tentada a dizer algo espertinho, mas me lembro que fiz isso por seis meses e não me levou a lugar nenhum. Eu desisto. Não vou mais lutar com ele. Eu digito todas as informações que ele pode querer, então não terei que ver seu nome na tela novamente e sentir aquela reviravolta no estômago.

BadApple: Comendo com amigos na pedreira. Por favor, não me mande uma mensagem.

Royal: não parece um bom lugar para alguém que quer morrer.

BadApple: parece um bom lugar para mim

Royal: Não me faça ir te encontrar.

BadApple: Estou bem. Eu não vou pular.

Desligo meu telefone e aceno para Olive, cujos dedos gordurosos estão pressionados contra o vidro enquanto ela faz caretas para nós pela janela de trás. Blue joga a bituca do cigarro na beirada da caçamba da caminhonete. — Se você precisa de proteção, você deve falar com Mav, — ela diz. — Ele está correndo com os Crossbones agora.

Eu penso nisso por um segundo antes de balançar a cabeça. Não há como derrotar os Dolces. Eu já tentei. Eu perdi, e todos que eu envolver vão perder também. Eu preciso contar a alguém, mas uma pequena mecha de autopreservação ganhou vida dentro de mim. É por isso que eu disse a Blue, que não fará nada mais do que Preston fará. Eu poderia ter contado à polícia, ou alguém que iria à polícia ou me pressionaria. Mas não o fiz. Eu disse a Blue porque precisava de alguém seguro, alguém que não se machucasse com meu segredo, porque ela nunca sussurraria uma palavra sobre isso e ninguém jamais saberia que ela sabia.

Colt estava certo o tempo todo.

Falar, lutar, só vai piorar as coisas para mim. Por muito tempo, lutei com unhas e dentes, recusando-me a aceitar o que estava bem na minha frente. Achei que, se conhecesse as regras, poderia jogar o jogo deles, talvez até vencer.

Entendo como funciona agora e aceito a verdade.

Vencer nunca foi uma possibilidade.

Não importa quais cartas eu jogo. Eu poderia jogar a mão perfeita, mas ainda perderia tudo. Foi manipulado desde o momento em que me sentei à mesa.

Mas eu me sentei e agora estou presa em um pesadelo que nunca acaba. Vou perder de novo e de novo e de novo, mas nunca poderei sair do jogo.

Novamente, é como Colt disse.

Eu pensei que estava livre, mas agora eu sei. Royal vai continuar aparecendo. Não há saída. Uma vez que eles reivindicam você, é para sempre.

Estou presa, uma mosca em seu âmbar venenoso. Posso ver seus segredos, mas estou congelada dentro deles e não posso fazer nada a respeito. Posso lutar, mas não posso vencer. Eu sempre pertencerei a eles. Duke me marcou, assim como os fazendeiros marcam o gado para que possam provar que é deles se alguém mexer com ele e, portanto, se alguém encontrar uma saída e escapar, quem o encontrar o devolverá ao cativeiro. Eu sou a mesma para os Dolces - um pedaço de propriedade, marcado com uma cicatriz no meu quadril que diz ao mundo que nunca serei livre.

O pensamento enche meu corpo de pavor. Meu sangue está lento e pesado, como mercúrio em um dia frio, me puxando para baixo até que eu acho que vou afundar no chão e desaparecer. De repente, tudo que quero fazer é entrar na caminhonete e engatar a marcha, fechar os olhos e pisar fundo no pedal. Royal jogou um cara no precipício uma vez, na pedreira, porque ele estava fodendo comigo. Se ele realmente queria me proteger, deveria ter me empurrado.

Mas não posso levar Blue e Olive comigo, e também não consigo obrigá-las a assistir. Elas não precisam desse trauma e eu não preciso de audiência ou atenção. É uma morte espetacular, uma explosão de glória. Eu acabaria no *Local New com Jackie*, como uma garota rica.

Prefiro ir em silêncio, sem alarde, uma única linha enterrada em uma página aleatória no verso do papel.

Corpo encontrado perto dos trilhos.

Adolescente local morta de overdose .

Não haveria vigília à luz de velas, nem lágrimas falsas. Essa é a última coisa que eu quero.

Mais tarde, quando entro na garagem, Blue desce e se vira para mim. — Você sempre pode voltar para Faulkner, — ela oferece.

— Eu poderia, — eu digo. Não me lembro onde consegui lutar contra o diretor em Willow Heights, mas acho que gastei tudo. Se ele continuar lutando, ele vencerá. Não me importo o suficiente para continuar, sabendo que a derrota é inevitável. Se os Dolce querem que eu vá embora, nenhuma quantidade de ameaças de uma garota como eu vai influenciar o diretor. Eu não pago o salário dele.

Blue hesita. — Eu sei que se eu pudesse mudar de escola e não tivesse que ver os caras que fizeram isso comigo... eu não pensaria nisso nem duas vezes.

Entro, deitado na cama e olho para o teto, repassando as palavras dela. Em seguida, repasso a conversa que tive com Royal. De repente, minha pele fica fria, embora as unidades de janela não possam começar a resfriar a casa em agosto.

Ele perguntou se eu tentei acabar com minha vida.

Ele me seguiu até a casa de Preston, mas fechei a garagem. Ele não poderia ter me visto. Ele também não poderia ter me visto no telhado. Então, como diabos ele sabe disso?

Ele está me checando?

E por que Preston diria isso a ele? Por que ele diria alguma coisa a ele? Lembro-me da primavera passada, o dia em que tudo deu errado quando Preston bombardeou o carro de Royal. Um dos meninos Dolce mencionou que a família de Preston estava fora dos limites, que seu pai estava com eles. Preston tem alimentado informações reais o tempo todo? Royal realmente pediu esses vídeos?

Meu estômago embrulha e eu tropeço até o banheiro e caio de joelhos, minha cabeça girando. Tento vomitar, mas não sai nada. Eu vasculho os armários, procurando por algo para tomar, algumas pílulas, qualquer coisa para me trazer de volta ao estado entorpecido em que passei o verão. Mas isso é viver como um drogado. Nunca há drogas por perto quando você precisa delas.

Tudo o que consigo encontrar é um pacote de navalhas, e elas apenas cortam a pele. Não é profundo o suficiente, mas depois de um minuto, a frustração se transforma em alívio. De alguma forma, observar o sangue brotando em pequenas linhas me entorpece, me traz um momento de foco singular. No fundo da minha mente, estou ciente de que estou velha demais para essa merda, que todas as outras meninas passaram por sua fase de corte no ensino fundamental e médio. Lembro-me de pensar como era tola as meninas se machucarem voluntariamente quando havia tantas outras coisas no mundo

determinadas a nos machucar.

Mas agora eu entendo. É como andar sobre brasas. Não é sobre a dor, não exatamente. Precisa doer para funcionar, mas esse não é o objetivo final. O objetivo final é viver completamente neste exato momento, a força de vontade necessária para superar o instinto não apenas uma vez, na beira do telhado, mas repetidamente, a cada passo à frente sobre as brasas, cada linha vermelha na minha pele lisa.

Meu foco é mais nítido do que a lâmina de barbear. Nada mais importa. Subo pelo braço, cada golpe de vida pura e potente. Por um momento e depois por cem, mal consigo respirar com a crueza dessa borda que encontrei, uma linha quase imperceptível entre realidade e ilusão, entre vida e morte, dor e felicidade. Agarro-me a ela, Tateando meu caminho, na ponta dos pés ao longo da corda bamba em direção a um final que não consigo ver e que não importa.

Isso importa.

Pela primeira vez em meses, algo importa. Por esses minutos sagrados, enquanto me ajoelho no linóleo desbotado de um banheiro abafado e sem janelas no lado errado da Faulkner, tenho controle inabalável de minha mente neste mundo onde nada está sob meu controle e vivo novamente.

Quando ligo para Willow Heights na segunda-feira, eles me dão a mesma bronca sobre não ter uma bolsa de estudos. Se eu tivesse dinheiro, eles fariam isso acontecer, mas eu não tenho. Então, novamente, se eu tivesse dinheiro, não precisaria de uma bolsa de estudos. Nos próximos dois dias, minha esperança desaparece quando é mais do mesmo. Posso ter perdido apenas algumas semanas em Willow Heights, mas perdi um mês em Faulkner e estou apenas ficando para trás ao adiá-lo. Então, não me incomodo em ligar na quinta-feira. Ando até a esquina, ignorando o punhado de bandidos sentados em um velho El Camino vermelho do outro lado da rua.

— Ei, baby, — chama uma voz familiar. Eu me viro para ver Maverick sentado no capô do carro, gesticulando para que eu vá até ele como o idiota preguiçoso que ele sempre foi. Atravesso porque não tenho mais o que fazer e não adianta brigar.

— Ouvi dizer que você está vendendo sua bunda para um cara rico, — diz ele, olhando-me de cima a baixo com apreciação lenta. — Isso é verdade?

— E daí se for?

Alguns de seus amigos abrem sorrisos indulgentes enquanto me olham com seu jeito legal demais, observando com desinteresse preguiçoso, os pés balançando contra a lateral do carro.

— O que ele tem que eu não tenho? — Maverick pergunta, um pouco de desafio em sua voz.

— Dinheiro.

— Aposto que ele não dá a você o que eu dei.

— Ninguém dá um pau tão bom quanto você, Maverick, — eu digo, piscando os olhos. É o que ele quer ouvir. Sempre gostei de observar as pessoas, mas ultimamente, quando consigo observar com total desapego, aprendi não apenas a observar, mas a entregar. Afinal, é isso que as prostitutas fazem.

Os amigos de Mav acariciam seus ombros tatuados, dando-lhe apoio. Ele incha um pouco, e fico feliz por tê-lo feito se sentir bem. Não tenho mais nada para dar, nada para oferecer, mas posso fazer algo de bom para alguém quando não me custar nada.

— Então, por que você não apareceu? — Maverick pergunta, estendendo a mão para mim.

Finjo que não me importo quando ele desliza a mão pelo meu pulso e pega minha mão. Talvez, se Preston não tivesse me fodido desde o início, eu teria uma estranha aversão ao toque. Mas ele não me deu tempo para ficar frígida, para ficar estranha sobre sexo. Estou com isso desde o dia seguinte ao ataque. Não tenho medo de sexo, de toque, de nada. Sou um lago imperturbável - parado, raso, reflexivo. Eu mostro a ele o que ele quer ver.

Só Royal pode fazer ondulações na superfície serena do meu nada.

— Desde quando você anda com os Crossbones? — Eu pergunto, apontando meu queixo para seus amigos. — Ouvi dizer que você está vendendo. Pensei que fôssemos mais do que isso. Íamos sair daqui.

— Não, *you* ia sair, — diz ele. — Você e Zeph. Você não é sobre aquela vida de cidade pequena. Vocês podem sair, fazer algo maior.

— Então você pode.

Ele sorri. — Eu não sou como você, baby. Faulkner está no meu sangue. Esta é a minha cidade. Eu nasci aqui e vou morrer aqui.

— Se é isso que você quer, — eu digo com um encolher de ombros.

— Pode ser, — diz ele, lambendo os lábios e me olhando de cima a baixo.

— Não é assim que eu me lembro, mas tanto faz.

Talvez ele estivesse apenas dizendo o que eu queria ouvir para entrar nas minhas calças, ou talvez todos nós estejamos crescendo, cortando nossas fantasias de infância e encarando a realidade. E quem sou eu para julgar? Garotas como eu fazem o que precisam para sobreviver, e garotos como ele também. O irmão dele trabalha com os Crosses há anos. Era apenas uma questão de tempo até que Mav também fosse sugado.

Ele não é estúpido. Ele conhece suas chances. E inferno, se eu tivesse uma gangue inteira para me proteger quando eu precisasse deles, eu não estaria onde estou.

Blue e Olive se aproximam pelo lado da rua, Olive pulando pelas rachaduras na calçada, cantando — Gangsta's Paradise.

— Cante, irmã, — chama um dos Crosses.

— Você vai para a escola? — Eu pergunto a Maverick.

— Não, — diz ele. — Quer uma carona?

— Estou bem.

— Se preferir, posso lhe dar uma pequena pérola azul e você pode cavalgar em mim o dia todo.

Eu penso sobre isso por um segundo, sobre como seria a vida se eu entrasse. Eu sei como as garotas entram. Ironicamente, aquele gangbang me protegeria. Mas eu ficaria presa aqui e não estou pronta para desistir daquela última semente de esperança, a única coisa que cresceu dentro de mim.

Digo a Maverick que vou pensar sobre isso e me viro para caminhar até o ponto de ônibus. Blue dá um aceno tímido para os caras.

— Você também? — Eu pergunto.

— Oh, eu nunca poderia entrar, — diz ela. — Eu não sou durona como aquelas garotas.

Subimos no ônibus e eu passo o dia na Faulkner High, indo para as aulas que quero e sentando lá como se pertencesse. Isso não é WHPA. Os professores estão exaustos demais para brigar comigo por mais de um minuto. Eu apenas digo a eles que sou nova, então não estou em suas listas, e eles desistem. Quem viria a um lugar como este voluntariamente? Noventa por cento das pessoas não querem estar aqui. Elas não vão expulsar alguém que o faça.

Depois da escola, atravesso o cobertor sufocante do escapamento de diesel em direção aos ônibus. Estou no meio do caminho quando ouço gritos de empolgação de um grupo de garotas que nunca vi, calouras ou segundanistas que começaram no ano passado, quando eu não era estudante aqui. Elas estão gritando e se agarrando, olhando boquiabertas para algo atrás de mim. Meu estômago aperta de pavor, mas me viro para olhar.

Royal Dolce está lá, cercado por fangirls. Ele tem aquela expressão em seu rosto que eu vi em festas, a meio caminho entre irritação e indulgência, como se ele tivesse treinado para sorrir e aguentar, mas ele odeia isso. Seu olhar trava no meu, mas eu desvio meus olhos e me viro, correndo para o ônibus.

— Harper, — ele chama atrás de mim.

Eu o ignoro e subo os degraus do ônibus e sigo o corredor. Sento em uma cadeira e tento respirar.

Que porra ele está fazendo aqui?

Quer dizer, eu não sou estúpida. Eu sei que ele está aqui por mim. Mas por quê? Por que ele não pode me deixar em paz? Não tenho nada, absolutamente nada, que ele possa querer, porque não tenho mais nada. Ele levou tudo, até minha voz, minha capacidade de me submeter, minha capacidade de lutar. Quero gritar de frustração que depois de tudo isso, de alguma forma, ainda não foi o suficiente para satisfazê-lo.

Eu me inclino em meu assento, meu coração martelando. Eu odeio que só sinto isso por ele, que só sinto alguma coisa quando ele faz algo.

Mas não. Também senti algo quando cortei meu braço.

Eu deslizo meu polegar sob o punho da minha camiseta de manga comprida, encontrando um dos cortes, agora cicatrizado. Fechando os olhos, passo a ponta do polegar sobre ela, em busca de calma. Meu coração dá uma pequena cambalhota quando eu cavo minha unha do polegar, quebrando a crosta.

— Ei, — o motorista do ônibus protesta. — Você não pode estar aqui.

— Vai levar apenas um minuto, — a voz de Royal responde. Posso senti-lo se aproximando, o ônibus afundando sob seus passos pesados, os pelos de meus braços se arrepiando como se fossem cumprimentá-lo. Eu pressiono minha unha do polegar mais fundo no corte, na dor.

— Harper, — diz ele.

Eu abro meus olhos. Meu coração nem dispara quando o vejo.

— Por que você está fugindo de mim? — ele pergunta.

— Puxa, eu me pergunto o mesmo, — eu digo, revirando os olhos.

Normal. Eu pareço normal.

É todo mundo no ônibus que não está. Geralmente é ensurdecedor, mas hoje é um silêncio mortal. Como se um garoto tivesse tanto poder sobre eles. É doentio. Estão todos doentes. Por que eles não podem ver isso?

Eu avanço meu polegar até o próximo corte e abro a crosta. Também estou doente, só que de uma maneira diferente.

Royal se agacha entre os assentos, seu grande corpo mal se espremendo no

espaço, então ele está no nível dos meus olhos, um pouco mais baixo. — Fale comigo, Harper.

— Ou o que? — pergunto, cutucando violentamente o corte com a unha. — Você vai me jogar por cima do ombro como um homem das cavernas e me carregar daqui chutando e gritando?

— Você sabe o que acontece quando não consigo o que quero, — ele diz com um pequeno sorriso, como se eu devesse achar isso engraçado.

— E você sabe que alguém vai chamar a polícia se você fizer isso.

— Eu não acho.

— Eu não teria tanta certeza, — eu digo. — Aqui não é Willow Heights. Todos aqui podem te conhecer, mas não são empregados da sua família.

— Ninguém aqui me conhece, — diz ele em voz baixa, deslizando para o assento ao meu lado. — Exceto você.

Por um momento, meu olhar é pego por aquele buraco negro dentro dele, e eu tenho que engolir em seco e forçar meus olhos para não ser sugada ao redor para vê-lo, para nos ver, para ver o que o imprevisível e intocável Royal Dolce fará a seguir.

Eu me lembro o quanto ele odiava isso.

— E o que você diria aos policiais quando eles aparecessem? — Ele pergunta, apoiando um cotovelo no assento à nossa frente e virando-se para mim, então estamos bloqueados de alguns dos olhares indiscretos. Eu também estou encaixotada. Eu tento estabilizar meu batimento cardíaco. Está bem. Estou bem. Ele não pode tirar mais de mim. Eu tenho que me lembrar disso toda vez.

— Você está com medo de que eu o denuncie? — Eu pergunto. — Eu já te disse que não vou. Portanto, se é com isso que você está tão preocupado, pode ficar tranquilo. Você escapou com isso. Vocês todos escaparam. Agora você pode me deixar em paz?

— Então o que você diria a eles? — Royal pergunta, inclinando a cabeça e me olhando com curiosidade.

— Saia do ônibus ou você vai pegar o caminho, — responde o motorista. Uma garota que seguiu seus amigos se inclina para beijar sua namorada e sai correndo do ônibus. Royal não se mexe.

— Você vai pegar um ônibus escolar público? — Eu pergunto, arqueando uma sobancelha.

— Acho que sim, — diz Royal, sem mover um músculo para sair do ônibus.

Eu suspiro. — Sério, Royal. Por que você não me deixa em paz?

— Por que você não responde à pergunta?

— Eu não sei, talvez eu consiga uma ordem de restrição, — eu digo. — Desde que você continua me perseguindo.

— Então é melhor eu ficar no ônibus, — diz ele. — Se esta é minha única chance de falar com você.

O motorista do ônibus resmunga e fecha a porta, engatando a marcha. Fico feliz pelo barulho do ônibus, que abafa o silêncio. Alguns assentos ao nosso redor estão quietos, mas todo mundo começa a falar e eu relaxo um pouco.

— Como você sabia que eu estaria aqui hoje? — Eu pergunto. É meu primeiro dia na Faulkner. Ele andou por aí a semana toda como um pervertido, já que sabe que não estou em Willow Heights?

— Você irá no domingo desta vez? — ele pergunta. — Você desperdiçou a chance do fim de semana passado.

— Tenho escolha?

Ele pega minha mão gentilmente, e eu rapidamente escondo minha outra mão debaixo da minha coxa, não querendo que ele veja meu polegar sangrento. Deixo minha mão esquerda ficar completamente flácida na dele, então ele sabe que não vou lutar e fazer isso divertido para ele. Ele vira minha mão, achatando-a e acariciando minha palma com o polegar. Seu toque, Deus, a porra de seu toque quase me mata. Eu posso sentir o calor familiar florescendo ao longo da minha pele, tomando minha respiração, enviando arrepios pelo meu sangue. Fecho os olhos, tentando não reagir. É tudo um engano. A porra do toque dele é uma mentira.

— Você está sangrando, — diz ele calmamente.

Meus olhos se abrem, mas antes que eu possa pensar no que fazer, ele levanta a manga do meu pulso. Meu olhar se fixa nele, mas ele está olhando para o meu braço, puxando a manga para cima. Ele engole com tanta força que posso ouvi-lo. Eu olho para baixo, me sentindo mal ao ver os dois primeiros cortes,

que eram apenas linhas finas de crosta, agora rasgadas e esfarrapadas da minha unha do polegar. As próximas cinco ou seis linhas ainda são pequenas e bem seladas.

Royal puxa minha manga de volta para baixo e finalmente levanta seu olhar para o meu. — Você precisa de ajuda, Harper.

— Como você fez?

— Você me ajudou, — diz ele em voz baixa.

— E olha onde isso me levou, — eu digo. — Pessoas fodidas fazem coisas fodidas e fazem mais pessoas fodidas. Então aqui estamos nós. Estou tão fodida quanto você, e minha boceta não pode mais ser sua terapia. Você vai conseguir ajuda de verdade? Ou apenas me dê merda pelo jeito que estou lidando? Pelo menos não estou machucando ninguém além de mim mesma.

— Você está errada, — diz ele, acariciando as costas da minha mão com o polegar, seus longos cílios lançando sombras sobre suas bochechas enquanto observa nossas mãos entrelaçadas.

— Qual é a sua desculpa? — Eu pergunto. — Não me diga que você não pode pagar um psiquiatra. Do que você tem medo? Que digam que você é um psicopata?

Sei que estou sendo uma vadia, mas não devo nada a ele. Ele já pegou tudo, me deixou oca e raspada, vazio de todo significado. Eu quero machucá-lo de volta, mesmo que seja apenas de alguma forma mesquinha que me torne ainda menor do que já me sinto. Deve ser assim que Preston se sente. Amargo, ressentido e inteligente o suficiente para saber que está derrotado, mas muito teimoso para desistir da última cartada.

— Eu não posso ser consertado, — Royal diz, seu olhar escuro subindo para o meu.

Eu me pergunto se ele está afirmando um fato, ou se ele está me dizendo que é disso que ele tem medo. Eu odeio o jeito que minha garganta aperta quando nossos olhos se encontram, o jeito que eu ainda posso senti-lo, a escuridão que sempre chamou a minha. Eu deveria estar imune agora, e quero gritar e me enfurecer com o mundo inteiro porque não estou, e isso não é justo. Eu suportei coisas que ninguém deveria suportar. Eu andei pelo inferno e consegui voltar, se não totalmente viva. Se existe um deus misericordioso, não devo sentir nada quando olho nos olhos do diabo. Eu mereço isso.

— Eu também não posso, — eu digo, minha garganta apertada. — Você se

certificou disso.

Eu me viro para a janela e engulo a dor agonizante. Eu não vou chorar.

Não nos falamos até o ônibus parar na esquina. Então descemos e começamos a descer o quarteirão.

— Preston está na sua casa? — Royal pergunta, olhando furiosamente para a caminhonete. — Ou ele te deu o Escalade?

— Isso importa? — Eu pergunto.

— É importante, — Royal resmunga.

Suspiro e me forço a dar a ele o que ele quer, ainda agarrada à esperança de que ele fique entediado se eu me submeter a todas as suas exigências sem resistência. — Ele me emprestou, — eu digo. — Ele cuida de mim – de nós. Mamãe também. Ele paga nosso aluguel, nossas contas e compra mantimentos para nós.

— Por quê? — Royal pergunta, sua voz cautelosa, cuidadosa.

— Porque eu sou sua prostituta, ok? — Eu digo, jogando minhas mãos para cima.

Royal visivelmente se encolhe. — Você está transando com ele?

Deixo escapar um bufo de descrença. — É isso que você quer ouvir? Sim, ele me fode. Você sabe disso. Você já viu.

— Eu não sei como é o pau dele, — ele retruca. — Eu sabia que ele mandava os vídeos para me foder, mas esperava que fosse outra pessoa neles.

— Não, só eu e seu pior inimigo. Mas realmente, Royal, por que isso importa? Você nunca teria deixado seus irmãos me foderem se fosse fazer isso de novo, então não é da sua conta quem ou quantos eu adiciono à minha contagem de sexo. Minha boceta não é mais sua preocupação.

— Eu entendo, — ele estala.

— Como você acha que consegui todas essas roupas novas, esse novo visual? — Eu pergunto, sabendo que estou cutucando a besta, mas incapaz de me conter. — Por que mais um homem faria qualquer coisa por uma mulher, certo? Você deveria saber disso. Compre um jantar um bife para uma garota e você pode foder a bunda dela, quer ela concorde ou não. Exceto aqui está a

diferença. Preston não me faz implorar por migalhas. Eu não pedi nada disso. Ele apenas fez isso. Porque ele é uma boa pessoa, Royal. E não importa o que você faça comigo por ousar simpatizar com um Darling, você não vai me convencer do contrário. Você só vai me convencer de que não é.

Desço o quarteirão na frente dele, lutando contra as lágrimas. Parte de mim quer voltar, para ter certeza de que ele não vai atrás de Blue, que saiu atrás de nós. Mas mal consigo me controlar quando tudo com que tenho que me preocupar sou comigo mesma. Não posso proteger nem mais uma pessoa. Às vezes eu gostaria de ser como ela, de ter uma Olive para amar e cuidar, alguém que viesse primeiro e que me amasse tanto quanto. Mas agora, estou feliz por não ter que ser responsável por mais ninguém.

Paro na caminhonete e respiro fundo algumas vezes até estar sob controle. Eu odeio que Royal tenha esse efeito sobre mim, que ele possa me fazer sentir qualquer coisa. Eu gostava de ficar entorpecida. O que eu disse sobre Preston é verdade, ele fez todas essas coisas para mim. Mas a coisa mais gentil que ele fez foi me deixar entorpecida, não me forçar a enfrentar toda essa feiura com a qual não posso lidar agora. É muito. É demais. Nunca me senti tão frustrada, tão impotente. Eu só quero que tudo desapareça, e ele criou um espaço seguro para eu fazer isso. Aqui fora não tem saída.

— Entre no carro, — eu digo quando Royal me alcança. — Vou te dar uma carona de volta para a escola.

— Eu posso andar, — diz ele.

— Com este calor? Não seja estúpido.

— Tenho prática neste calor todos os dias.

— Então por que você não está lá?

— Porque eu estou aqui, — diz ele, como se fosse simples assim.

Eu não tenho uma resposta. Estou muito cansada para discutir. Eu apenas subo na caminhonete e ligo o motor. Preston mandou uma mensagem hoje me pedindo para levá-la de volta, de qualquer maneira, e se eu for para Faulkner, posso pegar o ônibus. Eu não preciso mais disso.

— Eu deveria devolver isso antes que você o destrua por despeito, — eu digo. — Você quer uma carona ou não?

Royal parece que a última coisa no mundo que ele quer é subir no veículo comigo. Ele está olhando para a caminhonete como se a simples visão dela o

deixasse doente. — Deixe-me dirigir, — diz ele finalmente.

— Qualquer que seja. — Eu suspiro e escalo o console para o banco do passageiro. Não importa. Nada importa. Repito as palavras várias vezes, meu novo mantra. Se Royal quer destruir a caminhonete, não me importo. Se ele me levar para fora da cidade e me amarrar no pântano novamente para morrer, não importa.

Ele se senta no banco do motorista e fecha a porta. Por um minuto, ficamos sentados em silêncio, com o ar-condicionado ligado. Então Royal pega a estrada e dirige de volta para o FHS. Nenhum de nós diz uma palavra. Ele estaciona ao lado do Rover no estacionamento quase vazio, com os olhos fixos à frente.

Finalmente, ele quebra o silêncio. — O que você quer que eu diga?

— Nada, — eu digo com sinceridade. — Não há nada a dizer. Apenas vá embora.

Ele se vira para mim, aqueles olhos escuros e hipnóticos cheios de tanta emoção que me fazem recuar. — Você disse que não queria um pedido de desculpas.

Solto uma risada incrédula. — Você acha que as palavras vão consertar isso?

— Então o que você quer? — Ele pergunta, soando como se estivesse tão perto de perder o controle com a frustração, como se eu tivesse dado a ele qualquer indicação de que eu quero alguma coisa dele.

— Eu quero que você me deixe em paz, — eu digo categoricamente.

Ele se vira para frente novamente, sua mandíbula trabalhando enquanto ele olha para fora do para-brisa. — Eu não posso fazer isso, — diz ele calmamente. — Eu sinto muito. Essa é a única coisa que não posso lhe dar.

— Por quê? — Eu exijo. — Por que você ainda está me torturando?

— Torturando você? — Royal pergunta, agarrando meu braço e empurrando minha manga para cima. — Não sou eu que estou torturando você.

— Não me toque, porra, — eu digo, puxando meu braço para longe.

Nós nos encaramos por um longo momento, e eu me xingo por dar a ele o que ele quer, por revidar. Ele está me pedindo a única coisa que não estou

disposta a dar também - uma resposta. É a única coisa que Preston nunca pediu, a única razão pela qual eu poderia dar a ele o que ele queria.

— Olha, Royal, não sei o que você quer. Sou eu quem deveria estar te perguntando isso. Você ganhou. Você me quebrou. Eu nunca serei inquebrável. Isso não é o suficiente?

— E o que você fez? — Ele pergunta, sua voz calma, seus olhos procurando os meus. — Eu li as mensagens que você mandou para aquele canalha. Você estava brincando comigo o tempo todo.

— Eu não estava, — eu sussurro, engolindo o tremor, sensação de enjoo na minha garganta.

— Besteira, — diz Royal, virando-se para a frente novamente. — Você queria destruir minha família.

Eu respiro fundo. — Você tem razão.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto.

— Você está mesmo arrependida? — Royal pergunta.

— Claro que eu sinto muito, — eu retruco. — Olhe para mim.

— Mas você está arrependida do que fez? Ou apenas lamenta ter sido pega?

— Nada aconteceu com você, — eu o lembro. — Nunca vai.

— Poderia. Você não sabe quem ele é.

Engulo em seco.

Royal percebe minha hesitação e balança a cabeça em minha direção. Seus olhos se estreitam. — Você?

— É Preston, — eu sussurro.

Ele se encolhe, então se vira para a frente, seus dedos agarrando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Preston sabe, — diz ele categoricamente. — Eu sabia. Todos sabem, não é?

Eu pressiono um punho no meu peito, tentando respirar. É como se eu pudesse sentir a dor dele, a dor da minha traição. Eu não apenas perdi. Eu o perdi. Eu não apenas tentei derrubar sua família. Eu machuquei esse garoto lindo e terrível.

Mas ele fez pior do que me machucar. Posso me sentir mal pelo que fiz, posso até doer por ele, mas não consigo perdoá-lo. Nem mesmo se eu merecer o que tenho.

— Ele não vai contar a ninguém, — eu digo.

— Eu confiei em você, Harper, — ele diz olhando para o para-brisa.

Eu balanço minha cabeça. — Minha vez de chamar de besteira. Você não me contou seus segredos. Eu descobri sozinha.

— E se eu tivesse? — Ele se vira para mim, procurando meu rosto, como se as respostas estivessem escritas ali.

Eu não respondo. Não sei. Não importa.

— Você ainda os teria derramado.

Engulo em seco. Ele provavelmente está certo.

— Por que você faz isso? — Eu pergunto finalmente, horrorizada que alguma parte doentia de mim ainda queira entender esse garoto quebrado que me quebrou tão completamente que eu nunca pensei que iria querer entender alguém novamente. Achei que nunca iria querer nada, ponto final.

Ele fecha os olhos, descansando a cabeça para trás no encosto de cabeça. — Eu não.

— A regra de não fazer perguntas realmente não funciona quando a pessoa não quer nada de você. Então, se terminarmos de conversar, é hora de você ir.

Ele fica quieto por um minuto, e então fala, sua voz tão baixa que tenho que me inclinar só para ouvi-lo. — É coisa do papai, — diz ele. — Somos todos peões para ele.

— Isso é... ilegal. — Eu não sei o que dizer, e essa coisa estúpida é o que sai.

Um pequeno e irônico sorriso se contrai no canto de seus lábios. — Não levamos dinheiro. Faz parte do fechamento de um negócio. Não é ilegal, e mesmo que fosse...

— Certo, — eu digo quando ele para de falar. — Sua família não se importa.

Ele não responde, apenas olha para um grupo de caras vindo dos fundos da

escola e subindo em seus carros, provavelmente jogadores de futebol saindo do treino. A equipe de Faulkner High não me assusta, no entanto.

— Ainda não entendo por que, — digo finalmente. — Quero dizer, Baron me disse que costumava ameaçar sua irmã para que você cumprisse suas ordens, mas depois que ela se foi...

— Ainda tenho dois irmãos mais novos.

Eu fecho meus olhos e respiro fundo. Eu não considere isso. Os gêmeos não parecem mais jovens do que Royal - menos fodidos, talvez, mas ainda mais psicóticos. Eu nunca teria imaginado que ele os estava protegendo. Na verdade, eles provavelmente deveriam ser os únicos a protegê-lo. Eles foram inflexíveis de que nada sexual aconteceu quando ele foi sequestrado e, se estiverem certos, ele está muito ferrado por seu pai usá-lo como uma espécie de serviço de acompanhante para seus clientes comerciais.

Mas eu entendo. Mesmo que eu não tenha uma Olive para proteger, entendo as pessoas que têm.

— Sinto muito, — eu digo depois de um minuto. — Lamento que seu pai faça isso e que você sinta que tem que fazer isso para protegê-los disso. E sinto muito por ter contado a Preston, vou falar com ele e garantir que ele nunca use isso contra você. Nunca quis te machucar, mesmo quando queria te impedir.

Sua mandíbula fica tensa, e ele me dá um olhar mordaz. — Porra, não fale com Preston sobre mim. Só de saber que ele sabe isso sobre mim e tudo mais que você contou a ele, me dá vontade de arrancar seus intestinos e enforcá-lo com eles.

— E você acha que é tão fácil para mim saber que todos esses caras sabem como eu me pareço e como me sinto? Quer saber por que estou aqui? Porque Willow Heights não me devolveu minha bolsa de estudos, e a ideia de lutar tanto só para ir para a escola com seus irmãos e todos os amigos deles...

— É por isso que você está aqui? — Ele pergunta, olhando para mim.

Eu dou de ombros. — Parte disso. Eu não quero vê-los. Não o suficiente para continuar lutando por isso.—

— Não eram todos os amigos deles, — diz ele.

Eu quero rir, mas minha garganta está muito apertada e meus olhos doem com a pressão crescendo atrás deles. — Não importa quem foi, — eu digo. — A verdade é que não quero saber quem fez e quem não fez. Eu sei o que eles

fizeram. E eu sei que você sabe. Você sabe a coisa mais vergonhosa que já me aconteceu.

— Não é vergonhoso, — diz Royal, estendendo a mão para mim.

Eu me inclino para longe dele, não querendo suas mãos mentirosas em mim. Lágrimas forçam meus olhos, e eu pisco com força, tentando contê-las, mas uma escorre, escorrendo pelo meu rosto. — Você assistiu, — eu digo, minha voz calma, mas feroz. — Não consigo olhar para o seu rosto sem saber que você testemunhou a pior coisa que já aconteceu comigo. Você assistiu eles me quebrarem, e você poderia ter parado, e você não o fez. Você ordenou.

Ele engole com tanta força que eu ouço, mas ele não baixa os olhos. — Eu cometi um erro.

— Sim, — eu digo, limpando as lágrimas do meu rosto. — Então, por favor, faça o certo, se você já se importou comigo um pouco, e vá embora. Não quero ver você, Royal. Não posso. Eu não posso estar perto de você. Isso vai ser o que finalmente me matará. Então, a menos que seja isso que você ainda está tentando fazer, apenas saia.

Ele fica sentado ali por alguns segundos, e então sai da caminhonete e fecha a porta silenciosamente atrás de si. Eu me dobro sobre mim mesma, envolvendo meus braços em volta dos meus joelhos e soluçando tanto que posso sentir algo dentro de mim se abrindo como um buraco negro engolindo tudo o que restou de mim. E então minha porta se abre e Royal sobe no assento, me puxando para seu colo.

— Não, — diz ele, pressionando o rosto no meu cabelo. — Eu não vou embora, Harper. De novo não. Nunca.

Ele envolve seus braços apertados em volta de mim e me segura como se pudesse juntar meus pedaços quebrados, como se ele não fosse a razão de eu estar quebrada, como se ele não fosse a razão de eu estar caindo aos pedaços.

Acho que ele quer dizer suas palavras como uma promessa, mas elas não trazem nenhum conforto. Elss são uma maldição da qual não posso escapar, não importa o quão bem eu me esconda. *Ele é* uma maldição. Eu trouxe isso para mim. Eu o fiz precisar de mim, alimentei sua escuridão com a minha, deixei que ele me consumisse dia após dia até que ele não pudesse viver sem. Eu amava o jeito que ele precisava de mim. Achei que ia me matar quando ele parasse. Eu deveria saber. Eu entendi tudo errado. É a necessidade dele que vai me matar.

Porque agora estou vazia, mas ele ainda precisa de mais. Ele ainda está aqui, exigindo mais, e não tenho nada para lhe dar a não ser lágrimas. Sou tão oca e

sem alma quanto ele. Não posso lutar contra sua reivindicação, mas também não posso aceitá-la. Só posso soluçar minha angústia, fúria e arrependimento, sabendo que nunca serei livre enquanto seu coração venenoso ansiar pelo meu, enquanto o vazio de sua alma buscar a minha, chamando por ela na caverna vazia dentro de mim onde apenas ecos vivem agora.

Recebo um telefonema de Willow Heights no dia seguinte dizendo que o comitê de admissão vai me ouvir se eu quiser apresentar meu caso na segunda-feira. Achei que eles tinham me dado um não rígido e comecei a aceitar que não voltaria, mas não vou perder a chance se eles me derem uma. Espero que seja uma coincidência e Royal não esteja por trás disso, porque a última coisa que quero é dever a ele.

De qualquer forma, fico em casa sem ir à escola na sexta-feira e trabalho no que vou dizer. Estou tão exausta do encontro com Royal que é difícil me concentrar. Ele insistiu em me seguir até em casa antes de partir ontem. A ironia não me escapa. O que ele acha que pode acontecer com uma garota pior do que ele já deixou acontecer? O que ele causou?

Eu não levo a caminhonete de volta. Gosto de ter um veículo que mamãe não possa vender. Eu gosto de ter uma saída, uma fuga. Isso me faz sentir segura. Mando uma mensagem para Preston e digo que ele pode vir buscar, mas sei que ele não vai aparecer. Digo a ele por que preciso disso até segunda-feira e explico a audiência do conselho de admissão. Ele não responde. Uma vez, talvez eu teria ficado chateada por ele estar chateado. Mas esse é o problema de não se importar. É libertador.

No sábado à noite, ainda estou na cama quando minha mãe entra batendo forte.

— Levante sua bunda, — ela grita, puxando as persianas empoeiradas para cima.

Eu jogo meu braço sobre meus olhos. — O que você precisa?

— Preciso que minha filha se levante e venha à minha festa de aposentadoria, — diz ela. — Coloque alguns deles em roupas elegantes e saia para ajudar. Tenho amigos a caminho agora.

— Festa de aposentadoria? — Eu pergunto, sentando-me.

— Sim, — diz ela com um sorriso. — É a sua festa também, baby. Você fez isso acontecer.

Eu apenas fico boquiaberta com ela até que ela ri e empoleira a bunda no parapeito da janela como se estivesse se preparando para conversar. Ela tira um maço de cigarros do bolso de trás e acende, soprando uma nuvem de fumaça na

direção da minha cama.

— Você não pode? — Eu pergunto, acenando para longe. Odeio quando ela fuma no meu quarto. Isso faz minhas roupas federem.

— Veja, seu papaizinho pagou todo o nosso aluguel e nossas contas do ano, e como a companhia elétrica não quis devolver o dinheiro, e o proprietário é um merda e provavelmente pegaria para si mesmo se eu tentasse obtê-lo de volta, pensei ei, em vez de gastar o dinheiro, por que não apenas ... se aposentar?

— Por que você tem trinta e cinco anos? — Eu ofereço.

— As contas estão *pagas*, — ela canta. — Essa é a razão pela qual eu trabalho dia e noite, tentando encontrar algo que vai manter a água quente. Mas não preciso mais fazer isso. Estamos prontas para o ano inteiro!

Eu não me preocupo em apontar toda a lógica fodida em seus comentários. Eu definitivamente não menciono o fato de que ela festeja mais do que arrebenta a bunda, e é por isso que ela continua perdendo seus empregos, ou que a água quente estava ligada apenas metade do tempo antes de Preston aparecer. Ela é a mãe que ficou. Eu não posso ser exatamente exigente.

— E o que acontece no ano que vem? — Eu pergunto. — É setembro. Faltam apenas três meses.

— Não se atreva a perder esse homem, — ela avisa, apontando o cigarro para mim como um dedo acusador. — Levou apenas dezoito anos, mas finalmente ter um bebê está valendo a pena.

— Que bom que pude ser útil, — murmuro.

— Eu quero dizer isso, Harp, — diz ela. — Não estrague isso para nós. Garotas como nós, temos uma chance. Não vai aparecer de novo.

— Vou tentar não estragar tudo, — concordo com um suspiro.

— Ele não vai querer você para sempre, — diz ela. — O que você tem que fazer é, quando ele começar a se cansar de você – e você sabe disso, uma mulher sempre pode perceber, não é? – você tem que dar uma olhada nos amigos dele. Esses homens ricos não se importam em passar um tempo com uma coisinha como você. Obtenha tudo o que puder dele, faça o que ele quiser, até mesmo as coisas estranhas, e depois passe para o próximo.

Tiro o lençol e balanço as pernas para fora da cama, esfregando os olhos. — Você está mesmo me dizendo para fazer sexo bizarro com homens velhos

agora?

— Eles não são todos velhos, — ela argumenta, acenando meu comentário com um pouco de fumaça. — Eles são todos casados, claro, mas eles veem suas esposas de maneira diferente. Depois que eles dão filhos, eles não podem puxar seus cabelos, sufocá-las e essas merdas. Eles os respeitam e merda. É aí que garotas como nós podem ajudar, dar a elas o que estão perdendo.

— Isso não é o que é..., — eu digo rigidamente. — Ele não é casado e não gosta de nada disso. Ele me respeita.

Minha mãe cacareja de tanto rir.

Eu me levanto e vou até o armário, olhando para todas as roupas de grife que Preston me deu. Minhas últimas palavras ecoam na minha cabeça, a dúvida corroendo as bordas da minha mente. Preston se preocupa comigo, mas é ir longe dizer que ele me respeita. Ele me tratou bem, mas me usou. Eu era sua prostituta, exatamente como mamãe está descrevendo, menos a esposa e as coisas excêntricas.

O tipo de relacionamento puxado pelo cabelo é o que eu tive com Royal, mas ele também não me respeita, e eu não consigo nenhuma das coisas que mamãe quer dele. Ele não cuidou de mim. Ele fez o contrário.

Mamãe para de rir e bate a cinza do cigarro no meu tapete. — Esses caras ricos estão acostumados com mulheres se jogando em cima deles, — explica ela. — Eles têm suas esposas para manutenção regular, mas também podem conseguir uma peça lateral a qualquer momento. Você tem que se diferenciar. Você é a... Spice. Ah, e diga a eles que você ainda tem dezessete anos. Eles gostam disso.

— Mãe, não. Apenas não.

— A chave é não deixar seu coração se envolver. É quando você perde a cabeça e tudo vai para a merda, e a próxima coisa que você sabe é que você tem um pirralho melequento e está se perguntando como vai pagar o aluguel de um trailer, muito menos chamar a atenção de um cara rico. — Ela suga o filtro com força, tentando tirar o resto do tabaco da ponta do cigarro.

— Espere um minuto, — eu digo, virando-me do armário. Meu coração faz uma coisa estranha no meu peito que faz quando tenho que me lembrar de alguma coisa sobre os meninos Dolce. — Você está falando sobre John Darling?

— Sim, — diz ela. — Como você sabe disso?

— Então é verdade, — eu me maravilho. — Você namorou um viciado em parque de trailers que na verdade é um Darling.

— Oh, você está falando sobre JT? — ela pergunta.

— De quem você está falando?

Nós nos encaramos por um minuto, e então uma batida forte nos interrompe. Meu coração cai como uma pedra e, por meio momento sem fôlego, é o último dia das férias de primavera, e Duke está batendo na porta. Minha cabeça gira, e tenho que agarrar a porta do armário para não ceder.

— Se limpe e saia, — mamãe diz, indo para a porta. — Você fez tudo isso acontecer, acho que você tem idade suficiente para festejar conosco.

Claro, agora ela está orgulhosa de mim. Balanço a cabeça e volto para o armário. Não tenho nada melhor para fazer, então coloco um vestido e salto alto e saio para encontrar as amigas de mamãe. Alguns caras tentam me foder com os olhos, mas mamãe dá um tapa na nuca de um deles e diz que sou muito cara para ele. Sento-me na nuvem de fumaça na sala de estar, tomando um gole ocasional da minha bebida e vendo minha mãe ficar cada vez mais bêbada.

Ela fica tentando me fazer fumar, mas eu vi jogarem um pouco de cristal com um baseado, então nem quero fumar isso, apesar da insistência agressiva dela. É como se ela tivesse que provar a si mesma que eu realmente sou como ela, ou talvez sob seu orgulho, ela ainda está chateada comigo por arruinar sua vida, e ela quer me derrubar com ela. De qualquer maneira, eu passo as juntas e apenas observo a festa se desenrolar.

Uma das razões pelas quais nunca odiei minha mãe de verdade é que eu a entendo. Estudá-la me deu vontade de entrar na cabeça das pessoas, ver o que as motiva. Vendo a vida de outra pessoa, deixe-me ser outra pessoa por um momento, ver tudo do ponto de vista dela. Isso me ensinou a simpatizar com cada pessoa, não importa o que eles tenham feito, porque se você for fundo o suficiente, eles têm um motivo. Sempre há um motivo. Você só tem que estar disposta a ver, mesmo quando é terrível, ou estar dentro da cabeça deles te deixa doente.

Saio cedo da festa, volto para o quarto, mas durmo com o soco-inglês em uma mão e a faca na outra mão. Quase esqueci o pedido de Royal no dia seguinte até o início dos textos.

Royal: Slaughterpen 22b. Não falte novamente.

Bad Apple: sem ânimo

Royal: vou te buscar

BadApple: Não

Royal: vista algo confortável

BadApple: Eu dirijo

Não sei por que ainda me importo se ele vem aqui. Mas eu não quero estar no carro dele. Mesmo quando ele dirigia o caminhão, eu não sentia que estava à sua mercê. Não completamente.

Apesar da minha decisão de dirigir, às quinze para as dez, minha mãe grita de volta que tenho uma visita. Merda. Começo a ter vergonha da minha casa, mas então me lembro que não tenho motivos para me importar com o que Royal pensa. Eu jogo meu telefone e minhas chaves na minha bolsa, deslizo meus pés nas botas de combate com biqueira de aço que Preston me deu, e saio do meu quarto. Meu estômago aperta quando vejo Royal Dolce parado no meio da sala, dentro da minha casa em ruínas, com detritos de festa ainda espalhados por todos os lados.

Minha mãe está muito perto, pendurada no braço de Royal daquele jeito sedutor que ela faz quando ela constantemente toca o homem que ela está paquerando. Eu me sinto um pouco doente. Tento dizer a mim mesma que não importa. Ele já sabe que sou um lixo. Por que me importo com o que ele pensa?

— Olha quem é, — mamãe diz para mim, ainda agarrada ao bíceps de Royal. — Você sabe que eles dizem que ele poderia ter jogado bola na faculdade em qualquer lugar, mas ele escolheu ficar aqui em Faulkner.

Eu quase bufo alto. Minha mãe se preocupa com esportes exatamente tanto quanto eu.

— É assim mesmo? — Eu pergunto, dando-lhes um sorriso tenso. — Eu disse que estava dirigindo.

— Está no meu caminho, — Royal diz, a mentira escapando de sua língua tão facilmente que você nunca saberia que não é verdade se não soubesse onde ele mora. — Além disso, é bom conversar com sua mãe.

Mamãe dá uma risadinha doentia.

— Conversar? — Eu mudo.

— Ah, sim, — mamãe diz, batendo em seu abdômen. — Somos velhos

amigos agora. Ele apareceu algumas vezes neste verão, quando você estava muito ocupada para sua mãe solitária. Fez-me companhia.

Eu quero vomitar. Ela nunca recusaria um pau tão bom. E Royal gosta de mulheres mais velhas. Se ele fodesse minha mãe...

Não importa.

Eu me lembro disso mais uma vez. É o tipo de coisa que ele faria por despeito, mas não me importo. Não importa se ele fodeu com minha mãe, se ele quer dirigir. Não importa onde ele está me levando. Não importa se ele me matar. Nada importa.

— Legal, — eu digo, virando meu olhar indiferente para Royal. — Estou pronta.

— Vejo você em breve, Sra. Apple, — diz Royal, desprendendo-se de suas garras.

— É senhorita, bobo, — mamãe diz, batendo em seu braço desta vez. — Eu não sou casada.

— Certo, — diz Royal. — Até mais, Senhorita Apple.

Eu já estou fora da porta. Ele se apressa para me alcançar. Ele estacionou bem atrás da minha caminhonete na entrada, bloqueando minha entrada. Ele provavelmente pensou que eu iria lutar, que insistiria em dirigir, e ele poderia ganhar de novo bloqueando minha caminhonete e não me deixando sair, me fazendo entrar em seu carro em vez disso. Eu não dou a ele essa satisfação. Subo no banco da frente do Range Rover, quase rancoroso em minha apatia.

Não entro no carro dele desde o dia em que ele me sequestrou e me arrastou para o pântano, e juro que ainda posso sentir o cheiro aqui, o cheiro rico e oleoso de plantas podres e água turva. Eu fecho meus olhos e engulo a sensação grossa na minha garganta.

Nós dirigimos por um minuto em silêncio. — Por que você está tão chateada? — Royal pergunta finalmente.

— Nada, — eu digo. — Não estou chateada com nada.

— É por que eu falei com sua mãe? — ele adivinha.

— Não.

— Vamos lá, Harper, — diz ele. — Eu conheço você. Eu sei que você está chateada. Apenas me diga por quê.

— Isso importa?

— Isso importa para mim.

— Por quê?

Ele dá de ombros. — Não sei. Simplesmente importa.

— Tudo bem, — eu digo. — Em primeiro lugar, você não me conhece. Você me *conhecia*. Você conheceu a garota que não gostaria que você visse o casebre em que ela mora enquanto você fica passeando por sua mansão chique com seus mordomos e criadas e essas merdas. Você conhecia a garota que se importaria que você falasse com a mãe dela pelas costas, que você provavelmente transasse com ela porque ela é o seu tipo, certo? E ela vai foder qualquer um que conseguir mantê-la por tempo suficiente para ela escalar. Você conhecia a garota que pode não querer entrar em um carro com um cara que a sequestrou e a levou para o meio do nada para que ela fosse espancada e deixada para morrer.

— Que porra é essa, Harper, — ele diz baixinho. — Eu não comi sua mãe. — Ele olha para mim, seu olhar tão ferido que quase acredito que ele é capaz de se machucar. Mas eu sei que não devo comprar esse jogo.

Respiro fundo e continuo, porque ainda não terminei. — Você pensaria que a garota que você atacou não entraria em um carro e iria a qualquer lugar sem saber no que ela estava se metendo depois daquele pequeno incidente. Mas isso é porque você acha que ainda sou aquela garota, que sou a mesma Harper Apple que você conheceu. Mas eu não sou. eu não sou ninguém. E ninguém não se importa se você viu a casa dela e sabe que estava certo o tempo todo, que ela é um lixo. Ela espera que você tenha trepado com a mãe dela e tenha contraído todas as doenças dela também. E não é que ela seja estúpida por entrar no seu carro, é que ela simplesmente não se importa.

— Eu não disse que você era estúpida.

— Eu não me importo, — eu digo. — Eu não me importo se você me levar de volta para o pântano. Eu não me importo se você tem um desfile inteiro vindo e me fodendo antes de me matar desta vez. Não me importa o que você faça comigo, Royal, porque *já estou morta*.

Royal para em frente ao Slaughterpen e estaciona. Ele se vira para mim e, depois de um segundo, estende a mão, passando o polegar pela minha bochecha. Eu nem sabia que estava chorando até que ele enxugou as lágrimas. — Eu acho

que você está errada, — diz ele. — Eu acho que você se importa.

— Eu não.

Ele se inclina, deslizando a mão sobre minha bochecha e sob minha orelha, embalando minha cabeça e me puxando para frente. Antes que eu perceba o que está acontecendo, ele pressiona seus lábios nos meus.

Eu o empurro com tanta força que me solto de seu aperto e voou de volta contra a porta, minha cabeça batendo contra a janela. Minha respiração vem rápida enquanto eu olho para ele, meus olhos arregalados com o choque.

— Veja? — ele diz com um pequeno sorriso. — Você se importa.

Ele abre a porta e sai, fechando a porta antes que eu possa dizer uma palavra. Sento-me lá, meu coração ricocheteando loucamente em torno do meu peito. O que diabos acabou de acontecer?

Royal abre minha porta e estende a mão, aquele pequeno sorriso ainda em seus lábios, e tudo que eu quero fazer é arrancar cada um de seus dentes de sua cabeça estúpida com meu soco inglês.

— Não me toque, porra, — eu digo, inclinando-me para longe dele.

— Eu não comi sua mãe, — ele diz. — E eu não dou a mínima para a sua casa. Sua casa não é você. E você não é um lixo.

— Desde quando? — Eu exijo.

— Confie em mim, — diz ele. — Eu não daria ao lixo mais do que uma hora do meu tempo. E você, Appleteeny, tirou um ano inteiro da minha vida. Eu não estaria aqui agora se você não valesse a pena.

— Bem, *estou* aqui agora porque você disse que se eu não fosse, você continuaria aparecendo. Então aqui estou. Vamos acabar com isso e nunca mais quero ver você.

— Seria tão fácil para você? — ele pergunta, inclinando a cabeça para o lado, como se realmente tivesse que perguntar.

— Você é psicótico, — eu digo, afastando sua mão com um tapa e saindo do Range Rover. — Claro que seria fácil. Você passou todo o nosso relacionamento me dizendo que eu não era nada, uma prostituta sem valor, e então você me destruiu até que eu realmente não fosse nada. E agora que provei que você estava certo sobre tudo o que disse, vai tentar me convencer do

contrário? Isso é apenas outra parte do seu jogo doentio? Veja se você pode me construir e me derrubar tudo de novo?

— Não é um jogo.

— Bom, — eu digo, indo em direção ao prédio, pronta para acabar com isso e ficar longe dele. Eu deslizo meu telefone para fora da minha bolsa e coloco no meu bolso. Eu não quero me separar dele. — Porque não vai funcionar. Você não pode consertar o que fez. Você não pode me consertar. E você não precisa fingir que se importa agora que não me tem. Não precisa fingir remorso para me trazer de volta. Se você me quer, apenas me leve. Você pode me ter. Faça todas as coisas doentias que tiver que fazer comigo antes de ficar entediado e me jogar fora. Eu não me importo.

— É isso que você quer? — ele pergunta.

— Não importa o que eu quero, — eu digo. — Você me ensinou desde o momento em que nos conhecemos até o momento em que seus irmãos me amordaçaram para que eu não pudesse negar meu consentimento enquanto você me compartilhava com eles como punição. Eu finalmente aprendi minha lição. Eu não me importo, então não importa o que aconteça comigo.

Chegamos à cerca alta de arame ao redor da frente do prédio, e eu paro e fico ali, olhando para a frente. Estive aqui tantas vezes nos últimos anos e, no entanto, nenhuma nostalgia surge em mim quando olho para o prédio simples do armazém banhado pelo brilho alaranjado das luzes de segurança. Não sinto falta do Dínamo ali parado, vigiando o portão com sua mão de quatro dedos, pescoço tatuado e sorriso vazio. Não sinto falta do fedor de sangue e suor, do peso de um grosso rolo de notas em meu bolso. Eu não sinto nada.

Royal vem por trás de mim e segura meu cotovelo, virando-me. — Você importa, Harper. Seus olhos ardem com aquela intensidade sombria que é mais perigosa que a fúria ou o vazio. — Você é importante para mim.

O fantasma de um sorriso surge em meus lábios. — A velha Harper gostaria de saber disso.

— Você não? — Ele pergunta, seu olhar procurando o meu, como se pudesse encontrar algo que não está mais lá. Ele engancha os dedos nos elos de cada lado de mim, me observando enquanto eu fico olhando para ele, sem medo, embora minhas costas estejam voltadas para a cerca e ele esteja me enjaulando.

— Não, — eu digo. — Eu não me importo com ela, ou você, ou se você está mentindo descaradamente. Eu poderia ser importante para você, ou para toda a cidade, ou para ninguém, e não faria diferença. Eu não importo para *mim*.

Royal fica parado olhando meus olhos por um longo tempo, como se estivesse esperando que o meu outro lado borbulhe e exploda como aconteceu na caminhonete na semana passada. Mas esse é o problema do meu interior bombardeado. Nem eu sei quando ele vai pisar em uma granada. Não consigo prever minhas reações, não consigo controlar meu vazio como ele. Não sei quando estarei totalmente entorpecida e calma e quando explodirei em uma raiva incontrolável ou em soluços.

Só sei que quando estou quieta, quando ninguém está andando pelas crateras dentro da minha alma, há menos explosões. Quando Royal entrar com a chave que roubou, andar por aí e tocar os fragmentos da minha alma como se pertencessem a ele, é provável que elas explodam, sacudindo o que sobrou da minha fundação. Eu deveria saber que ele é masoquista, que é isso que ele faz, outro ponto dolorido que ele pode cutucar, como quando vai à ponte ou ao porão. Mas agora ele não está apenas se machucando. Ele está me machucando também.

— E se eu pudesse mudar isso? — ele pergunta finalmente.

Eu dou de ombros. — Você não pode.

Ele hesita um momento, então pega minha mão e me puxa até o portão. — Vamos, — diz ele, levando-me para dentro.

Eu não me incomodo em lutar. Não vou ganhar, nem aqui, no Slaughterpen, onde quase sempre ganhei. Eu nunca ganhei do Royal.

Entramos pela pesada porta industrial. Por dentro, em vez do habitual - uma ou duas cadeiras abandonadas, uma pilha aleatória de caixas caídas, pedaços de isolamento flutuando pelo chão das pilhas abandonadas nas bordas - parece um armazém funcional. Pilhas de caixas estão em fileiras organizadas, como se tivessem acabado de ser descarregadas de uma empilhadeira.

— Que diabos? — eu murmuro.

— Não se preocupe, — diz Royal. — Eles deixaram o poço vazio.

— Por quê?

Ele abre um pequeno sorriso irônico. — Você acha que os donos deste lugar não recebem uma parte?

Os donos. Ele praticamente me disse que sua família era dona do Slaughterten. Então é isso que ele quis dizer.

— Então... isso é para o cassino? — Eu pergunto, apontando para as caixas.

Ele coloca um dedo nos lábios. — Nem todo mundo sabe.

Um pequeno calafrio passa por mim. De quem ele está escondendo isso?

Antes que eu possa perguntar, saímos do final do corredor de caixas que ele me conduziu, e ele me puxa para o canto de trás, onde fica o fosso, como prometido.

O posso é exatamente o que parece - um buraco de terra no chão onde a laje foi quebrada em algum ponto, e algum gênio decidiu arrastar o concreto e cavar cerca de dois metros abaixo. É pequeno, talvez 2,5 por 3 metros, com bordas irregulares que são difíceis de subir e descer. Alguns pedaços da fundação de concreto costumavam revestir as bordas para as pessoas se sentarem, mas agora sumiram, deixando apenas o buraco irregular.

Este não é um lugar onde aspirantes ao MMA serão descobertos por olheiros e se tornarão profissionais, como o fundo de uma sala de recreação em algum lugar que coloca tapetes ou abre um ringue de verdade à noite. Isso é literalmente boxe underground, sem luvas. O objetivo não é habilidade e sutileza que as pessoas possam ver, embora seja preciso muito de ambos para fazer o que deve ser feito aqui. O objetivo é manter a luta por tantos rounds quanto possível, tirar mais sangue do que seu oponente e sair com dinheiro e sem ossos quebrados. Um nocaute no primeiro round fará com que você seja vaiado, cuspid e às vezes pior.

Hoje à noite não há multidão, não há mulheres como minha mãe descansando nos blocos de cimento fingindo que não estão tentando parecer sexy. Nenhum homem fica parado com cerveja morna em seus copos de plástico. Não há boletins de apostas. A tagarelice habitual e a excitação nervosa e sedenta de sangue se foram. Há apenas três pessoas, sentadas em três cadeiras na extremidade do fosso. Sob as fracas luzes de segurança do armazém, mal consigo ver que todos estão usando capuzes cobrindo o rosto, como algo saído de um vídeo de refém.

Eu me viro para Royal, meu coração dando um baque forte e, em seguida, pulando a próxima batida. — Que porra é essa?

— De nada, — diz ele.

— Mais uma vez, que porra é essa, Royal?

— Eles são todos seus, — diz ele. — Vá falar com eles. Acho que você descobrirá que eles têm algumas coisas interessantes a dizer.

Engulo em seco, fechando as mãos em punhos para evitar que tremam. — Por que você está fazendo isso? — Eu sussurro.

Seus olhos ficam sérios. — Estou tentando consertar.

Eu o encaro incrédula. — Você não pode consertar isso, Royal.

— Você pode apenas me deixar tentar?

Ficamos ali por mais um minuto, nossas vontades lutando enquanto olhamos um para o outro da maneira que só nós podemos. A parte fodida é que ainda o entendo, mesmo depois do que ele fez. Eu trabalhei nisso por tanto tempo, e ele não foi embora. Não posso deixar de saber o que sei sobre ele. Ele realmente acha que é isso que eu quero.

— Não, — eu digo, passando por ele, em direção à porta. Ele acha que ainda me entende, porque éramos os únicos que se entendiam. Mas ele não consegue me entender agora, depois de tudo que passei. Ninguém, exceto talvez Mabel Darling, pode entender isso.

Royal agarra meu cotovelo por trás e me gira.

— Vá lidar com eles, ou eu vou, — diz ele calmamente. Seu olhar é tempestuoso, intenso. Não há dúvida neste olhar. Ele está dando uma ordem e me dizendo as consequências de desobedecer, assim como fez quando escalei o portão de seu bairro. Eu deveria ter escutado, mas não o fiz, e ele fez exatamente o que disse que faria. Não tenho dúvidas de que ele cumprirá sua promessa desta vez também.

Um arrepio percorre meu corpo quando me lembro do que ele fez com Colt. Eu sei como ele lida com as pessoas. É o que eles merecem, e ainda...

Quando nossos olhares se encontram, posso ver tanto em seus olhos, tanta raiva e dor, que choca meu próprio sistema, como se meu coração tivesse parado e ele tivesse energia suficiente para fazê-lo voltar a bater. — Eu não quero vê-los, — eu admito.

— Você vai vê-los, de qualquer maneira, — diz ele. — Você não pode se esconder para sempre.

— Por que não? — Eu pergunto. — Eles ficariam felizes em fingir que morri naquela noite. Diga a eles que sou um fantasma, que não podem falar comigo na escola. Se você disser que eu não existo, eles tornarão isso verdade.

— Eu não vou mais à sua escola, Harper.

— Então? — Eu exijo. — Você ainda tem poder nesta cidade.

— Isso não vai te ajudar.

— Eu não pedi sua ajuda.

Nós nos encaramos por mais um longo momento. — Você não tem ideia de como foi difícil trazê-los aqui sem esmagar seus crânios até que não restasse nada além de tocos sangrentos em seus pescoços, — diz ele. — Se é isso que você quer fazer, faça. Se você quer cortar seus paus, enfiá-los em suas próprias bundas e vê-los sangrar até a morte, faça isso. Mas pare de correr e cuide disso, porra.

— Então, eu deveria te agradecer? — Eu pergunto. — Isso é algum tipo de presente que deveria compensar o que aconteceu comigo?

Ele me dá aquele olhar encapuzado, me encarando. — Se é isso que você quer que seja.

— Desculpe, eu não sou uma sádica, — eu digo. — Eu não gosto de machucar as pessoas. Eu só quero estar morta para você e todos eles, como você disse.

Ele engole em seco. — Você não está morta para mim, Harper. Você sabe disso. Obviamente, você não está.

— Obviamente, — eu estalo. — Já que você ainda está aqui me torturando.

— Estou torturando você deixando você se vingar como quiser?

— Ver você é uma tortura, — eu digo. — Por que você não consegue entender isso?

Seus olhos endurecem. — Fale com eles, Harper.

— Também não sou masoquista.

Ele dá uma pequena bufada. — Não se engane. Você pode lutar aqui sem ser masoquista - uma vez. Você continua voltando quantas vezes você fez, você é como o resto de nós.

Engulo em seco. Ele tem razão. Eu adorava dar um bom golpe, a dor disso. Isso me fez sentir viva, mortal e invencível ao mesmo tempo. Eu adorava quando ele me fodia com tanta força que eu não sabia dizer onde terminava o prazer e começava a dor ou vice-versa. Isso me fez esquecer porque um deveria ser melhor que o outro. E eu vivia pela doce dor de amá-lo, mesmo sabendo que isso me tornava uma cadela burra por continuar quando eu já sabia que ele iria eviscerar meu coração e minha alma se eu conseguisse sair viva.

— Tudo bem, — eu digo, me afastando de Royal. — Vou enfrentá-los. Eu já enfrentei você, e você é o pior deles. Eu não vou matá-los, no entanto. Assim como eu não mataria você. Mas não tome isso como bondade ou fraqueza da minha parte. Eu poderia fazer isto. Não estou tendo misericórdia de você porque você também merece. Você não. Eu escolho não ter isso comigo. Essa é a única razão pela qual não vou lutar do jeito que você merece.

Eu me viro e marcho até o poço, agachando-me para apoiar minha mão na borda e pular, como já fiz um milhão de vezes antes. Meus pés atingem a terra, meus joelhos dobrados, antes de eu aparecer em toda a minha altura. Meu coração bate rápido, mas não é porque estou animada para uma luta. Digo a mim mesma para respirar, digo aos meus pés para se moverem. Sinto-me desconexa e descoordenada enquanto atravesso o fosso e arranco o capuz do primeiro cara.

Duke pisca para mim com confusão. — Ei, Harper, — ele diz finalmente, me oferecendo um sorriso esperançoso. — Você parece... diferente. Seu cabelo ... — Seus olhos caem no meu colar, e ele para de falar.

Eu arranco o capuz de Baron sem responder, então hesito com o último cara. O primeiro cara eu não conheço, o primeiro do time de futebol que vou enfrentar além dos Dolces. De repente, minhas palmas ficam úmidas e meu coração está gaguejando em um ritmo doentio e cambaleante. Mas foda-se esse cara. Foda-se todos esses caras. Eles não conseguem mais ter poder sobre mim. Eu tenho o poder aqui. Mesmo que não estivessem empatados, tenho algo que nenhum deles jamais terá. Eu tenho integridade, mesmo que um pouco, e tenho a armadura à prova de balas de não dar a mínima.

E estou perdendo algo que todos morreriam para proteger - suas reputações, seus nomes, seus segredos. Não tenho nada a perder, nada para eles levarem. O que significa que eles não têm nada para usar contra mim, nenhuma arma em seu arsenal. Eles não podem me tocar. Eles fizeram o pior, então o que eles podem fazer agora?

Arranco o capuz do último cara.

Dawson Walton pisca de volta para mim na penumbra, e meu desfiladeiro sobe à minha garganta. Eu sabia que ele era um jogador de futebol, mas não

sabia a profundidade do desgosto que sentiria por ele quando visse seu rosto. Não consigo me lembrar de uma única vez que ele falou comigo, mas agora sempre vou lembrar que ele viu meu corpo nu, me tocou enquanto eu estava impotente para detê-lo, enfiou seu pau nu em mim sem camisinha, entrou em mim.

Algo em minha cabeça bate pesado e sólido, e sinto uma mudança dentro de mim, como um terremoto, as placas escorregando e fazendo o mundo inteiro tremer. Eu balanço em meus pés, e meu punho se conecta com o lado de sua cabeça com tanta força que sua cadeira inteira tomba para trás. Ele bate no chão e tomba de lado, e minha respiração fica um pouco mais rápida. Meu coração está disparado, mas finalmente encontrou o ritmo correto, depois de meses um pouco fora de sincronia. Eu não sabia que ia bater nele até que eu fiz isso, mas porra, isso foi bom.

Afinal, eu não me importaria de dar um soco no time de futebol inteiro.

Olho por cima do ombro. Royal está sentado na beira do fosso a apenas alguns metros de distância, com as pernas balançando, minha bolsa descansando em seu colo. Eu encontro seu olhar, e tenho que me virar rapidamente para que ele não me veja sorrindo. É apenas adrenalina. Não é porque me sinto viva.

Pelo menos, não vou deixá-lo saber disso. Foda-se ele. Ele não merece crédito por isso.

Eu levanto meus punhos e olho de um dos gêmeos para o outro.

— Você pode tirar seus anéis primeiro? — Duke pergunta. — Não estou dizendo que não merecemos nossas luzes apagadas, mas essas parecem que vão doer pra caralho. Você não quer estragar esse rostinho bonito, quer?

— Não estragamos a sua cara, — acrescenta Baron. Ele não disse uma palavra, mas está me observando com aquela intensidade enervante que me faz querer desviar o olhar.

Eu não.

— Sério? — Eu pergunto. — É com isso que estamos indo?

Pego meu telefone e envio uma mensagem rápida. Quando eu olho para cima, os gêmeos estão trocando um olhar que carrega um significado que eu não entendo.

— O treinador vai nos colocar no banco se parecer que estamos lutando, — Duke diz rapidamente. — E ei, você já quebrou um dos meus dentes e meu

nariz.

Lembro-me de meu joelho acertando seu rosto. A crise quando meu cotovelo atingiu sua boca naquela noite, enquanto eu lutava para me libertar. É uma coisa tão pequena e insignificante comparada ao que eles fizeram.

— E isso equivale a me amarrar e deixar todo o seu time de futebol me estuprar?

Eles trocam outro olhar.

— Diga a ela, — Royal grita atrás de mim.

— Não foi toda a equipe, — diz Baron, apontando com a cabeça para Dawson. — Éramos só nós três.

Eu encaro Baron, tentando engolir. Tentando encaixar essa informação no que sei sobre aquela noite que nunca acabou, aquele pesadelo que nunca acabou. Não quero ter que juntar as peças do quebra-cabeça, pensar tanto nisso, olhar tão de perto. Não posso.

— Besteira, — eu digo, olhando para ele.

— Realmente foi, — diz Duke. — Juro. Nós só queríamos foder com você um pouco.

Um texto chega no meu telefone, e eu o pego novamente e o abro. Um flash doentio aperta atrás do meu umbigo, me deixando tonta. Pego meu telefone e viro a tela para eles.

— Isso parece que você fodeu comigo *um pouco*? — Eu pergunto, empurrando o telefone na cara de Duke. Eu nunca olhei as fotos de Preston. Eu gostaria de não ter. Mas quero que vejam quando não estão na febre da perversão como naquela noite. — Parece que três caras me foderam?

Duke vira o rosto, lutando contra a amarra que prende suas mãos atrás das costas, contra a cadeira. — Ok, ok, talvez tenhamos nos empolgado, — diz ele. — Guarde isso e contaremos o que aconteceu.

— Eu sei o que aconteceu, — eu rosno, rolando para a foto do meu rosto e empurrando-a na frente dele. — E que tal isso para não estragar meu rosto? Eu pareço a porra do Coringa. Fiquei assim por uma semana. Então, você quer me dizer por que eu não deveria fazer o que seu irmão fez com Colt parecer misericordioso?

— Sinto muito, — diz Duke, apertando os olhos fechados. — Foi só um jogo.

Engulo em seco, meu estômago azedo e tremendo. — Para você, — eu digo baixinho, enfiando meu telefone de volta no bolso. — A vida de todo mundo é um jogo para você. Mas não é um jogo para eles. Não era um jogo para mim.

— Sinto muito, — diz ele novamente, e acho que o psicopata vai realmente chorar. — Por favor, apenas me derrube.

— Como se você tivesse me nocauteado? — Eu pergunto. — Oh espere. Isso teria sido misericordioso demais. Você queria que eu sofresse. Isso é mais divertido, não é?

A boca de Duke abre e depois fecha, e ele olha para mim com olhos tão suplicantes que quase caio nessa. Mas eu sei melhor.

— Você gosta de humilhação, certo? — Eu digo, inclinando-me e descansando minhas mãos em seus joelhos. Suas pernas não estão amarradas à cadeira, mas sei que ele não vai me chutar. Ele é um menino triste, um covarde como todos os valentões. Ele sabe que eu poderia chutar seu traseiro sozinho, que a única razão pela qual ele me dominou antes foi porque havia três deles e apenas uma de mim. Royal não vai salvá-lo desta vez.

— Então você deveria amar isso, — eu digo. — Chame de brinde. Você pode jogá-lo de volta na minha cara a qualquer momento.

— O que você está falando? — ele pergunta.

— Pegue isso, — eu digo. — Eu realmente pensei que você fosse meu amigo. Que tal isso de humilhante? Entrei no seu joguinho e me importei com você. Não como todas as suas garotas Dolce que só querem um garoto foda, ou alguém para comprar um colar para elas, ou para ser vista em seu braço. Eu realmente me importava com você, Duke, por mais difícil que você tornasse isso. Você era como... O irmãozinho desagradável que eu nunca tive.

Ele engole, suas narinas queimando. — Éramos *amigos*, — diz. — Ainda podemos ser.

— Não, — eu digo bruscamente, endireitando-me para ficar sobre ele. — Você não pode contar essa mentira, nem para si mesmo. Porque aqui está o que é ainda mais humilhante. Eu estava tão animada por ter um amigo, tão *desesperada*, que realmente acreditei que o sentimento era mútuo. Você não precisava fingir que eu gostava quando você me estuprou, Duke. Você poderia

ter jogado nossa falsa amizade na minha cara. Isso é mais humilhante do que uma resposta biológica sobre a qual não tenho controle. Eu deveria ter controle sobre minha mente. Eu deveria saber que você nunca poderia se importar genuinamente com ninguém. Afinal, seu amor levou uma garota ao suicídio, não foi? Deve ser assustador pensar em realmente cuidar de alguém novamente depois disso.

— Harper, — diz Baron. — Você está sendo uma vadia.

Solto uma risada incrédula e cruzo os braços. — Acho que ganhei o direito de ser uma vadia. Acho que ganhei o direito de esmagar seus testículos até que rompam, se é isso que eu quero fazer. E você... Você ganhou o direito de permanecer em silêncio, a menos que esteja beijando meus pés e me dizendo o quanto você está arrependido.

— Eu sinto muito, — diz Duke.

Eu me inclino até nossos narizes quase se tocarem. — EU. Não. Aceito. Sua. Desculpa.

Eu rosno minhas palavras uma por uma, e Duke se encolhe.

Baron está certo. Estou sendo pior que uma vadia. Estou sendo um monstro. Mas eles despertaram esse monstro dentro de mim, e ele tem algo a dizer.

— Ele não era o único ali, — diz Baron.

Eu sorrio e me viro para ele. — Não se preocupe. Sua vez também está chegando, Baron.

Ele apenas me observa por trás dos óculos e, ao contrário de Duke, não consigo ler nada em sua expressão. Ele não parece arrependido, e sei que se conseguir um pedido de desculpas dele, não será real. Ele não está arrependido do que fez. Se ele começar a se arrepender agora, será do que Royal me acusou - apenas lamentar por ter sido pego. Baron pode vir a se arrepender do que fez comigo, mas não vai se arrepender de me machucar. Ele fez isso intencionalmente e gostou. Ele gostou de me fazer sangrar. Ele é o sádico da família.

Eu olho de um para o outro, e então balanço minha cabeça. — Sabe, não sei o que é pior. Destruir a vida de alguém porque você acredita que tem o direito e realmente quer fazer isso e se divertir, ou fazer isso mesmo sabendo que é errado.

Dawson geme de seu lugar no chão ao lado de Baron.

— E ele? — Duke pergunta. — Como é que você não está rasgando-o um novo?

— Não tenho nada a dizer a ele que não possa ser dito com os punhos, — eu digo. — Eu nem o conheço.

— Sortudo bastardo, — Duke murmura, puxando os laços em suas mãos.

— Vamos acabar com isso, — diz Baron. — O que você tem para mim, Jailbird? Acerte-me com seu melhor tiro.

— Você não pode mais me chamar de apelidos. Não somos amigos e nunca fomos. E também não tenho muito a dizer a você, além de que você é um pedaço de lixo inútil que sua mãe provavelmente rezava para abortar no banheiro toda vez que ia ao banheiro. Acho que é você quem precisa falar agora.

Ele olha para Royal, uma carranca escurecendo sua testa, antes de voltar seu olhar para mim. — Éramos apenas nós, — diz ele, balançando a cabeça para os lados. — Nós os três. Depois que deixamos Royal, pegamos Dawson e voltamos para buscar você.

— Isso não é possível, — eu digo, balançando a cabeça, tentando encaixar isso com a realidade do que eu vivi, o pesadelo da noite que nunca acabou.

— É, — diz Duke, dando-me um pequeno sorriso, o fantasma de seu sorriso de admiração. — Queríamos foder com você, fazer você pensar que eram todos caras diferentes. Veja, eu gosto de beber, e Baron gosta de tag team², então ele está trabalhando neste pequeno... projeto de química para curar pinto de uísque.

— E foi assim que um pequeno coquetel que você deve conhecer como Alice no País das Maravilhas nasceu, — Baron diz, parecendo tão orgulhoso de si mesmo que eu quero castrar sua bunda. — Ou talvez você tenha ouvido isso chamado Lady Alice, ou a Pearl Lady, ou Blue Pearls.

— Convencemos Dawson a ir conosco e todos pegamos algumas pérolas para podermos passar a noite toda e depois voltamos ao País das Maravilhas para encontrar nossa Alice, — diz Duke.

Eu amplio minha postura, pressionando minhas botas na terra compactada, tentando não balançar em meus pés. Não consigo obter oxigênio suficiente e acho que posso desmaiar se ficar mais tonta. Eu balanço minha cabeça lentamente para frente e para trás, esperando que, se eu continuar me movendo,

a tontura passe e eu não desmaie.

— Muito inteligente, certo? — Duke diz, sorrindo para mim esperançoso. — Colocamos um pouco de spray corporal e coisas diferentes, e nos movemos e fizemos barulho, então você pensaria que era todo mundo.

Eu o encaro, tentando engolir, mas não consigo. Acho que vou vomitar na cara dele.

— Uau, — eu digo finalmente, lentamente começando a bater palmas. O barulho soa distante e pequeno no enorme armazém. — Você não trouxe seus amigos para estuprar uma garota. Você só a fez *pensar* que sim. Você é um excelente ser humano, Duke Dolce. Dê a si mesmo uma porra de uma estrela dourada.

Ele olha para Royal atrás de mim, confusão escrita em seu rosto. — Quero dizer, isso é bom, certo? Éramos só nós.

— Sabe, você pensaria que eu me importaria, — eu digo.

A verdade é que quero me sentir aliviada, e acho que deveria, mas só há raiva dentro de mim. É tarde demais. O estrago estava feito, porra. Não posso desfazer isso só porque sei a verdade. Não posso desfazer meses de pesadelos, sem saber quantos deles me foderam, avançando para fazer sua vez em uma procissão silenciosa, despojando minha dignidade e humanidade. Não consigo desfazer a lembrança disso, o horror de senti-los se aproximando de mim, sem saber quem eram ou o que fariam, estranhos me tocando e empurrando dentro de mim um por um, tirando tudo de mim até que nada restou, nem mesmo minha alma.

Só posso saber que esses meninos intencionalmente me fizeram pensar nisso apenas para me torturar psicologicamente mais do que já haviam feito. Que tipo de pessoa pensa em algo tão horrível? Gosto de entender as pessoas, de ver as coisas como elas podem, mas isso está além da minha capacidade de compreensão.

— Então o que você vai fazer? — Baron pergunta. — Porque estamos aqui há algum tempo e meus ombros estão doendo.

Eu apenas olho para eles, e parece tão vazio. Royal me trouxe a porra de um prêmio, mas não consigo aproveitá-lo. Eu não sou como eles. Eu não sou tão sádica. Machucá-los não vai desfazer a dor que eles me causaram. Eles nunca vão entender o que fizeram. Eles não podem. De qualquer forma, não tenho certeza se eles são capazes de sentir remorso de verdade.

— Tudo bem, — eu digo. — Eu vou fazer o que seu irmão queria e nocauteá-lo.

Eu passo atrás de Duke e vejo que eles estão amarrados. Eu olho para Royal, que me joga uma faca. Eu a pego, e meus olhos encontram os de Baron, e algum entendimento passa entre nós. Eu poderia cortá-lo. Lembro-me de quando ele cortou minhas roupas e disse que não ia me cortar. Como se isso fosse a pior coisa que ele poderia fazer. E agora Baron sabe que eu poderia cortá-lo. Eu poderia esquartejá-lo e Royal não me impediria. Ele está sentado e assiste da mesma forma que os assistia me punirem.

E, por alguma razão, esse é o momento em que me ocorre — que presente importante ele está me dando. Não porque de repente valorizo mais, já que não significa quase nada para mim, mas porque entendo o quanto significa para Royal. Em sua mente distorcida, isso é um enorme sacrifício, uma demonstração pública de seu respeito por mim. Ele não está se curvando para mim — Royal não faz isso, — mas está me levantando, mostrando a seus rapazes que não deve foder comigo, que também sou uma chefe, talvez até igual a ele.

Ele poderia ter chutado a bunda deles para me vingar, mas não o fez. Ele adiou para mim. Eu sei o quanto ele deve ter desejado aplicar esse castigo sozinho, o quanto ele está se segurando para me deixar obter a vingança *que eu* quero, em vez de enlouquecer e fazer isso por mim, obtendo a vingança que ele acha que eu mereço. E embora ele não tenha trazido uma audiência porque isso exporia o que foi feito a mim para pessoas de fora do grupo que o fez, ele está fazendo questão. Os três são testemunhas e farão o resto da escola entrar na linha. Royal está fazendo uma declaração, e eles vão espalhar como o evangelho: não estou apenas sob sua proteção, mas tenho sua bênção para fazer o que quiser por conta própria, e ele vai me apoiar.

De repente, não me sinto apenas forte. Eu me sinto invencível. Pela primeira vez na minha vida, eu tenho poder. Não apenas proteção, como eu tinha como namorada de Royal, mas algo que é todo meu, mesmo que seja derivado de minha associação com ele. Sinto isso crescendo dentro de mim com a percepção de que posso fazer o que quiser agora. Esses garotos têm muito medo de Royal para me impedir, e ele me deve muito para me impedir. Por mais tentador que seja me empanurrar até ficar bêbada com essa nova sensação, causando estragos e fazendo chover fogo sobre aqueles que me prejudicaram, eu recuo. Eu poderia pintar o fosso com o sangue deles, mas não vou.

Eu sou mais inteligente do que isso, inteligente o suficiente para pegar essa moeda e aproveitá-la em algo mais do que uma noite de vingança. Eu não sou impulsiva. Às vezes eu me permitia fingir que estava com Royal, mas era só para me divertir. Não é assim que quero viver minha vida. É como ganhar dez mil dólares na loteria. Minha mãe largava o emprego, enlouquecia com festas e

estragava tudo em uma semana ou um mês de devassidão. Eu pagaria o aluguel, me candidataria às melhores escolas, compraria roupas bonitas para uma entrevista com o conselho de admissões e voaria para visitar as melhores escolas. Talvez o jeito dela seja mais divertido, mas depois da festa, ela estaria de volta onde começou, e eu estaria fora daqui para sempre.

Lembro-me de Colt dizendo que ataquei tudo com força bruta. Talvez ele estivesse certo na época, mas aprendi uma ou duas coisas desde então. Eu não sou mais aquela garota. Não ataco todos os desafios como uma marreta. Uma bola de demolição não é a única maneira de demolir uma casa condenada.

Corto as cordas de Duke e me afasto, observando-o esfregar as mãos e revirar os ombros. — Você quer que eu lute com você? — ele pergunta, apontando para o poço atrás de mim. — Porque eu não bato em garotas.

Eu poderia rir da ironia, mas não. Estou focada agora. O poder vem com responsabilidade, afinal. Não vou ser um glutão e usar tudo de uma vez como um novato que nunca provou a doce incerteza nos olhos de alguém quando olha para você como se você fosse alguém que pudesse machucá-los. Posso não ter experiência com isso, mas tenho um cérebro. Este poder tem que ser usado com cuidado se eu quiser que dure.

— Foi você quem me queimou? — Eu pergunto, pensando no D que está marcado na parte de trás do meu quadril, a cicatriz feia que me torna incapaz de olhar por cima do ombro no espelho sem reviver aquela noite. É pequeno, não tem nem um centímetro de altura, mas é tudo o que vejo.

— Queimou você? — Ele pergunta, levantando-se e sorrindo para mim. — Não, baby, eu não queimei você. Acabei de deixar minha marca para saber onde estive.

Eu balanço e ele se abaixa. Meu golpe atinge sua mandíbula. Ele ainda está esfregando quando eu entro com um gancho de esquerda. Não tenho uma arma nessa mão, mas ainda assim o coloco de joelhos.

— Dê-me o seu isqueiro, — digo, de pé sobre ele e estendendo a mão.

— O que? — Seu olhar salta para o meu. — De jeito nenhum. Você é louca pra caralho.

— Seu ponto? — Eu digo, gesticulando novamente.

Ele olha para cima e para a minha esquerda, onde Royal está sentado. Não me viro para ver o que Royal vai dizer. De alguma forma doentia, tenho total confiança nele agora. Eu conheço o Royal. Seus irmãos podem não acreditar que

ele vai sentar aqui e me deixar fazer o que eu quiser, mas eu sei que vai.

Ele os trouxe aqui para mim e deve ter decidido antes de eu chegar aqui que não iria me impedir, não importa o que eu fizesse. Ele estava preparado para me ver matar seus próprios irmãos se isso fosse o que eu queria fazer.

Mas ele também me conhece. Ele sabe que eu não faria isso.

Eles podem não saber disso, no entanto. Eles só sabem que ele me colocou em primeiro lugar, e não posso deixar de pensar no que isso fará com sua família já irreparavelmente quebrada.

Isso não vai me impedir de fazer o que preciso fazer por mim, no entanto.

Duke relutantemente entrega o isqueiro, resmungando ao fazê-lo. Tiro o soco-inglês da mão direita e viro-o, aquecendo-o da mesma forma que ele aqueceu o anel. Eu sei o que ele usou para me marcar. Eu notei seu anel D grosso antes. Vê-lo em seu dedo hoje à noite apenas me fez perceber que combina com o D na parte de trás do meu quadril direito.

— Uau, de jeito nenhum, — diz Duke, lutando para ficar de pé e se afastando. — Você não está me marcando com a palavra *Boneca*.

— Eu não tenho certeza se você tem uma palavra a dizer sobre isso, — eu digo. — Também não pedi para ser marcada com sua inicial.

— Cara, *por favor*, — diz ele, parecendo realmente assustado. — Você não sabe o que essa palavra significa por aqui.

Eu hesito nisso. Ele tem razão. Não sabia que tinha um significado mais profundo. Nunca perguntei a Preston por que ele colocou as letras nos anéis que escondem os socos ingleses, qual era o significado, embora ele tenha as mesmas letras tatuadas em sua própria mão. Se eu tivesse pensado nisso, teria descartado isso como tendo a ver com a maneira como ele pensa em mim, a maneira como ele me trata. Sou sua boneca para vestir, arrumar e cuidar, sua propriedade, da mesma forma que fui o brinquedo de Royal. Tornei-me um peão entre essas famílias poderosas, inexplicavelmente ligadas a ambas, emaranhadas nas teias que continuam a tecer ao meu redor, mesmo enquanto luto para me libertar.

— O que isso significa? — pergunto, inclinando a cabeça para Duke e deixando a chama morrer quando o isqueiro fica tão quente que começa a queimar meu polegar.

— Significa... que eu pertenço aos Darlings, — ele diz calmamente, seus olhos cheios de alguma resignação que eu não entendo. — Assim como este

colar que você está usando.

Suas mãos caem para os lados, e ele apenas fica lá, esperando que eu faça isso. Não há medo em sua expressão, nem amargura. Ele entende que isso é um castigo e aceita porque sabe que estragou tudo. Ele sabe que merece qualquer justiça que eu sirva.

Não tenho certeza se posso distribuir isso, no entanto. Por um segundo, penso nisso. Sobre o quanto sua família odeia os Darlings, o quanto ele vai odiar ter sua reivindicação permanentemente gravada em sua pele. E então penso em quão pouco ele pensou em me fazer viver meu pior pesadelo. Quão pouco ele hesitou. Quão pior ele me fez pensar que era, deleitando-se com seu jogo doentio.

Aqueço o restante das cartas, dou um passo à frente e digo a ele para levantar a camisa. Quando pressiono os anéis grossos em sua pele, tenho que morder meu lábio porque o calor do metal também queima minha mão. Duke suga a respiração e olha para longe, para o teto, sua mandíbula apertada e suas narinas dilatadas. Mas ele não luta. Ele aceitou sua punição.

Quando me afasto, sua pele está irritada e vermelha, bolhas já se formando. Dirijo-me ao Baron. Eu penso em queimá-lo também. Ou eu poderia lutar com ele, ele revidaria, tenho certeza. Ele gosta de dor. Pode até excitá-lo.

Um arrepio passa por mim, e tenho que colocar meu rosto em uma expressão neutra e forçar minha mente racional a manter as rédeas. Não é hora de surtar. Preciso encontrar o que Baron mais valoriza.

Depois de um minuto, estendo minha mão. — Eu quero a chave.

Um ponto puxa entre suas sobrancelhas. — Que chave?

— A chave mestra da escola.

Ele engole e olha para Royal, e embora seja sempre difícil de ler, posso ver o brilho de surpresa em seus olhos, talvez até pânico.

— Você nem vai a Willow Heights, — ele diz, voltando seu olhar para mim.

— Eu vou.

— Não posso simplesmente lhe dar a chave, — diz ele. — Eu jurei protegê-la.

— Tenho certeza que você jurou, — eu digo. — Eu sei como funciona. O cão superior recebe a chave. Foi do ano passado de Royal e agora é sua. E eu a quero.

Seus olhos se estreitam. — Pelo que?

— Você vai ver.

Ele hesita um longo momento. — Eu não posso dar a você, — diz ele finalmente.

— Achei que você diria isso, — admito, parando atrás dele e cortando os laços em seus pulsos. — Então vamos lutar por isso, de forma justa.

Royal fica tenso, com as mãos segurando a borda do fosso ao lado de seus quadris, como se ele pudesse pular e interceptar. Dou a volta na cadeira e me afasto dele para encarar seu irmão.

Baron esfrega os pulsos e trabalha as dobras nos ombros por um minuto antes de se afastar das cadeiras e entrar no ringue de terra. — Regras? — ele pergunta.

— Sem regras, — eu digo. — Lute até o nocaute.

Ele balança a cabeça e levanta os punhos. Eu levanto o meu, e uma faísca ganha vida em minha barriga. Adoro o foco, a adrenalina, a clareza da luta. Eu não sabia o quanto eu sentia falta disso. Quando acerto o primeiro golpe, a faísca fica mais forte, tornando-se uma brasa ardente quando me esquivo do primeiro golpe de Baron. É muito difícil, e eu uso o poder contra ele, correndo para afundar um joelho em seu estômago enquanto ele tenta se corrigir. Ele amaldiçoa, mas se vira para me encarar em vez de cair de joelhos. Ele está respirando com dificuldade, seus olhos vivos por trás dos óculos.

Lembro-me dele dizendo que éramos parecidos, e talvez de certa forma sejamos, porque também estou viva neste momento. Trocamos golpes e, desta vez, ele acerta meu queixo. Mas ele puxa seu soco, super compensando o último. Ele está aprendendo rápido, no entanto. Esse filho da puta deveria estar no ringue todo sábado à noite com Royal. Eu preciso acabar com ele rápido se eu quiser uma chance.

Eu bato em seu queixo com um uppercut³, e ele dá um passo para trás, cuspidando sangue no chão de terra. Então ele balança, mas quando eu bloqueio, ele se afasta e gira para acertar um chute na parte inferior das minhas costas. Seu pé me acerta com tanta força que saio voando, batendo na parede de terra e ricocheteando, batendo no chão com força suficiente para perder o fôlego. Ao

contrário de Merciless e algumas das outras garotas que eu costumava lutar, eu não sou uma lutadora de artes marciais mistas. Eu sou uma boxeadora. Mas o Baron não luta aqui, então ele não conhece as regras, e eu disse a ele que não havia regras. O que significa que esta noite, vale tudo.

Ele se aproxima de mim e se abaixa como se fosse agarrar meu cabelo e me nocautear enquanto estou caída.

Foda-se isso.

Se estamos lutando sujo, tenho alguns movimentos no bolso de trás para quando lutei com vadias sujas no box antes. Apoiando minhas mãos no chão, eu giro meu corpo ao redor, cruzando minhas pernas em torno dele e varrendo seus pés debaixo dele. É um dos meus únicos movimentos do chão, mas ele não me viu lutar o suficiente para saber disso. Seus joelhos aterrissam no chão e eu rolo para longe, fico de pé e dou uma chute no rim com a bota. Peito por maldito olho.

Ele cai para a frente sobre as mãos e os joelhos, e eu pulo, agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para cima. Quero ver a cara dele quando eu der o nocaute. Ele bate em mim, afundando um punho em minhas costelas. A dor explode do meu lado, e meu torso dobra dessa forma, mas eu não solto. Aproveito o impulso para bater com o punho na lateral da cabeça dele o mais forte que consigo, e ele cai no chão.

Eu caio de joelhos, respirando com dificuldade. Por um minuto, não consigo ouvir nada além do zumbido em meus ouvidos devido à dor. Meu rim, minhas costas, meu lado e minha mandíbula latejam com fortes pontadas de agonia. Esqueci o quanto dói levar um golpe, e Baron é mais forte do que qualquer um que já enfrentei no ringue. Eu me levanto, rolo-o e pego suas chaves. Depois de jogá-las para Royal, vou até as cadeiras. Eu chuto a cadeira de Dawson para que ele fique deitado de lado e pressiono um pé na lateral do seu pescoço.

— Eu não te conheço, mas conheço sua irmã, — eu digo. — Eu sei o quanto você quer que todos acreditem que você tem tudo, mas você não tem. É tudo mentira. Você é uma farsa, assim como todos na sua família. Você provavelmente vai me dizer que estava fingindo isso também, que você é um cara legal por baixo de tudo. Que você estava apenas fazendo o que tinha que fazer para poder ficar com a multidão, cumprindo ordens. Mas chega um ponto em que ser um covarde não o torna patético, mas mau.

Dou um passo para trás e dou um chute rápido em suas bolas. Deve ser bom, porque ele vomita instantaneamente.

— Só porque eu não denunciei você, isso não significa que eu não possa, — eu digo. — Eu posso ter parecido um alvo fácil quando seus amigos apontaram você na minha direção, mas eu também tenho amigos agora, seu pequeno verme. Um deles tem um nome ainda maior que o seu, bolsos sem fundo, fotos daquela noite e um cobertor em que ele me envolveu. Acho que está coberto pelo seu DNA e, pelos comentários que você fez naquela noite, acho que você conhece as implicações disso.

É uma trapaça trazer outra pessoa para uma briga, ameaçá-lo com um poder que pertence aos Darlings e não a mim. Mas é o mesmo que usar o nome de Royal. E aqui está a coisa - eu estive sozinha toda a minha vida. Já fiz coisas por conta própria, e foi aqui que acabei.

Pessoas ricas não chegam lá sozinhas, a menos que ganhem na loteria. Eu vi com meus próprios olhos na noite em que Royal me levou ao Cliff's. A família Rose e a família Dolce estão entrelaçadas. Eles ajudam uns aos outros em vez de se apegarem a algum individualismo teimoso. Todas as famílias ricas da cidade fazem favores umas às outras e todos se beneficiam. Se vou ficar presa nas teias de ambas as famílias rivais, se eles não vão me deixar ir, então tenho certeza de que vou conseguir algo com isso, mesmo que seja apenas poder por associação.

Ambos me usaram. Agora é minha vez.

Eu me curvo e olho para o rosto enganosamente bonito de Dawson, agora pálido. — Vou fazer um acordo com você, Dawson Walton. Vou me apegar a essa evidência, assim como me agarrei ao segredo sobre você ser bolsista. Não tenho certeza se toda a sua família merece a vergonha que você lhes trará. Como você já se formou, presumo que esteja indo para a universidade em algum lugar e nunca mais o verei. Certifique-se de que isso aconteça. Entendido?

Ele acena com a cabeça, fechando os olhos enquanto fica deitado em uma poça de seu próprio vômito. — Entendi.

— Bom, — eu digo. — Você pode pensar que garotas como eu não vão à polícia porque suas irmãs não o fizeram quando os Dolces as machucaram. Sua família pode ter varrido isso para debaixo do tapete para manter sua reputação intacta, mas não tenho nada a ganhar ficando calada.

Ele acena com a cabeça, seus olhos ainda bem fechados. Eu me inclino sobre ele. — Você acha que os caras por aqui se safam de qualquer coisa. Afinal, você tem os Dolces do seu lado e eu sou um alvo fácil. Uma garota como eu não tem apoio nem influência. Mas sou inteligente e também tenho aliados. Ao contrário de você, vivi aqui toda a minha vida. Eu sei qual policial acredita nas garotas do estacionamento de trailers porque ele também é de lá. Eu sei qual deles vai lutar para que eu seja ouvida. Lembre-se disso quando voltar para casa para visitar sua família. Cada vez que você pisar nesta cidade, você está no *meu* território. Pise com cuidado.

Eu me viro e me afasto, até a beira do fosso onde Royal está sentado. Ele me entrega uma chave e joga as outras em Baron, que está caído no chão. Apenas Duke permanece de pé, apenas olhando para nós com aquela expressão de garotinho perdido que faz meu coração doer. Não posso deixar de sentir pena dele, mesmo depois de tudo o que ele fez. Mas isso não significa que eu tenha que perdôá-lo.

Estendo a mão, e Royal a pega e me puxa antes de devolver minha bolsa e a chave. Não dizemos uma palavra enquanto passamos pelos corredores de caixas, caminhando lado a lado. Quando saímos para a noite abafada e a porta se fecha atrás de nós, ele se vira para mim. — Isso é tudo que você tem para Dawson?

Eu tomo nota do fato de que ele não disse nada enquanto alguém poderia nos ouvir. Embora ele obviamente não concorde com minha decisão, ele não me questionou na frente de ninguém. Ele mostrou a eles que eu tinha seu total apoio em tudo o que eu queria fazer ou não fazer. Somente quando estamos sozinhos ele expressará seu desacordo. Seu presente não era apenas entregar minha vingança, e esta noite não era apenas chutar o traseiro de alguém pelo que eles

fizeram. É muito mais do que isso. É sobre o que ele está sacrificando por mim, o que ele está me dando para me fortalecer depois que todos eles me derrubaram.

Eu dou de ombros. — Eu sei que você acha que o que ele fez é pior, mas é só porque ele fez sem a sua permissão. Você entende e ama seus irmãos. Você sabe por que eles são do jeito que são. Tenho certeza de que Dawson tem seus motivos e tem uma família que o ama também.

Escárnios reais. — Ele é fraco.

— Você está certo, — eu digo. — E isso faz parte. Ele pode ter participado, mas fez isso por causa de algum sentimento doentio de vínculo com seus irmãos, e tenho certeza que eles prometeram imunidade a ele por isso. Mas não era pessoal. O que seus irmãos fizeram...

Engulo em seco. Eu não posso nem começar a dizer essas palavras para Royal. Eu quero morrer quando penso que ele já sabe. Eu respiro fundo e paro em seu carro, apertando minhas mãos em punhos e pressionando minhas unhas em minhas palmas para não abrir as feridas em meus braços novamente. Royal abre a porta, eu entro e espero que ele se sente no banco do motorista antes de falar novamente.

— Eu não espero que você entenda, — eu digo. — Tenho meus motivos para fazer o que fiz. Claro, Dawson é uma merda, mas ele nem mora aqui. Acho que ele só está de volta à cidade porque você o trouxe de volta para mim. Mas eu não preciso de vingança.

Royal liga o carro, mas fica parado, olhando para a frente. — Se eu fosse você, teria matado todos eles.

Mais uma vez, o pensamento de quanto poder ele me deu ameaça me intoxicar. Ele teria me deixado matar seus próprios irmãos, e isso significa... Tudo. Família vem em primeiro lugar com Royal. Se ele me escolhesse ao invés de seu próprio sangue...

Não quero nem pensar no que isso significa.

— E você? — Eu pergunto, virando-me para ele. — Você é inocente em tudo isso?

— Você sabe que eu não acho isso.

— Bom, — eu digo. — Porque é o ambiente que você criou que permite que um cara como Dawson pense que está imune às consequências. Que ele

pode se safar de qualquer coisa.

— Você apenas o deixou, — realça Royal. Ele engatou a marcha e entramos na estrada, seguindo pelas ruas desertas de Faulkner.

— Qual é o seu castigo? — Eu pergunto.

— O que você quer que seja? — ele pergunta.

Eu dou de ombros. — Eu tenho o que tenho. Os gêmeos e Dawson tiveram o que tiveram. O que você ganha?

— Eu entendo você.

Um bufo me escapa. — Eu sou o seu castigo?

— Você, não é?

Eu me viro para a janela. Talvez eu seja. Ver-me é sua penitência. É uma tortura para mim, mas não pensei que pudesse ser uma tortura para ele também. Deixar-me tirar o que eu queria daqueles três meninos é uma penitência para ele também. Eu sei o quanto ele gostaria de machucá-los. Mas tenho minhas próprias maneiras de fazer as coisas, maneiras que são ainda mais cruéis. Tirar o que eles mais valorizam vai doer mais do que uma surra. Não sei o que Dawson valoriza, exceto sua reputação, e ele já está fora de Willow Heights, então não posso aceitar isso. É o suficiente nunca mais vê-lo, mesmo que Royal esteja certo, é uma punição insuficiente.

Mas talvez tudo bem. Talvez eu não precise mais do que ele saber que eu ainda poderia acabar com ele se eu quisesse. O que eu fiz com os gêmeos, porém, foi satisfatório. Isso me ajudou mais do que Royal batendo em alguém por mim. Mais do que teria *me ajudado* a vencê-los. Quando viramos na Mill Street, percebo que me sinto... Vazia. Mas é no bom sentido, como me sentiria depois de uma longa e dura luta em que saí por cima. Algo dentro de mim voltou ao lugar, como um ombro deslocado que foi ajustado. Ainda está dolorido, mas parece bom de novo.

Eu odeio isso. Odeio que Royal soubesse do que eu precisava quando eu não sabia. Que ele me deu, e agora ele faz parte disso. A glória não é toda minha. Ele é um pedaço disso, colorindo do jeito que colore tudo na minha vida, como se ele fosse parte de mim agora e não tivesse como me libertar. Seu toque contaminou tudo, meu corpo e alma, minha destruição e agora, minha redenção. Ele fez parte da minha queda e agora sempre fará parte da minha ascensão. Isso me faz querer gritar. Por que não posso me livrar dele?

Eu o odeio. Eu odeio que ele me obrigou a fazer o que eu precisava em vez do que eu queria, do jeito que Preston fez. Que ele me obrigou a enfrentar as coisas em vez de evitá-las, e que funcionou. Eu odeio que ele me faça me importar de novo - não por ele, mas por qualquer um, por qualquer coisa, por toda a *vida*. Odeio que ele me conheça tão bem, mesmo agora, quando finjo que estou tão mudada que ele nem me conhece. Odeio que tenha sido ele quem fez isso acontecer, esse sentimento bom dentro de mim, a paz, a satisfação e a esperança de que eu possa viver novamente.

Ele abanou a brasa em uma chama de vida dentro de mim, lembrando-me que há uma razão para continuar respirando. Odeio que ele tenha me ajudado depois de tudo que fez para me arruinar. Ele não merece crédito por juntar duas peças depois de me despedaçar em mil. E, acima de tudo, odeio que, quando cedi e parei de lutar e fiz o que ele queria, ele não perdeu o interesse. Ele não tentou acabar comigo e ir embora. Ele tentou me curar. E talvez, de alguma forma, ele tenha feito.

— Aonde estamos indo? — Duke pergunta.

Estamos de volta ao carro. Depois que deixei Harper na casa dela, voltei para buscá-los, mas não falei com eles.

— Há quanto tempo você sabe? — Baron pergunta baixinho do banco de trás.

— Tempo suficiente, — eu digo.

— Você nos disse que poderíamos ficar com ela, — Duke argumenta. — Você disse que estava acabado, e nós poderíamos fazer qualquer coisa que quiséssemos com ela. Você ia matá-la!

— Você não a matou.

— Você disse que ela estava morta para você.

— Eu disse isso para Crystal também, — eu digo baixinho.

O silêncio cai sobre o carro. Não dizemos o nome dela. Por quase dois anos, ninguém falou em voz alta. Não para nós, e não entre nós.

Mas me acostumei a falar sobre ela com Harper. No começo doeu de um jeito que dá vontade de falar de novo só pra ver se consegue, pra ver se vai doer tanto na segunda vez. Depois de um tempo, porém, tornou-se quase normal. Como algo que eu poderia colocar em uma conversa, e isso não calaria meus irmãos por cinco minutos seguidos.

— O que você está dizendo? — Baron pergunta finalmente.

— Agora você não terminou com ela? — Duke pergunta.

— Parecia que eu terminei com ela o verão inteiro?

— Achei que você só estava preocupado com a descoberta do corpo dela, diz Duke. — Ou que ela iria à polícia.

— Encontrei o link para os vídeos *OnlyPics*, — Dawson fala. — Eu envie para você para que você soubesse que ela estava viva.

— Você quer dizer, que você enviou para sua irmã? — Eu pergunto. Eu sentiria raiva se pudesse. Mas esta noite não é hora para raiva.

— Eu sabia que Lo iria até você, — diz Dawson. — Foi por isso que mostrei a ela. Se não fosse por mim, você nem saberia que ela estava viva.

Ele tem razão. Eu tinha parado de ir na casa dela. Se ele não tivesse nos mostrado o vídeo, eu não estaria dirigindo no dia em que vi a caminhonete de Preston estacionada do outro lado da rua de sua casa.

Eu não a teria seguido até a casa dele. E ela não teria tentado se matar. A raiva aumenta dentro de mim quando tenho que chegar à conclusão novamente de que ela estaria melhor se eu não soubesse que ela estava viva. Mas agora é tarde. Eu sei, e vou consertar isso. De alguma forma, eu vou.

Baron suspira. — Não importa se ela está viva, desde que não tenha procurado a polícia. Ela desapareceu, assim como Mabel. Ela foi cuidada. Por que você está desenterrando essa merda?

— Isso é tudo que queremos dos Darlings, certo? — Duke pergunta. — Para expulsá-los da cidade. Você até disse que, uma vez que eles se foram, não os seguimos. Você disse isso depois que Mabel foi embora.

— E quando você terminou com Mabel, eu trouxe meus amigos para se divertir com ela? — Eu pergunto. — Ou eu a puxei para fora do rio para que ela não pudesse morrer em você, porque eu sabia que você *não tinha* terminado com ela.

— Mas nós tínhamos, — diz Baron. — Nós não fomos atrás dela.

— Você não abandonou a escola e a perseguiu para outro estado, — eu esclareço. — Mas você sabe onde ela está. E *eu* sei que você está apenas ganhando tempo. Não tente foder comigo como se eu não o conhecesse, Baron. Não sou um de seus experimentos.

— Se você me conhece, sabe que o mundo é meu experimento, — diz ele.

Eu olho para ele pelo retrovisor enquanto passamos pelo portão, mas o idiota parece legal e controlado como sempre. É impossível irritar meu irmão. Eu nasci com um temperamento e um desejo ardente de destruir que está mais próximo do desejo de Duke de destruir queimando do que da maneira analítica e sensata de Baron de entender essa merda chamada vida.

— Então deveríamos saber que você não terminou com Harper? — Duke pergunta. — Como? Você nos disse para levá-la e fazer o que quiséssemos. Você

viu o que fizemos. Foi você quem quis assistir, para ter certeza de que sabíamos que ela era realmente nossa.

— Ela não é como Mabel, — Baron diz baixinho. — Mabel não fez merda nenhuma com a gente. Harper teria arruinado nossa família se não a tivéssemos impedido.

Paro na frente da casa dos Walton. Eu não posso nem olhar para ele. Eles são todos cobras, tão ruins quanto os Darlings. — Vá pegar seu carro, — eu digo para Dawson. — Nós seguiremos você.

— Aonde estamos indo? — ele pergunta. Ele não se mexe para sair. Ele parece assustado, como um maricas. Mas eu sei que ele vai obedecer, porque ele nem é tão forte quanto um maricas. Gatos têm garras. Dawson é uma ovelha. Ele não tem mente própria, nem vantagem, nem mesmo um instinto de sobrevivência. Ele é estúpido, macio e fraco, o tipo de pessoa que você não pode deixar de querer eliminar da existência.

A única razão pela qual ele teve alguma coisa em nossa escola foi porque deixamos. Nós permitimos porque havíamos prejudicado suas irmãs, e suportar sua amizade era nossa penitência. Porque ele jogava futebol e se encaixava na nossa torcida. Nós o deixamos ser um de nós, sentar ao nosso lado como se ele nos protegesse. Nós o deixamos entrar no time para que ele pudesse pegar as garotas que não queríamos. E em troca, ele tocou a porra da garota que eu queria — a única garota que eu sempre quis.

Ele vai pagar por isso.

Alguns minutos depois, estamos de volta à estrada, seguindo Dawson. Eu sabia que ele voltaria. Ele nem vai tentar correr. O idiota nem sabe que não somos mais amigos dele. Ele não tinha minhas costas. Ele tocou na minha garota. Todos os laços foram cortados no momento em que ele fez essa escolha, e nenhuma quantidade de nos mostrar que ela está viva pode apagar o que ele fez.

Ele fodeu minha garota.

Ele deve saber que não vai fugir desse erro.

Paramos na ponte, onde eu disse para ele ir, e pego uma bolsa no banco de trás. Dawson sai do carro como um cachorrinho obediente quando eu mando. Posso vê-lo suando na noite quente, posso sentir o fedor de seu medo.

— O que está acontecendo? — ele pergunta, sua voz alta com alarme. Faço um gesto para que ele me siga e caminho até o centro da ponte. Ele não vai lutar.

Ele é do tipo que pensa que se continuar seguindo as ordens, se continuar obedecendo, vai ser melhor para ele. Ele deveria saber. Nada pode mudar o resultado desta noite, as consequências de suas ações. Nada pode torná-lo melhor.

— Você está pagando pelo que fez, — eu digo simplesmente.

— Eu fiz, — diz ele, seu olhar voando de um de nós para o outro, como se meus irmãos pudessem ajudá-lo. — Acabei de fazer, cara. Olha, sinto muito por ter tocado em Harper, acredite em mim, eu nunca teria feito isso se soubesse que você ainda estava a fim dela. Eles disseram que você tinha terminado com ela, que você não se importava. Eles prometeram.

Eu olho para meus irmãos.

— Isso é o que você disse, — Duke aponta.

Eu falo devagar. — Eu a puxei para fora do rio para você quando você terminou com ela.

Ele engole e desvia o olhar. Ele sabe.

Este não é apenas o castigo de Dawson.

É deles também.

Eles também não vão lutar. Não pelas mesmas razões - meus irmãos não são fracos. Eles sabem como funciona o pagamento, no entanto. Baron sabe mais do que tudo, ainda melhor do que eu. Em sua mente, tudo é uma transação. É assim que seu cérebro mede a resposta apropriada na ausência de uma bússola moral. Eles não vão interferir agora mais do que eu interferi com eles e Mabel.

— Eu pensei que você estava deixando Harper acertar as contas, — diz Dawson, afastando-se de nós. — Isso é o que você disse quando cheguei em casa. Que eu tinha que enfrentar Harper. Não você.

— Ela acertou as contas, — eu digo. — Isso não é para ela. Isto é para mim.

Dawson olha em volta, como se fosse correr agora, quando é tarde demais. Não esperava que demorasse tanto para descobrir que nunca sairia desta ponte. Ele é ainda mais burro do que eu pensava.

— O que você quer que eu faça? — ele pergunta.

— Pegue seu telefone, — eu digo. — Você vai escrever um pequeno post antes de pular.

Seus olhos se arregalam e ele olha por cima do ombro.

Baron passa por ele e se vira para mim. Olhamos um para o outro do outro lado da ponte. Até mesmo Dawson sabe que não deve pensar que Baron está do seu lado, protegendo-o. Ele está lá para garantir que o idiota não tente correr como um coelho assustado.

— Mas... A água é rasa, — diz Dawson, tendo coragem de mostrar descrença.

— Não se preocupe, — eu digo, puxando um pacote de corda da minha bolsa. — Você não vai bater na água.

— Não, — diz ele, balançando a cabeça. — Não homem. Você não pode fazer isso. Eu não queria fazer nada! Eu só estava indo junto com seus irmãos. Eles me disseram para fazer isso, que tornariam as coisas ruins para minhas irmãs novamente se eu não fosse. Essa é a única razão. De outra forma, nunca teria tocado em Harper.

— Por que não? — Eu pergunto, jogando a corda para Duke. — Você está dizendo que não queria foder Harper?

— O que? Não, claro que não.

— Você não acha que minha garota é gostosa?

— Não! — ele deixa escapar. — Quero dizer, sim, mas...

— Bem, qual é? — Eu pergunto, andando para frente. — Você acha que ela é gostosa e queria transar com ela, mas não o fez antes porque ela era minha? Ou você não acha ela gostosa e só fez isso porque meus irmãos mandaram?

— Ambos, — diz ele. — Quero dizer, o que importa se eu acho que ela é gostosa?

— Não, — eu digo. — Você a tocou, e ela era minha, e esta é minha vingança. Ela teve a dela. Ela queria bater em você um pouco por tocá-la. Mas você não apenas tirou algo dela. Você tirou algo de mim. Este é o seu castigo por tocar em algo que é meu.

— Está amarrado, — diz Duke, estendendo a outra ponta da corda. Ele olha para mim, e posso ver a pergunta em seus olhos, mas ele não vai perguntar

se tenho certeza sobre isso, assim como eu não perguntaria a Harper se ela tinha certeza de que era tudo o que ela queria fazer quando eles estivessem certos. Lá para ouvi-lo.

— Você sabe o que fazer com isso, — eu digo, apontando para a corda.

Ele olha para a ponta dela pendurada em suas mãos. Eu fui fácil com eles antes. Eu sempre fui fácil com eles. Levei todos os clientes do papai para fora quando ele pediu para que meus irmãos não precisassem. Depois que King se foi, eu intensifiquei e cuidei do resto dos homens Darling com papai, para que os gêmeos não tivessem sangue em suas mãos. Eu também ia matar Harper. Se eles não tivessem me lembrado quantas vezes eu prometi que eles poderiam ficar com ela quando eu terminasse, eu teria. Mas eles queriam jogar, e eu tive que me convencer de que tinha acabado com ela.

Observá-los com ela deveria ter tornado impossível desejá-la.

De alguma forma, falhou.

Mesmo depois de tudo isso, o laço dela ainda está em volta do meu pescoço.

Este laço não é meu trabalho para tirar, no entanto. Meus irmãos fizeram pior do que matar um homem que participou de sua libertinagem. É hora de parar de protegê-los e admitir que eles são tão fodidos quanto eu, tão capazes de sujar as mãos. Por culpa, dei-lhes muita margem de manobra. Eu disse a mim mesmo que os estava deixando ser quem são, aceitando-os mesmo quando não entendo a versão deles de merda. Era meu trabalho protegê-los e o trabalho deles me apoiar.

Mas a verdade é que já não é assim há muito tempo.

Não desde que nos mudamos para cá. Foi quando tudo foi para a merda. Por um tempo, King nos manteve juntos. Ele era um profissional em manter as aparências. Depois que matei Crystal, ele fez parecer que ainda éramos uma frente unida, como se fosse tudo culpa dos Darlings. Eles me machucaram, levaram Crystal e tivemos que ficar juntos e lutar. O bastardo era tão bom que até nos convenceu.

A própria Gloria Walton teria ficado impressionada se ela estivesse por perto naquela época.

Somos tão falsos quanto ela. Quando King se mudou, continuamos fingindo que nada havia mudado, para o mundo e talvez para nós mesmos. Mas, na verdade, os gêmeos estão tão longe de mim quanto King. Eu o cortei quando

ele deixou Faulkner, mas já os havia cortado muito antes disso. Disse a mim mesmo que eles não precisavam saber, que eu os estava protegendo, assim como os protejo do papai, como sempre protegi Crystal.

Até que eu não fiz.

Eu já enfrento essa merda toda vez que os pego olhando para mim, e algum peso não dito se instala entre nós, e eu sei que todos nós estamos pensando a mesma coisa, que eu sou o culpado por tudo isso. Por ela morrer, por nós desmoronarmos. Talvez eles não dissessem isso, assim como ninguém disse quando King martelou em nossas cabeças que os Darlings eram os culpados, mas todos nós sabemos.

Então, quando eles mataram Mabel, salvei a porra da vida dela para eles. Isso foi penitência.

Uma garota no rio.

Uma garota fora.

Eles deveriam ter feito o mesmo.

Olho por olho. Uma vida por uma vida.

Mas a diferença é que eles não me devem. Eu estava pagando uma dívida, mesmo que apenas uma pequena parte dela. Não tenho o direito de pedir que façam o mesmo por mim, mesmo que eu o fizesse por eles. Não posso desprezá-los por esconderem a verdade de mim durante todo o verão. Eles não me devem nada. Afinal, as mentiras entre nós começaram comigo. Por isso, só tenho a mim mesmo para culpar. Nem mesmo os Darlings podem levar a culpa por isso. É meu fardo sozinho.

— Eu farei isso, — Baron diz depois de um longo silêncio quando todos nós ficamos paralisados na ponte, perdidos em nossas próprias guerras internas.

— Não, — Dawson diz novamente. Ele se vira e tenta correr, mas Baron dá um passo na frente dele e o empurra para trás. — Eu só estava fazendo o que você disse! Eu estava seguindo *suas* ordens.

— Então siga-as agora, — diz Baron friamente. Ele pega a corda e faz o nó correção na ponta solta. Então ele entrega para Dawson. Esperamos que ele coloque no pescoço.

— Agora ajoelhe-se, — eu digo. — E pegue seu telefone.

Dawson cai de joelhos, instável.

— Não se preocupe, — eu digo quando ele pega o telefone. — Nós lhe diremos o que dizer.

Eu começo, e Duke e Baron entram depois de um minuto. Eu acho que eles estão realmente se divertindo com isso. Pelo menos, Duke está. Eu considero dizer a ele para parar de palhaçada, nós estamos em um funeral de merda. Se ele estiver se divertindo, não terá que pensar nas consequências. Mas decido que a punição é suficiente, considerando que o crime do idiota confuso foi justificado.

A diversão de Baron é algo diferente de diversão, mas eu também não o impeco. Estamos todos lidando com isso da maneira que sabemos.

Quando a nota estiver pronta, ordeno a Dawson que a publique.

— Eu estava apenas protegendo minhas irmãs, — diz ele, seus ombros levantando com um soluço. — Você teria feito o mesmo.

— Eu protegi sua irmã, — eu digo. — Melhor do que você jamais poderia.

— Você fez o mesmo com elas, — diz ele, abaixando a cabeça. — Elas me contaram o que você fez com elas em nosso primeiro ano. Eu não queria que isso acontecesse de novo quando eu não estivesse por perto para acabar com isso.

Eu sei que ele não está mais falando sobre protegê-las. Ele está falando sobre o fato de que seus três melhores amigos transaram com suas irmãs e, em vez de impor uma política de não tocar nelas, ele deixou meus irmãos continuarem fazendo isso. Agora ele vai fingir que é o heroico irmão mais velho quando não fez nada por elas. Sou um irmão melhor para Lo do que ele jamais foi.

— Não se engane, — eu retruco. — Você nunca as protegeu de nós. Você não acabou com nada. Eu fiz.

— Sim, — diz Duke. — Se elas odiavam tanto, por que ainda vêm implorando por uma boa e profunda transa toda vez que ficam com sede?

— Continue dizendo a si mesmo que somos os bandidos, — Baron se intromete. — Você quer acreditar que suas irmãs são doces e inocentes, e eu entendo isso. Mas todos nesta ponte sabem que você fala merda. Elas são prostitutas como todas as outras garotas com quem transamos. Elas estão se jogando em nós desde o minuto em que entraram em Willow Heights, e não há

nada que possamos pedir a elas que não façam de bom grado - e muito mais.

— Você simplesmente não quer admitir na frente de Royal que não resistiu à chance de bater no brinquedo dele.

— Você fez isso com minhas irmãs! — Dawson grita, levantando o rosto. Está manchado de lágrimas e machucado pelos nós dos dedos de Harper.

— E você deveria ter feito isso conosco, — eu digo. — Isso, eu poderia respeitar. Mas você é menos que um maricas e não fez merda nenhuma. É assim que um homem de verdade cuida de quem tocou em sua mulher sem sua permissão. Agora vá até a borda.

Quando ele passa pelo corrimão, de pé na borda, ele começa a soluçar novamente. Baron dá um passo à frente, mas balanço a cabeça.

— Não o empurre.

Ele nem sempre foi um inimigo. Ele não é um Darling. Merece morrer com dignidade. Ficamos muito tempo na ponte enquanto ele aceita sua mortalidade, seu erro, sua derrota... E meus irmãos aceitam a deles.

Eles podem não me dever, mas deveriam saber o que aconteceria.

Sou um homem paciente, até mesmo misericordioso. Deixei que todos compensassem o erro que cometeram, fazendo a escolha certa desta vez. Eu deixo que eles tomem seu tempo com isso. Deixo Dawson implorar e chorar, e Duke me questionar enquanto Dawson chora alto demais para ouvir. Deixo Baron obedecer silenciosamente, embora saiba que ele está morrendo de vontade de ver como é tirar uma vida, ser um deus.

Finalmente, todos aceitam o inevitável. Observamos em silêncio enquanto Dawson desaparece no precipício. Até observamos um momento de silêncio por ele antes de nos virarmos para ir embora.

Fico parada diante do pequeno espelho em nosso banheiro na manhã de segunda-feira, olhando para mim mesma através da película de fumaça no vidro. Eu gostaria que Royal não tivesse entregado minha vingança logo antes da minha audiência com o conselho de admissões, por mais que eu precisasse. Eu me sinto desconcertantemente crua, como se cada terminação nervosa estivesse exposta e o simples toque de uma pena pudesse me fazer gritar.

Não quero entrar em um painel de membros ricos do conselho escolar e chorar.

Lavo o rosto e volto para o meu quarto. Preciso de algo, uma casca de armadura para cobrir a dolorosa vulnerabilidade. Eu mando uma mensagem para Preston e, em seguida, coloco meu telefone na cômoda. Não posso contar com ele para me proteger. Enquanto coloco uma camada de maquiagem para esconder o hematoma de onde Baron atingiu meu queixo, meu olhar recai sobre o estojo das lentes de contato coloridas que Preston colocou em meus olhos. Abro e coloco um de cada vez, cobrindo o azul exposto dos meus olhos com um véu de escuridão. O alívio é pequeno, mas instantâneo, e sinto meu peito relaxar, como se pudesse respirar um pouco mais facilmente.

Eu sei o que fazer agora.

Vou até o armário e pego um vestido que ele comprou para mim. Eu o coloco na cama ao lado de um par de sapatos pretos com sola vermelha. Encontro o cinto que combina com o vestido, o colar que ele colocou no meu pescoço, os brincos e o sutiã grosso. Pego a chapinha e arrumo o cabelo do jeito que ele gosta, depois coloco as joias, depois a roupa. Cada peça do quebra-cabeça que encaixo é outra parte da minha armadura, outra camada de frieza sobre a lava derretida em minha alma. Quando termino com minhas roupas e maquiagem, coloco os saltos e me afasto do meu espelho.

Eu pareço a garota que ele me fez, uma garota digna de uma bolsa de estudos em Willow Heights, uma com uma boceta de 24 quilates que é frígida e controlada o tempo todo. Não aquela que levou o time de futebol.

Eu saio. A caminhonete se foi, mas em seu lugar está um novo e brilhante SUV Escalade com um laço gigante no capô. Eu sorrio e puxo o arco da superfície lisa. Uma chave é colada embaixo. A tinta é tão bonita que não consigo deixar de passar os dedos por ela — quase parece preta, mas de perto é uma cor vermelha profunda, escura e brilhante, como sangue misturado com

obsidiana líquida. Eu entro. O carro cheira a couro novo. Há um envelope enorme no assoalho. Eu espio dentro e encontro o título em meu nome, o manual e vários papéis junto com dois chaveiros.

Ligo o carro e vou para a escola. Eu mantenho o sentimento calmo e desaparegado como um tesouro quando entro na escola.

Talvez Royal tenha me dado o que eu precisava, mas Preston me deu o que eu quero.

Quando entro no escritório, o balcão da recepção está vazio. Na mesa onde os auxiliares do escritório esperam para mostrar aos novos alunos e imprimir os comprovantes de atraso, Dixie Powell está sentada organizando os papéis. Ela se levanta quando eu entro, circulando a ponta da mesa e estendendo a mão antes de parar no meio do caminho, seus olhos se arregalando. Ela parece ter visto um fantasma.

— Oh meu Deus, — diz ela, levando a mão à boca. — Harper?

Acho que abandonei a escola e desapareci depois das férias de primavera.

Eu dou a ela um sorriso tenso. — Apenas eu.

— Uau, — ela sussurra.

— Estou aqui para falar com o conselho de admissões, — eu digo, me sentindo estranha com o jeito que ela está olhando. Eu discretamente passo minhas mãos sobre meus quadris. Estou usando um vestido vermelho, mas não é sexy. A saia lápis bate logo na altura do joelho, é cintada e tem um decote modesto. Os saltos são um pouco altos, mas não sacanaS. O batom é um pouco escuro, mas novamente, não é escandaloso. Meu cabelo está alisado e preso em um rabo de cavalo baixo, jogado para a frente sobre um ombro. Nada que justifique o jeito que ela está boquiaberta.

Então, não são minhas roupas. Sou eu.

De repente, meu pulso acelera. Os gêmeos espalharam rumores sobre o que aconteceu?

— Por que você está disfarçada de Crystal Dolce? — Dixie pergunta finalmente.

— O que?

— Quero dizer, se você quiser foder com os garotos D, isso bastará, — diz

ela, balançando a cabeça. — Mas caramba, isso é frio.

— Eu não estou, — eu digo rigidamente, meu coração martelando no meu peito. Era para isso que Preston estava indo? Isso faz minha pele arrepiar da maneira mais estranha.

— A menos que Royal te vestisse assim...

— Ninguém me vestiu, — eu estalo.

— Oh, então isso é um alívio, — diz ela com uma risadinha ofegante. — Quero dizer, eu sei que Royal está fodido, mas isso seria, tipo, o próximo nível de estranheza.

Antes que as coisas fiquem ainda mais estranhas, a recepcionista sai do pequeno corredor atrás do balcão e me diz que estão prontos para me receber. Verifico meu telefone antes de me virar para segui-la, mas Preston não respondeu ao meu último pedido de ajuda.

Lembro-me do que disse a Blue na pedreira. Ele não é um herói. Ele não é intocável. Ele é apenas mais uma pessoa que os Dolces arruinaram, mais um cara ferrado em Faulkner. Ele não me deve nada. Ele já me deu mil vezes mais do que tenho o direito de pedir. Não é como se ele me amasse. Ele não tem motivos para lutar por mim.

Só eu tenho um motivo para lutar.

Eu me levanto e entro na sala de conferências. Não sou uma vítima desta cidade, dessas famílias. Eu sou uma sobrevivente deles. E se não estou intacta ou ilesa, isso não significa que sou fraca. Significa que sou humana. Mas humano ou não, não preciso de um herói.

Eu posso ser meu próprio maldito herói.

Pego tudo o que eles jogaram em mim e, embora isso me quebrasse, juntei os cacos da minha vida despedaçada e, peça por peça, estou juntando-os novamente. Não do jeito que eram, pois ninguém poderia passar pelo que eu passei e permanecer inalterado. Mas estou transformando-os em algo novo, uma armadura para proteger minha vida, mesmo que não pudesse me proteger. Vou pegar as armas que jogaram em mim e usá-las para construir meu próprio arsenal. Ao expor meu caso, extraio força da frieza de aço de minha armadura que um garoto Darling me deu e poder do status intocável que um garoto Dolce me deu.

A única coisa que não tenho é dinheiro, que é exatamente o que preciso.

Ainda assim, faço meu pedido de inscrição, meus olhos percorrendo os homens e mulheres do painel, sabendo que cada um deles tem a chance de ter meu futuro em suas mãos. Eles são das famílias fundadoras, embora a única pessoa que reconheço seja a mãe de Lindsey. Fico um pouco chocada quando nossos olhares se encontram, embora ela não me reconheça. Ela não me viu naquela noite, a noite em que perdeu sua casa. Ela não sabe que eu estava lá, que ajudei a destruí-la - ou que salvei sua filha. Ela não sabe que seu filho já me deu tanto, ou todas as coisas vergonhosas que fiz em troca.

Afasto meu olhar dela e me concentro nas outras. Qualquer um deles poderia preencher um cheque que me dará mais um semestre ou todo o meu último ano em Willow Heights. Eu só tenho que ser boa o suficiente para um deles, aquele que precisa de mais uma baixa de imposto de caridade.

Quando saio da sala, sei que fiz bem. Só não tenho certeza de quão boa devo ser para conseguir uma bolsa que não existe, para que eles abram uma exceção e adicionem mais uma. Fecho a porta atrás de mim bem a tempo de ver a recepcionista dar um passo para trás, cambaleante, com a mão voando para o peito.

— Senhor. Querido! — ela exclama.

Meu coração dá uma reviravolta engraçada em meu peito, e passo correndo pela esquina para ver com quem ela está falando. Meus olhos o bebem como encontrar um copo alto de água no deserto - linhas longas e finas de pura elegância e equilíbrio, tão diferentes dos bandidos Dolce boys; calça social cinza-prateada feita sob medida com um vinco ainda passado a ferro na frente das coxas; uma camisa social enrolada algumas vezes nos punhos, alguns botões desabotados no pescoço, de um azul escuro profundo; uma máscara prateada cobrindo metade de seu rosto.

— Preston, — eu choro, correndo para frente e me jogando em seus braços com tanta força que ele tropeça um passo para trás, uma risadinha surpresa escapando dele enquanto eu o esmago em meu abraço mais apertado. Eu não percebi o quanto eu o queria aqui até este momento, até sentir seu corpo familiar contra o meu, inalar o cheiro forte e limpo dele.

— Você veio, — eu digo, minha voz pegando, meus olhos doendo com lágrimas mesmo quando eu me afasto, rindo um pouco. Eu toco seu queixo arranhado, sem acreditar. — Você nunca vai a lugar nenhum.

— Você disse que precisava de uma bolsa de estudos.

— Obrigada, — eu digo, abraçando-o com força novamente. — E pelo carro, meu Deus, eu nem agradei. Lamento não ter trazido sua caminhonete

antes. Eu não mereço você.

— Eu não fiz nada, — ele diz com desdém, como se apenas o fato de ele ter mostrado seu rosto para mim não significasse nada, sem mencionar todo o dinheiro que ele gastou.

— Cale a boca e deixe-me agradecer, — murmuro em seu peito.

— Vamos, — diz ele. — Vamos sair daqui, e você pode me contar o que aconteceu naquela reunião, já que eu faltei.

Ele segura a porta aberta para mim, e passo por baixo de seu braço e entro no saguão da escola. Minha espinha endurece e meu sangue se transforma em água gelada. O Baron Dolce está indo para o escritório, a menos de dez passos de distância, seu pirulito de sempre de volta ao lugar. Preston deixa a porta do escritório cair fechada antes de ter um vislumbre de seu inimigo se movendo. Ele desliza um braço protetor em volta dos meus ombros, seu corpo tenso como se fosse saltar ao primeiro sinal de agressão.

— Que porra você está fazendo aqui? — Baron pergunta, olhando para nós. A enormidade e a escuridão do hematoma na lateral de seu rosto me deixam totalmente tonta de orgulho.

— Você não percebeu isso quando peguei a chave? — Eu pergunto. — Eu voltei.

— Eu não estava falando com você, — diz ele friamente.

— Bem, é melhor você se acostumar a vê-lo se você vai me ver, — eu digo. — Estamos juntos agora.

Baron bufa. — Você está brincando.

— Não, — eu digo, deslizando um braço em volta das costas de Preston para prendê-lo a mim. A pressão de seu corpo contra o meu faz minhas costelas latejarem onde Baron me deu um soco, mas cerro os dentes e evito que meu rosto mostre isso.

— Você não se importa que ele seja a razão de tudo que aconteceu com você? — Baron pergunta, inclinando a cabeça e observando minha reação.

Engulo em seco. Eu disse a Royal quem era o Sr. D, e ele deve ter contado a Baron. E mesmo sabendo há algum tempo, nunca pensei nisso dessa forma. Se eu não estivesse espionando, se ele não tivesse exigido toda aquela informação, eu nunca teria ido parar naquele pântano.

— Não, — eu digo finalmente, lutando para manter minha voz firme. — *Você é a razão.* Você e seus irmãos. Não se atreva a culpá-lo pelo que você fez. Talvez o que eu disse a ele te irritou, mas foram vocês que fizeram isso. Preston é quem me salvou. Ele me deu uma bolsa, um carro e cuidou de mim. Nem pense em falar merda sobre ele ou qualquer um dos Darlings para mim.

— Você está com eles agora, hein? — Baron pergunta, cruzando os braços e sorrindo para mim, a haste do doce puxando o canto da boca.

— Com quem eu estou não é da sua conta, — eu digo. — Olhe para o outro lado se isso te incomoda. Você teve sua chance e escolheu me destruir. Preston escolheu me reconstruir. Ele é dez vezes o homem que você e seus irmãos são ou podem esperar ser.

Estou respirando com dificuldade, a raiva pulsando em minhas veias quando termino de falar.

— Ele é seu primo, — diz Baron categoricamente.

Preston fica tenso, seu braço se afastando de mim.

Eu não puxo meu braço para trás ao redor de seus quadris, no entanto. Eu olho para Baron, uma risada borbulhando em meu peito e forçando sua saída. — Você não pode estar falando sério. Morei em um estacionamento de trailers a maior parte da minha vida. Eu sou o mais longe de loira que você pode conseguir. Eu pareço uma porra de Darling para você?

— Não, você parece uma Dolce, o que é assustador pra caralho, não importa qual de vocês tenha pensado naquele joguinho distorcido.

— Veja? — Eu digo. — Não sou uma Darling.

— Então me diga, garotinha, — ele diz, inclinando-se, seus olhos brilhando com maldade. — Quem é seu pai?

Engulo em seco, meu coração dando uma pequena cambalhota no meu peito. Só consigo pensar no que minha mãe disse outro dia.

Eu empurro o pensamento para longe, com força. Ele está fodendo com a minha cabeça. Não há como meu pai ser de uma das famílias mais ricas e influentes da cidade. Que minha prima é a pequena Lindsey Darling, que flutuou pelos corredores de Faulkner como uma princesa em seus pés delicados. Que eu tenho uma família enorme bem aqui em Faulkner que poderia ter cuidado de mim todos esses anos, mas em vez disso me deixou viver em uma ratoeira infestada de baratas.

Não. Eu sei quem eu sou, e não é uma Darling. Sou filha de uma drogada e de um dos namorados da porta giratória dela, algum outro drogado que passava bons momentos ali por algumas noites ou meses, se fosse bom. Alguém tão merda que ela nem quer falar dele com a própria filha, mesmo quando eu pergunto. Por fim, parei de perguntar.

— Você pegou a garota errada, — eu digo. — Não sou eu.

— Você nunca foi especial, — diz Baron, o brilho da crueldade ainda em seus olhos. — Você era apenas um nome para riscar da nossa lista.

— Você está errado, — eu digo novamente, embora minha voz não tenha convicção.

— Divirta-se fodendo seu primo, — diz Baron, passando por nós para a porta do escritório. — Você Tem que amar o Arkansas.

No momento em que ele desaparece lá dentro, Preston se afasta de mim, quebrando meu domínio sobre ele. Esfrego a mão na saia, como se pudesse limpar a sensação nojenta das palavras de Baron. Estou com medo até de olhar para Preston, mas forço meu olhar para ele.

— Não é possível, — eu digo. — Certo?

— Não, — diz ele, com os lábios apertados. — Não. Claro que não.

Ficamos ali por um momento em um silêncio constrangedor, algo que nunca aconteceu entre nós. Preston está olhando para mim com muito cálculo em seu olho bom, no entanto. Eu me afasto dele mais um passo.

— Ele está mentindo, — eu digo, forçando uma pequena risada. — Obviamente ele está mentindo. Eles estão apenas chateados porque um Darling revirou seu lixo e valorizou algo que eles não valorizaram. Agora eles me querem de volta, não porque acham que valho alguma coisa, mas porque *voce* acha que valho.

— Exatamente, — diz Preston, parecendo aliviado com a minha explicação. — Então, vamos falar sobre aquela reunião. O que aconteceu?

Eu o sigo para fora de Willow Heights, mas percebo que ele não me toca com seu habitual direito possessivo enquanto saímos e subimos em sua caminhonete. Na verdade, ele nem me toca. Ele tem o cuidado de se afastar em vez de ligar os dedos aos meus ou descansar a mão nas minhas costas para me ajudar a entrar no Escalade depois de abrir a porta para mim. Ele espera até que eu me acomode antes de fechar a porta e passar pelo lado do motorista. Sem

uma palavra, saímos.

Preston dirige até o extremo norte da cidade, mas em vez de entrar na rodovia e deixar Faulkner para ir para seu apartamento, ele entra em uma estrada que leva ao bairro dos Dolce. Eu fico tensa, mas ele continua, serpenteando por uma estrada de duas pistas que é tão familiar e cheia de memórias ainda mais indesejáveis.

Por fim, quando fazemos a curva final, não consigo me conter.

— Por que estamos vindo para cá? — Eu pergunto, segurando a maçaneta da porta, meus dedos frios e dormentes.

— Você conhece este lugar? — Preston pergunta, virando-se para mim. Não consigo ler sua expressão por trás da máscara, mas acho que ele parece surpreso.

Eu aperto meus olhos fechados, tentando não me lembrar das centenas de vezes que Royal me trouxe aqui - a primeira vez, depois de sua corrida, quando ele me beijou como se eu fosse tudo o que ele estava perdendo, mas me parou quando tentei ir mais longe; a segunda vez, quando o empurrei da ponte e ele quase se afogou; a vez que ele me trouxe aqui depois que nós ficamos juntos e ele me ignorou a semana toda e então ele pegou os resultados do teste de volta. Esse foi o dia que eu sempre pensei como o dia em que realmente ficamos juntos. Nós dois estávamos limpos, e o acordo de permanecer assim significava que continuaríamos nos vendo.

Meu peito dói tanto que não consigo respirar enquanto a caminhonete de Preston sobe pesadamente na ponte. Eu pressiono meu punho contra o esterno, como se ele pudesse quebrar e deixar meu coração livre se eu não o segurasse. A enxurrada de lembranças continua, assaltando-me com as belas e terríveis fotos que fizemos juntos. Houve uma vez em que passamos por baixo da ponte e caiu uma chuva repentina, e nos amontoamos no abrigo escasso, rindo, trepando e conversando até parar; a vez que eu corri dele e ele me jogou no chão e me fodeu na bunda e depois me obrigou a gozar para ele; as vezes em que sonhamos em viajar juntos e comparamos as histórias de nossas mães, tão parecidas na constituição, mas tão diferentes nas circunstâncias. E depois houve todas as vezes que nem conseguimos sair do carro porque nos queríamos mais do que tudo isso, tanto que nada mais importava.

Sinto os pneus deixarem as tábuas de madeira e pousar no asfalto além da ponte, mas só abro os olhos um minuto depois, quando percebo que ainda estamos dirigindo. Eu chupo uma respiração alta e feia. Preston olha de soslaio para mim, mas não fala. Continuamos mais um quilômetro antes de entrar em uma entrada de carros estreita e sem asfalto. Ele serpenteia por uma encosta

suave com cercas de cavalos brancos em ambos os lados. Por fim, chegamos a uma cerca alta de ferro forjado com um portão sofisticado. Preston insere um código em uma tela eletrônica, depois tem que colocar uma impressão digital e tirar a máscara para mostrar seu rosto para uma câmera, que tira uma foto. Finalmente, o portão se abre.

Até agora eu tenho meu juízo sobre mim, e eu me viro para ele e arqueio uma sobrancelha. — Isso é muita segurança, — eu digo. — Este é o seu covil secreto de super-herói?

Um pequeno sorriso puxa o canto de sua boca bonita. — Você viu meu covil secreto.

— Então o que é isso?

— Isto, — diz ele, parando na frente de uma mansão extensa que faz com que a ostensiva casa que desmontamos pareça caseira, “é a propriedade Darling”.

Preston puxa o Escalade de um lado da enorme mansão para onde uma fileira de seis portas de garagem espera. Ele aperta um botão em seu visor e manobra o veículo ao lado de um Ford Raptor.

— O que nos estamos fazendo aqui? — Eu pergunto, descendo do meu lado antes que ele possa dar a volta para abrir minha porta. Uma luz se acendeu acima de nós, mas o resto da garagem está escura e não consigo ver todos os carros. Só sei que há muitos — mais do que qualquer família precisa.

— Não há muitos lugares seguros para Darlings nesta cidade, — diz Preston. — Podemos conversar aqui sem o risco de sermos ouvidos.

Ele me leva para fora da garagem e nos fundos. Chamar o lugar de casa não faz justiça. Existem vários prédios e, atrás deles, um labirinto de paisagismo bem cuidado e água. A “piscina” não é um retângulo azul, mas uma coisa curva com borda de pedra com um rio lento fluindo de um lado e uma fonte do outro. Ele leva a uma área elevada com uma banheira de hidromassagem que transborda em cascatas que caem na piscina. Seguimos por um caminho elevado ao lado da água e passamos por ele pelos jardins até um gazebo. Além disso, há um longo lago oval que é raso o suficiente para que eu possa ver o fundo. Libélulas deslizam sobre a superfície espelhada sob o sol do final da manhã, que acaba de nascer sobre um bosque de árvores no amplo gramado além da lagoa. Vejo uma bandeira um pouco afastada na grama.

— Isso é... um campo de golfe? — Eu pergunto em descrença. Eu vi a mansão confederada de Royal, estive na moderna mansão de três andares de Preston com piscina. Mas isso... Isso é algo completamente diferente.

— Não, — diz Preston. — São apenas nove buracos.

— Apenas nove buracos, — eu sussurro, balançando a cabeça. Meu cérebro se recusa a compreender esse nível de luxo.

Preston se senta no gazebo e dá um tapinha no assento ao lado dele. Sento-me, mas deixo um espaço saudável entre nós porque ainda estou nervosa com as palavras de Baron.

Por um minuto, nenhum de nós fala. Eu olho para a água verde da lagoa, tão diferente das gotas claras que correm na área da piscina.

— Para que serve isso? — Eu pergunto. — Não me diga que você tem

vacas que vêm beber aqui.

Preston ri. — É um lago de peixe-gato.

Ele colocou a máscara de volta após a sessão de fotos, mas agora a remove e a coloca no banco ao lado dele, fechando os olhos e deixando a brisa abafada bagunçar seu cabelo loiro curto.

— Eu me saí bem na entrevista, — eu digo. — Se você pagou pela minha bolsa, estou dentro, certo?

Ele abre os olhos. — Ele tem que estar mentindo, — diz ele. — Mas se não fosse... quer dizer, em outros países é totalmente normal. E ninguém mais sabe.

— Os Dolces sabem, — eu digo baixinho. — Certo?

Não perguntei a ele diretamente sobre os vídeos e, depois da noite passada, estremeço ao pensar que eles têm essa munição. Eu preciso de toda a influência que eu puder obter, não para eles saberem algo vergonhoso sobre mim que eu não quero que ninguém saiba. Uma coisa é esperar que Royal tenha sofrido a tortura de me ver com outro cara, sabendo que ele é um idiota ciumento.

Meio que mata as coisas se ele pensa que sou nojenta, não desejável.

Eu engulo e aceno. Sua falta de resposta é uma resposta.

— Existe alguma maneira... quero dizer, poderia ser verdade? — Eu pergunto.

— Não, — diz Preston com firmeza.

— Achei que não.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo.

— Sua mãe é mexicana ou algo assim? — Preston pergunta.

Eu rio e pego meu telefone, apontando para uma selfie minha e de mamãe que ela me fez tirar na outra noite em sua festa de aposentadoria. Eu mostro para Preston, que relaxa visivelmente. Ele pega o telefone e rola por um minuto, então o vira para mim.

— Esta é a nossa última reunião de família antes dos Dolces.

Pego o telefone e olho para a foto por um minuto. — Uau, — eu digo finalmente. — Parece o sonho molhado de Hitler.

Preston ri baixinho e pega o telefone. Eu aponto para uma única cabeça morena em um mar de loiro. — A mãe dela se casou em..., — diz ele. — Ela está loira agora.

— Então estou surpresa que você não descoloriu meu cabelo, — eu digo, passando meus dedos pela ponta do meu rabo de cavalo.

Espero que Preston dê desculpas ou explique por que ele me transformou em sua irmã, mas ele não diz nada. Eu observo as libélulas deslizando sobre a água parada do lago de bagres.

— Poderíamos fazer um teste de DNA, — diz ele após uma longa pausa. — Só pra ter certeza.

— Tenho certeza, — eu digo. — Ele só estava fodendo com a gente. Meu pai nem é branco. Pelo menos, o cara que minha mãe pensa que é meu pai.

Eu paro, lembrando nossa conversa antes da festa dela novamente.

— Se houver alguma chance, no entanto, — diz Preston, apontando para o campo de golfe cercado por carvalhos antigos. — Esta é a propriedade Darling, Harper. Você seria herdeira.

Eu rio disso. — Eu duvido seriamente que seu avô vá reivindicar algum filho ilegítimo de um de seus filhos renegados.

— Então eu colocaria você na herança, — diz Preston. — Quando me formei, ele me nomeou tesoureiro de toda a propriedade Darling. Eu sou bom nisso. Eu gosto mais de números do que de drama familiar. Se ele se opuser, você pode ficar com metade da minha parte.

— Por que você é tão legal comigo? — Eu pergunto, procurando em seus olhos por respostas que não fazem sentido. — É culpa? Você realmente acha que o que eles fizeram comigo é sua culpa?

Ele coloca um braço ao longo da grade do mirante e se vira para a água novamente, com o maxilar tenso. O silêncio se estende até eu pensar que ele não vai responder. Por fim, ele fala. — Eles me disseram uma vez que tudo o que fizéssemos a eles, eles fariam dez vezes mais por nós. Que tudo o que tentamos fazer, mas falhamos, eles fariam conosco e teriam sucesso.

— Sim, Baron me disse algo assim também.

— Eles acham que tentei fazer isso com a irmã deles, — diz ele. — Eu sempre pensei que eles estavam vindo atrás de Lindsey, que fariam o mesmo

com ela. Mas eles foram atrás de você. Talvez seja por isso. Talvez eles realmente pensem que você é uma Darling.

Isso me atinge então, o que eu nem sequer considerei. Achei que Baron estava fodendo com a gente, tentando nos fazer pensar que havíamos fodido nosso primo ou impedido que nos uníssemos porque eles não querem que os Darlings tenham amigos e não me querem fora de vista. Que ele contaria a seus irmãos e eles ririam disso mais tarde, repetindo como nos separamos quando ele disse isso. Mas e se eles realmente acreditarem nisso?

Isso explica tanto.

Eu fecho meus olhos, minha respiração instável enquanto tento acalmar meus pensamentos giratórios. Assim que o Sr. D me deu a bolsa no ano passado, eles devem ter sabido que foi doado por um Darling. Eles vieram atrás de mim com força, muito forte para justificar as pequenas rebeliões que consegui. Eles não estavam mirando em mim só porque eu era nova, pobre ou desafiadora. Eles me atacaram porque pensaram que eu fazia parte da família que estavam destruindo e tive que enfrentar a mesma sentença que o resto deles.

Ou talvez eles ainda não soubessem e estivessem apenas fazendo o trote de sempre - fazendo-me curvar e beijar seus pés, me jogando na lixeira quando me coloquei em seu caminho. Quando eles descobriram? Quando o trote se tornou algo mais sério, mais sinistro?

E quanto Royal sofreu, pensando que havia caído nas mãos do inimigo? Ele me acusou de conspirar contra ele o tempo todo, mas era ele quem estava conspirando. Ele sabia o tempo todo que me mataria no final. Ele nem ia me dizer o porquê. Eles não se importavam que eu não quisesse ser um Darling, que eu nem sabia que era. Eles apenas escolheram um Darling aleatoriamente para incorrer em sua ira, a próxima punição em sua lista de retaliações.

Há quanto tempo eles planejavam que a equipe me esturpasse?

Um arrepio percorre minha espinha, e eu agarro o banco de madeira embaixo de mim para não cair.

— Você tentou fazer isso com a irmã deles? — Eu pergunto, direcionando a conversa para algo que eu possa compreender melhor do que minha própria experiência.

Preston balança a cabeça. — Não. Eu nunca teria ido tão longe. Eu estava chateado por ela estar entre nós, então fiz algo para forçar a mão de Devlin, para fazê-lo admitir que a estava colocando antes da família. Que ele se preocupava com ela, e ela não era apenas um pedaço de bunda ou o inimigo. Eu nunca teria

feito isso se já não soubesse o que iria acontecer, que ele a protegeria.

Engulo em seco, lembrando daquela noite na floresta, quando Royal não me protegeu.

Foi isso que Preston fez? Fazer Devlin - e os Dolces - pensar que a equipe iria estuprá-la se ele não interviesse?

Mas Devlin a salvou, assim como Preston sabia que faria.

Royal não me salvou. Ele não é o herói nesta situação. Ele não é Devlin, o garoto que Dixie disse ser o bom, o garoto de ouro, entrando para assumir a responsabilidade por sua garota, admitindo que amava o inimigo, mesmo que isso significasse que sua família o expulsaria.

Ele é Preston, aquele que ela disse ser mau. Aquele que armou para ela.

— E se ele não tivesse? — Pergunto baixinho, lembrando-me de Royal se afastando enquanto eu implorava por perdão. — E se ele deixasse acontecer?

Preston balança a cabeça. — Eu conhecia meu primo bem o suficiente para saber o que ele faria. Eu já sabia que ele se importava. Eu só queria que ele admitisse. Mas mesmo que eu estivesse errado, nunca deixaria ninguém mais tocá-la.

Eu concordo. Royal não apenas armou para mim e esperou para ver se alguém me defenderia. Ele me levou a algum lugar onde sabia que eu não conseguiria ajuda e trouxe as armas da minha destruição.

Preston se mexe no banco e olha de soslaio para mim. — Eu poderia ter, no entanto, — ele admite calmamente. — Se ele não a quisesse.

— Então, é disso que se trata, — eu digo, passando minha mão pelo elegante coque puxado sobre um ombro. — Você queria foder a namorada do seu primo.

Ele não diz nada. Quando Dixie disse essa merda esta manhã, imaginei que Preston tinha me dado essa reforma para foder com os Dolces. Talvez em parte ele tenha, e essa é a única parte que eles verão. Mas eu o conheço melhor do que eles. Eu sei que nunca é tão simples com ele. Ele pode ter me vestido como uma boneca Crystal Dolce para foder com eles, mas também porque ele queria me foder quando eu parecia com ela, e também como penitência pelo que ele fez. Com ele, poderia ser qualquer uma dessas coisas, ou mais provavelmente, todas elas.

— Foi isso que eles fizeram com Mabel? — Eu pergunto.

Preston se mexe no banco novamente. — Não, — diz ele. — Eles não fazem a mesma coisa duas vezes.

— Bem, isso é um alívio, então, — eu digo. — Pelo menos isso não vai acontecer com outra garota.

Ele me olha de forma estranha. — Aconteceu com você, no entanto.

Eu dou de ombros. — Sou mais forte que a maioria das garotas.

— O que aconteceu? — Ele pergunta, ainda me observando com os olhos apertados. — Você está diferente.

— Talvez eu esteja, — eu digo, me virando. Não quero admitir que o que Royal fez me trouxe de volta à realidade, trouxe de volta mais do meu antigo eu do que eu gostaria de acreditar. — Então, sobre essa coisa de primo... Não há chance, certo? É impossível.

— Praticamente impossível, — ele concorda com um aceno pensativo.

Uma ideia me atinge, e eu estremeço. — Nenhum dos pais Darling poderia ser meu? Especialmente não o seu?

— Meu pai, apesar de todos os seus defeitos, nunca trapacearia, — diz ele, enrijecendo as costas. — Não depois da bagunça que vovô Darling fez com o pau dele.

— Desculpe, — eu digo. — Eu não estava tentando te ofender.

— Você não fez, — diz ele categoricamente. — O pai de Dev também nunca trapacearia. O de Colt... Talvez. Ele tem uma queda por mulheres, assim como o vovô Darling. Mas dezoito anos atrás, provavelmente não. Ele já estava ocupado tendo um caso com a mãe de Devlin. Isso deixa os gêmeos.

— E os dois que foram repudiados.

Preston olha para a casa e depois de volta para mim antes de assentir. — Certo.

— Baron disse que John Jr. morava no estacionamento de trailers onde morávamos quando nasci.

— Vou fazer um teste de DNA, — diz Preston. — É um tiro no escuro, e você não vai estar no testamento do vovô, mas você tem direitos legais. E alguns

de nós lhe dariam uma parte, não apenas eu. Quem você acha que paga as passagens de JT na reabilitação? Podemos ter que fazer isso por baixo da mesa sem que nosso avô saiba, mas nem todos somos marionetes dele. Não mais.

Eu balanço minha cabeça. — Também não quero ser a marionete de ninguém.

— Você estaria segura, Harper. Chega de se preocupar com bolsas de estudo ou qualquer coisa.

Eu penso sobre isso por um longo minuto. Sobre estar marcada para a vida toda por causa de um nome que não escolhi, que não quero. Sobre o quanto Mabel trabalhou para escapar desse nome e tudo o que o acompanha nesta cidade. Penso em ser uma Darling, me colocar de volta no caminho dos Dolces, colocar um alvo nas costas e anunciar que sou o inimigo. Penso em como trabalhei duro durante toda a minha vida e em quão pouco os Darlings se importavam com isso. Quão pouco eles fizeram por minha mãe e como ela trabalhou duro quando pôde. Eles nunca pagaram para ela ir para a reabilitação. Eles a deixaram sofrer. Ela não me queria, e nem eles.

Eu a reproduzo perguntando se eu estava falando de JT, que deve ser o apelido dela para John Jr. Então, ela sabia que ele era um Darling, mesmo que ele fosse deserddado e tivesse um nome diferente. Se houvesse algo que ela pudesse ter conseguido dele, ela teria. Ela teria dito a ele que eu era filha dele e tentaria tirar alguma coisa disso, mesmo que eu não fosse. O que significa que ela sabe que não há chance de eu ser.

Por fim, balanço a cabeça. — Eu não sou uma Darling, — eu digo. — Eu sou uma Apple. Não preciso de um teste de DNA para provar isso.

Preston parece que vai discutir, mas, finalmente, ele acena com a cabeça. — Se mudar de ideia, me avise. Podemos mandar buscá-lo, garantir que não seja algum charlatão local que os Dolce contrataram para cumprir suas ordens.

Eu levanto uma sobranceira, mas não digo a ele que ele está sendo ridículo. Eu sei o que eles fizeram com a família dele. Se eles tivessem feito o mesmo com a minha, eu também ficaria paranoico.

— Se você quer um só para deixar sua mente à vontade, eu vou fazer isso, — eu digo. — Mas eu não preciso disso. Não preciso de mais nada da sua família. Enquanto eu tiver minha bolsa de estudos, posso sair daqui por conta própria.

Ele concorda. — Entendo. Mas também gostaria de ter a chance de defender minha família.

— É justo.

— Nós teríamos cuidado de você, — diz ele. — Eu teria. E há outros com a mesma mentalidade. Família é família. Se você tem sangue Darling, você é um Darling. Aos meus olhos, é simples assim.

Eu tremo apesar do calor úmido, lembrando-me de Baron dizendo algo semelhante quando estávamos no porão dos Midnight Swans. Agora tudo faz sentido, porque eles fizeram o que fizeram comigo, por que eles me atacaram, por que eles foram tão longe. Mas entender a mente de um psicopata não muda o crime que ele comete. Não importa se eles tinham um motivo para arruinar minha vida ou a de Mabel, ou a de Preston, ou a de Colt. Eles fizeram isto. É isso que importa.

Ainda assim, uma parte de mim está tranquila pelo fato de que eles fizeram tudo por uma razão, que pensaram que eu era o inimigo. Parece menos pessoal o que Royal fez comigo. Porque ele virou as costas para mim. Eu não apenas forneci informações para seu inimigo. Eu era um deles. Estou surpresa por ele ter me deixado entrar, por ter me contado todas aquelas coisas debaixo da ponte, por ter passado algum tempo comigo. Parte de mim quer questionar se foi mentira, se ele me fez apaixonar por ele de propósito só para me machucar ainda mais. Mas mesmo que esse fosse o objetivo, se estivéssemos mentindo e usando um ao outro, cada um conspirando um contra o outro... O que sentíamos era real. Essa parte não pode ser falsificada.

— A última coisa que preciso é de mais um homem poderoso tentando me controlar, — digo a Preston depois de uma pausa. — Sem ofensas.

Ele passa a mão pelo rosto, congelando quando seus dedos encontram a pele queimada, como se tivesse esquecido por um momento que não é apenas Preston Darling, herdeiro desta grande propriedade. Ele não é apenas um rico benfeitor se oferecendo para cuidar de mim. Ele é uma vítima, um fantasma se escondendo do mundo porque é caçado como uma presa e é horrível de se olhar. Pelo menos, ele pensa que é. Para mim, as cicatrizes me lembram que ele também é um sobrevivente.

— Ele não controla tudo, — diz Preston. — Não do jeito que ele costumava fazer, quando meu pai estava aqui para ajudá-lo. Agora, muitos de nós estão levando a família para uma direção diferente. Não importa para mim se sua mãe foi casada com um Darling mais do que importa quando uma de nossas mulheres se casa e adota o nome do marido. O sangue importa. Nem todos nós concordamos com o que nosso avô fez, renegando sua própria família.

— Mas está tudo bem para ele e, pelo que ouvi, vários outros engravidaram mulheres por toda a cidade e não assumirem a responsabilidade por isso?

Os lábios de Preston apertam. — Você sabe que eu também não concordo com isso.

— Você está certo, — eu admito.

Afinal, ele garantiu que eu tomasse anticoncepcional antes de parar de usar camisinha. Ele distribuiu minha pílula todas as manhãs como um relógio, como se quisesse ter certeza de que era eficaz. Agora estremeço só de pensar no que teria acontecido se eu engravidasse e se realmente sou parente dele.

— Nós não sabíamos que você estava lá fora, — diz ele. — Não é realmente justo agir como se não tivéssemos cuidado de você de propósito.

Eu aceno de novo, colocando a mão em seu braço. É a primeira vez que nos tocamos desde que Baron me disse que eu era uma Darling. — Eu sei disso, — eu digo. — Você cuidou de mim desde o momento em que nos conhecemos, inferno, mesmo antes disso. E você não tinha ideia de que eu poderia ser um Darling. Só me irrita que sua família faça isso. Posso não saber o que é para um homem estar totalmente interessado no sexo e depois não querer ter nada a ver com as consequências, mas sei o que é *ser* a consequência de um homem assim.

— Você tem todo o direito de estar chateada com isso. — Ele se move sutilmente para que seu braço saia de debaixo da minha mão. Percebo então que ele ainda acha que pode ser verdade. Ele está lidando com isso com muito mais equilíbrio do que eu faria se acreditasse. — E se você não quer nada com esta família, eu entendo isso também. Você já sofreu muito por nós só porque os Dolces *acham* que você é uma Darling. Vou investigar isso, no entanto.

— Se isso vai deixar sua mente tranquila, faça o teste de DNA, — eu digo novamente. — E vou perguntar à minha mãe sobre o Darling com quem ela namorou. Ela mencionou um JT. Presumo que seja John Jr?

Preston acena com a cabeça. — Achei que deveríamos esperar até que nosso avô falecesse antes de sairmos à procura de Darlings ilegítimos, mas se os Dolce estão indo atrás de pessoas que nem sequer carregam nosso nome e aquelas que nunca carregaram...

— Ele vai cortar você do testamento se você fizer isso? — Eu pergunto.

— Provavelmente, — admite Preston. — Mas que escolha eu tenho? Não posso permitir que mais ninguém seja alvo sem avisar como você foi.

— Acho que não teria me ajudado saber que eles pensavam que eu era uma Darling.

Preston dá de ombros. — Talvez não. Mas pode ter. Você poderia ter vindo até nós, e pelo menos teríamos tentado protegê-la. Tiramos Sullivan da cidade.

Minha mente percorre rapidamente o relato de Baron sobre a família Darling naquela noite no covil dos Swans. — Irmão de Magnólia? — Eu acho.

— Sim, — diz Preston. — Eles provavelmente vão começar a perseguir as pessoas que partiram assim que fizerem cada Darling in Faulkner pagar. Eles provavelmente encontrarão Devlin também.

— Você realmente acha que ele está vivo?

— Eu sei disso, — diz Preston com total confiança. — Se eles os encontrarem, no entanto...

Eu esfrego os arrepios em meus braços. — Eles vão fazê-lo pagar, — eu digo, a meio caminho para mim mesma.

— Todos nós pagamos, — diz Preston. — Eles vão *matá-lo*.

— Você não acha que eles já o teriam encontrado se pudessem?

— Acho que a sede de vingança é mais profunda do que a capacidade de amar, — diz Preston.

Concordo com a cabeça, observando as libélulas no sol preguiçoso da manhã enquanto nos sentamos em silêncio sociável. Ele não conhece aqueles garotos como eu. Não devo lealdade a eles, mas sei o quanto eles amavam a irmã. Tanto que os destruíram, todos eles, de certa forma.

E talvez tudo de Faulkner também.

— Mãe, podemos conversar? — Eu pergunto à noite. Fico parada na porta do quarto enquanto ela vasculha o armário.

— Agora não, — diz ela. — Eu tenho uma festa para ir. Aposentadoria combina comigo, você não acha?

Ela segura um vestido minúsculo que a deixará tão larga quanto um outdoor. Não é como se pudéssemos comprar roupas que nos lisonjeassem. Se ela pudesse caber naquelas que Preston me deu, ela o faria, mas mesmo que pudesse, elas ficariam tão mal nela quanto as baratas, já que não temos a mesma forma.

Eu dou de ombros. — Só vai levar um minuto.

— Bem, continue, então, — ela diz, tirando o decote em V preto com *Baby* escrito em letras de strass onduladas na frente. — Você pode me dizer enquanto eu me visto.

— No outro dia, você disse algo sobre JT Darling, — eu a lembro. — Mas então você agiu como se estivesse falando sobre outra pessoa.

— Sim, e quanto a isso?

— De quem você estava falando?

— Qual é o problema? — ela pergunta, tirando a calça jeans e jogando-a na cama.

Eu sei que não vou chegar a lugar nenhum sem dar algo a ela, e mesmo sabendo que ela é uma cadela gananciosa, se há uma coisa que ela vai responder, é uma queda de nome.

— Eu só... O cara que eu tenho visto nos últimos seis meses é um Darling, e eu só queria saber sua história exata com eles. Por razões óbvias.

Ela se vira para mim, tentando segurar uma risada que explode em saraivadas maldosas. Finalmente, ela joga a cabeça para trás e ri alto, estendendo a mão para apoiar a mão na escrivaninha bamba. — Você acha que pode ser uma Darling? — ela pergunta finalmente, enxugando os olhos. — Garota, você não acha que eu teria conseguido algo melhor do que um bebê que eu não queria com esse acordo?

Eu dou a ela um sorriso tenso. — Isso foi o que eu pensei.

— Dê-me um cigarro, sim? — ela pergunta, vestindo o vestido preto justo.

Eu suspiro e entrego a ela o pacote da mesa perto de sua cama. — Você poderia me dizer o que aconteceu, de qualquer maneira?

— Não há muito a dizer, — ela diz, alisando as mãos sobre o corpo enquanto se vira de lado para o espelho e contrai a barriga. — Eu tive uma chance com eles, talvez, mas você apareceu e estragou tudo.

— Claro, — murmuro. — História da minha vida.

— A história da *minha* vida, — diz ela, parando para acender um cigarro.

— Então me diga, — eu digo. — Conte-me a história da sua vida para que eu possa me arrepender de estragá-la.

— Não seja espertinha comigo.

— Desculpe, — eu digo. — Por favor, mãe, você pode me contar sobre os Darlings e quem meu pai realmente é, para que eu não precise me preocupar por ter dormido com meu primo.

Ela gargalha e larga o cigarro, levantando o vestido para tirar a calcinha. — Você acertou em uma coisa, — diz ela, vasculhando a gaveta em busca de um novo par. — Tudo mudou quando JT se mudou para o estacionamento de trailers. Ele não era como os outros meninos lá embaixo. Você poderia dizer que ele não pertencia desde o início. E a aparência dele... nossa, ele era um gato.

— Eu acredito nisso, — murmuro.

— Claro que eu ainda estava morando com sua vovó e papai naquela época, — ela diz, trabalhando em uma tanga antes de puxar o vestido de volta para baixo. — Papai não gostava muito dele, mas ele encantou a mamãe e todas as outras mulheres lá embaixo.

— Espero que você não queira dizer isso literalmente.

Ela acena com a mão desdenhosa e pega seus cigarros, acendendo-os antes de falar com a boca cheia de fumaça. — Nah, ele fez o seu caminho em torno das meninas de sua idade, no entanto.

— Idade dele? — Eu pergunto, estreitando meus olhos.

— Sim, ele devia ter cerca de... Vinte e cinco, trinta. Acabou de se

desentender com a família. O pai dele vinha às vezes, tentando consertar as coisas, eu acho. Aquele homem... Ele tinha dinheiro. Tinha um Mercedes e tudo. Ele também era atraente e gostava de parar e flertar se eu estivesse do lado de fora. Um dia, começamos a conversar e ele me ofereceu um emprego no verão em que fiz dezesseis anos. Eu não estava prestes a deixar passar isso. Fiz muito mais do que eu poderia ser babá, e chega de babacas bêbados voltando para casa e dando em cima de mim enquanto suas esposas estavam verificando se eu colocaria as pessoas no lugar certo.

— Apenas um idiota, pelo que ouvi.

— Oh, bem, eu não estava cuidando de John. Eu estava trabalhando em seu escritório de advocacia, mas depois do expediente é quando a diversão acontecia.

Ela pisca para mim e troca o cigarro por um tubo de rímel.

— Então esse é o cara rico com quem você teve um caso, — eu digo. — Isso é o que você estava me dizendo para alavancar.

— Inferno, sim, — diz ela. — Se eu pudesse ter entrado com seus amigos, eu estaria pronta. Mas eu tinha que ir e ficar estúpida e me apaixonar. Ele não queria que alguma adolescente pegajoso aparecesse, informando sua esposa. Então ele largou minha bunda. Foi quando conheci seu pai.

Sento-me direito na cama. — Quem era ele?

— Algum outro idiota, — diz ela com um aceno de mão, afastando a fumaça do cigarro do rosto. — Ele estava jogando pôquer com papai uma noite, e eu estava me sentindo rejeitada, e ele me deu muita atenção, se é que você me entende. Nós escapamos por alguns meses, mas eu ainda estava presa a John Darling. Ninguém é tão bom em falar docemente com uma mulher quanto um Darling, com certeza. E ele me compraria merda, assim como o seu faz. Seu pai não poderia se comparar a isso.

— Então você terminou com ele?

— Nós nos divertimos, mas não foi nada que durasse.

— Mas você sabe quem ele é. Qual o nome dele? Quantos anos ele tem? Onde ele está agora?

— Claro que eu sei quem ele é, — ela estala. — O que você acha que eu sou, algum tipo de vadia?

— Nunca passou pela sua cabeça que eu poderia querer conhecê-lo? — pergunto, medindo meu tom porque quero que ela continue falando, mas não consigo deixar de ficar irritada. Ela sempre evitava perguntas quando eu perguntava e, eventualmente, entendi. Não importava quem ele era. Ele não estava aqui, e nós estávamos.

— É tarde demais para isso, — diz ela. — Foi levado para a prisão cerca de dez anos atrás. Ouvi dizer que ele foi esfaqueado na primeira noite lá. Serviu-lhe direitinho, se você me perguntar. Filho da puta inútil nunca levantou um dedo para me ajudar, nem mesmo quando eu engravidei e papai me expulsou. Imediatamente negou que você fosse dele quando eu disse a ele, provavelmente só para que ele não fosse expulso do jogo de pôquer do papai. Acho que isso mostra o quanto você era importante para ele. Pelo menos eu mantive você.

— Obrigada, mãe, — eu digo, por que o que mais posso dizer? Ela está certa. Ela poderia ter me dado para adoção. Quem sabe se eu estaria melhor. Mas não há como saber isso agora. Mesmo que ela não tenha sido a melhor mãe, ela abriu mão de muita coisa por mim.

— Sim, — diz ela a contragosto. — Então não vá falar merda como se eu devesse ter levado você para conhecê-lo. Ele não queria nada com sua bunda.

— Ok, — eu digo. — Você tem razão. Não importa. Eu só queria saber quem ele era.

— Eu sempre disse que ele era um merda inútil, — diz ela. — Acho que isso não é o suficiente.

— É o suficiente.

Ela passa o batom e o deixa cair de volta na cômoda, pegando o cigarro, que se apagou enquanto ela falava. Ela o reacende e se olha no espelho. — Sabe, eu tentei nos dar uma vida melhor. Eu não estava procurando por um bebê, mas pensei que talvez ainda pudesse fazer algo bom para nós. Tentei falar com John, mas ele não quis saber de mim. Então tentei com o JT, já que ainda não estava aparecendo. Ele me acolheu depois que meu pai me expulsou. Mas acho que nós dois estávamos apenas tentando provocar John. E aí você apareceu, e todo mundo percebeu que você não era do JT, por causa da sua cor.

— Ele expulsou você?

— Sim, — diz ela, apagando o cigarro. — Ele pensou que eu o tinha traído, não podia ser convencido do contrário. E um homem tem seu orgulho, especialmente um homem rico. Mesmo quando ele perdeu seu dinheiro e não é mais rico. Você não era problema dele, e ele não iria apoiar o filho de outro

idiota, especialmente se viesse de sua namorada o traindo.

Estou horrorizada com essa história que nunca soube, em parte porque consigo ver muito de mim mesma nela, tantos erros que qualquer garota poderia cometer. Uma camisinha esquecida e você é uma mãe adolescente sem-teto implorando por um lugar para ficar. Se Royal não tivesse dinheiro, ou não tivesse me levado à clínica naquele dia, esta poderia ser a minha vida. Não é à toa que ela me odeia.

— Mãe... me desculpe.

Ela dá de ombros. — Morei com a família Gunn por um tempo, pelo menos alguns anos.

Eu penso em todas as vezes que o policial Gunn me pegou na época do grafite, como ele sempre perguntava pela minha mãe e pegava leve comigo. Por alguma razão, isso me faz sentir estranha como o inferno.

Mamãe continua falando enquanto adiciona mais blush em suas bochechas. — Então meu pai ficou com o braço preso em uma hélice enquanto estava no barco de pesca de um amigo, e ele não conseguiu se recuperar. Sua vò se casou com um babaca de Beebe e se mudou para lá. Peguei o trailer e você conhece o resto da história.

— Me desculpe mamãe. Lamento que tenha sido tão difícil para você e que minha existência tenha arruinado sua vida. Eu realmente, verdadeiramente sinto por você. Eu sei que você acha que é minha culpa, mas não é como se eu tivesse pedido para nascer.

— Eu sei que não, baby, — diz ela, sentando-se ao meu lado na cama. — E eu sei que nem sempre fui a melhor mãe para você. Mas você está se saindo muito bem e quero que saiba que estou orgulhosa disso.

Ela estende a mão para me abraçar e eu deixo que ela me puxe, apertando seu corpo sólido contra o meu e inalando o cheiro de tabaco e perfume barato.

— Obrigada, — eu digo, minha garganta de repente apertada. Elogios da minha mãe são tão raros quanto joias, e não vou estragar tudo pedindo mais. Embora eu esteja aliviada por ela ter confirmado minhas suspeitas, ainda estou feliz por ter dado a Preston um cotonete com minha saliva quando ele perguntou. Apenas no caso de... Afinal, ela estava com dois Darlings na época em que fui concebida. O que significa que eu não poderia ser apenas prima de Preston, mas sua tia, o que é ainda mais perturbador. Eu sei que não sou, mas ainda assim. Um teste de DNA deixará nossas mentes tranquilas.

Recebo a ligação na quinta-feira. O conselho de admissão não apenas aceitou minha inscrição, mas também recebi uma bolsa integral para os dois semestres. Estou tão feliz que, depois de fechar as persianas, pulo para cima e para baixo e grito como uma pré-adolescente que acabou de ganhar ingressos para ver sua boyband favorita. E esse não é o tipo de coisa que eu faço. Mas só desta vez, eu me permiti. Afinal, não ganhei apenas um concurso no rádio por uma noite de diversão. Ganhei a porra de um ano inteiro em uma escola de ponta, uma que pode me lançar em uma faculdade de ponta.

Depois que a empolgação passa, envio uma mensagem de texto agradecendo a Preston e afundo na cama, tremendo de nervoso.

Estou voltando oficialmente para Willow Heights.

É o fim de semana mais longo da minha vida, mas na segunda-feira finalmente chega meu primeiro dia de aula. Já perdi um mês, mas ainda é muito cedo. Estou muito nervosa. Não sei como vou ser forte o suficiente para fazer isso. Pelo menos Dawson e Royal não estarão lá, então só tenho que enfrentar os gêmeos todos os dias. Depois da noite no Slaughterpen, porém, sei que vou sobreviver. Outra coisa que eu tenho que agradecer a Royal. Eu poderia nunca estar pronta para vê-los se não fosse por ele, e estou muito grata por minha primeira vez em vê-los não ser na escola, onde eu poderia surtar publicamente.

Levanto cedo e visto peça por peça minha armadura, me ajeitando até parecer uma das garotas Dolce, perfeitamente maquiada e com roupas de grife. Então estou pronta. Este ano, não tenho uma bicicleta chique. Eu tenho algo melhor. Subo no Escalade, me sentindo uma vadia durona enquanto chego no campus. Meu estômago revira quando vejo um Range Rover preto estacionado na vaga ao lado da que me foi designada. Eu suspiro e saio do meu carro - apenas dizer que *meu carro* me deixa tonta o suficiente para que ele não possa arruinar meu humor.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto quando Royal sai de seu carro.

— É o seu primeiro dia.

— E? — Eu pergunto. — Eu fiz o que você queria. Eu fui para Slaughterpen. Você estava certo. Ajudou. Eu admito. Agora você pode se vangloriar.

— Eu não estou aqui para me vangloriar, — ele diz, franzindo a testa para

mim. Posso ver outros alunos pelo canto do olho, demorando-se e nos observando.

— Tudo bem, — eu digo. — Então saiba que você acertou as coisas. Eu estou deixando você saber. Agora, você pode, por favor, parar de me seguir e apenas me deixar viver minha vida?

— Eu já te disse a resposta para isso, — ele diz, sua voz um estrondo baixo enquanto caminha em minha direção, quase como se fosse colocar as mãos em meus quadris do jeito que costumava fazer, me puxar para perto...

Meu maldito coração palpita com o pensamento, e eu fecho a porta na cara daquela cadela estúpida bem rápido. Respiro fundo, usando minha paciência, antes de me dirigir a ele novamente. — Você não deveria estar na faculdade agora? Seu pai não pode pagar sua entrada em Yale ou em alguma outra escola importante do país? Ou você desistiu para me perseguir em tempo integral?

— Alguém deveria estar te vigiando em tempo integral.

Eu suspiro. — Eu não vou me matar, Royal. E acredite em mim quando digo que ter você por perto não melhora as coisas. Está piorando.

— Deixe-me acompanhá-la hoje, — diz ele, um desafio em seus olhos. — Se piorar as coisas, não vou aparecer amanhã.

Ficamos ali por um minuto, nos encarando. Nós dois sabemos que ele está certo. Royal aparecendo aqui para mim só vai tornar as coisas melhores para mim este ano. Ele pode ter se formado, mas foi o rei deste lugar nos últimos anos. Ninguém vai mexer com sua garota.

Mas não sou a garota dele e não quero fingir que sou.

Ainda assim, não sou estúpida o suficiente para jogar fora o que ele está me dando só para provar que posso fazer isso sozinha. Aprendi da maneira mais difícil que não sou suficiente. Sozinha, não sobreviverei a este lugar. Dixie me disse isso no ano passado, no meu primeiro dia. Passei todo o ano passado tentando provar que ela estava errada, apenas para provar que ela estava certa no final. Eu preciso de aliados. E Royal não é um aliado qualquer. Ele é a *realiza*ção de Willow Heights .

Claro, eu poderia ser uma pirralha e fazer questão de sair e deixar Royal Dolce comendo poeira. Alguma parte mesquinha de mim quer, só para ferir seu orgulho. Mas a parte teimosamente enraizada de mim que sobreviveu, o instinto de autopreservação, é mais forte do que qualquer noção tola de orgulho. Isso é um presente, assim como ele entregou minha vingança para mim como um

presente. Naquela época, ele estava mostrando a seus irmãos que não se deve brincar comigo. Agora, ele está se oferecendo para mostrar para toda a escola.

— Ok, — eu digo, pressionando minhas unhas nas palmas das mãos até que eu saiba que vai deixar marcas. — Vou deixar você me acompanhar hoje, mas só se você não aparecer todas as manhãs.

— Certo.

— E isso não significa que você pode pular um dia, — eu digo, olhando para ele. — Faça o seu ponto agora, e é isso.

— Qualquer outro dia.

— Uma vez por semana.

Nós nos encaramos por um longo momento. — Eu não sou obrigado a isso, — ele resmunga. — Se algo acontecer...

— Então você pode colocar sua capa de herói e vir salvar o dia.

Ele franze a testa para mim, mas estende a mão. Eu quero dizer a ele que de jeito nenhum eu estou segurando sua mão, mas isso iria anular o propósito dele me levar para dentro. Então eu deslizo minha mão na dele, lembrando quando era eu quem queria isso, quando eu barganhei para isso com um boquete. A memória me engole enquanto sua mão engole a minha, e fico feliz que seu aperto seja firme, porque acho que poderia ceder se ele não estivesse me segurando, me firmando. A força da memória me atinge bem no peito, como as memórias me atingiram na ponte.

Apesar de tudo, apesar de nós dois jogarmos um jogo o tempo todo, ambos vendo até onde o outro poderia ir antes de quebrarmos, estávamos felizes.

A realização é chocante e absurda e tragicamente, terrivelmente real. Podemos ter sido tóxicos pra caralho juntos, mas durante aqueles breves meses em que estivemos juntos, fomos felizes. Não me lembro de ter me sentido melhor do que quando estava em seus braços, ou de joelhos na frente dele, ou apenas deitada sob a ponte com ele, minha cabeça apoiada em seu braço, conversando. Para uma garota como eu, isso é o mais perto de ser feliz que eu jamais chegarei, e eu nem percebi isso na época.

Ou talvez eu tenha. Talvez seja por isso que me deleitei com tanto abandono, absorvendo cada gota de felicidade que pude. Porque uma parte de mim sempre soube que um dia tudo acabaria e tudo o que me restaria seriam as lembranças. Eu só não previ o quanto elas iriam doer.

Não é uma dor agriçoce. É cru e imediata, uma dor penetrante que é pior do que eu pensava ser possível, perfurando meu esterno. Royal me rasgou, cortou o tecido cicatricial e me forçou a sentir novamente, mesmo quando prefiro ficar entorpecida e selada na segurança do abrigo que Preston me ajudou a construir em torno do meu coração. Royal não dá a mínima para o que eu prefiro fazer. Ele me obriga a enfrentar a dura realidade do jeito que ele faz, nunca se esquivando dos lugares que mais doem.

No momento em que recupero o fôlego e minha cabeça para de girar, estamos no meu armário. Eu puxo minha mão da dele, feliz por estar atordoada demais com a dor para perceber como sua mão era boa ao redor da minha, quão grande, quente e protetora, como se nunca fosse me machucar.

Seu toque é uma mentira.

Eu sei disso. Eu me lembro enquanto coloco minha combinação e abro meu armário vazio.

Royal se inclina contra o armário ao lado do meu, apoiando o cotovelo sobre minha cabeça e se inclinando.

— Por favor, não, — eu digo, descansando a mão em seu peito para manter distância entre nós. Talvez pareça uma cena romântica para todos que estão boquiabertos, mas eles não podem ver meus lábios tremendo, não podem ver que não estou colocando a mão no coração de Royal, mas impedindo-o de se aproximar. Eu não posso lidar com isso hoje. Eu preciso ficar longe dele antes que eu perca minha cabeça completamente, mas ele não vai me deixar respirar, não vai me dar uma pausa. Ele está na minha cara, em todos os lugares que olho, nunca me deixando esquecer.

— Por que não? — Ele pergunta, usando a mão livre para enrolar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Seus olhos escuros estão me atraindo, quentes com... Desejo. Um arrepio percorre meu corpo, e sinto a resposta puxar dentro de mim e, de repente, estou olhando para sua boca, lembrando-me de seus lábios quentes nos meus, de como seu beijo era uma tempestade que passei a desejar.

Foda-se minhas memórias estúpidas.

Engulo em seco e forço minhas palavras, mantendo-as baixas para que a multidão que nos assiste não ouça. — Eu não quero te beijar.

— Eu quero te beijar, — diz ele, descansando sua testa na minha. — Eu quero te beijar até que você esteja tão molhada que eu possa sentir o cheiro. Eu quero provar sua língua de cereja preta e ouvir você gemer.

— Não, — eu sussurro, meus olhos caindo fechados. Não posso me dar ao luxo de me sentir assim de novo, do jeito que ele ameaça me fazer sentir. Estou tremendo e não sei se quero devorá-lo ou destruí-lo por pensar que ele ainda pode dizer essas coisas para mim.

— Eu quero te beijar aqui. — Ele passa os nós dos dedos pela lateral do meu pescoço. — E aqui. — As pontas de seus dedos deslizam sobre minha clavícula antes de sua mão cair no meu quadril.

— Pare, — eu sussurro.

— E aqui.

— Royal...

Ele passa o polegar ao longo do interior do meu osso íliaco, no meu ponto de cócegas. — Eu quero te beijar aqui mesmo até você perder a paciência como sempre faz e enfiar minha cabeça entre suas pernas como uma cadela gananciosa. Eu quero lambe sua boceta até você jorrar na minha boca do jeito que costumava fazer. Quero lambe cada gota e começar tudo de novo a partir daqui.

Ele levanta a mão do meu quadril e passa o polegar pelo meu lábio inferior, esmagando-o enquanto segura meu queixo entre os dedos. Seus olhos estão quentes, tão quentes que me fazem tremer as coxas, mas não sei se é desejo, medo ou algum coquetel molotov dos dois. Só sei que odeio isso com cada fibra do meu ser.

— Royal. — Agarro seu pulso com ambas as mãos, meu olhar voando para ele. — Não.

Ele pisca para mim algumas vezes, a névoa de luxúria se dissipando de seus olhos. — Acho que chegamos ao nosso ponto, não é? — ele pergunta, dando uma leve inclinação de cabeça em direção ao corredor.

Engulo em seco, tentando limpar meus próprios pensamentos, com ciúmes da rapidez com que ele pode se recompor. Ele teve anos de prática em fazer uma cara falsa, no entanto. Sempre fui eu mesma, e foda-se quem não gostou. Agora, estou aprendendo o jeito dele.

— Bem, olha o que temos aqui. — O lento sotaque georgiano de Gloria corta o silêncio tenso no corredor. — Se não é o casal favorito de Faulkner, juntos novamente.

Ela para ao nosso lado, e noto ainda mais pessoas olhando. O corredor ficou em silêncio mortal, e ninguém está fingindo não olhar. Há uma multidão

inteira assistindo agora, encostada nas paredes e nos armários, como se estivessem esperando por um confronto. De repente, meu coração está batendo forte. Não gosto de atenção a menos que esteja no fosso e, mesmo assim, não luto pelo público. Posso dar a eles o que eles querem - uma luta longa e sangrenta - mas é apenas para que eu possa lutar novamente. Nunca foi sobre eles.

E aqui, onde não me encaixo, sempre detestei atenção. Mesmo agora, quando estou no papel, não tenho interesse em estar no centro das atenções. Não posso deixar de sentir, mais uma vez, como se eu fosse a último a saber de algo. O que exatamente aconteceu depois que abandonei a escola no ano passado? Royal e Gloria são oficiais e acham que vamos lutar por ele? Ou eles estão apenas olhando para mim porque eu desapareci e agora estou de volta, e estou com Royal?

Exceto que não estou com Royal, e Gloria merece saber disso. Ela fica lá parecendo tão perfeita como sempre, mas há uma centelha de desafio em seus olhos. Ela está esperando que a contradigamos?

Mesmo com roupas que me servem como se fossem feitas sob medida para todas as minhas proporções, de repente me sinto deslocada, como se estivesse brincando de me vestir. Pois é, as roupas ricas cabem no meu corpo, mas não cabem em *mim*. As calouras que desmaiam com Royal podem não saber, mas Gloria com certeza sabe. E embora ela também seja bolsista, de alguma forma ela parece em cada centímetro a polida e perfeita beldade do sul, seus longos cabelos loiros penteados e pendurados nas costas e encimados por uma faixa dourada na cabeça, uma saia de colegial com sua camisa recém passada e perfeita.

Percebo que não conheço mais a vida dela, nem mesmo da maneira superficial que costumava conhecer. Abro a boca para dizer que não estamos juntos, mas Royal me lança um olhar de advertência, como se estivesse lendo minha mente e soubesse exatamente o que estou prestes a fazer. Calo a boca e sorrio para Glória, me perguntando se minha traição voltou para ela, se ela é uma inimiga agora.

Não vou subestimá-la novamente. Ela pode parecer doce como uma torta na superfície, mas ela é selvagem por baixo - e mais forte do que eu. Ela esteve onde eu estava. Ela não quebrou. Ela usou essa merda para impulsioná-la ao topo, para se tornar uma rainha.

— Vá em frente, Lo, — Royal diz, sua voz branda enquanto ele se endireita e a encara.

Ela ergue uma sobrancelha, mas os nós dos dedos ficam brancos enquanto ela aperta os livros com mais força contra o peito. — Você não deveria estar na

faculdade em vez de perseguir o jailbait no ensino médio?

— Sou menos de um ano mais velho que Harper, — ressalta.

— Está tudo bem, — eu digo, deslizando meus braços em volta dele por trás. É para mostrar, mas não sinto falta do jeito que ele fica tenso em meus braços ou do jeito que meu estúpido coração incha até doer com a familiaridade de seu corpo contra o meu, o gesto casualmente íntimo que eu costumava fazer como algo natural. De fingir por status. — Estou bem. Tenho que ir.

— Eu estava saindo. — Ele se vira em meus braços, apertando-me contra ele com tanta força que não consigo respirar por um segundo, e me pergunto se ele está sentindo a mesma dor que eu, a dor de sentir falta do que tivemos. Podemos estar bem na frente um do outro, mas não somos mais um do outro. Fingir um toque, um abraço, quase torna tudo pior do que não fazer nada. Isso só me lembra que tudo foi destruído.

— Para que conste, eu não aprovo isso, — diz Royal, afastando-se de mim e gesticulando entre mim e Gloria. Eu procuro em seu rosto, em seus olhos, algo real, algum indício de saudade do que acabou de acontecer entre nós, mas não consigo encontrar nem um traço. Eu não estou surpresa. Royal mostra ao mundo o que ele quer que eles vejam, e ele quer que eles vejam que ainda sou dele, que carrego sua marca de aprovação e que estou fora dos limites.

Eu não luto contra isso. Não há sentido. Como Colt disse, sua reivindicação é para sempre. Eu não posso escapar disso. Tudo o que posso fazer é usá-lo para qualquer que seja o valor da moeda de seu status aqui.

Ainda deve valer alguma coisa, porque uma multidão de calouras mal-educadas ri por trás das mãos, cobre o coração e revira os olhos como se estivesse prestes a desmaiar quando Royal vai embora. Irritação irracional cresce dentro de mim, o desejo de bater suas cabeças juntas e dizer-lhes para encontrar um menino de sua idade. Estou muito ciente da rejeição total e absoluta de Royal a elas, da maneira como ele nem sequer as olha de relance e da satisfação idiota que isso me traz.

— Oh meu Deus, é *ele*, — grita uma garota de olhos de corça, pele úmida com cachos loiros e lábios carnudos e rosados.

— Não acredito que conseguimos vê-lo, — diz sua amiga, uma morena baixa e corpulenta com cabelo de chapinha e o que parece ser sua primeira tentativa de forro alado. — Ele nem vem mais aqui.

— Sinto como se tivesse acabado de ver Brody Villines, — concorda outra amiga, uma que obviamente não superou sua estranha fase adolescente cheia de

espinhas, embora esteja usando um quilo de maquiagem para tentar esconder as espinhas. — Ouvi dizer que ele quebrou, tipo, todos os recordes de futebol nesta escola no ano passado.

— Ouvi dizer que ele está administrando sua própria empresa agora, — diz a loira. — Dolce Doces. Esse é ele!

Eu me viro para Gloria bem a tempo de ver a garota no armário ao lado revirando os olhos antes de fechar a porta de madeira e colocar a mochila no ombro. Eu não a reconheço do ano passado, e é uma escola pequena o suficiente para que eu tenha certeza de que me lembraria de uma morena alta que usa flanelas que definitivamente quebram a política de 'camisas com colarinho' do código de vestimenta.

— Quem é aquela? — Eu pergunto.

Gloria franze o nariz enquanto observa a garota se afastar pelo corredor em seus Doc Martens. — Essa é Josie, — diz ela. — Aluna transferida. Tem bolsa de estudos. Poderia ser bonita se ela se preocupasse em tentar. Ela ao menos penteou o cabelo esta manhã?

Eu levanto uma sobrancelha e dou a ela um olhar significativo. — Muito Julgadora?

— Falando em trolls, — ela diz, franzindo o rosto como se estivesse cheirando algo ruim e olhando alguém de cima a baixo enquanto elas se aproximam atrás de mim.

Eu me viro e meu coração quase para de bater. — Colt, — eu sufoco.

— Ei, Appleteeny, — ele diz com um sorriso lento, aquele que pode parecer casual, mas se você o conhece, pode ver a cautela em seus olhos. — Ou devo dizer... Ei, Darling?

— Pelo amor de tudo que é sagrado, por favor, não faça isso.

Preston não demorou muito para espalhar isso. Acho que isso responde à questão de saber se eles estão próximos ou não.

— Considerando que ouvi dizer que tivemos nosso pequeno deleite da tarde no ano passado, acho que prefiro esquecer que isso também foi mencionado, — diz ele.

— Vocês ficaram juntos? — Gloria pergunta, olhando para mim como se fosse uma afronta pessoal para ela eu ousar ficar com alguém que ela considera

abaixo dela. Acho que se quero ser amiga dela, tenho que manter as aparências como ela faz.

— Não, — eu digo com firmeza. — Nós só saímos uma vez.

— Sim, — diz Colt com um sorriso. — Foi o que aconteceu.

— Por que você está falando com a gente? — Gloria pergunta em sua voz mais mal-intencionada. — Vá rastejar de volta para sua pequena caverna assustadora como o goblin⁴ que você é.

Às vezes esqueço que ela não era apenas minha amiga no ano passado. Ela era a rainha vadia da escola. Agora que ela está no último ano, seu reinado será supremo. É difícil imaginar que alguém possa rivalizar com ela, mesmo sem Royal em seu braço, mas se eu conheço Gloria, ela vai garantir um dos outros cães de destaque só para ter certeza.

Colt dá uma olhada lenta nela. — Eu não estava falando com você, querida, — diz ele. — Mas como você é a rainha goblin, acho que você deve saber uma ou duas coisas sobre buraquinhos gelados.

— Eu disse *cavernas assustadoras*, — ela corrige, parecendo escandalizada com as palavras dele. — Agora caia fora, perdedor.

Ele abre a boca como se fosse responder, então fecha a mandíbula e apenas a fixa com seu olhar arrogante de idiota.

— Colt é meu amigo, — interrompo, virando-me para Lo. — E Royal não está mais aqui. Você não tem que impor suas regras estúpidas.

— Aww, olhe para isso, ela está me defendendo, — diz Colt, passando o braço por cima do meu ombro. — Também senti sua falta, Teeny.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto. — Você não se formou?

— Oh, nosso primo não te contou? Desde que tive que abandonar a escola depois do Halloween no ano passado, posso repetir o último ano com todas vocês, adoráveis senhoras. Sorte minha.

— Eu não sabia, — eu digo baixinho, culpa torcendo dentro de mim. — Dixie disse que estava tendo aulas online.

— Sim, é um pouco difícil fazer merda quando sua cabeça está embrulhada como uma múmia e você não pode ver por três meses. Além disso, você sabe. Perdi um monte de memórias e reter a merda é um pouco mais difícil do que

costumava ser.

— Então, você está com dano cerebral, — Gloria diz com um bufo. — Pena que eles não têm um ônibus curto nesta escola. Talvez você devesse tentar Faulkner High. Ouvi dizer que eles têm mais... serviços especiais.

— Gloria, cale a boca, — eu digo, engolindo em seco. — E Colt, sinto muito.

Ainda mais triste porque durante esses três meses, eu estava feliz fodendo Royal.

— Está tudo bem, baby, — diz ele. — Eu gosto de brincar com fogo também, quando se parece com você.

— Você pode simplesmente não flertar comigo até que o teste de DNA saia? — Eu pergunto, fugindo de debaixo de seu braço.

— Tudo o que você diz, Teeny, — ele fala lentamente, dando a Gloria uma saudação preguiçosa de dois dedos antes de passear pelo corredor.

Rezo pra caramba para que ela não pergunte de que teste de DNA estou falando, porque a última coisa que quero é ser conhecida como a puta que fodeu o próprio primo.

— Oh meu Deus, — grita uma voz alta e doce atrás de nós. Nunca fiquei tão aliviada em ver Dixie, mas também estou com medo de que Gloria pergunte sobre o teste de DNA na frente da cadela mais intrometida e fofqueira da escola.

— Oh, ótimo, — murmura Gloria.

Dixie se apressa, seus olhos arregalados de surpresa. — Você voltou!

Dou-lhe uma pequena carranca antes de perceber que ela não está olhando para mim. Ela pega a mão de Glória e a aperta, com um sorriso cheio de simpatia. — Sinto muito por seu irmão. Você está bem?

— Estou bem, Dixie, — diz Gloria, olhando ao redor para a multidão sussurrante e endireitando os ombros. Ela mantém a cabeça erguida, mas quando a olho mais de perto, noto as olheiras sob seus olhos, talvez até um pouco de inchaço.

— Se você precisar conversar, — diz Dixie. — Você sabe que pode falar comigo.

— Eu tenho que chegar ao meu armário, — diz Gloria, afastando sua mão da de Dixie e começando a descer o corredor sem se preocupar em se despedir de mim.

— Suas irmãs voltaram? — Dixie pergunta, correndo atrás dela.

Eu olho em volta, impressionada com todas as pessoas olhando e sussurrando, a confusão da manhã, a sensação de ter metade de cada história. Passo com os ombros pelas calouras, aliviada porque pelo menos ninguém está boquiaberto com minhas roupas este ano. Ainda assim, a paranoia me incomoda.

As pessoas estavam olhando para mim, ou Royal, ou Gloria? Na primavera passada, os gêmeos Dolce e Dawson contaram a todo mundo que jogaram um trem em mim, ou que o time de futebol fez? Quero dizer, é um alívio saber que os gêmeos são os únicos nesta escola que realmente me foderam, já que Dawson já se formou. Não preciso andar por aí me perguntando qual jogador do time de futebol já esteve dentro de mim. Mas o que diziam os rumores?

A maioria das pessoas nem piscaria se descobrisse que estive com os gêmeos. Isso é notícia velha. Eles pensaram que isso aconteceu desde a primeira

vez que Royal me arrastou até o porão para lhe dar uma boquete. Os gêmeos fodem todo mundo, de qualquer maneira. Difícilmente sou especial. Mas um boato de que levei toda a equipe...

Já lidei com rumores sobre minhas proezas sexuais antes e, embora pareça muito cruel ter que suportar isso duas vezes antes de terminar o ensino médio, tanto faz. Não me matou quando Colin Finnegan disse a todos na Faulkner que eu era uma vagabunda no primeiro ano, e não vai me matar agora. Se não é sobre isso, houve rumores sobre minha morte? Ou é só porque Royal me acompanhou esta manhã?

Além do meu pequeno drama, o que aconteceu com os Waltons? Dei um soco em Dawson e dei um chute nas bolas dele, mas não bati tanto assim. E eu nem vi as garotas Walton, então por que elas saíram?

Não sei dizer se as pessoas estão olhando para mim enquanto caminho para minha primeira aula. Minha cabeça está abarrotada com todas as novas informações, mas obviamente há mais coisas que eu não tenho. Perdi os últimos dois meses do primeiro ano e o primeiro mês do último ano e não tenho ideia do que aconteceu enquanto estive fora. Mas conhecendo Willow Heights, perdi uma porrada de drama. Agora, é como começar do zero, tentando descobrir tudo de novo.

Sento-me no primeiro período, tentando prestar atenção, mas minha mente continua voltando para o que Colt disse. Ele não parecia chateado comigo, embora tivesse todos os motivos para estar. Na verdade, ele não parecia chateado com Preston também – não comigo, de qualquer maneira. Naquele dia, ele estava irado com Preston por dormir comigo, e hoje ele parecia mais interessado em alfinetar a abelha rainha do que qualquer outra coisa.

Mesmo que ele não me culpe, eu me sinto culpada pra caralho. Mas a culpa dessa situação não é toda minha. Ele me convidou para sua casa sabendo o que estava arriscando, mesmo que eu não soubesse. Ele me deu as roupas de Mabel e me contou o que aconteceu com ela, convenientemente deixando de fora a parte sobre como os gêmeos ainda são obcecados por ela. Talvez tudo fosse igual se ele não tivesse feito isso, mas talvez não. Afinal, se Royal não tivesse me visto com Colt, ele poderia nunca ter enlouquecido de ciúmes. Esse foi o dia em que ele me reivindicou como seu brinquedo, disse que eu pertencia a ele.

No dia em que usei as roupas da Mabel, os gêmeos piraram. Royal me fez trocar de roupa e depois me levou para o porão para brincar pela primeira vez. Depois disso, ele me mandou ir ao jogo dele. Nós ficamos. E tudo foi a partir daí. Se Colt não tivesse me convidado naquele dia, isso teria acontecido do jeito que aconteceu?

Não adianta ficar imaginando, já que ele me convidou. Mas ele segurando isso contra mim é como eu segurando contra ele que Royal me reivindicou. E a verdade é que gosto de Colt e gostaria de sua amizade, mas não vou arriscar se ele vai se machucar de novo. Tenho que sentir a nova ordem, descobrir como as coisas mudaram agora que Royal não está no trono.

Entro no segundo período e vejo uma cadeira vazia ao lado de Josie, a garota de flanela, que está sentada relaxada em sua cadeira com os fones de ouvido, mexendo em seu laptop. Eu sigo em sua direção, mas uma voz profunda chama meu nome, interrompendo meu progresso. A garota olha para cima, me observando com um único olhar, e então volta para seu computador.

— Ei, Harper, — DeShaun chama novamente, chutando uma cadeira para mim. — Venha se sentar conosco.

Suspiro e acalmo-me, juntando-me a ele em uma mesa com Cotton Montgomery e uma garota Dolce cujo nome não me lembro. De repente, tudo de que me lembro é que ela e outra garota riram quando me disseram que Duke me daria uma marca “mais permanente” do que um colar. Penso naquele anel que ele usa e estremeço. Ele me disse que era para saber onde ele esteve e usou isso comigo. Todas as garotas Dolce têm a mesma cicatriz?

Nós realmente somos marcados como seu gado.

Sinto a bile subir à minha garganta e não tenho certeza se conseguirei assistir a esta aula com uma garota que acha isso fofo e um cara que é conhecido por seus próprios amigos como alguém a quem se deve tomar cuidado porque pode escorregar algo em sua bebida. Começo a me levantar, virando-me para ver se a vaga ao lado de Josie está aberta, mas nesse momento Colt cai nela. Claro que ele é amigo da garota legal. Claro, porra.

A aula começa e eu sento lá tentando me lembrar por que lutei tanto para estar neste grupo no ano passado. É óbvio que escolhi o público errado. Estou assombrada com o olhar que essa garota que eu nem conheço me deu quando entrei e ia sentar com ela. Josie me olhou e me dispensou com um único olhar. Ela não me conhece, não sabe que passei o ano passado desejando ter roupas de grife como todo mundo, que eu pudesse me encaixar.

Agora sim, e a primeira pessoa que parece legal e interessante deu uma olhada em mim e decidiu que eu era como qualquer outra vadia rica. Afinal, ela me viu com Gloria esta manhã. Ela provavelmente pensa que sou uma das garotas más, que pertencço a essas pessoas. Ela não sabia que eu estava indo para a mesa dela, que a escolhi porque queria estar com alguém que se parecesse mais como... eu.

Só que a verdade é que não me pareço mais com ela. Não sei a que lugar pertenço este ano. Talvez eu não pertença a garotas como Josie ou Blue, garotas que parecem os extremos opostos do espectro das pessoas da ESF. Afinal, eu uso sapatos de mil dólares e dirijo um Escalade. Por fora, sou igual a Gloria. Mas por baixo de tudo, eu ainda sou uma garota do estacionamento de trailers, não importa o quanto Preston tente me mudar, me colocando em roupas elegantes e me cobrindo com diamantes.

Talvez, por alguns meses no ano passado, eu tenha pertencido a esse grupo. Eu era o brinquedinho de Royal e, embora nunca tenhamos tornado isso oficial, todos sabiam que eu era a namorada dele. Mas eu só pertencia porque ele disse que sim. Fui convidada para as festas deles, mas não para as viagens de férias de primavera. Nada disso mudou. Só porque tenho roupas caras agora, Preston não vai financiar minhas viagens com seus inimigos e seus amigos. Eles vão me chamar na aula, sentar comigo porque Royal diz que eu sou boa o suficiente, fingir para o meu bem que eles não sabem de onde eu vim e quem eu realmente sou. Mas sempre saberão que não sou uma deles, e sempre saberei que estão fingindo.

Eu termino a aula sem surtar, mas estou apenas na metade do corredor em direção à próxima quando vejo Duke pela primeira vez. A adrenalina dispara através de mim, e tudo que eu quero fazer é correr. Por sorte, ele está ocupado flertando com a bela caloura loira desta manhã e nem me vê.

Passo correndo, tão ocupada olhando para trás por cima do ombro que perco o que está bem na minha frente até pisar em algo macio. Parando bruscamente, eu me viro, mal percebendo alguns olhares sujos lançados em minha direção. Sob meu pé há um cravo esmagado, um das centenas empilhadas no chão contra os armários. Cartões, ursinhos e placas artesanais flutuam no mar de flores.

De repente, minha cabeça gira e apoio minha mão contra o armário, lutando para respirar enquanto as palavras de Dixie voltam para mim.

Sinto muito pelo seu irmão.

Estou aqui se precisar conversar.

Acho que vou passar mal. Eu empurro o armário e corro pelo corredor até o banheiro, batendo meu ombro na porta com tanta força que ela se abre. Mesmo sendo um período passageiro, o banheiro está estranhamente deserto, como se estivesse esperando por mim. Eu agarro as bordas de uma pia, fechando os olhos e respirando fundo. Ainda bem que não tomei café da manhã, então não tenho nada para vomitar. Minhas pernas estão tremendo como geleia.

De repente, percebo a rigidez inflexível dos socos-ingleses prendendo meus dedos, arranco-os e jogo-os na pia e pulo para trás como se eles pudessem me morder.

Eu matei Dawson?

Já ouvi falar de alguém que foi atingido na cabeça e morreu de um aneurisma que não sabia que tinha. Mas isso não é instantâneo? Ou pode acontecer mais tarde, depois que ele adormecer? Ou isso é uma concussão? Bati nele com força suficiente para causar uma concussão?

— É melhor você ser uma caloura idiota que não sabe quem eu sou, — diz uma voz de uma das baías. A porta se abre, e Gloria Walton está lá, parecendo chateada.

— Gloria, — eu digo, engolindo em seco.

— Oh, — diz ela, dando-me uma olhada fria. — É você.

Ficamos ali olhando uma para a outra por um minuto. Essa garota era minha amiga, mas conforme os segundos passam, eu conto as maneiras que eu a prejudiquei. Eu não apenas machuquei o irmão dela. Conteí a alguém o segredo de Royal depois de jurar a ela que não contaria. Eu a traí e, a julgar pela maneira como Royal falou com ela esta manhã, houve consequências.

Com nojo de mim mesma, pego os anéis da pia e os coloco de volta antes de me virar para encará-la. Não adianta adiar, se esconder da verdade.

— O que aconteceu com Dawson? — Eu pergunto categoricamente.

— Suicídio, — ela diz, sua voz igualmente desprovida de emoção.

Meus punhos se fecham involuntariamente quando me lembro de estar na beira daquele telhado, as mãos de Preston em meus braços, me segurando. Náusea revira meu estômago. Eu contribuí para o que Dawson fez? Quando o confrontei, sua culpa se tornou demais?

— Podemos... ir a algum lugar e conversar? — Eu pergunto, sentindo-me incrivelmente, desconfortavelmente vulnerável, além de instável em meus pés.

— Por quê? — Glória exige, curvando-se. — Você quer saber todos os detalhes terríveis? Como ele fez isso, quem o encontrou, o que dizia o bilhete de suicídio?

Ela se vira para o espelho e se inclina, piscando enquanto observa seus

próprios olhos secos. Em algum momento entre o último domingo e este, ela perdeu o irmão, mas olhando para ela, você não saberia que ela chorou. Apenas as olheiras que a maquiagem não consegue esconder denunciavam.

— Sinto muito, — eu digo.

— Pelo que? — ela pergunta, virando-se do espelho. — Pela minha perda, ou por ter a coragem de pensar que você pode me perguntar sobre isso? Se você fosse uma amiga, eu já teria lhe contado.

— Isso é justo, — eu digo, meus lábios dormentes.

— Mas você não é uma amiga, e nunca foi, — ela continua, raiva em suas palavras. — Você só queria chegar perto de Royal, e quando você não conseguiu chegar lá sozinha, você encontrou outra maneira de entrar. Você acha que é a primeira cadela sedenta a me usar como um trampolim? Por favor. Você é básica.

A porta se abre e Gloria grita uma ordem para que elas saiam, e as meninas tropeçam umas nas outras na pressa de obedecer. Quando a porta se fecha, ela se vira para o espelho e abre a bolsa.

Engulo em seco, feliz pela distração, então tive um momento para deixar a dor de suas palavras penetrar. — Você está certa, — eu digo. — Eu era uma péssima amiga.

Ela bufa. — Nem se preocupe, Harper. Você não era uma amiga. Eu era um meio para um fim. A parte embaraçosa é que pensei que você fosse diferente. Acho que é minha própria culpa por assumir isso. Eu sei melhor do que ninguém que as aparências enganam. Eu sou a última pessoa que deveria ter sido enganada.

Lembro-me de ter dito algo semelhante a Duke no fosso outro dia, como eu estava tão desesperada por um amigo que acreditava que ele poderia ser um. Por que Gloria precisaria tanto de uma amiga? Ela é popular, sempre cercada por vinte pessoas aonde quer que vá - suas irmãs, as outras garotas Dolce, a equipe de torcida, o time de dança, os garotos Dolce, seu irmão e os amigos dele...

Mas seja qual for o motivo, ela acreditava que éramos amigas, e eu a magoei ao trair essa amizade.

— Sinto muito, — digo novamente, cruzando os braços e inclinando meu quadril contra a pia. Não sei quantas vezes mais ela pode me derrubar antes que eu caia no chão. O pior de tudo é que cada palavra que ela disse é a verdade. Eu realmente me importava com Gloria, mas a usei. Eu estava tão determinada em

meu foco em estar com os Dolces que, quando vi uma maneira de estar, a peguei. Eu escalei qualquer um em meu caminho para conseguir o que queria, assim como eles fazem.

A campainha sinalizando o início do terceiro período toca, e Gloria suspira e joga o batom na bolsa após reaplicar. — Pare com a simpatia falsa e vá ler o blog de Dixie para fofocar como todo mundo. Eu sei que não devo dizer uma maldita palavra para você.

— Você está certa, — eu digo novamente. — Você está certa sobre tudo, Gloria. Mas eu realmente, realmente sinto muito.

Ela cruza os braços e se vira para mim, espelhando minha postura. — Vá em frente, então. Eu gostaria de ouvir suas desculpas para saber o quão cheia de merda você realmente é.

Prefiro comer terra do que ser vulnerável a uma pessoa que já está em vantagem, mas forço as palavras. — Eu estava obcecada em me aproximar de Royal às custas de todo o resto, — eu digo. — Tratei você como uma amiga descartável porque sabia que sua lealdade sempre foi para ele em primeiro lugar, e uma parte de mim sabia que ele e eu não duraríamos, então você e eu também não. E a verdade é que, por mais patético que pareça, eu nem sabia que estava fazendo isso. Nunca tive um amigo próximo e não tenho certeza se sei como é ter. Quando estávamos saindo, eu estava sendo genuína. Eu gostava de sair com você. Gosto de você. Você é legal pra caralho e a garota mais forte desta escola.

Ela sorri. — Mais forte que você?

Eu não posso deixar de bufar com isso. — Uh, sim. Muito mais forte. A menos que estejamos falando sobre lutar, nesse caso, podemos fazer isso em vez de falar? Prefiro derramar meu sangue do que derramar minhas entranhas para você.

— Por que você disse a ele?

Não preciso perguntar do que ela está falando. Nós duas sabemos.

— Quando eu estava tentando estar com eles, não era porque eu gostava de Royal. Pelo menos não no início. Foi porque... eu precisava de informações.

Ela estreita os olhos. — Informação?

— Isso vai parecer loucura, mas um cara anônimo entrou em contato comigo online e me deu uma bolsa de estudos aqui com a condição de que eu contasse a ele sobre os Dolces.

— Oh meu Deus, — diz ela, com os olhos arregalados. — Você é, tipo, uma espiã?

Eu dou de ombros. — Tipo isso. Mas não era glamoroso. Foi nojento. Eu só... eu realmente queria sair desta cidade. Você sabe quanto vale um diploma de Willow Heights. E não era apenas sobre a bolsa de estudos. Quando descobri mais sobre os Dolces, tive vontade de derrubá-los. Eles não são boas pessoas, Gloria.

— Você acha que eu não sei disso? — ela pergunta. — Eu os conheço há mais tempo do que você, e garanto que os conheço melhor. Esses meninos são todos psicopatas completos, a mãe deles é uma perda de espaço inútil e o pai deles é um maluco total que vai tentar convencê-lo de que você deve um boquete a ele por levá-la por um quarteirão para casa na chuva.

— Bem, essas são todas as minhas desculpas, — eu digo, sentindo-me aliviada por tê-lo revelado e também meio esgotada, como se carregar o fardo desse segredo tivesse me esgotado. — Se você quer que eu me concentre em meus problemas com o pai e foda-se, provavelmente também estava com medo de ter um amigo de verdade, alguém que pudesse ir embora, então não deixei ninguém se tornar um amigo de verdade.

— Então, mesmo quando eu contei todos os meus segredos, você manteve os seus.

— Sim, — eu digo. — E agora que digo tudo isso em voz alta, me sinto tão grande quanto um verme em cocô de cachorro. Se te faz sentir melhor, não contei a mais ninguém o que você me contou. Apenas ao Sr. D - o doador da bolsa. E então Royal descobriu, e você pode imaginar como as coisas aconteceram a partir daí.

Seus olhos se arregalam. — Oh, merda, — ela diz. — É por isso que vocês terminaram, não é? Quero dizer, ele descobriu quem te contou e me deu o fora neste verão, mas isso foi muito depois de você desaparecer. Eu não percebi quando isso aconteceu. Então, se você pensar sobre isso, eu meio que acabei com você ao contar a você, e então você acabou comigo e com Royal ao contar para outra pessoa.

— Claro, — eu digo, dando-lhe um olhar. — Mas não realmente.

— Ele teria terminado com você quando descobrisse que você sabia, mesmo que você não contasse a ninguém. Ele está tão envergonhado.

— Sim, provavelmente, — eu admito.

— Então, para quem você contou? — ela pergunta. — Quem é o doador misterioso?

Eu dou de ombros. — Um dos Darlings.

Ela estreita os olhos. — Qual deles?

— Preston, — eu digo, percebendo que ela o conhece. Ambos eram estudantes aqui um ano antes de eu começar. — Mas eu não sabia para quem estava contando na época. Não consegui descobrir quem ele era até que ele me disse.

— Espere, você teve tudo isso acontecendo no ano passado? — ela pergunta. — Você estava começando nesta nova escola maluca, tentando obter informações para alimentar algum psicopata que você nem conhecia, enquanto tentava descobrir quem ele era e também derrubar a família mais poderosa da cidade, que acabou de acontecer. Ser a família do psicopata perigoso com quem você estava namorando?

— Sim, — eu digo, balançando para trás em meus pés. — Isso resume o primeiro ano. Espero que o último ano seja um pouco menos emocionante.

— E você estava fazendo tudo isso sozinha?

— Bastante.

— Eu só tenho uma pergunta.

— Pergunte.

— Como diabos Royal ainda está falando com você?

— Eu gostaria que ele parasse, — eu digo, apertando meus braços com mais força ao redor do meu corpo. Todo esse derramamento de tripas está me dando dor de estômago. — Você tem muita experiência com ele. Sabe como fazer com que ele se afaste permanentemente?

— Você poderia tentar dizer a namorada dele que ele é basicamente uma prostituta, — ela diz com um pequeno sorriso.

— Isso exigiria que ele realmente tivesse uma namorada, — eu digo. O pensamento faz mais do que minha dor de estômago. Quantas vezes eu disse a ele para ir embora, e por mais que eu quis dizer isso a cada vez, o pensamento dele com outra pessoa é um soco no coração.

Gloria balança a cabeça e puxa a alça da bolsa para o ombro. — Nós apenas pensamos que você era uma pobre bolsista vadia que apareceu e se deu bem amarrando-se aos caras mais ricos da escola, mas o tempo todo, você estava realmente jogando com todos nós como uma maldita profissional. Droga, Harper. Sinceramente, não tenho certeza se estou mais chateada ou impressionada.

— Não foi assim, — murmuro.

— Claro que não, — diz ela, revirando os olhos. — Deus, eu mataria por um cigarro enquanto digiro tudo isso.

— Talvez eu conheça algum lugar onde podemos fugir e fumar, — eu digo. — E alguém que tem cigarros. Mas você tem que ter a mente aberta, ok? Você pode deixar de lado o ato de vadia por um cigarro?

— Com certeza farei o meu melhor, — ela diz, sorrindo docemente.

— Depois de você, — eu digo, abrindo a porta e estendendo a mão para ela ir em frente.

— Ainda estou com raiva de você, — ela me lembra enquanto sai para o corredor vazio. Estamos na metade do terceiro período, o que significa que estou começando meu primeiro dia ainda mais atrasada. Mas de qualquer forma. Eu posso fazer lição de casa em casa. Isso não pode esperar.

— Eu sei, — eu digo. — Eu mereço isso.

Na verdade, quero acreditar que somos amigas, que podemos voltar a ser. Ela pode agir como uma cadela malvada para manter sua imagem e manter seu reinado, mas ela é uma porra de uma rainha por completo. Eu a admiro e respeito, e quero sua amizade. Eu sei que tenho que trabalhar por esse perdão, no entanto. Sem mais mentiras e esgueirando-se este ano. Preciso de amigos de verdade para superar isso e, se quero o melhor, preciso ser o melhor para ela também.

Colt não está lá fora, então nos sentamos nas arquibancadas de metal quente, tentando não queimar as pernas, e conversamos por mais um tempo. Não digo a Gloria toda a verdade nas palavras que usei com Blue, mas acho que não preciso. Ela conhece Royal. Ela sabe do que ele é capaz.

— Eu simplesmente não entendo por que você deixou a escola, — diz ela. — Quero dizer, você poderia pelo menos ter dito a seus amigos onde você foi. Ninguém sabia o que aconteceu com você. Eu até verifiquei Faulkner High e Cedar Crest, no caso de você ter enlouquecido quando Royal terminou com você, mas você não estava em lugar nenhum. Achei que você estivesse morta, Harper.

Nunca esperei que alguém me procurasse e me sinto ainda mais culpada. Ela realmente era uma amiga, uma que eu nem sabia que tinha. Mas ela não sabe a extensão do que eu passei.

— Nem todo mundo é tão durona quanto você, Gloria, — digo. — Eu estava com medo e... E traumatizada pra caralho, ok? Eu não poderia ter voltado para a escola e mantido minha cabeça erguida e fingido que nada estava errado como você faz. Eu não sou tão boa em ser falsa.

— Acho que mereço isso, — diz ela com um encolher de ombros.

— Olha, eu sei que fiz uma bagunça no ano passado, — admito. — Mas eu estava literalmente fazendo o melhor que podia para sobreviver. Você pode saber como é ter os garotos Dolce fodendo com você, mas você não é inimiga deles.

— Não, mas talvez eu pudesse ajudar, — diz ela. — Você não deu a ninguém a chance de estar do seu lado.

Não posso deixar de zombar disso. — Oh, você quer que eu abra minha alma e seja totalmente honesta, mas você vai me dizer que não teria ficado com Royal?

— Tudo bem, você está certa, — diz ela. — Eu teria.

— Todo mundo nesta escola teria, — eu a lembro. — Já era ruim o suficiente que apenas aqueles três me odiassem. Eu estaria morta agora se tivesse tentado voltar para cá.

Na época não tinha jeito. Eu mal conseguia sobreviver, muito menos tentar aprender alguma coisa. Sem falar que eu tinha que ver os jogadores de futebol todos os dias, pensando que todos eles tinham me fodido lá no pântano. E depois há a questão dos meninos Dolce. Talvez alguns deles até sintam remorso agora, mas demorou quase seis meses. Naquela época, de jeito nenhum eles teriam me deixado voltar para Willow Heights como se nada tivesse acontecido. Royal estava muito chateado com a minha traição. Se eu tivesse voltado, ele teria tentado me matar de novo.

E quem diabos sabe o que os gêmeos teriam feito.

Há uma outra pessoa que sabia o que aconteceu, por que desapareci. E é claro que ele não ia contar a Gloria por que eu nunca voltei depois das férias de primavera.

Agora ele está morto, então não posso culpá-lo exatamente. Mas nunca direi a Gloria que ele sabia. Não importa que tipo de pessoa ele era, ela merece se lembrar do irmão do jeito que ela quiser. Não tem nada a ver com ela e, agora, nunca terá. Ela não disse nada que indicasse que ele mencionou a mim ou o que aconteceu. Ela não disse que os policiais estão investigando seu suposto suicídio porque pode ter sido assassinato.

Então, não menciono Dawson, embora queira saber o que aconteceu. Glória deixou claro que é um privilégio reservado aos amigos. Então, até eu ganhar a amizade dela, não cabe a mim perguntar. Se ela quer voltar para a escola uma semana depois que seu irmão morreu e agir como se nada tivesse acontecido, isso é problema dela. Talvez ela esteja com medo de que alguém tome seu lugar, ou talvez ela não queira pensar nisso, e estar em casa torna isso impossível. Tudo o que sei é que não tenho o direito de perguntar a ela e que também não quero pensar nisso agora. Mais tarde, vou dissecá-lo e separá-lo e descobrir o quanto preciso me sentir culpada por isso.

O sino do almoço toca e, alguns minutos depois, ouço passos na grama atrás das arquibancadas. Descemos para ver Colt vindo em nossa direção.

— Não posso fumar na frente dele, — sibila Gloria. — Eu não posso nem ser vista com ele!

— Ninguém vai ver você além de nós, — eu indico. — Eu duvido seriamente que ele vá espalhar boatos sobre você fumar.

— Isso pode voltar para alguém, — ela rosna com os dentes cerrados. — Ou eles podem me ver entrando e adivinhar que estive com ele.

— Quem? — Eu pergunto.

— Os meninos Dolce, para começar, — diz ela. — Suas garotas, o esquadrão, Rylan... Qualquer um!

— Ei, querida, — Colt fala lentamente, passeando pela grama para se juntar a nós. — Matando aula no primeiro dia, Teeny? Achei que você fosse uma nerd.

— Eu matei aula no seu último dia, — eu indico.

— Ah, — diz ele, enfiando a mão no bolso e tirando os cigarros. — Papai me disse isso.

— Seu pai? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Sim, — diz ele, tirando um cigarro e colocando-o entre os lábios. — Eu tive que juntar muitos dos últimos meses antes disso a partir de textos e do blog de Dixie. Ela e minha família tentaram preencher o resto. Não me lembro.

— Merda, — eu digo, aceitando um cigarro dele. — Sua família deve realmente me odiar.

Ele acende e dá uma tragada no cigarro, inclinando a cabeça para trás para exalar uma série de anéis de fumaça antes de olhar para mim. — Então, nós fodemos ou o quê?

— Hum, não, — eu digo, acendendo também. — Definitivamente não.

— Legal, — diz ele, balançando a cabeça e enfiando a mão esquerda no bolso do jeito que ele faz, então o dedo que falta está escondido. — Meu pai disse que você estava lá, e então nós meio que descobrimos o que aconteceu a partir daí, mas eu não tinha certeza do que aconteceu enquanto você estava na minha casa.

— Então, não quero interromper esta pequena viagem pela estrada da memória, mas posso queimar um desses? — Gloria pergunta, sua voz toda afetada e formal, como se ela estivesse pedindo desajeitadamente um absorvente interno a um estranho no banheiro.

— Você fuma? — Colt pergunta, dando-lhe um olhar cético.

Ela olha para mim.

— Sim, ela fuma, mas é um grande segredo, então não conte a ninguém, — eu digo.

Colt apenas balança a cabeça e puxa os cigarros novamente, passando o

maço para ela.

— Então, tipo, você acha que isso vai voltar? — ela pergunta. — Sua memória?

Ele dá de ombros. — Provavelmente não.

— Quero dizer, eu não me importaria de esquecer algumas coisas do meu passado, — diz ela. — Mas eu gostaria de escolher quais meses eu esqueci.

— Isso não seria útil? — ele fala lentamente.

— Você esqueceu que terminou com Dixie, então vocês voltaram, — diz ela. — Isso não é uma coisa boa? Ou ela não te contou isso? Ops.

Ele faz um pequeno suspiro silencioso de respiração. — Ela me disse.

— Você voltou com Dixie? — Eu pergunto. — O que mais eu perdi?

— Vamos ver, — diz Gloria, apertando o lábio entre os dedos e semicerrando os olhos para o sol que entra pelas frestas das arquibancadas. — No ano passado houve férias de primavera e, claro, você desapareceu. Esse foi o assunto da escola por pelo menos uma semana, até que todos descobriram que Royal tinha terminado com você. Eu já sabia, claro. Ele nos contou na viagem de esqui. Mas todo mundo achou que fazia sentido você desaparecer depois que ele terminou com você, então a maioria das pessoas esqueceu disso. Depois tivemos o baile de formatura, que ganhei, claro. Um monte de gente tomou aquela nova droga de Alice depois do baile, e algumas pessoas foram para o hospital, mas ninguém morreu, então não foi grande coisa. E havia provas finais e formatura, então foi bem chato.

— Se você quiser mais detalhes, tenho certeza de que o blog da Dixie tem uma conta completa, — acrescenta Colt, jogando fora a bituca do cigarro e abrindo o maço novamente. Ele pega um baseado e sorri para Gloria. — Você fuma isso também, Abelha Rainha?

— Oh meu Deus, não, — ela grita, dando um passo para trás como se fosse deixá-la chapada antes mesmo de acender. — Eu vou indo. Se você for pego fumando isso, você pode perder sua bolsa de estudos, Harper.

Ela me dá um olhar significativo, e eu sei que não é com a minha bolsa que ela está preocupada.

Colt ri de sua expressão escandalizada e acende.

— Eu não estou mais preocupada com minha bolsa de estudos, — eu digo com um sorriso.

— Bem, bom para você, — rebate Gloria. — Eu vou indo. Rylan vai ficar chateado se eu não aparecer para o almoço, de qualquer maneira.

— Então é melhor você correr e fazer um sanduíche para o seu homem, — diz Colt. — Gloria Walton, trazendo o feminismo de volta a 1950.

— Cala a boca, troll, — diz ela. — Ou vou contar a Dixie o que você disse sobre ela depois que terminou com ela na Bye Week no ano passado.

Ele dá uma tragada lenta no baseado, seus olhos semicerrados enquanto a encara antes de responder. — Vá em frente, — diz ele. — Não me lembro daquela noite, mas o que quer que eu tenha dito não pode ser pior do que o que fiz no primeiro ano dela, e ela ainda é chicoteada, então...

Glória revira os olhos. — Colt Darling, trazendo o chauvinismo de volta, o que foi? 1950? Ela sorri docemente para ele, pisca os cílios e depois se vira e se afasta.

Tenho ignorado a pequena briga deles enquanto me maravilho com minhas próprias palavras - que não estou preocupada com minha bolsa este ano. Mesmo não tendo dinheiro próprio, sou basicamente uma mulher mantida, e estou começando a ver como seria se eu não estivesse desesperada todos os dias da minha vida. É bom ter segurança, saber que ficarei bem mesmo que eu estrague algumas vezes. É muito mais do que ter roupas bonitas e se encaixar.

É sobre se sentir segura.

Dinheiro é segurança, proteção e necessidades básicas, tudo em um. Não me preocupo mais em não tomar um banho quente. Se os namorados da mamãe pegarem as mãos, posso pegar meu carro e dar o fora. Perder o almoço, mesmo depois de pular o café da manhã, não significa que não vou comer por 24 horas.

Eu nem preciso lutar em Slaughterpen para ter certeza de que estou alimentada. Tenho alguém que intervém quando preciso. Tenho alguém que defenderá minha bolsa de estudos. Pela primeira vez na minha vida, alguém me protege. Talvez ele não possa me proteger ou derrubar os Dolces, e ele não é um herói, mas é a porra do meu herói.

— Agora que ela se foi, — diz Colt, seu olhar ainda fixo na figura de Gloria se afastando. — Nós realmente não fodemos?

Eu rio e empurro seu ombro. — Não, idiota. Paramos aos nos beijar, graças

a Deus.

— Hm, — diz ele, levantando uma sobrancelha e puxando o baseado. — Tem certeza? Porque parece que nós teríamos fodido.

— Bem, nós não, — eu digo. — O que é bom, porque seria ainda mais estranho.

— Por que você não fodeu Preston?

— Porque Baron disse que somos parentes.

Ele bufa. — Sim, acredito no Baron Dolce tanto quanto acredito que Elvis está vivo. Ele provavelmente está festejando com Marilyn Monroe e meu primo agora.

— Então, qual é a sua situação este ano? — pergunto, aceitando o baseado dele e me apoiando em um dos suportes. — É perigoso para você estar aqui comigo?

— Eu não sei, — diz ele lentamente, falando com a boca cheia de fumaça. — É isso?

Penso em Royal aparecendo em todos os lugares que vou. Eu não duvidaria que ele tivesse espiões nesta escola, e não apenas seus irmãos. Isso poderia voltar para ele.

E ainda...

As coisas são diferentes agora. Eu também tenho poder agora.

— Sabe, eles não precisam ter poder absoluto, — eu digo. — Eu sei que não derrubei eles, e você não tem pressa de enfrentá-los, o que eu entendo perfeitamente. Mas há apenas dois deles nesta escola agora. Eles perderam seu deus. Os gêmeos são mortais.

— Tem certeza disso? — Ele pergunta, me olhando de soslaio enquanto pega o baseado de volta. — Porque eu acho que os demônios são imortais, a menos que você os estripe, mergulhe-os em ácido e ferva suas entranhas em um barril de óleo de cabra por meio século.

Eu não posso deixar de rir. É uma sensação estranha e frágil saindo de mim, como se o que quer que esteja dentro de uma pessoa que produz aquele som estivesse quebrado em mim. Eu acho que é. Não me lembro da última vez que ri genuinamente.

Colt sorri, me observando com uma expressão estranha que me deixa saber que a risada também não soou normal para ele.

— Não estou dizendo que precisamos mexer com eles, — eu digo. — Mas talvez você pudesse ter um amigo. Se eles acham que somos parentes, não têm motivos para ficar com ciúmes quando saímos.

— Provavelmente por isso que eles te contaram isso, — Colt concorda. — Para evitar que você fique no meu pau novamente este ano.

Reviro os olhos, mas não posso deixar de me perguntar se ele está certo. Essa é toda a razão pela qual eles disseram isso? Para me impedir de foder com um dos Darlings de novo? Depois de descobrir a que ponto os gêmeos vão apenas para mexer com a cabeça de alguém, eu não colocaria nada além deles. Eles podem ter apenas me dito para me ver surtar.

— Bem, minha mãe diz que isso não é verdade, e eu acredito nela. Ela pode não ganhar prêmios de mãe do ano, mas não tem motivos para mentir sobre isso.

— Claro que não é verdade, — Colt concorda.

— Vou resolver algo com os gêmeos demônios, — eu digo. — Então você estará protegido.

Colt apenas bufa e balança a cabeça, mas não discute. Ele não acha que eu posso fazer isso, mas tudo bem. Estou acostumada a ser subestimada, e hoje prefiro ficar quieta e recuperar o atraso. Quando eu estiver pronta para mostrar minhas cartas, ele saberá exatamente quanto poder eu tenho nesta escola.

O alívio aumenta dentro de mim quando saio da escola naquela tarde e vejo que ninguém está esperando perto do meu carro. Royal manteve-se fiel à sua palavra. Eu ignoro a centelha irritante de decepção que aparece. Que porra há de errado comigo? Ele está me dando o que eu queria, o que eu pedi.

Mas a verdade é que vê-lo tanto tornou cada vez menos doloroso. A princípio, foi chocante, aterrador e de partir a alma. Agora, uma parte burra de mim sente falta de sua grande presença taciturna, sente falta dele estar aqui para me mostrar que ainda está arrependido, mesmo que não diga, e que ainda me deve, mesmo que eu tenha dito a ele que não. Não quero nada dele, exceto ser deixada sozinha.

Tento não pensar no que ele me disse esta manhã, mas não consigo evitar. Agora que não estou em alerta máximo apenas tentando passar pelo campo minado da cena social de Willow Heights sem me explodir, suas palavras sujas voltam para mim. Eu tremo e pressiono meus joelhos juntos. Ele sempre conseguia me provocar com sua boca imunda, mas eu não deveria ser tão básica agora. Eu não deveria ser afetada. Na verdade, eu deveria dar um soco no saco dele por pensar que ele poderia dizer essas coisas para mim.

Quando chego em casa e vejo o Range Rover estacionado do outro lado da rua, fico puta. O carro da mamãe não está aqui, então ela deve estar com as amigas curtindo sua aposentadoria. Eu estaciono em nossa garagem e caminho até o Rover, pronta para dizer a ele o que penso, mas ele não está no carro. Desconcertada, verifico todos os assentos, como se ele pudesse estar escondido no porta-malas ou algo assim. O carro está vazio. Eu balanço minha cabeça, tentando limpá-la dos pensamentos malucos que invadem quando ele fica sob minha pele. Ele não está aqui. Não tenho ideia de por que ele deixou o carro - talvez um aviso de que ele não terminou comigo, mesmo que não tenha quebrado nosso acordo? Isso não é da minha conta agora, no entanto. Eu tenho tarefas de artes. Essa é a minha preocupação.

Pego minha mochila e entro.

Royal está sentado em nosso sofá - não, não em nosso sofá. Nosso sofá é uma impressão de camuflagem de manchas deixadas por bebida, cerveja, mijo e sêmen. Mesmo eu não sento lá sem colocar um cobertor.

— Ei, Cherry Pie, — diz Royal com um sorriso presunçoso. — Como foi seu primeiro dia de escola?

— Por que diabos você está na minha casa? — Eu pergunto. — A mamãe deixou você entrar?

— Suas fechaduras são surpreendentemente fáceis de arrombar, — diz ele. — Morando neste bairro, você realmente deveria investir em algumas melhores.

— Mais uma vez, por que você está aqui?

— Só de visita, — diz ele, recostando-se e deitando o braço nas costas do sofá como se esta fosse a porra de sua casa. — Eu disse que não iria aparecer na escola. Você não disse que eu não poderia vir aqui.

— Saia da minha casa, — eu estalo.

— E enquanto eu estava deixando mais comida, percebi que não há um bom lugar para sentar enquanto espero por você, — diz ele, parecendo tão orgulhoso de si mesmo que quero arrancar seus dentes.

— Você sabe que minha mãe vai vendê-lo assim que acabar o dinheiro das drogas.

Ele dá de ombros, ainda parecendo divertido.

Eu olho de volta para ele. Meu coração está batendo em meu peito como uma bola quicando, porque, aparentemente, às vezes fico totalmente alta quando ele está por perto, e às vezes estou à beira de um colapso nervoso. E a parte divertida é que nunca sei qual vai ser. Quando penso que sou imune ao efeito dele, essa merda acontece.

— Dá o fora da minha casa, Royal, — eu digo baixinho.

— Tudo bem, — diz ele, levantando-se pesadamente do sofá. Deus, seu corpo é tão grande pra caralho. Na minha pequena sala de estar, a cabeça dele quase toca o teto, e entre ele e o grande, novo e sofisticado sofá, mal há espaço para respirar.

— Espere, — eu digo, meus olhos se estreitando. — O que você quer dizer com você estava deixando *mais* comida?

— Preston disse que pagou todas as suas contas, — diz Royal. — Eu serei amaldiçoado se alguém vai cuidar de você enquanto eu sento na minha bunda e não levanto um dedo para ajudar. Então, comida e móveis.

Eu apenas fico boquiaberta com ele por um segundo, tentando compreender o que ele está dizendo. Achei que Preston tinha mandado aquela

comida. Eu odeio saber que foi Royal, que ele fez algo bom para nós.

— Desde quando você fala com Preston? — Eu grito.

Ele dá de ombros. — Apenas por aí.

— Quando? — Eu exijo.

— Quando eu puxei você para fora do carro, — ele diz com um encolher de ombros, como se não fosse nada.

Nós apenas olhamos um para o outro por um longo minuto.

— Você me tirou de que carro? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para ele.

— Caminhonete de Preston, — diz ele. — Quando você a deixou ligada. Chutei a porta da garagem, quebrei a janela da caminhonete e puxei você para fora. Como você acha que saiu?

Engulo em seco, o sangue correndo em meus ouvidos. Não é verdade. Preston me puxou para fora. Ele me disse que sim.

Ele não?

Ou ele apenas aceitou meus agradecimentos?

E se Royal está mentindo, como ele saberia desses detalhes? Eu tento me lembrar dos dias depois disso. Preston saiu algumas vezes. Ele deve ter trocado a janela da caminhonete. E a porta da garagem - alguém teria vindo consertar isso, provavelmente enquanto eu estava lá em cima em meu torpor de dormência. Todo esse tempo, ele nunca me disse. Ele me deixou pensar que tinha me puxado para fora. Ele não me disse que Royal havia me tocado enquanto eu estava inconsciente. Que ele provavelmente estava sozinho comigo. Ele poderia ter me levado.

Eu tropeço contra o suporte da TV, segurando-o para me manter em pé.

Royal está mentindo. Ele tem que estar.

Ele teria me levado. Ele odeia Preston, e por alguma razão, ele não consegue me deixar em paz. Ele ainda acha que eu pertenço a ele. Ele nunca teria me entregado a Preston. Não quando ele me tinha à sua mercê, completamente indefesa.

Eu sei o que Royal faz quando estou indefesa.

De repente, estou com frio. Preston deve tê-lo pego. Essa é a única explicação. Ele o ouviu arrombando a garagem e desceu. Eles não lutaram – eu teria visto marcas em Preston naquela noite. Ele deve tê-lo parado, provavelmente apontou uma arma para ele e exigiu que ele me devolvesse.

Mas Royal não tem medo de morrer. Ele teria apenas ido embora comigo, desafiando Preston a atirar.

— Você salvou minha vida? — Eu pergunto finalmente.

Royal acena. Ele está apenas parado me observando, como se estivesse esperando por algo.

— Por quê? — Eu pergunto. — Por que você faria isso?

— Ele não sabia que você estava lá. Você teria morrido.

Eu me esforço para manter minha respiração sob controle. Não consigo oxigênio suficiente e estou começando a hiperventilar. — Eu preferia ter morrido, — eu digo. — Eu não queria que você me salvasse.

— Sim, — diz ele. — Eu entendi.

Eu quero gritar. Eu não queria que ele salvasse minha vida. Não quero ficar em dívida com ele, não quero sentir nada por ele, nem mesmo obrigação. Mas eu sinto. Eu sinto demais. Ódio não é uma palavra grande o suficiente para descrevê-lo. Quero obliterar sua alma, rasgá-lo em pedaços até que não reste nada dele além de moléculas pequenas demais para o olho humano ver.

— Então por que você fez isso? — Eu exijo. — Você me deixou para morrer naquele pântano, Royal. Você disse aos gêmeos para me matar.

— Eu voltei para você, — diz ele em voz baixa.

Sua escolha de palavras envia água gelada pela minha espinha. Ele não voltou para mim naquela noite. Só os gêmeos voltaram. Eu o escutei, quando os outros chegaram, mas ele não estava lá. Eu era seu brinquedo e, quando ele teve certeza de que eu estava quebrada, ficou entediado, me jogou no lixo e foi embora.

— Você disse que eu estava morta para você.

— Procurei por você o verão inteiro.

— Eu gostaria de estar morta para você, — eu sufoco. — Eu gostaria que

nós dois estivéssemos. Eu nunca vou olhar para o seu rosto sem imaginar o momento em que você estará morto e eu posso finalmente respirar novamente.

—

Ele dá um passo em minha direção, mas para, seus dedos se curvando, como se estivesse se segurando para não me alcançar. — Então deixe-me respirar por você até que você se lembre como. Porque não vou a lugar nenhum, Harper.

— Por quê? — Eu sussurro. — Por que você voltou? Por que você continua voltando?

— Eu não queria que você morresse.

Eu o encaro, e sei que isso é a coisa mais próxima de um pedido de desculpas que jamais conseguirei.

Este é Royal admitindo remorso.

Isso é o melhor que ele pode fazer. Mas não é o suficiente.

Talvez uma vez, teria sido, mas não mais.

Eu mereço mais.

— Você procurou por mim, — eu digo lentamente. — E então você me encontrou. Você me encontrou em minha casa e me seguiu até a casa de Preston. Você devia saber então que era onde eu estava me escondendo o tempo todo.

Ele acena com a cabeça, deixando-me juntar tudo sem interromper com o seu lado da história.

— Mas você não me levou quando poderia. Por quê? Que barganha você fez com ele, Royal? Eu mereço saber.

— Nenhuma pechincha.

— Então o que?

— Eu não queria que você morresse, — ele diz novamente.

— Mas por que você me deixou ficar com seu inimigo? — Eu pergunto. — Preston é o que você mais odeia, aquele que se atreve a revidar, mesmo que seja só um pouco. Ele é o único que se recusa a se curvar e aceitar a derrota. E você finalmente o encontrou — e a mim. Por que você simplesmente não o matou e me levou com você?

— Eu disse a você por quê.

— Porque você sabia que eu morreria se acordasse e visse você.

Dói algo no fundo do meu peito saber que estou certa, vê-lo apenas parado ali, sem negar. Ele sabe que é tão tóxico que me mataria estar com ele. Ele não apenas me salvou me puxando para fora do carro. Ele me salvou dando-me a alguém que poderia cuidar de mim, sabendo que ele não poderia. Ele abriu mão do controle.

Eu sei o quanto isso é difícil para Royal. Eu sei que deve ter sido um sacrifício ainda maior do que me trazer vingança. Dessa vez, ele armou tudo antes de entregar o controle. Ele não preparou as coisas quando me seguiu. Ele realmente acredita que eu pertencço a ele, e teria o direito de me levar para casa. Mas ele sabia que eu não sobreviveria, então ele cedeu o controle — não apenas para qualquer um, mas para seu pior inimigo.

E ele nem levou o crédito. Ele não fez isso para receber um agradecimento. Ele fez isso para me proteger, honesto e verdadeiramente, mesmo sem precisar que eu soubesse.

Quero chorar, mas estou muito furiosa. Estou furiosa por ainda entendê-lo tão bem, que sofro pelo sacrifício que ele fez, que vejo como foi altruísta e não posso voltar cinco minutos no tempo e apagar esse conhecimento da minha cabeça e torná-lo simples para odiá-lo novamente. Por que não poderia ter sido Preston quem me puxou para fora, como eu pensei?

Eu quero odiar Royal. Eu o odeio. Eu o odeio por não me deixar odiá-lo completamente. Eu não posso suportar mais um minuto da porra do tumulto rolando por mim. Algo dentro da minha cabeça estala. Eu não vejo vermelho. Eu vejo branco. Toda a confusão e opressão do dia, a culpa, a fúria, a dor e o medo irrompem.

— E você espera que eu lhe agradeça? — Eu pergunto incrédula, rondando em direção a Royal. — Você acha que eu devo a você porque você salvou minha vida uma vez depois de tentar tirá-la? Por que você salvou minha vida quando você é a razão pela qual *eu* tentei tirá-la?

— Não, — diz ele, franzindo a testa. — Você não me deve nada, Harper.

— Você está certo, eu não devo, — eu estalo. — Porque se você pensa por um minuto que comprar mantimentos vai resolver isso, você é ainda mais psicótico do que eu pensava. Você não tem o direito de fingir que se importa, Royal. Não tem o direito de dizer essa merda sobre cuidar de mim agora ou me dizer que você me tirou daquele carro. Você não cuidou de mim, Royal. Você

não me protegeu. Você ordenou minha execução e não tem o direito de falar comigo de novo, muito menos de dizer as coisas que me disse esta manhã. Você não tem o direito de me fazer sentir nada por você novamente.

Eu paro, minha respiração irregular, e engulo o ar. Meus olhos estão queimando, minhas mãos tremendo e meu peito dói com uma tensão apertada. Minha têmpora lateja, como se minha raiva estivesse dirigindo um raio lentamente em meu crânio.

Royal olha de volta para mim, seus olhos de gelo, preto como tinta. — Isso significa que você já sentiu algo para começar.

Eu apenas o encaro, tentando recuperar o fôlego, mas ele está tomando todo o ar da sala por causa de seu corpo enorme e presença enorme. — Eu senti, — eu digo. — Eu te amei pra caralho, Royal. É isso que você quer ouvir? Você quer que eu abra meu coração para você dizimar isso também? Já te disse, não vou lutar. Eu já planejei, e você esmagou cada pedacinho sob o pés até não sobrar mais nada para sentir. Você pode não acreditar em mim, porque acha que ninguém poderia te amar, mas você está errado. Alguém poderia ter. Alguém o fez.

— Besteira. — Sua palavra é silenciosa, seus olhos intensos e tão cheios que eu quero me afogar neles, apenas me entregar àquela escuridão dentro dele e deixá-la me devorar até que eu desapareça para sempre e não precise mais doer.

— Você não tem o direito, — eu resmungo novamente. — Você não pode me dizer que o que eu senti não era real. Você pegou cada parte de mim e a destruiu. Não consigo mais sentir nada. Você não pode apagar o que eu senti antes de você também.

— Você estava fingindo o tempo todo, — diz Royal, sua voz vazia, sem esperança.

— Você não sabe como eu me senti, — eu retruco. — Você pode achar que não é digno de amor, e talvez não seja, mas isso não significa que alguém não possa amá-lo de qualquer maneira. Isso não significa que eu não poderia escolher te amar apesar disso, quer você tenha merecido ou não. Essa foi a minha escolha, e eu paguei por isso. Mas eu não te amo mais, Royal. Você não é mais digno nem mesmo do meu amor de merda no trailer. Essa foi *sua* escolha. Você não tem o direito de continuar vindo aqui, me perseguindo como se fosse um jogo fofa entre nós. Não é um jogo, Royal. Eu te odeio pra caralho. Eu odeio seu rosto, odeio seu sofá idiota, odeio não poder ir para a casa de Preston sem colocá-lo em perigo. Odeio que você esteja na minha casa, então não consigo nem manter a ilusão de segurança na merda que chamo de lar.

Estou chorando agora, e Royal dá um passo à frente como se fosse me abraçar de novo, como se ainda tivesse esse direito. Eu o acerto com meu soco inglês quando ele tenta me tocar. Estou tão além de terminar com essa merda. Eu não quero ter que sentir algo novo toda vez que ele aparece, para ser lembrada do que ele fez e como isso aniquilou completamente minha alma.

— Estou tentando, — diz ele em voz baixa. — Estou tentando consertar.

— Você não pode fazer isso direito, porra, — eu explodo. Eu não me importo se eu sou uma bagunça feia. Eu quero que ele veja toda a feiura dentro de mim, toda a feiura que ele criou. Eu quero que ele trema diante do poder do meu ódio, mas ele nunca vai, e isso me enfurece além de todo pensamento racional. — Você não tem o direito de tentar. Você não tem ideia do que está perguntando. Você acha que eu posso te perdoar? Você não tem ideia do que eu passei. Você não tem ideia do que é estar amarrada, completamente indefesa, enquanto alguém leva cada parte de você até não sobrar nada, nem mesmo a sua alma.

— Você está errada.

Estou chorando tanto que não sei como ainda estou falando, mas não consigo parar. — Você não tem ideia de como é não ter escolha em como seu corpo responde, e ser ridicularizada e usada contra você. Você não sabe a vergonha de ouvi-los se divertindo com isso. Você não tem ideia de como é estar completamente vulnerável e ter alguém comandando seus medos mais profundos enquanto eles oferecem a outra face quando você implora por misericórdia.

— Você está errada, — diz ele novamente, sua voz calma e sem emoção.

— Você não tem ideia de como é ficar no escuro, sem saber quando eles vão voltar. Você não sabe o que é ter pessoas tocando em você sem sua permissão, nem mesmo saber quem esteve dentro de você e fez o ato mais íntimo possível com você, quantos deles, quem são, quem te violou de uma maneira da qual você nunca mais voltará, mesmo que descubra que foram apenas três deles em vez de dez. Não importa, Royal. Você não entende isso? É tarde demais. Saber a verdade não muda o que experimentei naquela noite.

— Eu sei.

— Você sabe? — Eu exijo. E então eu vejo o olhar em seus olhos, e toda a luta se esvai de mim. Eles são tão escuros e cheios de uma dor tão profunda que dói em meus ossos, meu núcleo, minha alma. E eu sei que não estamos falando apenas dele sabendo que o trauma não muda porque descobri que eram apenas os gêmeos e Dawson.

— Você sabe, — eu sussurro, engolindo a crueza das lágrimas na minha garganta.

Ele não diz nada. Eu dou um passo à frente e envolvo meus braços em torno dele, apertando-o com força. Ele deveria desmoronar depois de uma confissão como essa, mas sou eu quem desmorona. A raiva que me fazia continuar me abandonou, e eu apenas o seguro e soluço porque todo o resto se foi. Depois de um minuto, seus braços se levantam lentamente e me envolvem. Ele me pega, embalando meu corpo enquanto afunda no sofá. Então ele apenas me segura enquanto eu molho sua camisa, incapaz de parar os soluços trêmulos que destroem meu corpo. Não penso em como é certo estar envolvida em seus braços, ter seu corpo em volta do meu, me embalando em seu peito como um bebê. Eu apenas choro como um, até não sobrar nada dentro de mim.

Quando as últimas lágrimas acabam, eu me afasto e enxugo meu rosto, deixando-me deslizar para fora de seu colo, embora a falsa sensação de proteção que ele oferece pareça tão real quando estou nele. Por fim, olho para Royal. Seu rosto é duro e inexpressivo, mas seus olhos não estão vazios.

Eu tomo seu rosto entre minhas mãos.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você, — eu digo. Eu me inclino para frente e roço meus lábios nos dele, e meu coração se parte em dois de saudade dele, por mais do que estou disposta a dar.

— Mas isso não justifica fazer isso com outra pessoa, — eu digo, me afastando mesmo que doa tanto que mal consigo respirar.

Royal acena com a cabeça, sua mandíbula ainda firme, seu rosto duro. — Eu sei.

— Então, como você pode me pedir para perdô-lo?

Ele procura meus olhos. — O que?

Eu não respondo. Eu não preciso. Eu observo a percepção se encaixar lentamente no lugar. O que fizeram com ele, ele fez comigo. Quando eles o machucaram, ele destruiu sua família, matou e mutilou pessoas, queimou-as, destruiu suas vidas uma a uma. Ele sabe que nunca os perdoaria. Então, como ele pode esperar que eu o perdoe quando ele fez o mesmo comigo?

Seu rosto pode ter sido gravado em pedra enquanto eu chorava, mas por um momento, seus olhos estavam mais vulneráveis do que eu já os vi. Agora, porém, a profundidade e a dor desaparecem, endurecendo como lava depois que o vulcão entra em erupção. Quero dizer a ele para parar de se fechar para mim

de novo, que ele tem que ficar aberto para mim. É o que eu tanto quis por tanto tempo, não consigo desligar essa saudade. Mas isso não é justo. Então engulo o nó de ferro pontiagudo em minha garganta e deixo que ele se feche no inferno dentro de sua cabeça, onde ninguém pode alcançá-lo.

Tenho uma chance e sei que talvez nunca mais a tenha. Mas eu não posso ir lá novamente. A última vez que escalei suas paredes, quase me matou.

Quando seus olhos estão planos e sólidos como a parede de uma prisão, ele concorda. — Você está certa, — diz ele, de pé. — Eu não vou incomodá-la novamente.

Nossos olhos se encontram por um momento, e então ele se vira e vai embora. Meu corpo parece estar flutuando, fora de contato com a realidade.

É isso. O fim.

Eu sinto isso de uma forma que nunca senti antes, não quando ele me largou ou mesmo quando ele disse que eu estava morta para ele. Quando eu estava na casa de Preston e não o via há meses, ainda o sentia em algum lugar, como se soubesse que não tínhamos terminado. Ele não tinha terminado comigo.

Agora, ele fez.

Eu deveria estar aliviada. É o que eu queria. Ele finalmente está me deixando ir. Ele finalmente entende a gravidade do que fez, o que fez comigo. Eu finalmente encontrei o caminho para sair do labirinto, encontrei a arma que poderia me libertar da rede em que ele me prendeu. Mas não há alívio, nenhum sentimento de liberdade ou leveza. Eu mordo meu punho quando as lágrimas começam de novo, meu peito dobrando sobre si mesmo enquanto eu o vejo ir. Uma parte estúpida e irritante de mim espera que ele venha e me console, para me abraçar como fez quando chorei antes - em seu banheiro depois da nossa primeira vez, na caminhonete depois que ele disse que nunca me deixaria sozinha.

Mas desta vez foi a última vez.

Ele não vem e me envolve em seus braços novamente. Ele sai da minha casa e fecha a porta atrás de si. Talvez ele pense que é um teste. Ele está se provando. Me dando o que eu disse que queria. Deixando-me sozinha.

Ou talvez signifique que ele realmente acabou, que sabe que não tem o direito de me confortar quando é ele quem sempre me faz chorar. Desta vez, ele não está aqui para me segurar. Eu escuto seu motor ligar. Eu ouço seu carro se

afastar. Quando está quieto lá fora, envolvo meus braços em volta de mim e choro sozinha porque finalmente acabou. Ele realmente se foi.

Eu me odeio por olhar meus espelhos procurando por Royal na manhã seguinte. Eu odeio que alguma parte doente de mim dói porque ele não está atrás de mim, que ele não está no lugar ao lado do meu na escola quando eu chego. Tudo o que eu sentia por ele era real, e não simplesmente desapareceu quando ele me machucou. Ainda está lá, toda torcida em torno da dor como uma árvore malformada e ainda mais fodida do que nunca.

É ódio, mas também é amor, alguma forma pervertida dele. É simpatia pelo que ele passou, algo que quebra a porra do meu coração, mas também é uma profunda resistência interna ao perdão. Mesmo que eu quisesse perdoar, não posso. Quando penso nisso, algo se rebela dentro de mim, como uma armadilha de aço se fechando, mantendo até a mim à distância. Se eu tivesse o controle do meu coração, nunca teria me apaixonado por ele, para começar.

Antes que eu perceba, estou de volta a Willow Heights, onde tenho que fingir. Eu me pergunto se é assim que Gloria se sente, fingindo cada segundo de sua vida. Aqui, tenho que estar alerta, para observar as cobras na grama e os falcões voando no céu. Todo mundo tem potencial para ser um inimigo, para atacar ou atacar e arrebatar o tesouro que estou guardando tão de perto. Ninguém sabe que eu o tenho ainda, mas se eu esperar muito, ele perderá seu poder.

A palavra de Royal ainda vale ouro, mas sua influência diminuirá à medida que a nova ordem for estabelecida. Eu não estou muito atrasada, no entanto. O equilíbrio foi perturbado e todos ainda não encontraram seus lugares no novo regime. Tenho que atacar rápido, mas não posso ser imprudente. Se eu cronometrar minha revelação da maneira certa, aproveitar o status de Royal e qualquer influência que transmita ao detentor da chave, posso causar impacto. Eu tenho que fazer isso antes que os gêmeos encontrem uma maneira de me prejudicar, e a moeda social de Royal perca seu valor ou seus irmãos digam a todos que ele não está mais envolvido comigo.

Entro e localizo a garota com o dedo no pulso da escola - Dixie. Preciso saber quais cartas os gêmeos estão segurando que eu não vi, o que significa que preciso saber tudo o que perdi até agora este ano, quando os gêmeos governam os salões de Willow Heights.

Depois de bater nos corredores, abro o *OnlyWords* e mando uma mensagem para ela, me perguntando se ela está embaixo da arquibancada com Colt. Mas um segundo depois, recebo uma mensagem dizendo que ela está no café, então me

junto a ela para o café da manhã. Apenas cerca de metade da multidão do almoço toma café da manhã, e metade dessas pessoas está grogue e mal acordada, então o café é pouco frequentado e bastante silencioso às oito da manhã. Pego um bagel e deslizo ao lado de Dixie e Josie.

— Chá, por favor? — Eu pergunto sem me preocupar em fazer toda a conversa fiada.

— Tudo bem, — diz Dixie. — Embora geralmente seja eu quem pede chá.

— Gloria me colocou em dia no ano passado, — eu digo. — O que eu perdi até agora este ano?

— Colt está de volta, — diz Dixie.

— Eu sei, — eu digo. — Vocês dois voltaram a ficar juntos oficialmente? Tipo, abertamente? Ele pode ter namorada? Ou eles ainda o estão condenando ao ostracismo?

Ela dá de ombros. — Eu realmente não sei, Harper. Você era a única com os Dolces. Talvez você devesse perguntar a eles.

— Eu vou, — eu digo, me perguntando se estou prestes a ser criticada por outra pessoa que está com raiva de mim. — E eu estou feliz por você.

— Obrigada, — diz Dixie, parecendo suavizar. — Não foi a primeira vez que ele me largou, ou a primeira vez que foderam com ele, mas foi o pior momento para ambos. Quero dizer, quando ele terminou comigo no Bye Week ano passado, parecia que ele estava acabado para sempre. Mas eu sabia que voltaríamos a ficar juntos. É o destino. Fomos feitos um para o outro. Era apenas uma questão de tempo.

— Mas é uma péssima maneira de voltarmos juntos, — eu digo, espalhando cream cheese no meu bagel. Eu tento não me sentir estranha com suas palavras. Quando se trata de felicidade, todos pegamos o que podemos e aproveitamos ao máximo. Se Colt não se importa que ela tenha usado seu ataque a seu favor, não é da minha conta. Eles têm anos de história que eu não sei, mas já sei que ele nem sempre foi bom para ela. Se ela pode perdoá-lo, bom para ela por ir atrás do que quer.

— Bem, eu estava lá para ele, como sempre estou, — diz ela. — Durante tudo isso, mesmo quando ele acordou pela primeira vez e quase não se lembrava de nada. Ele ainda não se lembra de ter terminado comigo, mas é claro que eu disse a ele. Eu não vou mentir para ele. Ele teve que passar por meses de mensagens de texto para tentar se lembrar do que aconteceu. Graças a Deus pelo

meu blog, para que ele pudesse se envolver na cena social depois de sumir no ano passado.

— Certo, — eu digo, balançando a cabeça e tentando me concentrar no meu próprio problema, em vez de enfiar o nariz no dela. — Então, ele voltou no início deste ano, certo?

— Sim, — diz ela. — Com a saída de Royal, as coisas estão definitivamente mais relaxadas, mas também meio incômodas. É como quando cai um ditador e fica esse vácuo de poder, né? O governo ainda está instável.

— Obrigada, porra, — eu digo, sentando na minha cadeira.

Dixie levanta uma sobrancelha. — Algo que eu deveria saber?

— Nada no registro, — eu digo. — Mas digamos que tenho alguns movimentos na manga.

— Você está planejando vingança contra os Dolces? — ela pergunta com um sorriso ansioso, inclinando-se e baixando a voz. — Porque eu conheço as pessoas.

Josies balança a cabeça. — Você vai esmagar o patriarcado e restabelecer a democracia também, ou você é mais um eleitor de uma só questão?

— Gosto de me concentrar em uma causa, sim, — digo antes de me virar para Dixie. — Encontre-me em alguns dias?

— Apenas lembre-se de onde isso a levou no ano passado, — diz Dixie. — E Colt.

— Anotado, — eu digo. — Eu não estou trazendo ninguém para isso que não quer estar. Não estou arriscando ninguém além de mim. Mas esteja pronta.

Josie me lança um olhar curioso. — Você não é a namorada de Royal? — ela pergunta. — Vocês fizeram aquela grande cena ontem de manhã.

— Oh meu Deus, eu nem sequer apresentei vocês adequadamente, — diz Dixie, endireitando-se em seu assento. — Josie, Harper, conheçam. Harper esteve aqui a maior parte do ano passado. Ela começou aqui na nossa mesa antes de se tornar uma garota Dolce, e sim, ela namorou Royal Dolce antes de desaparecer nas férias de primavera.

— Os rumores da minha morte foram muito exagerados, — eu digo, revirando os olhos.

— Sempre suspeitei de Royal, — diz Dixie, inclinando-se e baixando a voz. — Mas então, eu não era sua maior fã, e você não foi a primeira garota perto dele a desaparecer. O que aconteceu entre vocês, afinal? Você o odiou, depois o amou e depois desapareceu. Achei que você estava trancada no porão dele ou algo assim. Quer me contar o que aconteceu?

— Para o blog? Não, eu passo, — eu digo. — E você não pode culpar seriamente Royal pela morte de sua irmã.

— Eu culpo toda a família deles, — diz ela. — Não apenas Royal.

— É justo, — eu digo. Não adianta discutir. Ela e Royal tomaram lados opostos na briga entre Darling e Dolce, e não há como cruzar essa linha. Ela não quer ouvir o quanto Royal amava sua irmã e venera sua memória até agora. Ela quer alguém para culpar pela perda de sua melhor amiga.

— Josie foi transferida de Hellstern, — ela continua, gesticulando para a amiga.

— Recém-refugiada do Hell High, — Josie concorda, jogando um pedaço de bagel no ar e pegando-o na boca. Glória está errada. Pode faltar curvas e chapinha, mas é bonita mesmo sem se arrumar. Seu cabelo grosso e escuro cai até os cotovelos, e seus impressionantes olhos verdes claros são emoldurados por cílios longos e cheios e sobrancelhas pesadas.

Dixie gesticula para ela. — Josie é uma veterana como nós. Estou tentando convencê-la a se juntar à equipe de dança, mas até agora, sem sorte.

Josie dá de ombros. — Sacudir a bunda para um bando de caras que correm por aí batendo uns nos outros para o entretenimento da cidade... sei lá, é meio nojento, né?

— Mas é uma atividade extracurricular, — diz Dixie. — Vai ficar bem nas inscrições para faculdades. Essa é a única razão para se mudar para cá no último ano. Então seu diploma mostra que você se formou em Willow Heights.

— Estou no debate, no conselho estudantil e na equipe de tutoria, — diz Josie. — Além disso, toda a cena do futebol apenas perpetua e reforça a cultura da masculinidade tóxica.

— Oh, cara, — diz Dixie. — Não deixe ninguém nesta escola ouvir dizer isso.

— Acho que vamos nos dar muito bem, — eu digo, sorrindo para Josie.

— Eu duvido seriamente disso, — ela diz, enfiando um pedaço de bagel na boca e dando uma olhada significativa na minha roupa. Lembro-me de seu olhar desdenhoso ontem e não tenho certeza de como responder. Estou acostumada a ser a garota que não dá a mínima para o que as pessoas pensam. Estou acostumada com as pessoas me julgando por ser um pobre lixo branco. Agora, sou alguém cuja sobrevivência depende de ter aliados e amigos, e isso exige que me importe com o que as pessoas pensam. Agora, estou sendo julgada por parecer rica, embora não seja.

— Não tome tudo pelo valor da face, — eu digo, um pouco menos entusiasmada em encontrar uma chefe cadela para sair. — Você não conhece minha vida.

— E você não sabe a minha, — diz ela suavemente, enfiando o resto de seu bagel em sua bochecha.

Eu dou de ombros. — Você tem razão. Estou aqui apenas para obter informações, não para fazer inimigos.

— E, no entanto, você é amiga de Gloria Walton, — diz ela, afastando-se da mesa. — Vejo você na aula, Dixie. — Com isso, ela se vira e sai andando.

— Uau, — eu digo. — Acho que julguei mal essa.

— Você sabe que eu gosto de todo mundo, — diz Dixie. — Mas Lo está no modo jogos vorazes este ano.

— O irmão dela acabou de morrer, — eu indico.

— Sim, — diz Dixie. — Ele *acabou* de morrer. Estamos há um mês na escola.

— Talvez algo estava acontecendo com ele antes disso, — eu digo.

Não gosto de ser forçada a escolher um lado. Eu gosto dessas duas garotas. Eu não conheço Josie a próxima cadela, no entanto. Obviamente, preciso seguir meu próprio conselho e não julgar um livro pela capa. Ela pode parecer legal, mas isso não significa nada. Mas eu conheço a Gloria, e ela é gente boa.

— Bem, Royal a abandonou antes do início das aulas, — diz Dixie. — Deve ter sido apenas entre eles, porque os gêmeos estão deixando ela manter seu lugar por enquanto. Mas ela tem um novo namorado que arrastou para o grupo deles, e não tenho certeza se todos estão felizes com isso.

— Ah, certo, — eu digo. — Rylan?

Dixie assente. — Você o conheceu?

— Não, — eu digo com um encolher de ombros. — Mas tenho certeza que vou. Mais alguma coisa que eu deva saber?

— Ok, pessoas novas, — ela diz, olhando ao redor antes de contar nos dedos. — Há Josie, Rylan e sua irmã Amber e, claro, Colt. E os calouros. Posso falar sobre eles, mas provavelmente sou a única veterana que se importa com as fofocas deles, já que vão para o blog.

— Magnólia Darling, — eu digo. — Alguma coisa acontecendo lá?

— Ela é uma das populares da turma, — diz Dixie. — Eu a conheço há alguns anos. Ela é uma menina doce, mas foi protegida e é um pouco imatura. Quero dizer, ela tem quatorze anos, então...

O sinal de alerta toca para o nosso dia começar, e nós duas nos levantamos. — Obrigada, — eu digo. — Mais alguma coisa que eu deva saber bem rápido? Para ficar atenta?

— Definitivamente Rylan, — ela diz, então me conta sobre os populares enquanto saímos. — Cotton está de volta e assustador como sempre. O pai dele se casou com a mãe de Rylan, então é por isso que eles estão nesta escola e, de acordo com meus pais, essa é a grande fofoca das senhoras que almoçam. Eles são da... Geórgia, eu acho. DeShaun está namorando Eleanor Walton. Everleigh tem conversado com Gideon Delacroix, que está no segundo ano e é o único cara novo no círculo interno dos Dolce este ano. Os gêmeos ainda são prostitutas, é claro... E acho que é isso.

— Você é uma salva-vidas, — eu digo. — Muito obrigada.

— A qualquer hora, — diz ela. — Você fez do blog do ano passado um grande sucesso, então não posso usar exatamente sua discordância de Dolce contra você.

— Eu não discordei, — eu digo, acenando enquanto nos separamos para nossas diferentes classes, passando correndo por Duke e a caloura loira com quem continua saindo com ele.

Não posso deixar de me sentir um pouco como uma traidora quando falo com Dixie. Eu deveria querer destruir os Dolce pelo que eles fizeram, mas não consigo desprezá-los. Eu os conheço e é difícil odiar alguém que você conhece. Na verdade, não quero me colocar no caminho deles de novo, mas também não quero que eles saiam impunes fazendo essa merda com mais ninguém.

Eu não sou um Darling, no entanto. Não estou do lado deles mais do que nunca estive dos Dolces.

Não quero escolher um lado.

Sim, os Dolces fizeram coisas terríveis comigo. Mas eles nunca fingiram ser caras legais, e não posso fingir que pensei que fossem. Eu sabia que haveria consequências em estar com eles, e não apenas ganhei seus segredos. Eu traí Royal.

De bom grado revelei sua mais profunda vergonha a seu inimigo. Eu sabia o que estava fazendo. Não posso fingir agora que era inocente só porque as consequências foram piores do que eu esperava.

E os Darlings... Bem, seria fácil dizer que eles são as vítimas inocentes disso tudo, mas eu sei que não é tão simples assim. Eles são mais complicados, sorrateiros e jogam mais sujo. Preston me salvou, mas ele não fez isso pela bondade de seu coração. Ele me salvou para me usar contra Royal. Ele vendeu minha vergonha na internet para machucar Royal. Ele me vestiu de irmã deles, sem que eu soubesse, e esfregou isso na cara deles, tentando me usar como arma. Ele me deixou acreditar que salvou minha vida naquele dia na garagem. Quando agradeci, ele não disse uma palavra para me impedir.

Colt fez algo semelhante, embora muito menos sinistro. Ele me contou seu lado da história, aquele que faz sua família parecer boa. Então ele me usou para machucar os gêmeos, me dando as roupas de Mabel e me deixando desfilar na frente deles.

Eles estão todos obcecados em destruir uns aos outros, e isso está destruindo todos eles. Eu já fui destruída. Eu não estou procurando por mais.

Na hora do almoço, penso no meu próximo passo enquanto entro sozinha. Ouço alguns murmúrios enquanto caminho pelo café, mas não como quando ando pelos corredores com Gloria. Aparentemente, a confusão é sobre Dawson, o que faz sentido. Embora ele tenha se formado na primavera passada, um suicídio é muito mais dramático do que uma garota que *não está* morta. As flores ao redor do armário que ele usou no ano passado são prova suficiente, assim como as únicas três garotas ainda na fila da comida, que suspiram sobre como é triste.

— É uma tragédia quando alguém perde a vida, — diz a loira gostosa do primeiro ano. — Especialmente quando poderia ter sido evitado.

— Você leu isso em um cartaz do lado de fora do escritório do conselheiro? — Eu murmuro, revirando os olhos.

Ela olha por cima do ombro para mim e zomba. Ela está usando uma espécie de saia de tule rosa que chega até o meio da panturrilha, como um tutu excessivamente longo, e um par de Doc Martens rosa bebê com margaridas. O estilo infantilizado está muito longe do esquadrão de *Meninas Malvadas de Gloria*, e me lembro novamente de como a turma de calouros é muito jovem.

Ela abaixa a voz para a amiga. — Nunca o conheci, mas o via jogar todas as sextas-feiras e sinto que o conheço.

— Eu sei, — jorra sua amiga espinhenta, lançando um olhar nervoso para mim e avançando ao longo da fila para colocar distância entre nós. — Ele foi um herói. Espero que eles coloquem uma estátua dele fora da escola.

— É muito cedo, — diz a loira com uma pequena fungada. — Seria muito doloroso vê-lo todos os dias e saber que ele nunca mais voltará.

Eu sufoco uma bufada. Nada como um garoto rico morrendo de vontade de ver todo mundo agindo como se o mundo deles estivesse acabando, mesmo que nunca tivessem conhecido o cara. Eu estava na sexta série quando o primeiro aluno de uma das minhas turmas se suicidou, e isso não é raro na ESF. Eu sei o histrionismo que isso traz nas rainhas do drama, que querem agir como se conhecessem a pessoa, mesmo que fossem idiotas totais com a vítima enquanto estavam vivos. Eu me pergunto se algumas vadias falsas fizeram essa merda quando eu desapareci no ano passado, e isso faz minha pele arrepiar.

— Eu me sinto tão mal por suas irmãs, — a amiga maior sussurra quando elas saem da fila. — Você acha que elas o encontraram?

— Você pode imaginar encontrá-lo lá, apenas... *enforcado*? — a loira pergunta, com os olhos redondos.

De repente, não sinto vontade de comer.

— Não acredito que Gloria voltou para a escola, — diz a propensa a acne.

— Sim, — diz a loira. — Quando Sully estava com problemas, eu ficava em casa com ele por, tipo, duas semanas para ter certeza de que ele estava bem. E ele não estava... *morto*.

Eles se afastam conversando, e levo um minuto para lembrar onde ouvi esse nome. Então meu estômago afunda. Porra. A caloura loira bonita demais para o seu próprio bem é a pequena Magnolia Darling.

Eu não deveria me importar. Não tem nada a ver comigo. E, no entanto, sinto uma estranha conexão com os Darlings agora, mesmo que não queira fazer

parte do drama deles. Continuo dizendo a mim mesma que não sou parente, mas sinto uma afinidade, de qualquer maneira.

Mesmo antes de Preston, eu estava ligada a eles. Desde o momento em que me envolvi com os Dolce, fui puxada para a família deles. Inferno, mesmo antes disso, quando o Sr. D me contatou. Apesar de suas famílias serem inimigas, eles são dois fios opostos, inexplicavelmente torcidos um no outro, passando pelo buraco de uma agulha. Quanto mais eu me aprofundava com os Dolces, mais profundamente eu me envolvia na história dos Darling, quer soubesse ou não.

Peguei a bolsa do Sr. D. Eu já conhecia o Colt como Dínamo da cena de luta, então fiquei amiga dele. Puxei Lindsey para fora de sua casa e a coloquei em segurança. Eu fodi Royal na cama de Preston e ajudei a destruir sua casa, sem nunca saber que ele era meu benfeitor. Levei um pé na bunda do poderoso Royal Dolce por bater o pé quando eles ameaçaram ir atrás de Magnolia.

E foi uma boa coisa que eu fiz, ou os Dolces teriam conseguido me matar naquela noite no pântano. Se Preston não estivesse rastreando seus carros e indo lá e me encontrado...

Eu afasto o pensamento, tentando clarear minha cabeça para passar por este almoço sem voltar ao meu pesadelo. Vir aqui é a melhor coisa que eu poderia ter feito. Eu já posso dizer. Eu estava sem rumo, perdida em algum pântano escuro de pesadelos nos últimos seis meses, incapaz de sair mesmo quando meu corpo foi puxado e carregado. Minha alma nunca realmente partiu naquela noite, no entanto.

Não tenho certeza se algum dia será. Mas estar de volta a este mundo coloca tudo na minha frente de uma forma imediata. Fisicamente, estou aqui em vez de em casa, onde posso facilmente afundar na cama e chafurdar no desespero. Tudo é crucial, evitando que eu volte para a minha concha, me bloqueando na minha cabeça. Existem outras pessoas com seus próprios traumas e dramas, pessoas com quem tenho que interagir. A cada momento tenho que estar atenta, para tomar decisões com base em novas informações que ganhei apenas um segundo antes.

Quando saio da fila e me viro para o café cheio de coisas novas e familiares, tenho outra decisão a tomar. Lá está a mesa de fofoqueiras de Dixie, onde eu a vejo, Quinn, Susanna e Josie. Essas são as garotas do conselho estudantil, as garotas de carreira. Eu deveria sentar lá. É isso que eu quero: sair desta cidade, ir para a faculdade. Talvez eu não fosse o tipo de garota 'fique em casa e asse na sexta à noite' no ano passado, mas talvez agora eu seja. Talvez eu tenha acabado com todo o drama, Dolce e Darling ambos.

Mas então um apito corta o barulho no café, e eu olho para cima e vejo

DeShaun Rose no meio do aceno. Antes que ele possa me convocar, porém, Duke lhe dá uma cotovelada no braço e balança a cabeça. Duke Dolce, que cantou “Folsom Prison” enquanto caminhava pelo pântano em minha direção depois de me dizer que estava voltando com amigos. Duke Dolce, que me disse na outra noite que ainda poderíamos ser amigos. Duke Dolce, que vi conversando com Magnolia Darling esta manhã.

Meu sangue corre frio, e eu agarro meu prato. Posso não estar mais reunindo informações para o Sr. D, mas meu trabalho aqui não acabou.

Cada mesa do café acomoda oito cadeiras. No ano passado, os meninos Dolce sentaram-se à mesma mesa com seus amigos mais próximos e Lo. Outra mesa foi empurrada contra ela para o excesso de amigos “menores” e garotas Dolce. Royal ocupava o assento do meio, de costas para a parede perto da porta, para que pudesse olhar para o café como se fosse seu reino. O local à sua frente estava sempre vazio, então ninguém bloquearia sua visão.

Este ano, Duke e Baron sentam-se no centro. DeShaun e Cotton sentam-se à esquerda. À direita deles, vejo um garoto vagamente familiar da mesa “inferior” do ano passado, que deve ser Gideon, porque Everleigh está ocupada desmaiando por causa dele. Gloria e Eleanor completam a mesa. Não há lugar vazio. Não que fica próximo ao deles, onde as mesas se encontram, um garoto taciturno e de cabelos escuros está sentado ao lado de Glória. Eu o considero Rylan, o namorado dela. O resto da mesa está cheio de garotas bonitas que eu presumo serem as garotas Dolce deste ano.

Não há lugares vazios, mas não vou deixar que isso me detenha. Eles podem espremer mais um. Eles nunca enchem as mesas com cadeiras extras como o resto dos alunos. Manter as mesas em oito torna sua empresa ainda mais cobiçada e elitista.

Quando me aproximo, observo o grupo, mas meu olhar se concentra nos garotos Dolce. Duke me observa com uma expressão cautelosa enquanto Baron apenas olha com seu jeito intenso e enervante. Eu circulo a mesa para ficar atrás dos reis reinantes.

— Traga-me uma cadeira, — eu digo.

Duke olha para Baron. Baron não se mexe.

Eu bato meu dedo do pé e espero.

— Você vai se sentar conosco este ano? — Duke pergunta finalmente. — Porque eu pensei que já que Royal não estava aqui...

— Que eu iria desaparecer? — Eu pergunto. — Não seria conveniente?

— Meio que sim, — ele murmura.

— Sinto muito por não poder facilitar as coisas para você, — digo. — Mas eu estarei sentada na cabeceira da mesa este ano, então seja uma boneca e puxe

uma cadeira para mim, ok? Bem entre vocês dois.

— Mas... é onde Royal se sentou.

— E Royal era o rei, — eu digo. — Desde que ele se foi, isso me deixa no trono sozinha, não é?

— Nós somos os reis, — diz Baron calmamente. Todo mundo está assistindo. O café está silencioso como um cemitério, embora provavelmente apenas a mesa ao lado possa nos ouvir.

— Mas você é? — Eu pergunto.

Eu ouço uma respiração audível ao redor da mesa. Ninguém desafiou seus reis por anos. E aqui estou eu, uma garota que começou sendo jogada em lixeiras, exigindo o melhor lugar da sala. Eu fico ereta, meu queixo para cima, mas por dentro, meu estômago está em nós e meu pulso está tremendo. Isso tudo é uma aposta que depende de muitas variáveis que não sei, coisas que aconteceram entre Royal e os gêmeos antes e depois que ele me trouxe para o Slaughterpen. Esse pode ter sido o evento principal, mas houve dias de planejamento para isso, lutas que aconteceram fora do palco entre os irmãos Dolce para colocá-los naquelas cadeiras.

Duke troca um olhar com seu irmão, e algum conhecimento não dito passa entre eles. E então Duke empurra seu assento. Luto para não fechar os olhos e suspirar de alívio ou gritar de alegria. Em vez disso, concentro-me conscientemente em manter meu rosto inalterado, como se nunca houvesse qualquer dúvida em minha mente de que os gêmeos obedeceriam ao meu comando. Mas por dentro, estou agradecendo silenciosamente a Royal como se ele fosse a porra de um deus.

Eu quero jogar meus braços em volta dele e beijá-lo por isso, porque Duke caminhou até uma mesa próxima e agarrou uma cadeira vazia. Eu me lembro que esta é apenas a ponta do começo. Mas tudo poderia ter parado bruscamente ou explodido na minha cara. Eles poderiam ter rido de mim ou coisa pior. Em vez disso, apostei no Royal Dolce. E assim como ele sempre ganha, eu ganho quando aposto nele.

— Sua majestade, — diz Duke, girando a cadeira com um floreio e uma reverência zombeteira. — Seu trono.

Eu coloco meu prato para baixo, e Baron corre alguns centímetros. Não é muito, mas parece o mais doce triunfo. Duke puxa a cadeira e se joga nela, mas ainda não terminei.

— Obrigada, — eu digo. — Agora, você se lembra do que me fez fazer na primeira vez que vim à sua mesa?

— O que? — Duke pergunta, olhando para Baron, seus olhos se arregalando em alarme.

— Não olhe para ele, — eu digo, pegando seu queixo na minha mão e puxando-o para mim. — Estou falando com você.

Duke engole e levanta o olhar para mim. Eu o vejo, o verdadeiro garoto por trás de todas as piadas e risadas, o idiota despreocupado e desbocado. Ele está com medo. Ele ama sua posição de poder, mas sabe que não é garantido. Ele sabe que seu tempo é limitado e acabou de encontrar seu par.

— Não, — diz ele calmamente. — Não me lembro.

— Oh, vamos, Duke, — eu digo com um sorriso. — Você não fica bêbado e esquece suas más ações até depois da escola. O que você me fez fazer quando me chamou para sua mesa?

Ele lança um olhar para Baron novamente, mas eu empurro seu queixo de volta para mim, forçando seu olhar para o meu.

— Beije meus pés, — ele grita.

— Isso mesmo, — eu digo como se tivesse acabado de me lembrar. — Você me fez curvar e beijar seus pés como seus súditos leais. Acho que é hora de você retribuir o favor.

— Você está brincando? — Baron pergunta atrás de mim.

— Nem um pouco.

— De jeito nenhum, — ele estala.

Eu arqueio uma sobrancelha com suas palavras, mas ainda estou encarando Duke. — Você está dizendo que não me deve tanto?

— Ok, — diz Duke, um sorriso se espalhando em seu rosto. — Mas se você gosta de alguma merda de dominatrix como me fazer curvar, certamente eu deveria beijar algo muito mais excitante do que seus pés.

Ele estende a mão e desliza as mãos na parte de trás das minhas coxas sob a minha saia, me puxando para mais perto. Eu fico tensa, meu corpo se rebelando com a sensação de suas mãos quentes na minha pele nua. Eu cerro os dentes e

engulo, lutando contra o desejo de nocauteá-lo por causa de sua presunção.

— Eu pedi para você me tocar? — Eu grito.

Seu sorriso vacila, e ele afrouxa seu aperto. Eu dou a ele um olhar significativo. Talvez ele também esteja se lembrando do motivo de tudo isso, porque tira as mãos das minhas pernas.

— Desculpe, — ele murmura, deslizando para fora de sua cadeira e de joelhos na minha frente.

Eu poderia sentar e levantar o pé para ele, pelo menos os dedos, mas não o faço. Eu quero que ele se curve até o chão, para fazer valer a pena. Eu não devo nada a ele, nem mesmo tornando isso fácil.

O sorriso de Duke retorna e ele pula para uma posição de flexão. — Quer que eu caia e te dê vinte? — ele pergunta, abaixando-se para beijar rapidamente meu dedo do pé. Ele se levanta e bate palmas, mostrando sua proeza física. E caramba, ele parece bem, seu corpo todo planos de músculos, suas costas definidas através de sua camisa. Mas quando suas mãos batem no chão e ele começa a se abaixar para outra flexão, eu movo meu pé, colocando a ponta do meu Louboutin em cima de seus dedos.

Ele não está assumindo isso, tornando-o o show de Duke Dolce. Isso não é sobre ele.

— Um é o suficiente, — eu digo. — Agora levante-se.

— Ah, você não é divertida, — ele diz, mas ele fica de joelhos novamente. Há um momento de silêncio, e então cerca de metade do café começa a aplaudir. Meu olhar dispara ao redor enquanto tento descobrir se eles estão batendo palmas para mim ou para Duke. É quando vejo que quase todo mundo batendo palmas é feminino. Perco minha concentração por um segundo, mas Duke está acostumado a aplausos, e ele dá um grande sorriso desleixado e joga beijos para o público. Então ele se vira para mim e mexe as sobrancelhas. — Você vai me dar um tapa na cara com sua boceta? Quero dizer, se estamos invertendo os papéis aqui. Foi o que eu fiz com você.

— E eu te dei um tapa de volta.

Ele sorri. — Vou dar um tapa na sua boceta qualquer dia, Cherry Pie.

Os outros caras riem, mas eu os silencio com um olhar.

— Obrigada por seu serviço, — eu digo, apontando para sua cadeira.

— Tem certeza que não quer que eu te coloque de volta na mesa e mostre como eu realmente adoro uma rainha? — Ele pergunta, me dando seu sorriso mais perverso. — Eu adoro doces e ainda não comi a sobremesa.

Mas sob o carisma, sei que há algo real. Ele pode fazer palhaçadas para esconder isso, mas esse garoto tem medo do poder que eu exerço. Ele sabe tão bem quanto eu que os aplausos não eram para ele - era para a garota que finalmente o fez dobrar um joelho para ela.

Eu me viro para Baron e arqueio uma sobrancelha. — Sua vez, menino psicótico.

Baron se levanta, e embora ele não seja tão grande quanto Royal, sua construção impressionante ainda é como uma parede na minha frente. Os sussurros na sala morrem enquanto todos prendem a respiração, esperando que o outro garoto Dolce faça uma reverência.

Ele move sua mandíbula para frente e para trás, então balança a cabeça. — Não.

Nossos olhos se encontram, e ele segura meu olhar. Por um longo momento sem fôlego, ninguém fala.

— Não tenho certeza se você sabe o significado dessa palavra, — eu digo a ele, meu coração batendo forte. Se eu jogar minhas cartas erradas, isso ainda pode desabar ao meu redor. Eu pensei que tinha esse poder, que não tinha esgotado o que Royal já me deu. Mas talvez eu não tenha tanto quanto pensei.

Baron ergue o queixo, os olhos frios. — Dolces não se curvam.

Minha mente corre pelas possibilidades. Eu vejo isso acontecendo como ele pensa que vai acontecer. Nenhum de nós vai ceder, e vamos lutar. Se eu nocauteá-lo, como fiz no pit, ele não vai deixar passar. Não quando for na frente da escola, quando vou fazê-lo perder a cara. Ele estará em busca de vingança e voltará com mais força. Eu poderia delatá-lo sobre fazer drogas, mas não tenho nenhuma prova além de sua palavra. E todo mundo sabe quem acredita nesse cenário. Ele vai ganhar, vai voltar para a escola e dizer a todos que sou um rato que tentou derrubá-lo.

Então, todos eles vão me odiar. Nunca vai acabar, assim como a luta deles com os Darlings. Como Colt disse, eles são sempre um pouco mais loucos, um pouco mais imprudentes, com um pouco menos a perder. Todos nós sabemos quem perde quando se trata dos Dolces, não importa quem seja a oposição.

Então, faço o que fiz no poço - recuo, conservando toda a energia que me

resta. Royal não me deu tudo. Ele me deu uma plataforma de lançamento, um ponto de partida. Eu tenho que pegar os ganhos da loteria e esticá-los um pouco mais, não me aposentar e festejar com todos eles.

Eu aceno para Baron e estendo a mão. — Eu posso respeitar isso, — eu digo. — Trégua?

Ele pega minha mão com firmeza, seus olhos escuros intensos por trás dos óculos. — Quais são os seus termos? — ele pergunta baixinho. — Você quer ser nossa garota número um?

Eu não posso deixar de rir.

— Não, — eu digo categoricamente. — Eu não quero ser uma garota Dolce. Sei que vocês estão acostumados a sentar no trono sozinhos, mas este ano estarei lá com vocês. Vocês ainda podem ser os reis. Mas abra caminho para a porra da rainha.

— Oh meu Deus, o que foi isso? — Dixie pergunta, alcançando-me quando saio do café. — Essa foi de longe a coisa mais legal que eu já vi na minha vida! Duke Dolce acabou de beijar seus pés! Quando você disse que tinha alguns truques na manga, eu não esperava *isso*. Como diabos você conseguiu que ele se curvasse a você?

Eu sorrio e dou de ombros. — Eles não são melhores do que eu ou qualquer outra pessoa.

— Posso citar isso no blog?

— O que? Não, — eu digo, me afastando. — Por que você colocaria isso no blog? Todo mundo viu em primeira mão.

— As pessoas adoram reviver a emoção, — diz ela. — Os blogs de drama do almoço são os meus mais populares.

— Tudo bem, — eu digo. — Aqui está uma citação. Se você não pode vencê-los, junte-se a eles.

— Ok, bem, foi a primeira vez na história desta escola que os reis fizeram algo assim, — ela disse. — Os Dolces governam com mão de ferro, medo e intimidação. Eles nunca, tipo, acenaram com a cabeça em deferência a alguém, muito menos ficaram de joelhos. Eu não posso acreditar que isso acabou de acontecer. Isso foi tão foda.

— Talvez seja hora de eles não terem poder absoluto aqui.

— Sim, mas esta escola tem sido administrada pela elite desde que foi fundada – ou pelo menos desde a geração seguinte, quando os Midnight Swans foram fundados. Os Darlings não eram tão malucos e assustadores quanto os Dolces, e mesmo eles nunca teriam feito algo assim. Nem mesmo Devlin quando estava apaixonado por Crystal. Duke... *gosta de você?*

— O que? — Eu pergunto, então balanço minha cabeça. — Claro que não. Não tinha nada a ver com sentimentos.

— Então o que você tem sobre ele?

Eu apenas sorrio. — O suficiente.

Dixie dá um suspiro de adoração, como se de repente eu fosse seu herói. — Uau.

Chegamos ao meu armário e espero que ela vá embora, mas ela demora. Os corredores estão lotados e dez vezes mais barulhentos do que o normal, todos vibrando com a empolgação do show da hora do almoço. Dixie tem razão. Eles já estão revivendo cada momento, conversando entre si, tão empolgados como se tivessem acabado de sair de um jogo de futebol.

Quando fecho meu armário, Dixie ainda está lá.

— E aí? — Eu pergunto. — Precisa de algo mais para o blog?

— Não, — diz ela. — É que... Não me interprete mal, foi a melhor coisa que já vi nesta escola, mesmo antes do blog. Mas eu pensei que você não estava mais com eles. No ano passado, você teria ido embora depois de fazê-lo beijar seus pés, mostrando a eles que você não acredita na hierarquia deles.

— Eu não sou a mesma garota que era no ano passado.

Eu não posso explicar isso para ela, mas não é que eu engasguei, que eu estava com medo e recuei de Baron. É que eu entendo como a escola funciona agora. Eu não preciso ser uma fodona solo que destrói os Dolces e caminha para o pôr do sol. Posso fazer mais por dentro do que jamais conseguiria sendo sua inimiga. E eu preciso de outras pessoas para ajudar. Eu não sou uma ilha. Eu sou uma sobrevivente.

— Eu acho que não, — diz Dixie, e eu sei que ela está desapontada, mas esta não é sua batalha. — Acho que esperava que você reunisse os Darlings depois de perguntar sobre Magnolia, ou pelo menos ajudar Colt. Você me disse para estar pronta.

— Oh, não se preocupe, — eu digo. — Estou apenas começando.

Royal não está esperando no meu carro quando saio da escola. Quando paro e estaciono do lado de fora da minha casa, seu Range Rover não está à vista. Fecho os olhos e digo a mim mesma para parar. Eu deveria estar feliz. Ele se foi, assim como eu queria. Ele finalmente respeitou meus desejos e me deixou em paz, e eu me estabeleci como alguém com quem não se deve foder na escola. Eu sou uma rainha, digna de seu respeito.

Mas tudo que eu sinto é a Rainha de Todas as Cadelas Idiotas, porque uma parte estúpida do meu coração cai quando ele não está esperando, tentando

apenas mais uma vez. Quero contar a ele o que ele fez por mim e o que fiz hoje. Quero comemorar essa vitória com ele, essa vitória pela qual ele deveria receber o crédito. Quero que o carro dele esteja do lado de fora, quero que ele me diga que vale a pena tentar um pouco mais.

Eu me odeio por isso também.

Eu sei que valho a pena.

Eu não deveria precisar dele para dizer isso. Eu não deveria querer que ele implorasse e rastejasse pelo meu amor.

Eu sei que vale mais do que ele pode dar.

Eu saio do carro, muito enojada comigo mesma para suportar minha própria companhia. Deus, eu sou uma cadela mesquinha e patética.

Blue está sentada nos degraus, olhando para longe, o cabelo cobrindo o rosto até a metade. Ela nem sequer olha para mim, mas eu me aproximo de qualquer maneira.

— Oh, hey, — diz ela, parecendo exausta. Ela inclina a cabeça para a frente e seu cabelo balança sobre a bochecha. — Quer um cigarro?

— Certo.

Sento-me ao lado dela, observando-a com o canto do olho. Eu conheço esse olhar, essa postura rígida. A maneira como ela não se vira para mim quando entrega cuidadosamente meu cigarro, mantendo o rosto reto, é mais do que familiar. Já estive no lugar dela muitas vezes — primeiro nas mãos de minha mãe e depois nas mãos de melhores lutadores no Slaughterpen — para saber o que ela está escondendo.

Sentamo-nos sob o sol do final de setembro, o calor da tarde tão denso e parado que a fumaça obstrui o ar ao nosso redor. O silêncio entre nós paira tão pesado, mais estranho e escuro do que o habitual. Eu debato perguntando o que aconteceu com o rosto dela, mas não temos esse tipo de amizade. Permitimos qualquer nível de conforto que o outro queira, para a preservação da dignidade. Posso ter contado a ela o que aconteceu comigo, mas isso não significa que ela me deve o mesmo.

Finalmente, decido pela única coisa que importa. — Você está bem?

— Isso é óbvio, hein? — ela pergunta, batendo o cigarro na borda da lata de café ao lado do pé.

— Um pouco, — eu admito, dando uma tragada.

— Eu só... — Ela faz um som de risada forçada. — Eu tropecei, sabe? Eu sou tão desajeitada.

— Acontece.

Ela tropeçou e caiu da escada em Faulkner alguns anos atrás. Talvez ela seja desajeitada. Se é nisso que ela quer que eu acredite, não vou questionar.

— Como está a escola? — ela pergunta. — Você voltou, certo?

— Bem, — eu digo. — Como está Olive?

— Certo. Você viu os jogadores de futebol?

— Sim, — eu digo. — Acontece que eram apenas três deles rodando a noite toda. Não tão ruim quanto eu pensava.

Ela acena com a cabeça e joga a bituca de cigarro na lata fedorenta, depois puxa as mangas da jaqueta jeans para baixo sobre as mãos. Está muito quente para usar uma jaqueta, e eu me pergunto, não pela primeira vez, onde ela consegue seus hematomas. Nunca a vi no Slaughterpen, mas não sou ingênua o suficiente para pensar que é onde a maioria das garotas apanha.

— Essas pessoas são más notícias, Blue, — eu digo. — Eu sei que você perguntou se Preston tem amigos, mas confie em mim, você não quer se envolver com eles. Eles são muito piores do que os Crosses.

Ela acena com a cabeça. — Sim, você provavelmente está certa. Não sou forte o suficiente para isso.

— Não é isso, — eu digo. — Você é durona. Confie em mim. Mas ei, eu tenho um carro agora. Se você precisar de mim para levá-la a algum lugar, basta bater e nós iremos. Sem perguntas.

— Obrigada, — diz ela, balançando a cabeça e inclinando a cabeça para frente para olhar para os joelhos.

Termino o cigarro, agradeço e volto para casa. Sinto-me culpada quando pego meu elegante laptop escolar. Enquanto espero que ele se conecte à nossa internet lenta, vou até a geladeira, agora totalmente abastecida com comida que Royal comprou para nós. Para mim.

Faço um sanduíche e me sento para trabalhar, mas a comida tem gosto de

culpa e me pesa como um tijolo. Depois de uma hora, abro o *OnlyWords* e digito na caixinha preta de bate-papo.

BadApple: o que você está fazendo na quinta

ThatsLo: nada além da próxima semana estarei me preparando 4 bye week, baby!

BadApple: é no próximo final de semana?

ThatsLo: sim garota onde você esteve

BadApple: então você pode fazer algo esta semana?

ThatsLo: é uma noite de semana escolar

ThatsLo: mas sim, talvez

ThatsLo Poderia?

BadApple: busco você as 11:30

ThatsLo: de jeito nenhum pode ficar fora tão tarde em dia de semana! Espera desde que temos um jogo sexta-feira

BadApple: valerá a pena

ThatsLo: ta tentando me seduzir?

BadApple: talvez se você gostar disso

ThatsLo: ainda uma garota Dolce

ThatsLo: é, quero dizer dick, não dolce (deixei assim para não perder o sentido da frase)

BadApple: risos

ThatsLo: Eu ainda sou a melhor garota, também conhecida como vadia chefe. Não posso arriscar perder meu lugar.

BadApple: isso está em questão este ano?

ThatsLo: sei lá, talvez

ThatsLo: você vem atrás de mim agora?

BadApple: ???

ThatsLo: se você agora é uma vadia do nosso círculo, vai tentar tomar meu lugar no time?

BadApple: risos

ThatsLo: sério

BadApple: não

BadApple: Não tenho interesse em torcer ou dançar ou tomar o lugar de ninguém. Eu também não queria tomar seu lugar em nosso círculo. É isso que você pensa que estou fazendo?

ThatsLo:: não sei é?

BadApple: não

BadApple: Eu gosto de você, lo. Você ainda é minha melhor amiga. Eu posso não ter sido uma boa amiga para você no ano passado, mas não iria esfaquear você pelas costas

ThatsLo: você fez

BadApple: Eu sei.

BadApple: Eu quero compensar você. Eu nunca tomaria seu lugar no time. Não sei como faço essas merdas, e não quero me envergonhar na frente de toda a cidade

ThatsLo: tem certeza?

BadApple: k talvez eu mereça isso

BadApple: mas, a menos que você seja DTF, você não receberá sinais WAP

ThatsLo: kkkkk

BadApple: Não vou forçar minha entrada e envergonhar o esquadrão para fazer você ficar mal, se é disso que você tem medo. Nenhum interesse em animar. Interessado em sair porque seu AF legal.

ThatsLo: a vadia chefe na escola é sempre a líder de torcida também

BadApple: não mais. Venha quinta. Por favor?

ThatsLo: Vou ter que esgueirar-me. Desligue os faróis a um quarteirão de distância e não vire na entrada da garagem.

Me impressiona como nossas vidas são diferentes. Talvez eu use as mesmas marcas agora, mas não sou como ela. Nós dirigimos bons carros e carregamos bolsas Gucci, mas minha mãe não dá a mínima se eu saio de casa em uma noite de escola ou não volto até o amanhecer. Na verdade, ela nem notaria. Ou ela mesma está festejando, ou desmaiou bêbada e não quer me ouvir. Desde que nos mudamos para esta casa, tive toda a liberdade quanto quero e mais um pouco. Ninguém nunca me protegeu de fazer minhas próprias más escolhas e sofrer as consequências. Mesmo que não fosse sua intenção, minha mãe me fortaleceu.

Entro na escola no dia seguinte como se fosse a dona do lugar e ninguém me impede. Continuo esperando alguém entrar no meu caminho e me perguntar quem diabos eu penso que sou, desfilando como se eu pertencesse aqui quando todos sabem que sou do estacionamento de trailers. Mas ninguém o faz. Então, continuo sendo rainha, apesar da tensão no ar, como se todos estivessem esperando um confronto, esperando para ver quanto tempo dura.

Quinta-feira à noite, paro em frente à casa de Gloria às onze e meia, com as luzes apagadas como prometido, embora o céu esteja totalmente escuro com nuvens e trovejando com trovões. Não entro na estrada de cascalho e deixo o carro parar para não fazer muito barulho na estrada. Envio uma mensagem e, um minuto depois, uma pequena figura cai da árvore ao lado da casa. Ao contrário da casa Dolce, eles não têm varanda no andar de cima com escadas, mas aparentemente isso não a impediu de escapar. Enquanto ela corre pela grama orvalhada com os pés descalços, seu longo cabelo loiro fluindo atrás dela ao luar, eu me lembro de como ela é linda.

Ela pula para dentro do carro e fecha a porta suavemente antes de se virar para mim com um enorme sorriso no rosto. — É melhor que seja bom, — diz ela, deixando cair os sapatos no assoalho.

— Oh, vai ser bom, — eu prometo.

— Não vai nos dizer o que é? — Colt fala lentamente do banco de trás.

Glória se vira. — Oh Deus, — ela geme, caindo para trás no assento. — Você trouxe o troll com você?

— Ele não é um troll, — eu digo, dando a ela um olhar engraçado. — Caso você não tenha notado, Colt é gostoso.

Colt ri. — Ah, ela notou.

— Nojento, — diz Gloria, cruzando os braços e virando-se para a janela.

— Se eu soubesse que ele estaria aqui, não teria concordado em vir.

— Eu posso fazer você gozar, quer você concorde ou não, — diz ele.

— Oh meu Deus, faça-o parar, — grita Gloria. — Ele é como um cachorro babando.

— Colt, pare de atormentar a rainha do drama, — eu digo, olhando para ele pelo retrovisor. — Ei, relaxe. Ele só está brincando com você porque você dá a ele a reação que ele quer.

— É verdade, — diz Colt. — Você torna isso tão fácil. Mas não se preocupe, estou apenas brincando. Eu sei que você está toda reprimida e merda. Você não saberia o que fazer com um pau tão bom.

— Não sou reprimida, — diz Gloria, bufando. — Só porque uma garota não quer seu pau não significa que ela é uma puritana.

— Então você admite que não está conseguindo um bom pau?

— Cale a boca, — diz ela. — Não foi isso que eu disse. O pau de Rylan é bom.

Colt bufa de tanto rir. Não consigo deixar de rir também, mesmo quando tento segurar.

— O que? — Glória dispara.

— Nada, — diz Colt, ainda rindo.

— O que? — ela exige novamente, virando-se para mim. — Por que é que isso é tão engraçado?

— Você sabe, — eu digo, dando-lhe um olhar significativo. — A maioria dos caras provavelmente não quer que seus paus sejam chamados de *bons*? A menos que você diga, *caramba, o pau daquele garoto é tão bom*.

Colt ainda está rindo histericamente. — Meu pau é superfino. Alguns podem até dizer super mega bem.

— Ok, muito engraçado, — diz Gloria. — Tenho cem por cento de certeza que o pau de Rylan é melhor.

— Você nunca sabe até experimentar, — diz Colt.

— Isso com certeza seria um grande e difícil não.

— Você está certo sobre a parte *difícil*.

Glória estremece. — Eww, você está duro agora?

— Você não gostaria de saber.

— Só vomitei um pouco na boca.

— Você acabou de dizer isso para me deixar saber que você é boa em engolir?

Ela solta um bufo e cruza os braços, torcendo o nariz. — Isso não é necessário saber, e você nunca precisará saber.

Colt apenas ri. — Eu te mostro o meu se você me mostrar o seu.

— Ok, troll. Uma garota não se importa com a aparência do seu pau. É o que você faz com ele.

Colt ri. — Então, seu namorado tem um pau pequeno.

Sou grata por suas brigas, o que me impediu de ficar muito nervosa até chegarmos à escola. Ao contrário da última vez que vim aqui à meia-noite de uma quinta-feira, o estacionamento não está deserto. Um círculo de carros é apontado para dentro, suas luzes brilhando no centro, onde meia dúzia de caras se reuniram sob o céu sinistro.

— Você está falando sério? — Colt diz. — Não, Harper. Que porra é essa?

— O que é isto? — pergunta Glória.

— Achei que você iria juntar tudo muito antes, — digo a Colt.

— Eu perdi minha memória, idiota, — diz ele.

— Não muito atrás, — eu indico. — Você deveria saber o que acontece à meia-noite de uma quinta-feira.

— Alguém se importa de me informar? — Gloria pergunta, parecendo irritada.

— É uma reunião do Midnight Swans, — eu digo, estacionando e desligando o motor. Dirijo-me a ambos. — Nós podemos mudar as coisas, pessoal. Esta é a nossa chance. Agora que Royal se foi, as coisas estão abaladas. Eles ainda não se estabeleceram. Não temos que aceitar o status quo como tem sido nos últimos anos. Mas não vai mudar por si mesmo, e quanto mais

esperarmos, mais ele vai se ajustar à norma confortável.

— Sim, — Gloria diz lentamente. — Então me diga novamente por que vamos mudar algo que é confortável e nos beneficia? Quero dizer, não estou sofrendo.

— Mas Colt está, — eu digo baixinho.

— Foda-se, — diz ele. — Eu não sou seu caso de caridade.

— Estou com ele nessa, — diz Lo.

— Olha, — eu digo com um suspiro. — Eu também estou me beneficiando. Estou no mesmo grupo que você, Lo. Eu poderia sentar na minha bunda e me divertir, mas qual é o sentido de ter esse poder se você não o está usando para fazer algo por outra pessoa? Não tenho interesse em ser um símbolo de status. Quero ajudar alguém com meu status.

— Ah, mas Gloria não quer ajudar ninguém, — diz Colt. — Ela só quer cagar em todos abaixo dela.

— Cale a boca, caso de caridade, — ela retruca. — Posso falar por mim.

— Então? — Eu pergunto. — O que você diz?

— Eu não sei, — diz ela. — Eu sofri muito para chegar aonde estou.

Pego a mão dela e aperto. — Eu conheço você, Lo. Eu sei quem você realmente é. Você é uma boa pessoa, e mais do que isso, uma pessoa forte pra caralho. Nós podemos fazer isso. Isso aqui, esse é o coração da escola. Podemos sentar à mesa deles todos os dias de nossas vidas, podemos nos chamar de rainhas, mas a verdade é que nunca seremos iguais a eles enquanto o clube de meninos se reúne em segredo e faz regras sem nós.

— Essa parte é verdade, — diz Colt.

Gloria me encara por um minuto antes de balançar a cabeça e desafivelar o cinto de segurança. — Então o que nós vamos fazer?

— Essa noite? — Eu pergunto. — Hoje à noite, vamos nos juntar.

Sáímos do carro na noite abafada e fechamos as portas. O trovão ressoa baixo à distância, mas o calor do verão ainda não cedeu. A escuridão parece próxima e espessa ao nosso redor com as nuvens carregadas tão baixas.

Gloria vem por trás do carro, sorrindo. — Estou meio feliz que você me convenceu a fazer isso, — diz ela. — Desculpe, eu estava sendo uma vadia. Eu só... não suporto aquele cara.

Falando naquele cara, Colt não saiu. Eu abro a porta dele. — Você vem?

— Não, — diz ele, cruzando os braços.

— Então você vai sentar aqui e deixar que assumamos todos os riscos por você, enquanto você é o único que realmente se beneficia? — pergunta Glória.

— Sim.

— Colt, — eu digo, colocando a mão em seu joelho. — O que está acontecendo? Você realmente não vem?

— Nem mesmo se você se oferecesse para sentar na minha cara enquanto Gloria cavalga meu pau superfino.

— Ugh, — Gloria explode. — Ele é nojento, Harper. Deixe-o cozinhar em sua sujeira.

— Eu tenho imunidade agora, — eu digo baixinho, segurando seu olhar. — Pode não durar para sempre, mas agora, eles não vão te machucar. Deixe-me compensar o que fiz no ano passado.

Ele inclina a cabeça, me dando um olhar engraçado. — O que você fez no ano passado?

— Eu quase matei você.

Ele zomba disso. — Você não fez isso. Eu fiz isso. Eu sabia o que poderia acontecer. Você não fazia ideia.

Nós nos encaramos por um longo minuto. — Eles ameaçaram você, — eu digo. — Para mim. Eles me disseram que se eu saísse com você, eles iriam te machucar.

— Você acha que eles não me disseram a mesma coisa? — ele pergunta. — Harper, eu nunca te culpei por isso. Nem por um minuto. Você realmente acha que é sua culpa?

Eu dou de ombros. — Quero dizer... Pelo menos em parte.

— Foda-se não, — diz ele. — Eu queria sair com você porque você era uma nova garota durona que não sabia que eu estava fora dos limites. Mas também queria irritar os Dolces. Isso foi por minha conta.

— Mas... Nós éramos amigos, e eu ainda escolhi Royal depois disso.

— Sim, bem, — diz ele. — Essa parte está fodida. Mas não éramos tão bons amigos, éramos? Nós só saímos algumas vezes.

— Eu considero você um amigo, — eu digo. — E eu preciso de amigos agora. Aliados. Você pode confiar em mim só desta vez?

Ele olha para Gloria, depois de volta para mim. — Tudo bem, — diz ele. — Mas desta vez, o que quer que aconteça é com você. Considere-se uma assassina se eles me matarem. E por respeito à nossa amizade, tente não cair em nenhum de seus paus até que meu corpo esfrie.

— Foda-se, — eu digo, mas estou rindo. — Eu juro solenemente te vingar se algo acontecer. Agora vamos.

Começamos a atravessar o estacionamento em direção ao Midnight Swans, caminhando lado a lado. Eles viram meu carro chegar e ficaram sob o foco de seus faróis, observando nossa aproximação. O único som são nossos pés na calçada e a incessante canção de verão dos insetos pontuada por outro trovão distante e inquieto.

— O que você está fazendo aqui? — Baron pergunta quando paramos ao lado de seus carros. Pelo menos, acho que é o Baron. Lembro-me de sua voz na minha nuca, como eu não conseguia diferenciá-la da voz de Duke no escuro atrás da minha venda. Minha garganta aperta, mas quando vacilo, Gloria faz uma pausa comigo, acompanhando o passo como se estivéssemos em uma de suas rotinas de dança e ela tivesse que ficar em perfeita sincronia comigo. Ela tem minhas costas. A mão de Colt agarra meu cotovelo, dando um pequeno aperto, lembrando-me que agora tenho aliados. Não estou sozinha como naquela noite.

Naquela noite, eles me destruíram.

Eles fizeram o pior.

E eu sobrevivi a isso.

Ainda estou aqui.

Ainda em pé.

Voltei, ressuscitei como a porra de uma fênix das cinzas da paisagem dizimada da minha alma. Não há nada que eles possam fazer comigo agora. Eu entro no centro das atenções com eles e enfio a mão no bolso. Segurando minha mão, deixei a chave balançar em meu dedo. — Eu sou a mestre-chave. Por que estamos nos encontrando aqui ao ar livre? Vamos.

Os outros caras se mexem e se olham, murmurando de surpresa.

— E eles? — Duke pergunta, acenando para meus companheiros. Ele está segurando uma cerveja e balançando levemente os pés.

— Eu era um membro da sociedade antes de qualquer um de vocês, — diz Colt suavemente. — Uma vez Swans, sempre Swans.

Eu tenho um pequeno arrepio quando ele diz as palavras que o Silver Swan me disse. Silver... Como a placa de metal que ele colocou na cabeça depois da surra. Nunca mandei mensagens para Colt no *OnlyWords*. Eu nem sei o nome dele. Mas ele poderia facilmente ter conseguido o meu de Dixie.

— Mudamos essa regra, — diz Baron. — É por isso que ninguém que se formou está aqui. Nem mesmo Royal.

— Eu não me formei, — Colt fala lentamente, parecendo tão despreocupado que você nunca saberia que eu tive que convencê-lo a sair do carro. Ele pode não desafiar abertamente os Dolces como Preston, mas o que quer que tenha feito para apaziguá-los, ele não perdeu sua dignidade. Se eu tivesse que adivinhar, apostaria que ele fez algum acordo com eles, se fez... Se não intocável, pelo menos indispensável. Ele é legal sob pressão e inteligente. Ele pode não jogar como Preston, mas sabe o que está fazendo.

Ele é um sobrevivente, como eu. Os sobreviventes fazem o que tem que ser feito apenas para continuar respirando. Sabemos que um dia sairemos. Então podemos fazer mais do que sobreviver.

Podemos viver.

— E elas? — Cotton pergunta, olhando para mim e para Gloria. — São meninas.

— Conversamos sobre deixar uma garota entrar no ano passado, — diz DeShaun.

— Eu sou a garota, — eu digo.

— Mas você não é uma Swan, — diz Duke.

— Eu não sou? — Eu pergunto, colocando uma mão no quadril.

— Como você é uma Swan? — Gideon pergunta.

Engulo em seco. Vou admitir algumas informações seriamente pessoais, dizer isso na frente dos homens mais poderosos desta escola, homens cuja palavra é o evangelho se eles decidirem compartilhar meus atos vergonhosos com o resto da escola. Sem contar que meus próprios amigos saberão o que fiz para chegar até aqui. Eu aperto minhas mãos em punhos, pressionando minhas unhas em minhas palmas. Aqui vai porra nenhuma.

Não como se alguém pensasse que eu era virtuoso para começar.

— Eu lutei contra um Swan e venci, — eu digo, levantando meu polegar. — Royal pode te dizer isso. E se ele não conta, Baron certamente conta. Enfrentei meu medo no túnel sob a escola. Os gêmeos testemunharam isso. Desta vez, levanto um dedo, depois outro enquanto continuo. — Eu traí um amigo.

Baron levanta a mão para me impedir. — Você tem que trair um amigo *por* um Swan. Não trair outro Swan.

Eu aceno para Gloria. — A amiga que traí.

Baron estreita os olhos. — Mas você não fez isso *por* Royal.

— Quer você goste ou não, Preston ainda é um Swan, — eu digo. — Então, ainda serve.

— Ainda há o desafio, — Cotton diz, sorrindo para mim como se pensasse que valeria a pena me deixar entrar se ele pudesse me foder.

Duke olha nervosamente para os outros.

— Eu fodi três Swan, — eu digo. — Tecnicamente cinco, se você quer saber.

— O que? — Duke pergunta. — Quem é o quinto?

— Preston, — Baron resmunga, seus olhos intensos por trás dos óculos. — Mas, infelizmente, você não pode contar as merdas que aconteceram no passado. Você deve declarar sua intenção de ingressar e se tornar um candidato. Você tem que cumprir as tarefas para nós, depois de se apresentar como candidato.

Ele parece tão presunçoso por ter encontrado uma brecha. Inferno, ele provavelmente descobriu por que peguei a chave e já elaborou um plano para me impedir.

Pena que não vai dar certo.

— Na verdade, eu declarei minha intenção de entrar, — eu digo. — Perguntei a Royal. E ele me deu o primeiro desafio - lutar com ele e vencer. Tudo o que fiz depois fez parte da minha iniciação, se você quiser chamar assim. Você e Duke até me deram o segundo desafio porque achavam que eu nunca completaria as tarefas. É fofa que você vai tentar me impedir agora que me forçou a suportar o desafio.

DeShaun e Cotton trocam um olhar questionador.

— Não era isso que estávamos fazendo, — diz Duke.

— E, no entanto, ele se mantém, — eu digo. — Mas se você quiser se reunir com os Swans mais velhos apenas para ter certeza, podemos chamá-los para se juntarem.

— Eu disse a você, nós não os incluímos mais, — diz Baron, parecendo irritado.

— Então acho que teremos que ser empossados pelos membros atuais.

— Eu indiquei Harper Apple para indução como um membro totalmente investido, — diz Colt, sua voz forte e firme enquanto ecoa pelo estacionamento. Relâmpagos piscam acima e um calafrio sobe em meus braços. Posso sentir a carga no ar, o peso das palavras de Colt pairando ali enquanto todos esperam para ver se ainda carregam o peso que carregavam antes.

Por um momento, ninguém fala. Então Duke levanta a mão, seus olhos cautelosos quando encontram os meus. — Eu apoio a moção.

Eu quero torcer, mas mantenho a calma e volto para Baron. Ele olha para mim, sua mandíbula apertada.

Pelo canto do olho, vejo uma centelha de movimento.

— Terceiro, — diz uma voz que reconheço como sendo de DeShaun, embora ele tenha mudado de posição, então não consigo distinguir nada além de sua silhueta sob os faróis ofuscantes.

Baron se vira para ele. — Sério, cara? Por quê?

Os ombros largos de DeShaun sobem e descem em um encolher de ombros. — Entrei para a sociedade pensando que estaríamos fazendo algo que pareceria impressionante nas inscrições para faculdades, não destruindo tudo que os fundadores construíram durante todos esses anos. Eu sei que o próprio Midnight Swans parece bom para as escolas que têm ex-alunos lá, e você sabe que Royal é meu garoto, mas... estou a fim, para variar.

— Você não gostava da maneira como Royal administrava as coisas? — Baron pergunta.

— Foi muito divertido, — DeShaun admite.

— Ouça, ouça, — Duke aplaude, segurando sua cerveja para deixar os faróis se derramarem através da garrafa âmbar.

— Mas agora somos veteranos, — diz DeShaun. — Estou pronto para fazer algo além de pregar peças e fazer nossos antepassados parecerem mal.

Gideon muda de posição. — O objetivo do Midnight Swans não é fazer seus membros parecerem bons e nos dar uma vantagem com as melhores escolas?

— Exatamente, — diz DeShaun. — Não me interpretem mal, foi divertido, mas como a sociedade vai *nos fazer* parecer bem se estamos transformando tudo em uma piada?

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes, — diz Colt. — Você acha que o Swan no conselho de admissões em Berkely ou Yale vai olhar para vocês e pensar que você é legal por expulsar seus filhos e usar sua organização como uma fraternidade do ensino médio? Esta cidade pode ter cedido aos Dolces, mas o nome da família Darling é forte em todas as gerações vivas do resto das famílias de vocês. Os Swans têm conexões em todas as escolas da Ivy League e garanto que não ficarão felizes com o que você fez com a organização deles.

— Fatos, — diz DeShaun. — Eu não me importaria que fosse algo diferente este ano. Ainda podemos festejar depois dos jogos.

Isso deixa Baron, Cotton e Gideon. Estou um pouco curiosa porque Rylan não está entre os caras, já que ele completa o grupo na hora do almoço, mas

agora não é hora de perguntar. Volto-me para os três resistentes.

— Se ela completou todos os desafios, acho que não podemos bloqueá-la só porque ela é uma menina, — diz Gideon. — Mas ainda sou um jurado, então... não tenho certeza se consigo um voto.

— Meio voto, — diz Duke.

— Legal, — eu digo. — São três e meio a favor, dois contra. Acho que devemos ir para o porão antes que comece a chover.

— Então e ela? — Cotton pergunta, acenando para Gloria.

— Ela também completou os desafios, — eu digo. — Eu sou um Swan. Ela lutou comigo no corredor. Ela enfrentou seus medos indo para a escola todos os dias em seu segundo ano, quando vocês pagãos fizeram Deus sabe o que com ela. Ela traiu Royal por mim. Mais uma vez, sou um Swan. E tenho certeza de que ela passou no desafio.

— Qual é a manopla? — pergunta Glória.

— Você tem que nos deixar foder você, — diz Cotton, olhando-a de cima a baixo do jeito que ele fez comigo. Acho que ele está pronto para foder quem quer que seja. Eu não deveria estar surpresa. Você não pode ser exatamente exigente quando seu MO normal está tirando vantagem de qualquer garota que desmaie primeiro na festa.

— O que? De jeito nenhum, — diz Glória. — Eu tenho um namorado.

— Está tudo bem, — murmuro para ela baixinho. — Você já fez isso.

— Ela nunca demonstrou interesse, no entanto, — diz Baron.

Gloria balança a cabeça e se afasta. — Ele tem razão. Estou fora. Desculpe garota.

Eu a vejo ir embora, dividida entre ir atrás dela e seguir em frente com as coisas. Não quero perder qualquer vantagem que tenho e não quero abrir mão da chave. Nunca vou recuperá-la se entregá-la a Baron, e tenho certeza de que ele poderia persuadir qualquer outra pessoa a entregá-la a ele. Afinal, ele é o líder agora que Royal se foi. Eu poderia dar a Colt e ir atrás de Lo, mas não acredito que os caras não vão pular nele no segundo que eu não estiver por perto, especialmente se ele estiver segurando a chave que eles querem.

Colt deve estar pensando o mesmo, porque ele pega meu dedo mindinho

com o dele e o aperta. — Vá, — diz ele, abaixando a cabeça e falando em meu cabelo para que os outros não possam ouvi-lo. — Vou verificar Glória.

— Você é indescritivelmente incrível, — eu digo, apertando seu dedo antes de soltá-lo.

— Você pode até dizer super mega bem.

Jogo as chaves do carro para ele e entro com os Swans. Mais uma vez, um calafrio passa por mim. Eu sou a única garota, sozinha com cinco caras. Mas mesmo que eles fizerem a mesma coisa de novo, eu sei que vou viver. Em vez de sentir desespero por não importar, por meus desejos não importarem, eu me inclino para isso. Não importa o que eles façam, porque eu não importo.

Mas importa o que eu faço. Minhas ações ainda podem importar, mesmo que eu não importe. E se eu puder corrigir meus erros, se puder consertar as coisas ou pelo menos compensar algumas das coisas egoístas e dolorosas que cometi em minha busca para destruir os Dolces, talvez eu também possa ser importante novamente.

Quando saímos do porão para a noite tempestuosa uma hora depois, sou oficialmente um Midnight Swan, o primeiro e único membro feminino. Eu prestei juramento e agora faço parte de algo, um membro de uma sociedade que protege uns aos outros por toda a vida.

Não sou ingênua o suficiente para pensar que de repente eles começaram a me ver como igual, mas é um passo na direção certa. Eles vão se acostumar a me ver nas reuniões, aceitar que sou uma deles e, eventualmente, vão ver minha dedicação ao grupo. Então, eles vão me proteger. Neste momento, se fizessem algo por mim, seria por obrigação relutante, da mesma forma como me admitiram. Mas um dia, eles verão que sou digna. Por enquanto, basta ter um lugar à mesa, no trono e no clube dos meninos.

Encontro Gloria sentada no capô do meu carro, dois copos de isopor vazios ao lado dela. A chuva não veio, mas as nuvens de tempestade se aproximaram e os relâmpagos piscam no alto. Soprou uma brisa, mas é quente.

— Vocês saíram no meu carro? — Eu pergunto.

— Nós apenas corremos para comprar milk shakes no Two Scoops of Love, — diz ela.

— Onde está Colt?

— No carro, — diz ela. — Provavelmente se masturbando no banco de trás. Ele é uma aberração.

— Ele é meu amigo.

Ela olha para algo atrás de mim e rapidamente coloca um dos copos na minha mão. — Eu tenho um shake, — diz ela em voz alta. — Para comemorar sua posse. Não estou interessada, mas ainda estou feliz pela minha garota.

Eu dou uma olhada nela, mas antes que eu possa perguntar por que ela está totalmente falsa, Cotton se junta a nós. — Doce passeio, — diz ele, olhando para ele. — Isso é seu, Apple?

— Sim, — eu digo, inclinando meu cotovelo para o lado e segurando o copo vazio que Gloria me entregou.

— Onde está Colt?

— Como eu iria saber? — Gloria pergunta, dando uma risada falsa e passando os dedos pelos cabelos lisos. — Eu não sairia com aquele canalha nem que você me pagasse. É por isso que estou aqui. Para que ele não tentasse falar comigo.

Cotton balança a cabeça. — Rylan vai descobrir, mas não será por mim.

— Não há nada para descobrir, — diz Gloria com uma risadinha nervosa.

Cotton enfia as mãos nos bolsos. — Eu só queria dizer a Colt para cuidar de suas costas. Ele ainda pode ser um Swan pelas regras oficiais, mas os Dolces nunca aceitarão sua adesão.

— Por que você está nos contando isso? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para ele. Já estive muito perto de Cotton, mas como Dawson, quase nunca falei com o cara. Tudo o que sei sobre ele é sua predileção por garotas inconscientes, então fiquei longe dele o máximo possível.

— Os Dolce são meus meninos, mas isso não significa que eu reescrevi a história, — diz ele. — Eu cresci com os Darlings. Inferno, Devlin Darling me ensinou a dirigir com uma bengala, e Preston foi minha primeira briga. Conheço Colt desde que ficamos juntos na parte rasa da piscina. Ele é gente boa.

— E ainda assim, você ajudou a destruir a vida dele, — eu digo.

Ele balança para trás em seus pés e levanta as sobrancelhas para mim. — Você quer apontar o dedo por isso?

— Não, — eu admito. — Obrigada pela atenção.

— Não mencione isso. — Ele faz uma saudação com dois dedos para Gloria. — Até mais tarde, vizinha.

Quando ele se afasta, Gloria suspira e pega o copo de volta de mim. — Obrigada por me cobrir, — diz ela. — Você acha que ele comprou?

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, subindo no capô com ela para que qualquer um que esteja dirigindo veja duas garotas conversando e tomando um milk-shake comemorativo em vez de... O que quer que ela esteja paranoica, que eles verão. Eu tenho que pegar o copo vazio novamente para que ele não caia quando o vento quente soprar pelo estacionamento, soprando nosso disfarce.

— Nada, — diz ela, jogando o cabelo para trás enquanto ele chicoteia em seu rosto. — Nós apenas bebemos milk shakes. Já te disse, não suporto o Colt.

Mas vou tentar ser legal, pelo menos quando estiver falando com você, porque vocês são amigos.

— Então com o que você está tão preocupada?

— Rylan, — diz ela. — Ele é... Realmente intenso. Apaixonado.

— E ele surtaria se você tomasse uma Coca-Cola com outro cara.

— Não era apenas uma Coca-Cola, — diz ela. — Era sorvete. Isso é comida para encontros.

— Ok, mas não foi um encontro. Certo?

— Claro que não, — diz ela. — Olha, você de todas as pessoas deveria entender os caras ciumentos. Lembra como Royal estava com você no ano passado?

— Sim, — eu digo. — Ele quase matou Colt quando eu saí com ele.

— Exatamente, — diz ela, caindo de alívio. — Então, você entendeu.

— Eu acho.

— É por isso que desisti da coisa dos Swans. Olha, eu vou lutar contra a masculinidade tóxica com você, mas não posso deixar que algo assim volte para Rylan. Mesmo que seja no passado. Ele não tem ideia sobre mim e os Dolces, e acredite em mim, isso é intencional. Vou levar esse segredo para o túmulo comigo.

— Mas você sai com eles, — eu digo. — Odeio concordar com Cotton Montgomery, mas é provável que volte para ele.

— Não se eu tiver algo a ver com isso, — diz ela. — Eu não quero perder meu lugar, mas tem sido estressante pra caralho tentar conduzir a conversa e garantir que eles não passem muito tempo juntos quando eu não estiver por perto. É como se eu estivesse constantemente esperando uma bomba-relógio explodir. Deus, você não tem ideia de como este ano foi para mim.

— Você está certa, — eu digo. Ficamos sentadas em silêncio por um minuto, e não posso deixar de esperar que ela confie em mim o suficiente para falar sobre Dawson, mas não vou tocar no assunto se ela se não estiver pronta.

Depois de alguns minutos, quando todos os outros carros se foram, algumas gotas grossas de chuva começam a cair e Gloria desliza para fora do

capô. — Onde você conseguiu isso, afinal? — ela pergunta, batendo as unhas contra a tinta brilhante.

Eu dou de ombros. — Foi um presente.

Sua boca se torce em um pequeno sorriso. — De Royal?

— Não, — eu digo, carrancuda para ela.

— Hm, que pena, — diz ela. — Eu esperava que vocês resolvessem as coisas.

Eu dou a ela um olhar. — Por quê? Nós éramos tóxicos pra caralho juntos.

— E, no entanto, sempre tive a sensação de que vocês dois eram exatamente o que o outro precisava.

— Talvez naquela época nós estivéssemos, — eu digo, subindo no banco do motorista. — Mas não mais.

Ela sobe de lado e coloca o cinto de segurança. — Se você diz.

— O que isso deveria significar?

— Só acho que esse é o tipo de coisa que ele faria.

— Bem, ele não fez, — eu resmungo. Estou chateada por ter certeza de que ela está certa, no entanto. Preston me disse abertamente que me comprou este carro? Presumi isso porque é da mesma marca da caminhonete dele e pensei que tudo vinha dele. Mas se a comida e o sofá vieram de Royal, isso também poderia ter sido dado por ele? Apareceu logo depois que ele ficou puto comigo dirigindo a caminhonete de Preston. E então o conselho de admissão me ligou no dia seguinte. Era ele também?

Me irrita que eu não saiba, que ele ainda esteja fazendo merda por mim, que ele esteja fazendo algo pelo qual eu deveria ser grata. E eu estou grata - tanto que me irrita ainda mais. Esta é a coisa mais legal que alguém já fez por mim, e ele nem sequer pediu um agradecimento.

Mas lembro a mim mesma que isso foi algo que ele fez no passado, quando ainda acreditava que eu o perdoaria. Ele sabe melhor agora. Desde que ele fez aquela confissão e eu disse a ele que isso não desculpava o que ele fez, ele não deu as caras, não fez nada para tentar se provar para mim. Eu finalmente o fiz entender que não há como voltar atrás do que ele fez. E talvez seja isso que mais me irrita.

Arrasto-me para a escola no dia seguinte, grogue pela falta de sono e pelo clima. Choveu a maior parte da noite e a manhã ainda está nublada com chuviscos ocasionais. Assim que entro em Willow Heights, porém, é como se o mundo lá fora não existisse. É legal e brilhante com energia e emoção. Garotas com camisetas minúsculas pretas e douradas com números de jogadores diferentes se reúnem em grupos no corredor, fan girls sobre os jogadores de futebol quando eles passam, rindo e planejando a festa pós-jogo.

Na FHS, a equipe tinha que usar camisa e gravata na sexta-feira, mas como esse é o código de vestimenta normal aqui, eles deixaram a galera se juntar a nós na sexta-feira casual, único dia em que podemos usar jeans. Mas este ano, os caras estão todos vestindo suas camisas em dias de jogo, então é fácil identificar os jogadores de futebol e bajulá-los.

Os caras que não estão no time estão comemorando e apostando no jogo, cheios de adrenalina também para esta noite. Vejo a pequena e bonita Magnólia e suas amigas em seus lugares habituais do outro lado do corredor, perto do meu armário, mas não digo nada. Resolvi ficar de olho nela, mas não vou interferir na vida dela por enquanto. Mesmo não acreditando no que Baron disse, de alguma forma sinto que somos primas, mesmo que ela não saiba que eu existo. Sinto uma certa obrigação de cuidar dela, como se realmente fôssemos uma família.

Abro meu armário e começo a pegar meus livros antes de uma sensação de *déjà vous* percorrer minha espinha como um arrepio. Levo um segundo para perceber que é a reação ao meu redor, o aumento simultâneo da excitação e o silêncio das vozes.

— Ei.

Eu olho para cima para ver os gêmeos Dolce atrás de mim.

— Ei, — eu digo, pegando meus últimos livros.

Baron agarra a porta do meu armário quando começo a fechá-la. Ele o mantém meio aberto, criando um escudo de olhos curiosos de um lado.

— Por que você não está vestindo nossas camisetas? — Baron pergunta baixinho, tirando o doce da boca para falar.

— Porque eu não sou uma garota Dolce.

— Besteira, — diz ele, franzindo a testa. — Você senta na nossa mesa. Você é a garota chefe da Dolce.

Eu dou de ombros. — Lamento mas não.

— Podemos deixar você sentar em nossa mesa todos os dias, mas se você não fizer o papel, ninguém vai acreditar. Eles não vão respeitá-la, não importa o título que você tente dar a si mesma. Eles não te deram a coroa, Harper. Você não ganhou. Você reivindicou, e com certeza é melhor fazer o que a garota top faz se quiser mantê-lo.

— E o que exatamente é isso? — Eu pergunto, levantando uma sobrancelha.

— Regras, — Baron diz simplesmente. — Pergunte a Gloria se você não consegue descobrir. Ela é perfeita pra caralho. Você é uma bagunça.

Eu tento não deixar suas palavras doerem. Eles são planos, não irrisórios, mas isso torna tudo pior. Ele está declarando isso como um fato, invadindo o território que conquistei, lançando sementes de dúvida pelo caminho. Porque ele está certo. Eu não tenho nenhuma porra de ideia do que estou fazendo. Posso usar todas as roupas certas, mas não sei ser popular ou rica, não sei ser a abelha rainha. Eu nem tenho mais certeza de como ser eu.

Talvez esta seja uma ideia terrível. Eu deveria ter deixado Gloria ter seu lugar tão perto do topo quanto uma garota pode chegar, em vez de tentar ser igual a elas. Ela sabe como jogar o jogo. Ela é má e mal-intencionada com qualquer um que não a idolatre, mas é gentil, doce e leal com seus amigos. Ela é bolsista, mas ninguém saberia disso, e não é só porque ela mora no bairro certo e dirige um bom carro. Como tudo, ela finge, no entanto. Ela garante que seu carro brilhe, trabalha depois da escola para comprar as roupas para enganar a todos e a única festa que sua estação determina que ela dê todos os anos.

— Então, você quer que eu seja falsa? — Eu pergunto.

Baron suspira. — Se você quer ser uma rainha nesta escola, você tem que *ser* uma rainha. Isso não significa inventar regras e fazer o que você quiser. Não é um título vazio. É um trabalho. Há expectativas para você, assim como há para nós. Apareça nas festas. Apareça nos jogos. E vista nossas camisas.

— Você pode usar a de Royal, — Duke oferece. — Desde o ano passado. Se você não tiver, tenho certeza que Lo pode lhe dar a dela.

Eu torço meus lábios para um lado e dou de ombros. — De novo, não.

— Você deveria usar *minha* camisa, — Baron rosna, seus olhos intensos me fixando no local. — Eu sou o cara número 1. Você é a melhor garota. As pessoas já acham que estamos fodendo.

— Eles acham? — Eu pergunto, engolindo em seco. Eu balanço contra os armários, segurando meus livros na minha frente, tentando não demonstrar medo. Eu forço a onda de memória que bate em mim - a maneira como ele se sentiu dentro de mim quando me fodeu, sua brutalidade, como ele fez doer tanto quanto podia, porque quanto mais me machucava, mais o transformava.

— Claro, — diz ele, um pequeno sorriso puxando seus lábios, seus olhos alertas e cruéis. *Ele sabe.* Ele viu algo em meus olhos ou ouviu algo em minha voz, e ele sabe. Ele sentiu o cheiro do medo como um tubarão detecta o menor traço de sangue na água, e ele está indo para matar.

Eu posso sentir isso chegando.

— Afinal, nós já fodemos. — Ele empurra seu doce lentamente de volta em sua boca antes de estender a mão e esfregar a junta suavemente ao longo do topo da minha calça jeans. O calor de seu toque arranha minha camisa, e minha pele se arrepia com repulsa pura e primitiva. — Não foi, Darling?

— Não, — eu digo, forçando minha voz a ficar firme, meu olhar para segurar o dele. — Nós não fodemos, Baron. Você me estuprou.

— Oh, mas você queria, — ele diz, seu dedo se tornando mais assertivo, enganchando em meu jeans e me puxando para longe do armário onde estou encurralada em um canto sem lugar para ir, sem saída...

Eu aperto meus olhos fechados.

— Você pediu por isso, — ele canta, sua voz baixa, mas afiada com crueldade. — Tudo bem admitir que você nos queria. Royal não está mais aqui, Garota Perseguidora. Ele nunca saberá. Mas nós dois sabemos a verdade, não é?

Seu apelido traz de volta à noite na varanda, quando eu vi ele e Duke se unindo a uma garota. Isso me excitou. Eu fiquei excitada assistindo com Royal. O Baron sabe disso?

— Royal sempre disse a você que quando ele terminasse, ele passaria você para nós, — diz Baron, movendo-se para o meu espaço, tão perto que posso senti-lo, embora ele tenha colocado apenas um dedo em mim. Eu endureço, mas não abro os olhos. Eu vou suportar isso, e isso vai acabar. Eu posso me sentir me afastando, como se fosse naquela noite, em algum lugar depois do quinto ou décimo cara, quando eu apenas fiquei pendurada lá, e eu sabia que estava derrotada. Eu parei de lutar. Eu parei de viver.

Eu não luto contra isso agora. Eu afundo nele, abraço-o, puxo-o para dentro de mim. Meu quebrantamento não é minha fraqueza. É minha força, meu

escudo. Ele não pode me quebrar mais. Ele não pode me machucar mais. Não estou no corredor em Willow Heights, com meu atacante respirando seu cheiro de cereja contra meus lábios. Estou em um loft com ar-condicionado, onde nada pode me atingir, mesmo quando ele o faz. Eu não sinto isso. Não sinto nada neste vazio frio de ausência de peso, um limbo de animação suspensa.

— E você garantiu que ele terminasse com você, não é? — Baron ronrona em meu ouvido. — Você sabia exatamente o que aconteceria então. Você queria, assim como ela. Qual foi sua parte favorita? Foi no final da noite, quando estávamos os dois dentro de você ao mesmo tempo? Essa é a fantasia de toda garota quando ela vê gêmeos, certo? Eu vou deixar você com um pequeno segredo. Essa foi a minha parte favorita também. Sua boceta estava solta depois de termos fodido você a noite toda, mas sua bunda ainda estava tão apertada.

Eu não consigo engolir. Eu não posso respirar. Estou congelada, presa nas garras do pesadelo que me dominou durante todo o verão.

— Nós poderíamos fazer isso de novo, você sabe, — diz Baron, movendo o dedo para frente e para trás contra a pele dentro da minha cintura. Seus lábios roçam minha orelha, quentes, macios e convidativos. — Você pode até fingir que não quer, se é isso que te tira do sério. Não vou colocar uma mordaca em você desta vez. Vou deixar você gritar.

Suas palavras são como água gelada na minha espinha, e eu respiro alto e feio. Antes que ele dê um passo para trás, levanto meu joelho com toda a minha força, batendo em sua virilha. Os olhos de Baron se arregalam e seu pirulito cai no chão quando sua boca se abre. Ele não consegue nem respirar, muito menos falar. Antes que ele possa se recuperar, dou um soco bem no esterno dele com meus anéis. Ele cambaleia para trás, e eu fecho meu armário e me viro para Duke.

Ele dá um passo para trás, seu olhar voando de mim para Baron e de volta, parecendo que ele está prestes a dizer foda-se e abandonar todo esse show de merda.

— Talvez você devesse aparecer nas minhas lutas, — eu digo. — Faça uma camiseta com meu nome e use um colar com uma maçã, para o caso de alguém esquecer a quem pertencem suas bolas.

Passo por Baron e saio, ignorando a conversa e os olhares. Sento-me na sala de aula, olhando pela janela para o céu escuro que ainda está cuspindo chuva. E eu fumo.

Eu fico furiosa porque Baron é psicótico e não posso mudar isso, por mais que eu tente apaziguá-lo e manter a paz, vê-lo como um ser humano e não

apenas como um monstro. Ele ainda acha que pode falar comigo como se eu fosse escória. Quantas vezes terei que esmagar suas bolas para fazê-lo parar? E se ele não o fizer? Eu me coloquei em seu caminho, e agora nossa trégua pode acabar antes mesmo de começar. Eu conheço a violência, então usei a violência. Eu não sei mais o que fazer. Eu já tentei compromisso e compreensão. O que mais está lá?

Eu poderia ir à polícia. Não há chance de Preston descartar qualquer evidência. Ele tem o cobertor em que me envolveu naquela noite, e deve estar coberto pelo DNA deles. Ele tem fotos. Ele tem um médico que veio me examinar.

Mas ele não tem poder. Ele não pode vencer os Dolces.

Achei que essa merda tinha acabado, que não precisava mais lutar contra eles. Já sei que não vou ganhar. Ninguém pode vencer os Dolces. Ninguém tem mais poder nessa escola do que o Baron, por mais que eu insista que sou igual a ele, em quantos lugares eu me insiro. Baron é rei.

Mas uma pessoa tem mais poder do que Baron.

Royal.

Mas não. Não posso pedir ajuda a ele agora, não posso trazê-lo de volta para minha vida quando acabei de me livrar dele. Além disso, seu status não é o mesmo nesta escola como era antes. Desvanece-se todos os dias. Ele é um ícone, um deus do futebol, mas não está mais envolvido no dia a dia. Agir pelas costas do Baron para delatá-lo ao irmão não vai me ajudar. Isso só vai me fazer parecer fraca, provar que não posso fazer isso sozinha. Royal não estará lá para lutar minhas batalhas por mim todas as vezes.

Mas outras pessoas podem lutar *comigo*.

Eu não tenho que fazer isso sozinha. Esse foi o meu erro da última vez. Esses meninos já provaram que não posso fazer isso sozinha.

Por que eu deveria, no entanto?

Precisar de amigos não me torna fraca, exatamente. Isso me torna falível e um pouco vulnerável e humana, todas as coisas que preciso ser para me conectar com outros humanos. Não estou melhor. Não sou a rainha que precisa dominar seu status sobre eles. Eu sou um deles. Eu sou uma vadia básica, ninguém especial. Eu nem tenho dinheiro.

O que torna ainda mais importante ter amigos.

Na hora do almoço, pego Colt, pois está chovendo lá fora e ele não pode se esconder embaixo da arquibancada. — Vamos, — eu digo. — Você está comendo no café hoje.

— Eu vou? — Ele pergunta, me dando um olhar cético.

— Sim, — eu digo, acenando para Dixie. Eu me junto a ela e Quinn. — Está pronta?

— Para que? — ela pergunta.

— Estamos pegando a mesa.

— A... mesa Dolce? — ela pergunta. — Eles nunca vão me deixar sentar lá. Ou Colt.

— Alguém tem que detê-los, — eu digo. — Podemos muito bem ser nós.

— Estou bem, sério, — Quinn diz, levantando a mão e se afastando. — Eu não quero pegar o lado ruim deles.

— Veja? — Eu digo. — Eles criaram a porra de um reinado de terror. Isso precisa acabar.

Quinn encolhe os ombros até as orelhas. — Eu sinto muito?

— Estou dentro, — diz Dixie. — É melhor chegarmos lá antes deles. Deixe-me chamar Josie.

Ela pega a amiga no armário e nós corremos para o café e nos sentamos na mesa principal, ocupando metade dos assentos. Não nos incomodamos em conseguir comida e perder nossa chance.

Um minuto depois, Duke e Baron chegam da fila da comida, seus criados atrás deles.

— O que você está fazendo? — Baron pergunta, olhando para mim como se eu fosse louca.

— Estamos pegando a melhor mesa, — eu digo. — Há vagas para você também.

— Isso não vai funcionar, — avisa.

— Vocês vão fugir como fizeram quando me sentei à sua mesa no ano passado? — Eu pergunto. A lembrança daquele dia, quando eu sentei lá e todos se levantaram e se mexeram, deixando-me sentada sozinha com todos olhando, ainda faz minhas entranhas se contorcerem de humilhação. Mas desta vez, não estarei sozinha.

— Você escolheu o lado errado, garota nova, — diz Duke, balançando a cabeça para Josie. Ela cruza os braços e olha para ele, parecendo entediada.

Baron deixa cair sua haste do pirulito usada na minha frente, vira-se e agarra a outra mesa, a que está encostada a esta que costuma conter o transbordamento. Ele o empurra para longe do nosso. Todos na sala se viram ao som das pernas raspando no chão - aqueles que ainda não estavam assistindo ao drama se desenrolar. Duke pega outra mesa, afastando as pessoas que já estão sentadas ali, e a puxa para que o grupo de duas mesas volte ao lugar. Em seguida, ele e Baron sentam-se em suas posições habituais, enquanto outros começam a ocupar as cadeiras ao redor.

— Não está funcionando, — diz Dixie, parecendo nervosa.

— Está funcionando, — eu digo, tentando ignorar todos os olhos voltados para nós. — Só temos que mostrar a eles que também temos apoiadores.

Eu aceno para Gloria, acenando para ela e Rylan. Ela me dá um sorrisinho de desculpas e balança a cabeça, voltando-se para a mesa Dolce. Eu estremeço, meu rosto esquentando com a rejeição pública.

Eu entendo, porém, e não uso isso contra ela. Como eu disse a Dixie, não quero que ninguém se machuque nisso. No segundo em que Gloria trair os Dolces, eles dirão ao namorado dela que os dois transaram com ela. Ela está em uma posição impossível. Sou amiga dela e quero que ela seja feliz e faça o que for melhor para ela. Então eu sorrio para ela, esperando que ela entenda que sei que ela me apoiaria se pudesse.

— Mesmo Lo não vai entrar, — Dixie geme.

Colt bufa. — Você realmente esperava que a Rainha do Baile desertasse?

— Ela é legal, — protesta Dixie.

Colt revira os olhos. — Então todo mundo continua me dizendo.

— Não precisamos da Rainha do Baile, — eu digo. — Só precisamos de

pessoas suficientes para encher nossa mesa.

Vejo Cotton saindo da fila de comida com seu servo, encontro seus olhos e levanto minhas sobrancelhas. Não estou muito interessada em ter um predador sexual do meu lado, mas agora, só precisamos de corpos quentes.

Ele se vira e continua andando como se não tivesse me visto. Ele não ajudará a dismantelar um sistema que o beneficia diretamente. Por que ele iria?

— Só mais duas pessoas, — diz Dixie, cruzando os dedos das duas mãos. — Vamos! Vamos. Alguém deve odiá-los tanto quanto nós.

— Eu não os odeio, — eu digo. — Eu só não quero ter que adorá-los.

Vejo Magnolia Darling e suas duas amigas calouras caminhando em direção a uma mesa e aceno para elas. Magnólia me lança um olhar arrogante, como se não soubesse se deveria se dignar a falar comigo, mas diz algo para suas amigas, e elas se aproximam cautelosamente.

— Não ela, — Colt murmura quando vê sua prima vindo em nossa direção, mas é tarde demais. Elas já estão na nossa mesa.

— Ei, — eu digo. — Quer sentar com a gente?

— Você está fazendo algum tipo de observação? — Magnólia pergunta, fazendo beicinho com os lábios brilhantes e brincando com uma de suas tranças.

— Estamos protestando contra a regra Dolce, — eu digo.

Ela pisca seus cílios impossivelmente longos e com rímel para mim. — Sentado em sua própria mesa?

Eu dou de ombros. — É um protesto pacífico.

— Oh, — diz ela, iluminando. — Como Martin Luther King.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Nós simplesmente não gostamos do jeito que eles estão tratando todo mundo. E já que eles fizeram tudo isso com sua família...

— Sentar aqui seria suicídio social, — diz sua amiga curvilínea com o infeliz delineador. Ela não está falando comigo, embora esteja olhando para mim. Ela está murmurando atrás do ombro de Magnolia.

— Sim, — diz a amiga com problemas de pele. — Eles foram queimados pelos Dolces na frente de toda a escola. Não podemos ficar sentadas aqui.

— Nós não nos queimamos, — eu digo. — Nós apenas escolhemos formar nosso próprio bando.

— O que ganhamos com isso? — pergunta Magnólia, levantando o queixo e franzindo os lábios cheios e carnudos.

— Você vai herdar a escola, — eu digo. — Nós estaremos fora no ano que vem. Mas você ainda estará aqui. Se você reivindicar sua posição agora, como caloura, poderá deslizar para o primeiro lugar no próximo ano.

— Já vamos fazer isso, — diz a morena.

— Tudo bem, — diz Magnolia para mim.

— O que? — suas duas amigas choram em uníssono. É quase engraçado como elas parecem chocadas.

Magnólia dá um pequeno movimento atrevido de suas marias-chiquinhas saltitantes, mantendo os olhos fixos em nós enquanto ela se senta cuidadosamente, não se permitindo olhar ao redor da sala em busca de reações. Ela projeta o queixo desafiadoramente. — Sabe, não sou tão burra quanto todo mundo pensa.

— Eu posso ver isso, — eu digo.

Colt bufa e balança a cabeça. — Você tem quatorze anos.

Magnólia estreita os olhos para ele e o encara. — E Então?

— Estamos fora daqui, — diz a garota do delineador. — Podemos tentar no próximo ano, quando todos esses garotos assustadores do último ano se forem. — Ela agarra a outra garota e elas fogem, deixando Magnolia conosco. Ela engole visivelmente e, por um segundo, acho que ela vai mudar de ideia e fugir.

Mas então ela respira fundo e me encara. — Você tem um discurso?

— Por que eu faria um discurso?

Ela revira os olhos. — Bem, você não pode simplesmente sentar em uma mesa e protestar sem dizer às pessoas por quê. Ninguém nem sabe o que você está fazendo. Quer dizer, ninguém se lembra das pessoas que sentavam nas lanchonetes. Eles se lembram de Martin Luther King. Você sabe por quê? *Ele* fez um discurso.

Eu estremeço. — Você pode parar de usar essa comparação?

— Tudo bem, — diz ela, revirando os olhos como se eu fosse sua mãe importunando-a para fazer suas tarefas. — Mas você nem mesmo tem sinais. Você está literalmente sentada aqui em greve de fome sem motivo.

— Não é uma greve de fome.

— A caloura tem razão, — diz Josie. — No momento, parecemos apenas fura-greves cruzando a linha de piquete.

— E sem ofensa, mas feridas são nojentas, — diz Magnolia, enrugando seu lindo nariz. — Então suba nessa cadeira e faça um discurso como MLK. Ou... Katniss Everdeen, se preferir.

— O que eu diria? — Eu pergunto.

Todos eles apenas olham para mim, como se eu tivesse as respostas. Antes que eu possa pensar em algo para dizer a eles, quanto mais a toda a escola, Gideon Delacroix vem em nossa direção. Eu fico tensa, pronta para um confronto, pronta para ouvir como eu deveria ser grata pelos Dolces me darem atenção, e eu deveria aceitar as sobras que eles me dão, assim como ele aceita todas as garotas com as quais eles terminaram.

Ele para em nossa mesa e aponta para uma cadeira vazia. — Este assento está ocupado?

Eu apenas o encaro, sem saber o que dizer. — Você não joga futebol? — pergunto por fim, embora seja óbvio que sim, já que está vestindo sua camisa.

Ele arrasta os pés e olha para baixo, suas bochechas ficando um pouco rosadas. — Eu sei o que você fez.

— O que eu fiz? — Eu pergunto com cuidado. Meu coração está batendo tão forte que posso ouvi-lo trovejando em meus ouvidos, e acho que sentirei falta de suas palavras suaves se ele responder. Eu não quero ouvi-las, de qualquer maneira. Não quero saber se finalmente saiu, se Baron começou a espalhar o boato de que peguei o time.

— Lindsey é minha prima, — Gideon diz, finalmente encontrando meus olhos. — Obrigado.

— Bem, o que você está esperando, um convite oficial? — Josi pergunta. — Sente-se, carinha.

Gideon acena com a cabeça e rapidamente puxa a cadeira e se senta como se estivesse com medo de mudarmos de ideia antes que ele se acomode. Ele olha para nós com nervosismo, percebendo que é o único com comida.

— Vocês querem um pouco disso? — ele pergunta, empurrando seu prato para o meio da mesa. Ele é tão adoravelmente tímido e sincero que só espero que haja mais como ele nas outras séries. Depois que os Dolce se formarem, talvez sua versão pervertida de liderança pelo menos morra um pouco, mesmo que nunca desapareça.

Magnólia lhe dá um sorriso tímido e tira uma batata-doce frita de seu prato.

— Vá em frente, Katniss, — ela diz. — Faça valer a pena pular o almoço.

— Ok, — eu digo, me afastando da mesa. Todo mundo voltou para a comida depois que as mesas Dolce foram ocupadas, mas há uma ponta de empolgação. Eles estão todos esperando que haja mais.

Então, eu preciso entregar.

Eu subo na minha cadeira e limpo minha garganta.

— Ei, pessoal, — eu digo, dando um pequeno aceno. Algumas pessoas em mesas próximas se acotovelam e se inclinam para sussurrar antes de se virarem para assistir. Deus, isso é tortura. Não tenho interesse em ser um líder ou o foco de ninguém. Eu só queria amigos.

Ou talvez isso não seja verdade.

Talvez eu queira mais. Eu quero liberdade da besteira. E não apenas para mim.

Para todos.

Não porque eu goste de atenção, mas porque eles precisam de um líder — um líder de verdade, não um tirano. E mesmo que não queira ser um líder, tenho voz e, pela primeira vez em muito tempo, quero usá-la. Porque eu sei que tem mais meninas nessa escola que tem medo de usar, de falar, de se arriscar. Mas os Dolces já tiraram tudo de mim, então não há mais risco. Eu não tenho nada a perder.

Se vou ser rainha, é assim que posso ajudar os outros. Posso ser a voz daqueles que ainda têm algo a perder, algo que não podem arriscar, então não podem falar.

Não posso fazer isso me escondendo nas sombras e evitando atenção, sendo quieta e obediente, como os Dolces querem que eu seja. Não posso fingir que sou a namorada do Baron. Eu tenho que me posicionar como minha própria pessoa, alguém que representa algo além do status social.

— Vamos trazer você até aqui, — diz Colt. Ele se levanta e agarra meus quadris, levantando-me sobre a mesa.

Quero pular e correr porque sinto que há um holofote sobre mim e, mais do que isso, um alvo. Mas eu me forço a manter a cabeça erguida. Eu planto meus pés e começo a falar, mas depois de algumas palavras, Magnolia dá uma bufada. Ela sobe na cadeira e depois na mesa, seus Doc Martens rosa batendo ruidosamente enquanto ela bate o pé.

— Ei! — ela grita. Sua voz é surpreendentemente alta e mandona. — Ouça! Não estamos aqui em silêncio protestando à toa. Então cale a boca e ouça o que essa garota tem a dizer.

Eu dou a ela um sorriso impressionado, e ela sorri e pula para baixo, balançando em seu assento, marias-chiquinhas balançando.

— Ei, — eu digo novamente, forçando-me a não olhar para as mesas ao lado da nossa, onde os meninos Dolce se sentam com sua equipe. — Então, a maioria de vocês me conhece como namorada de Royal, ou brinquedo, ou qualquer outra coisa.

Ninguém diz nada. Uma centena de rostos vazios olham para mim, e minhas mãos ficam toda suadas, e eu me pergunto por que dou a mínima para o que acontece com qualquer uma dessas pessoas. Eles não deram a mínima para mim no ano passado. Elas não me ajudaram. Elas não me protegeram. A maioria delas nem sequer falou comigo. Elas saciaram sua sede de fofoca com as colunas sobre mim no blog de Dixie.

Mas isso não é justo.

Elas não me conheciam. E eu estava tão consumida pela minha ambição que também não me preocupei em conhecê-las. Elas não me devem nada.

— Alguns de vocês devem saber que sou uma estudante bolsista - e sim, sei que não devemos falar sobre isso - ou que posso dar um soco.

Algumas pessoas riem baixinho e alguém assobia. É alguma coisa.

— Mas muitos de vocês me conhecem do blog de Dixie, — eu digo, gesticulando para a garota sentada atrás de mim. — Vocês sabem que eu lutei

contra a hierarquia no ano passado antes de me juntar a ela. Mas não acho que você deva se juntar a ela.

Há uma batida estranha de silêncio.

Eu me forço a continuar falando. — Se você quiser participar, tudo bem. Eu não estou prestes a derrubar tudo. Não tenho problemas com futebol, nem com os Dolces, nem com ninguém aqui. Gloria é uma das melhores pessoas que conheço. Dixie aqui, ela está dançando e também administrando o blog. Mas não acho que devemos nos conformar com uma coisa para podermos ter a decência humana básica nesta escola.

Duke coloca as mãos em concha em volta da boca e grita: — Vá para casa!

Um monte de gente ri. Eu limpo minhas mãos no meu jeans. — Essa é a coisa, — eu digo. — Eu tenho o direito de estar aqui. E todos vocês também. Você não deveria ter uma determinada aparência, morar em um determinado bairro ou usar uma determinada coisa às sextas-feiras para poder prosperar aqui. Você não deve ter a ameaça de ser jogada em uma lixeira ou arrastada para o porão pairando sobre sua cabeça se não obedecer. Você não deveria se preocupar que, se um garoto ligar para você, você terá que ir à casa dele, quer queira ou não. Talvez fosse assim que as coisas eram, mas não é assim que deveriam ser. E não é assim que elas têm que ser.

— Sim, é, — Duke grita. Vários caras riem, mas vejo mais do que um punhado de garotas no resto da sala desviando os olhos, e isso me dá força. Não estou fazendo isso pelos gêmeos. Estou fazendo isso por todos os outros, todas as garotas que machucaram. Talvez não do jeito que eles me machucaram, talvez eles apenas tenham dormido com elas e não ligaram de volta, mas isso não importa.

— Então, é disso que se trata este protesto, — eu digo. — Não é contra ninguém. Mas é *para* alguém - para todos vocês. Não tenho problemas com ninguém, incluindo os meninos Dolce. Fiz uma trégua com o Baron e mantenho-a. Não estou tentando tomar o lugar de ninguém. Eu só quero ter um lugar, ponto final. Eu quero ter voz e, mais do que isso, quero que todos os que desejam uma voz possam usá-la.

— Boo, — Duke grita. Um punhado de batata-doce frita salta de mim. Eu me encolho, mas não desisto.

Dois professores entram pela porta e dirigem-se à nossa mesa. Um burburinho de excitação se espalha pela sala.

— E eu quero que os professores tenham as mesmas expectativas de todos

e não tratem algumas pessoas de forma diferente, — eu digo, falando por cima das vozes.

— Senhorita Apple, — diz o Sr. Harris, o professor de ciências que me acusou de roubar suas baratas no ano passado. — Por favor, desça daí.

— Quero que a administração discipline todo mundo da mesma forma, — digo, levantando a voz até quase gritar. — Não importa se você paga mensalidade ou tem bolsa de estudos.

A outra professora está falando em um walkie-talkie, e sei que meu tempo acabou.

— Estaremos aqui todos os dias, — eu chamo sobre o rugido de vozes que encham a sala. — Se você concorda com nosso protesto, pode se sentar conosco, não importa quem você seja. Não nos importamos com sua aparência, o que você gosta ou que carro você dirige. Você pode até almoçar.

Algumas pessoas riem ao notar nossa mesa vazia. O Sr. Harris estende a mão para mim, mas Colt está de pé, colocando-se entre nós.

— Não coloque as mãos nela, — diz ele, com a voz baixa e cheia de advertência.

Lembro-me dele me dizendo que costumava administrar este lugar. Esse professor sabe disso. E julgando pelo patrimônio de John Darling, imagino que a família paga mais do que minha bolsa de estudos aqui.

Sr. Harris deixa cair a mão, mas eu terminei. Eu dou um pequeno aceno antes de me abaixar, apoiando minha mão na beirada da mesa e pulando para baixo. Eu estendo meus pulsos. — Vai me prender por ousar falar? — Eu pergunto.

— Vamos, — diz a outra professora, parecendo aborrecida. Ela guarda o walkie-talkie e acena para mim em direção ao escritório, um lugar que já conheço muito bem.

MrD: Então agora você precisa de mim.

Eu me endireito na cadeira confortável do lado de fora do escritório do diretor. Estou sentada aqui há trinta minutos enquanto eles decidem o que fazer comigo, já que aparentemente eles não têm precedentes para alguém de pé em uma mesa e falando sobre tornar o administrador responsável por fazer seu trabalho.

BadApple: lol você sabe disso

MrD: Parece que você causou bastante comoção.

BadApple: apenas contando como é

BadApple: Então, quais são as acusações? Perturbando a paz? Incitar um motim?

MrD: Houve um motim?

BadApple: risos

MrD: Havia?

BadApple: você foi para a WHPA. Você pode imaginar alguém nesta escola se rebelando?

MrD: Eles?

BadApple: não

Tenho uma sensação assustadora, como costumava ter quando ele me mandava uma mensagem dizendo que sabia onde eu morava. O que é estúpido, porque é apenas Preston. Este homem literalmente ejaculou no meu colo do útero. Mas parece diferente de alguma forma, quando ele é um nome sem rosto em um aplicativo, em vez do homem meticuloso e elegante que salvou minha vida, preparou o jantar para mim e me disse para encontrar meu sol. Ele se sente um estranho quando está atrás de uma tela.

MrD: E se eu pudesse liberá-la de todas as acusações?

BadApple: sim por favor

Eu adiciono um rosto sorridente para me sentir melhor. Eu gostaria que ele tivesse apenas mandado uma mensagem, como ele costuma fazer. Ou aparecer. Não o vejo há algum tempo, desde que nos disseram que somos primos. Eu gostaria de falar com ele sobre o incidente na garagem, ver se ele mentiu para mim em mais alguma coisa. Mas principalmente, eu só sinto falta dele. Sinto falta de sua companhia segura e distante, de seu apartamento limpo, das refeições que começavam não quando damos a primeira mordida, mas quando nossos olhos contemplavam a apresentação no prato.

E, por mais assustador que seja, já que não tenho cem por cento de certeza de que não somos parentes, sinto falta do cheiro dele. Essa sensação é visceral, mas profunda, cheia de memórias que eu não sabia que estava criando. Só de pensar nele, quase posso sentir o cheiro de seu xampu no meu cabelo, sua pele quando ele me segurou contra seu peito a noite toda, seus lençóis elegantes que continham o perfume que nossos corpos faziam juntos.

MrD: Como soa a rebelião adolescente?

BadApple: familiar

MrD: No que diz respeito às acusações, nada mal. Certo?

BadApple: Obrigadaaaaaa. Você é o melhor de todos. Vejo vc logo?

MrD: Veremos

BadApple: ???

MrD: Agora que lidei com sua situação disciplinar...

Eu fecho meus olhos, o medo crescendo em meu estômago. Uma porta se abre no pequeno corredor, e uma garota que eu nunca vi sai. Ela deve ser caloura ou transferida. Eu olho para a placa acima da porta. Nunca estive neste escritório — o psiquiatra da escola. Lembro-me de Royal me dizendo que eu precisava de ajuda, e estremeço e puxo as mangas sobre as mãos.

— Estaremos aqui se você precisar de nós, — diz o psiquiatra da escola. — Você não precisa de um compromisso, Amber. Apenas desça quando quiser - você tem algo a comunicar.

A garota Amber está rígida do lado de fora de sua porta. Ela me pega olhando e olha de volta com uma expressão mal-humorada.

— Mas isso exige que você comunique algo, — diz o psiquiatra gentilmente.

Os lábios de Amber se apertam, mas ela não fala.

O psiquiatra suspira. — Vejo você na próxima semana, então.

Como se ela estivesse apenas esperando os portões se abrirem, Amber corre pelo corredor e passa por mim, passa pela recepção, e joga seu ombro na porta, irrompendo no elegante saguão da escola. Há algo familiar nela. A princípio, acho que ela deve ser outra transferida da ESF, e minha mente imediatamente se prende à conversa de texto que eu estava tendo. Talvez ela seja minha substituta.

Mas isso é estúpido. Preston não vai encontrar outra garota para preencher meus sapatos. Ele me devolveu minha bolsa de estudos. Então, novamente, ele controla todo o dinheiro da propriedade Darling. Tenho certeza de que eles poderiam cancelar mais de uma bolsa de estudos como uma doação de caridade. Eu observo a garota, dizendo a mim mesma que é apenas a pobre criança em mim sentindo a pobre criança nela. A pobreza não é algo que desaparece no momento em que um cara coloca um par de Louboutins em seus pés. Inferno, eu poderia ganhar na loteria de verdade e não seria uma garota rica da noite para o dia. Eu poderia ter dinheiro, mas não seria rica.

Mas aquela garota está usando jeans de marca, tênis novos e um moletom da WHPA, e não tenho certeza se ela é pobre. Talvez ela seja uma garota rica fodida. A pobreza é uma aura, algo que leva meses ou talvez anos para se livrar. Claro, uma reforma total ajuda muito a apagar o fedor disso. Sou uma nova pessoa agora, uma garota rica com cabelos lisos e olhos escuros e uma bolsa Gucci, mas às vezes, no raro momento em que me lembro de quem sou e me sinto como eu mesma, sinto como tudo isso é falso. A garota se foi antes que eu possa dizer se ela é uma farsa, se havia a mistura certa de desespero e desafio em sua expressão, a postura de seu queixo, o desafio em seus olhos quando eles encontraram os meus.

Meu telefone vibra na minha mão, me assustando. Eu olho para a tela.

MrD: ...O que você vai fazer por mim?

BadApple: fala sério? Eu te disse, chega disso. vc prometeu

MrD: Não me lembro de tal promessa.

Eu quero gritar e jogar meu telefone. Ele não prometeu? Ou este é outro caso em que eu disse algo e ele não respondeu, e eu tomei isso como uma resposta? Disse a ele que queria minha bolsa de estudos de volta, mas chega de espionagem, chega de barganhas, chega de joguinhos. Ele realmente concordou?

Eu não consigo me lembrar.

BadApple: ntf, preston. Você está sendo um idiota. Eu não estou mais fazendo essa merda para você. Você sabe disso.

MrD: Mas nós nos divertimos muito no ano passado, não é, Darling?

BadApple: foda-se

MrD: Eu te fiz um favor. Você me deve um favor em troca. vou cobrar.

Desinstalo o aplicativo e jogo meu telefone debaixo da cadeira. Filho da puta. Ele está chateado porque fiz uma trégua com o Baron? Colt disse que rastreia seus carros e os espiona. Ele tem pessoas em Willow Heights, talvez o próprio Colt? Ou alguém na cidade me viu com Royal e me reportou? Ou foda-se, e se ele e Royal tiverem algum tipo de acordo agora? Afinal, Royal me devolveu a Preston quando eu estava desmaiada. Apesar da negação de Royal, não posso deixar de me perguntar. Que tipo de barganha eles fizeram naquele dia? O que cada um deu e o que ganhou?

Estou tão paranoica e fodida da cabeça que mal presto atenção ao diretor quando ele me chama e me dá uma longa palestra sobre comportamento apropriado e como representar a escola como uma cidadã honesta. Cidadãos aparentemente honestos não se levantam quando veem algo errado. Eles aceitam e obedecem. Quando ele me manda ir para a aula, quase peço um castigo. Nenhuma quantidade de detenções pode ser pior do que dever ao Sr. D.

É minha culpa, no entanto. Eu tomei muito. Levei o carro, a bolsa, os sapatos e as roupas, as bolsas, as joias. Eu disse a ele que os traria de volta, e não o fiz. E tudo que eu dei a ele foi um buraco para enfiar o pau. Não foi nem sexo bom. Na maior parte do tempo, eu apenas ficava lá e o deixava colocar o pau onde quisesse naquele dia. A única vez que participei foi quando ele queria um boquete. E não que eu me importasse, mas o cara é bonito considerando toda a merda que ele queria ouvir no ano passado.

Se eu tivesse passado algum tempo pensando sobre isso, teria imaginado que ele tinha algumas fantasias perversas. Ele queria ouvir tudo sobre minha vida sexual com Royal, mas quando ele me tinha para si, a coisa mais excêntrica que ele fazia era gravar pequenos cliques pornográficos em seu telefone. Ele nunca assistiu pornô comigo. Ele nunca me empurrou contra todas aquelas janelas e me fodeu onde o risco de alguém ver era quase zero, mas a emoção de que eles *pudessem*, que não fosse zero, tornaria tudo mais ousado. Inferno, nós nunca fizemos sexo no telhado.

Nas poucas vezes que não estávamos na cama, transamos no sofá. Eu

literalmente o deixei fazer o que quisesse, e tudo o que ele queria era sexo regular, com um ocasional BJ ou anal para variar. Ele nunca sugeriu algo nem um pouco ousado, como pregar ou vender.

De repente, as palavras de mamãe voltam para mim. Ela disse que os homens respeitam suas esposas, não querem sufocá-las e puxar seus cabelos. E eu disse a ela que Preston me respeitava porque ele nunca fez nada disso. É por isso? Ou foi só pena? Ele não queria me traumatizar, para não realizar suas fantasias mais perversas? Afinal, não é como se ele pudesse ter me amarrado. Eu teria enlouquecido, e ele não queria lidar com aquela bagunça. Se tem uma coisa que Preston gosta é de ter tudo em ordem.

Mas ele não teve nenhum problema em fazer todos os tipos de comentários sexuais desagradáveis para mim no ano passado. Me perguntando sobre cuidar dos gêmeos, e se isso me deixava com tesão. Querendo descrições detalhadas de tudo, desde o pau de Royal até as posições que tentamos, quão bom ele era, quantas vezes eu gozei. Dizendo-me as coisas que ele faria comigo se pudesse me foder em vez de viver precariamente através de minhas histórias.

Quando ele podia me foder, porém, ele era cuidadoso e superficial. Nada como os textos que ele enviou. O Sr. D é mais do que um nome de tela, mas uma persona? Um que ele pode usar para ser ousado, algo que ele não pode ser na vida real, especialmente para alguém que viu seu rosto. Ele pode fantasiar quando está escondido atrás de uma tela, mas quando conhece uma garota, fica muito constrangido com sua aparência para deixar ir e fazer qualquer coisa além do básico. Ele não está vivendo indiretamente através de mim, mas através do Sr. D.

Sempre me senti um pouco estranha, como se o Sr. D fosse uma pessoa diferente do homem que conheci. E talvez ele seja. Talvez ele seja o velho Preston Darling, aquele que os Dolces destruíram. Um homem que pedirá o que quiser, que não foi derrotado até que não haja nada além de uma raiva impotente dentro dele enquanto observa a família que arruinou sua cidade. Um homem que tem fantasias que tem vergonha de pedir porque acha que já está pedindo demais só por querer que alguém o veja como uma pessoa e não um monstro hediondo. Um homem que só existe online.

Talvez isso seja bom. Lembro-me de Dixie dizendo que Preston era o maligno. O homem com quem passei o verão pode não ter sido perfeito, pode não ser um herói, mas com certeza não é mau. Ele nem sempre fez as escolhas certas, mas acredito que tentou. Ele era generoso e gentil, atencioso, quebrantado, cheio de culpa, torturado e carinhoso. E mesmo sabendo que ele está cheio de uma raiva insondável, ele nunca, nunca descontou em mim.

Ele sabia que eu era de Royal. Ele sabia o que aconteceu com seu primo por

minha causa. Aos olhos dele, eu era o Team Dolce. Ele poderia ter me torturado, porra. Inferno, foi isso que os Dolces fizeram quando pensaram que eu era uma Darling. Preston nunca me machucou de forma alguma, física ou emocionalmente. Ele nunca disse que eu cheirava mal ou que estava solta. Ele nunca me chamou de lixo, cadela ou prostituta. Inferno, quando eu me chamei assim, ele me defendeu, porra - para mim mesma. Em seis meses de conhecê-lo, ele nunca me fez sentir insegura ou menosprezada. Ele nunca levantou a voz para mim.

Meu coração se parte por ele, mas também dispara ao perceber que não preciso obedecê-lo. Ele pode pedir coisas, mas eu não tenho que dar. Se eu aparecer pessoalmente, ele não vai me convidar na cara. O velho Preston pode ser ousado o suficiente para perguntar, mas o novo não. Ele não vai punir meu desafio. Ele não tem controle sobre mim.

Sinto-me forte ao entrar na aula de matemática. Eu nem me importo com os olhares e sussurros. Normalmente, sento-me com Gideon e Cotton, mas não tenho certeza se serei bem-vinda lá ou mesmo que desacordo possa ter causado entre os jogadores do segundo ano e os veteranos. A última coisa que quero fazer é estragar as coisas para o doce Gideon. Mas ele olha para cima de seu laptop e sorri, acenando para o lugar vazio na mesa deles. Seria grosseiro pegar a cadeira - a única cadeira vazia - e arrastá-la para outra mesa. Especialmente porque Josie é a única outra pessoa do protesto do almoço, e não tenho certeza se ela vai me receber em seu grupo.

Então, eu deslizo na mesa dos meninos. Gideon estende a mão e dá um aperto rápido na minha mão. Cotton balança a cabeça e se vira. Aperto a mão de Gideon e me afasto. Não quero que Cotton ou qualquer outra pessoa tenha alguma ideia sobre isso ser um gesto romântico. A última coisa que preciso fazer é colocar esse garoto em mais problemas do que a proeza do almoço provavelmente causou.

A aula está quase acabando quando a temida caixinha preta aparece no canto da tela do meu laptop com o cursor verde piscando.

GideonD17: Acho que você é corajosa

BadApple: como você conseguiu meu identificador?

GideonD17: de dixie.

GideonD17: Tudo bem?

BadApple: Obrigada por me apoiar na hora do almoço. você é corajoso também.

GideonD17: claro.

GideonD17: mais pessoas deveriam se levantar pelo que rola por aqui.

BadApple: eles vão

GideonD17: porque você os inspirou.

GideonD17: como você fez comigo

Eu olho para cima da minha tela e vejo que o pobre garoto está corando. Merda. Não é a direção que eu quero ir com isso. Gideon é dois anos mais novo que eu, além disso, ele é tão doce que tenho que acreditar que ele nunca teve o coração partido, e não há como eu ser responsável por tudo isso. Ele é *bom demais* para mim.

Não melhor do que eu, mas ele é uma boa pessoa, e eu... Não.

BadApple: obrigado, G. você é um cara legal.

BadApple: um bom amigo.

GideonD17: você também

BadApple: não perca seus outros amigos, ok? A equipe está de volta. Não estrague isso.

GideonD17: se algum desses caras fosse tão bom quanto você, eles o enfrentariam em vez de se juntarem como covardes

BadApple: não escreva coisas assim aqui. Não é tão seguro quanto você pensa. Se você quiser ser parte disso, estou muito feliz. Mas não se isso significar que você se machucará. Não podemos arriscar ninguém, e você não pode se arriscar pela causa. OK?

GideonD17: quanto você pode acreditar nisso se não quiser arriscar?

A campainha toca antes que eu possa argumentar, dou a ele um sorriso tenso e sigo para a porta antes que ele tente falar comigo e tornar isso mais estranho. Isso não deveria acontecer. Minha vida é complicada e bagunçada o suficiente.

Não sinto atração por Gideon, claro que não. Ele é todo saudável e inocente.

Eu gosto de caras perigosos com tatuagens que podem abalar meu mundo e destruir minha alma.

Sento-me com Dixie na minha próxima aula, tentando me concentrar e não pensar em Gideon. Não quero enganá-lo, mas também não quero perdê-lo. Seu envolvimento no protesto de hoje foi enorme. Assim como foi enorme da parte dele votar em mim com os Swans. Naquela noite, porém, apenas os dirigentes da escola o viram. DeShaun já havia quebrado a classificação, então eles provavelmente não pensaram muito sobre um cara novo dizendo de que lado ele preferia. Eles poderiam manter isso quieto, no entanto. Apenas os Swans sabem que houve discórdia nas fileiras.

Agora, todo mundo sabe. Todo mundo viu um jogador de futebol dizer que não concordava com a forma como os jogadores de futebol tratam as outras pessoas. E sim, é uma pena que seja o homem que eles vão lembrar, o único cara que se juntou à causa além de Colt, que ainda é um pária no que diz respeito a qualquer outra pessoa. Gideon não é apenas um homem, no entanto. Ele tem status, embora a maioria das pessoas não saiba que ele está se comprometendo com os Swans. Eles sabem que ele geralmente se senta com os Dolces. Que ele é um dos reis, ou pelo menos um príncipe. E mais do que isso, ele é um jogador de futebol.

Isso vem com o status incorporado.

Posso ser a pessoa que começou isso, mas não estou sofrendo com a ilusão de que sou a parte mais importante disso. Eu nunca teria feito aquele discurso e contado às pessoas o que estava acontecendo se Magnolia não tivesse me convencido a subir lá e fazer isso. E Gideon, ele é a chave para tudo isso.

Não posso derrubar tudo o que a escola já fez, a ordem social de toda a cidade, das escolas de todos os lugares. O futebol importa nesta cidade. Os atletas têm status em quase todas as escolas, e não vou mudar isso brigando por isso. É assim que as coisas são. A melhor coisa que posso fazer é me concentrar nas coisas que posso mudar - a maneira como tratam as outras pessoas nesta escola. E eu não posso fazer isso sozinha.

Sem Gideon, somos apenas um bando de párias descontentes. Colt não tem status aqui há anos. Todo mundo sabe que ele é o rebelde sem amigos embaixo da arquibancada. Eles me viram mexendo na panela no ano passado, então não é exatamente revolucionário para mim fazer isso este ano. Josie é radical. Dixie é popular, mas também é uma garota gótica e não se encaixa nos padrões de popularidade. Magnolia sim, mas ela é uma caloura e todo mundo sabe o que os Dolces fazem com os Darlings, então eles provavelmente esperam que ela se recuse a se juntar a eles.

Gideon é o curinga, o inesperado no grupo, aquele que tem tudo a seu favor e nada a ganhar juntando-se a nós. O que significa que tenho que encontrar uma maneira de fazê-lo perceber que perdeu seus sentimentos sem feri-los no

processo.

— Você vai ao jogo hoje à noite? Dixie pergunta quando a aula está para acabar e todos começam a falar.

— Essa coisa toda meio que começou porque Baron me jogou na cara por ser sua garota Dolce, então... meio que anula o propósito se eu for.

— Você deveria ir, — diz ela. — Na verdade, você deveria estar na equipe de torcida se realmente quer ser a abelha rainha.

— Eu não.

— Então qual é o sentido de tudo isso? — ela pergunta. — Quero dizer, eu coloquei um blog sobre o almoço, e vou colocar outro neste fim de semana sobre a ideia por trás dele. Mas pensei que você queria estar no topo da escala social com os Dolce.

— Eu não quero estar lá em cima como líder de torcida de alguém.

— Você não precisa ser a líder de torcida de outra pessoa, — diz ela. — Eu estou no time de dança, e Colt não está no time. Ele nem vai aos jogos.

— Verdade, — eu digo, imaginando se ela sabe onde ele está nas noites de sexta-feira – comandando as lutas no Slaughterpen.

— Seja sua própria líder de torcida, — diz Dixie. — Seria bom para você estar lá se quiser um lugar na escala social. Ei, você poderia usar a camisa do Gideon!

O sino toca e eu pego minhas coisas com alívio. — Não acho que seja uma boa ideia.

Ela dá de ombros e junta seus livros. — Eu realmente não o conheço, já que ele era um calouro no ano passado, mas ele parece ser um cara legal.

— Sim, — eu digo. — Esse é o problema.

— Talvez você pudesse usar um cara assim, — diz ela. — Quero dizer, não sei o que aconteceu com você e Royal, mas sei que sair com ele não deve ter sido fácil.

— Não foi, — eu digo. — Mas não quero que seja sobre quem estou namorando. Não quero que as pessoas pensem que Gideon só está se juntando à nossa causa porque estamos juntos.

Ela me dá um sorriso malicioso. — Estou apenas dizendo. Não seria uma coisa tão ruim.

Nunca fiquei tão feliz em ver Colt. Ele fica ao nosso lado no corredor, e Dixie interrompe a conversa sobre Gideon.

— Faz um tempo que não vejo você em uma noite de sexta-feira, — Colt fala lentamente enquanto fazemos o nosso caminho para o meu armário. — Parece que você voltou às suas velhas travessuras. Isso significa que nos veremos esta noite?

— Tem alguma coisa boa para mim?

— Só o melhor, — diz ele.

Eu gemo. — Impiedoso? Sem chance. Não pela primeira vez de volta. Estou sem prática. Ela vai me matar.

Ele dá de ombros. — Pode ser. Vai ser um bom dinheiro, no entanto.

— Para você, — eu indico. — E para ela. Não para mim. Estarei no hospital e lá se vão minhas economias.

Falando nisso, eu preciso voltar lá, no entanto. Não posso confiar em Preston, especialmente se ele voltou a ser um idiota exigente. E mesmo que não fosse, já sei o que o teste de DNA vai dizer. Não posso esperar que ele me apoie para sempre. Um dia, preciso ter dinheiro suficiente para sair desta cidade e, para a maioria das garotas como eu, isso significaria me vender. Para minha sorte, tenho uma habilidade. Lutar é minha geleiá.

Mas o excesso de confiança quase me matou pelos Dolces, e não tenho interesse em cometer esse erro em uma luta. Não sou páreo para a Merciless no meu melhor, e não luto há meses.

— Na verdade, eu pensei que poderia ir para o jogo, — eu digo, arqueando uma sobrancelha para Colt e abrindo meu armário. — Você está dentro?

Ele ri, encostado no armário ao lado do meu, parecendo totalmente relaxado e sexy com suas tatuagens à mostra, já que podemos usar camisetas da WHPA às sextas-feiras. — Nah, querida, — diz ele. — Mas você vai cuidar da minha garota aqui. O boato na rua é que haverá pessoas Faulkner na pós-festa.

— E eles são muito piores do que os garotos de Willow Heights, — eu digo, revirando os olhos.

— Ela pode conhecer algum cara emo com uma coleira combinando e cair de cabeça para baixo.

— Eu nunca faria isso, — Dixie grita.

— Eu não acho que você tenha nada para se preocupar, — eu digo. — Mas vou intervir se a vir com algum bad boy que fuma embaixo das arquibancadas.

Eu dou uma piscadela para ele, mas aquela pequena frase que usei para descrevê-lo deve ter desaparecido com tantas de suas outras memórias. Ele não sorri nem nada, apenas dá de ombros. — Estou mais preocupado com os jogadores de futebol.

— Pensei que você tivesse imunidade por causa do blog? — Eu digo a Dixie.

— Eu tenho, — diz ela, deslizando a mão pelo braço de Colt e abraçando-o. — Eles não arriscariam.

— Eu não estou preocupado que eles vão tentar te machucar, — diz ele, sorrindo para ela. — Estou preocupado que eles tentem roubar você.

— Ah, seu ciúme é tão fofo, — ela brinca, inclinando-se para beijá-lo.

— Deus, arranje um quarto, — Gloria estala, aparecendo ao meu lado. — Ninguém quer ver luta de língua de buldogues no corredor. Esta é uma boa escola.

Em resposta, Colt geme e envolve seus braços em torno de Dixie, e eles começam a se beijar.

— E aí? — Pergunto a Lo, fechando meu armário.

— Você vai ao jogo?

— Eu estava pensando sobre isso, — eu digo, encontrando seu olhar, levantando meu queixo em um desafio.

— Ugh, não consigo nem me concentrar com esses duendes babando sugando a placa dos dentes um do outro bem ao nosso lado, — diz ela. — Podemos andar?

— Claro, — eu digo. Aceno para os pombinhos, mas eles estão muito ocupados trocando saliva para me ver. Acho que vou mandar uma mensagem para Dixie mais tarde, se decidir ir.

— Você realmente deveria ir, — Gloria fala quando estamos do lado de fora, onde tudo está encharcado e alagado por causa da chuva. O céu ainda está nublado e uma gota ocasional salpica o pavimento molhado.

— Oh sim? — Eu pergunto.

— Quero dizer, eu sei sobre sua pequena desavença com Baron esta manhã, mas é o jogo de Ridgedale, o segundo maior jogo depois de Faulkner. Se você quer estar no meio de tudo, não pode pular a parte mais importante.

— Achei que você estaria aqui para me convencer a não ir, — eu digo. — Já que meu status ameaça o seu.

— Desculpe não ter ido almoçar com você, — diz ela. — Você sabe que eu faria se pudesse. Mas tenho muito a perder, Harper. Eu trabalhei muito duro para chegar aonde estou. Não posso simplesmente desistir.

— Porque então você suportou o trote Dolce por nada.

Ela encolhe os ombros se desculpando. — Isso não significa que eu não concordo com você. Deve haver espaço para uma garota no topo também. Não apenas uma. E não apenas porque ela é namorada de Royal, ou acho que namorada de Baron.

— Não é uma garota Dolce.

— Exatamente, — diz ela. — Alguém lá por mérito próprio.

— Então você quer derrubar a monarquia por uma meritocracia?

— Quero dizer... Se alguém merece esse lugar, é você.

— Você não tem ideia, — murmuro.

— O futebol é o verdadeiro rei nesta cidade, — diz ela, chegando ao carro e descascando algumas folhas molhadas da porta antes de abri-la. — Os meninos Dolce estiveram aqui quase um ano antes de mim, mas pelo que entendi, eles eram mais bandidos e valentões naquele ano. Eles eram forasteiros que vinham atacando e quebrando merda, incluindo os Darlings, que eram os queridinhos da cidade. Muita gente odiava os Dolces. Só no ano seguinte, quando jogaram futebol, é que se tornaram deuses.

O céu começa a cuspir chuva novamente e Gloria se abaixa em seu carro. — Basta pensar nisso, — ela grita antes de fechar a porta e ligar o motor.

Eu tenho outro daqueles momentos surpreendentes, como quando Josie me descartou como uma vadia rica por causa das minhas roupas, onde eu sinto falta de ser pobre. Agora tenho este carro incrível - pelo qual sou muito grata - mas também me isola. No ano passado, sempre andei com os meninos Dolce. Eu fazia parte da turma deles. Às vezes eu andava só com Royal, se íamos para o rio transar. Se ele tinha um treino tardio ou algo acontecendo, ou eu queria sair com Gloria, eu ia com ela. Agora, é aqui que nos separamos.

Eu aceno enquanto ela se afasta, então corro para o meu novo Escalade. Eu subo para dentro, um pequeno arrepio de solidão correndo por mim. Tenho amigos, mas sinto falta da amizade que se desenvolveu nos pequenos momentos no carro de Lo - abrindo pacotes de ketchup para suas batatas fritas enquanto dirigia; ligando uma música antiga do *Just 5 Guys* e cantando a plenos pulmões, depois rindo porque nós duas sabíamos todas as letras; as conversas aleatórias sobre nossos pais e seu velho cachorro e nossos ex... Conversas que nos fizeram conhecer melhor.

Colt e Dixie vêm correndo na chuva fraca em direção ao meu carro, de mãos dadas, ambos rindo. Meu coração aperta no meu peito. O Ridgeline ao meu lado emite um bipe quando é destravado, e eles soltam as mãos um do outro e se arrastam para dentro.

Eu abaixo minha janela, e Dixie me vê e abre a janela do lado do passageiro da caminhonete de Colt. — É claro que Preston me arranhou um lugar ao seu lado, — digo a Colt.

Dixie olha para nós dois, e fico feliz por ela não saber dessa fofoca. Não tenho certeza se o apego de Royal a mim poderia superar os rumores de que eu fodi meu primo.

— Ei, você sabe quem tem uma camisa velha ou duas por aí? — Dixie pergunta. — Quero dizer, se você for ao jogo...

— Eu tenho, — eu digo.

Glória tem razão. Até o Baron está certo. Um cara não podia entrar e dizer que era rei e depois não ir aos jogos. O futebol é o centro de tudo e não posso esperar estar no meio das coisas e depois não comparecer aos jogos. Se eu quero ser rainha, não posso apenas ter uma aparência adequada. Eu tenho que fazer o papel. Não posso simplesmente aparecer quando me apetecer, quando for confortável para mim. Eu tenho que aparecer para todos, ser sua voz, seu líder, mesmo que eu não me veja assim.

— Não vai usar a camisa de Gideon Delacroix? — Colt pergunta, um sorriso comedor de merda em seu rosto enquanto ele descansa o antebraço no

volante e se inclina para frente para me ver perto de Dixie.

— Foda-se, — eu digo. — E, por favor, não espalhe rumores infundados pela escola. Não há nada acontecendo entre mim e Gideon.

— Ah, o coitado só quer perder seu V-card, — diz Colt. — Jogue um osso para ele. — Ele pisca para mim antes de ligar o motor. Dixie acena e abre a janela, e eu os sigo para fora, acabando com minha festa de pena.

Penso nas palavras de Colt. Aparentemente, todo mundo sabe que Gideon tem uma queda por mim agora, ou porque acham que deve ser por isso que ele se juntou a nós no almoço, ou porque ele é tão óbvio, ou porque as pessoas simplesmente gostam de fofoca. Eles não sabem onde eu me encaixo, mas se estou com Gideon, faz sentido. Não sou mais um curinga. Eu tenho um lugar.

Não quero colocá-lo em perigo, mas não pertencço mais a Royal. O pensamento fica engraçado dentro de mim. Não sou o tipo de garota que quer ser possuída por ninguém, e lutei contra a reivindicação de Royal com unhas e dentes no ano passado. Mas uma vez que estávamos juntos, quando não era sobre ser sua propriedade, mas sobre ser sua garota... Foda-se, sim, eu gostei.

Eu gostava de ser reivindicada por ele. Isso me fez sentir protegida, importante, poderosa e querida. Especialmente quando estávamos fodendo. Eu não queria ser chamada *de* vadia, mas quando ele me chamava de *vadia* ... Nada me fazia gozar com mais força. Eu era uma vagabunda para ele, e era quente como o inferno.

Mas, isso foi ano passado. Eu não sou mais aquela vadia básica. Não sou mais o brinquedo de Royal.

Baron pode apontar a vantagem social de nos unirmos e fingir que estamos juntos, mas ele não gosta de mim. Ele não vai chutar o traseiro de Gideon por me convidar para sair. Inferno, ele provavelmente gostaria que eu namorasse um jogador de futebol. Ele pensaria que isso me deixou sob controle. Mas eu poderia fazer muito nessa posição.

Talvez essa nova garota Harper, Harper-Talvez-Darling, Miss A - pudesse gostar de um bom menino.

O pensamento é tão ridículo que quase rio. Depois de tudo que passei, não posso namorar um garoto doce, idealista e inocente. Eu tenho muito trauma e drama para descarregar em qualquer homem, muito menos um bom e normal. Ele correria para as colinas assim que eu dissesse, ou ficaria, e eu o destruiria. E essa é a última coisa que quero fazer a um homem bom.

O único homem que eu poderia arriscar seria alguém tão fodido quanto eu.

Como Royal, sussurra uma vozinha no fundo da minha cabeça.

Eu afasto o pensamento. Terminei com Royal. Ele terminou comigo. Mas sim, talvez algum dia, estarei pronta para tentar novamente. Não com Royal, mas com alguém como ele.

Alguém tão fodido quanto eu, como um dos outros garotos Dolce, ou mesmo um garoto Darling, uma vez que o teste de DNA volte e prove que não somos parentes. Não que eu queira estar com um dos filhos da puta Dolce que me estuprou, ou mesmo com Preston. Mas há outros homens tão fodidos por aí — presidiários, gângsteres e os homens das lutas de sábado.

Talvez seja por isso que minha mãe sempre escolhe homens rudes, porque nunca dá certo com os bons, mesmo quando ela tenta. Não porque isso é tudo que ela pode conseguir, mas porque esse é o tipo de homem que pode lidar com seu dano.

Em casa, abro meu armário e vejo todas as roupas de grife que Preston comprou para mim. Eu as vasculho até chegar ao fundo do meu armário, onde minhas próprias roupas estão penduradas - achados de brechós, roupas de segunda mão de pessoas com quem minha mãe trabalhou e uma extravagância ocasional depois de uma boa briga. Bem no fundo, onde eu esperava que minha mãe não encontrasse, está pendurada uma jaqueta de couro preta que nunca usei.

Eu a tiro e a coloco. É muito grande para mim, mas só um pouco, então ainda parece legal. Preston deve tê-la deixado na casa de sua infância quando se mudou porque era muito pequena para ele. Lembro-me de encontrá-lo em seu armário, vesti-lo e me perguntar por que não havia espelhos no quarto para que eu pudesse ver como ficava em mim.

Agora eu sei por quê. Eu sei por que ele tinha pinturas acima de sua cômoda em vez de um espelho.

Sento-me na beira da cama e mando uma mensagem para ele.

— *Podemos falar?*

Uma mensagem volta um minuto depois. — *Claro. Pego você às 5 ?*

— *Não posso esta noite. Eu estou indo para o jogo.*

Espero alguns minutos, mas ele não responde. Ele deve estar chateado com minhas escolhas, pensando que vou torcer pelos homens que o destruíram.

Depois de tudo que ele fez por mim, ele tem todo o direito de estar com raiva.

Mas tenho todo o direito de viver minha vida do jeito que eu quero, não do jeito que ele acha que eu deveria.

Eu janto, me sentindo mais culpada a cada mordida que dou. Isto é comida que o Royal nos comprou. Mais uma pessoa que tentou comprar minha lealdade. Nunca acaba com essas duas famílias. Mesmo que o teste de DNA prove que não sou um Darling, não tenho certeza se algum dia sairei do lugar que eles criaram para mim, bem entre suas famílias em guerra. Estou farta disso.

Não sou orgulhosa ou estúpida o suficiente para jogar fora o jantar só porque Royal o comprou. Garotas como eu não desperdiçam comida. Nunca sabemos de onde virá a próxima refeição.

Isso não é literalmente verdade - temos comida suficiente para mais algumas semanas. Mas depois disso... Ninguém sabe. Então, não vou desperdiçar algo que vai esticar esse tempo de fartura para mais uma refeição. Mamãe largou o emprego e Royal me largou. Se eu irritar Preston, ele também não vai pagar as compras. Parece que minha folga do Slaughterpen está chegando ao fim. O que significa que é melhor eu obter todo o status que puder dos últimos jogos de futebol que poderei assistir.

Escovo os dentes, coloco um pouco de maquiagem e vou para Ridgedale.

Se você não pode vencê-los, junte-se a eles e toda essa merda.

Aparecer em um jogo fora de casa significa mais do que em casa, e isso provará minha lealdade ao futebol e, portanto, a toda a escola. Isso prova que quero jogar o jogo, não apenas estragar as coisas. As pessoas temem o desconhecido, então tenho que ser familiar, mostrar que não vou piorar as coisas. Não vou repetir o que os Dolces fizeram quando chegaram.

Além disso, eu não jogo futebol, então não posso ser uma estrela e convencer a todos que substituir seus reis é do interesse deles.

Estou na fila para lanches quando alguém bate no meu ombro. Eu me viro e vejo uma das últimas pessoas na terra que eu quero ver – o Sr. Dolce. Meu coração dispara e de repente não consigo me lembrar de como engolir. Ele sabe o que seus filhos fizeram comigo?

— Harper? — ele diz, piscando para mim algumas vezes, como se não esperasse que fosse eu, embora tenha sido ele quem chamou minha atenção. Talvez ele saiba o que eles fizeram, mas não que eu tenha sobrevivido.

— Oi, Sr. Dolce, — eu digo rigidamente.

Ele engole, franzindo a testa para mim. — Você mudou seu visual.

Porra. Ele não está surpreso em me ver viva. Ele pensou que eu poderia ser sua filha.

Imagino como deve ser para ele, para todos eles. Quantas vezes ele bateu no ombro de uma mulher baixa e curvilínea com cabelos longos e lisos. Quantas vezes a esperança impossível e inebriante subiu em seu peito por uma fração de segundo antes de ela se virar e mostrar a ele um rosto que ele não conhece. Como a dor nunca pode realmente curar, nunca pode realmente acabar, porque eles nunca encontraram um corpo. Mesmo que eles tenham um funeral para um caixão vazio, ainda há aquela gota de esperança cruel que permanece suspensa como uma gota de chuva que nunca cai.

— Sinto muito, — eu digo, minha garganta apertada.

Seus olhos se fixam em meu peito, e eu dou um passo para trás, minha pele se arrepiando. Eu sei que ele é um perverso, mas foder os seios de uma garota que ele pensava ser sua filha é o próximo nível.

— Onde você conseguiu esse colar? — ele pergunta.

E então me sinto uma idiota colossal por pensar que ele estava olhando para os meus seios.

Eu enfio meu dedo na corrente, puxando o pingente para longe da minha pele. Eu poderia dizer a ele que não é da porra da conta dele, e para ir atrás de uma garota que não fodeu com os filhos dele, mas eu me sinto mal pelo cara, então eu apenas minto em vez disso. — Não me lembro.

— Posso ver? — ele pergunta, aproximando-se novamente. Não posso recuar sem atingir a próxima pessoa na fila.

— Por quê? — Eu pergunto, meu punho fechando em torno do pingente de bailarina de diamante.

— Minha filha tinha um colar exatamente igual a esse — Seus olhos encontram os meus, seu olhar duro. Nesse momento, é fácil ver de onde começaram os boatos sobre a máfia. Ele é assustador pra caralho, e eu não sou imune. Eu não tenho pai. Não gosto de policiais, figuras de autoridade ou outros adultos poderosos. Ele não é apenas um homem que perdeu sua filha. Ele é um homem que transformou seu filho em uma prostituta para beneficiar seu negócio, manipulando-o ameaçando seus irmãos mais novos para obter sua

cooperação. Ele é um homem cuja própria filha enviou uma carta à polícia dizendo que ele orquestrou o sequestro de Royal, o evento que provavelmente fez de Royal o monstro que eu conheço, aquele que iria repetir o ciclo contra mim.

— Você acha que eu roubei de você? — Eu pergunto. — Que enquanto eu estava na sua casa, entrei no quarto da sua filha morta, vasculhei a caixa de joias dela e roubei isso?

O Sr. Dolce inclina a cabeça para o lado. — Você fez?

Há algo tão repulsivamente familiar nele que me dá um arrepio na espinha.

É porque ele se parece exatamente com o Baron, menos os óculos e mais vinte e poucos anos? Ou porque ele se parece exatamente com Royal, menos 15 centímetros e mais esses anos? Eu não apenas transei com Royal. Eu o amava. E ele é um produto desse homem tanto quanto eu sou um produto da minha mãe. Eu nunca deveria ter ferrado com essa família, nunca ter aceitado a bolsa em troca de estar com eles, nunca ter esperado nada menos do que aconteceu comigo quando Royal descobriu minha traição.

De repente, sinto-me tonta e enjoada, e desejo não ter comido aquela comida. Continuo repetindo as palavras que disse a Royal.

Monstros fazem monstros. Nunca acaba.

— Foda-se, — eu digo ao Sr. Dolce, voltando para a barraca de concessão, onde é finalmente a minha vez.

— Isso poderia ser arranjado, — diz ele calmamente.

Finjo não ouvir enquanto peço pipoca e uma bebida que não quero mais. Tudo o que quero é me virar e fugir, correr de volta para meu abrigo, meu salvador, o outro Sr. D. Mas não sei se Preston abriria a porta se eu batesse.

Minhas mãos estão tremendo quando pego minha comida. Eu dou um passo para trás, mas o Sr. Dolce para na minha frente. — Royal deu a você? — ele pergunta.

Olho em seus olhos e sinto aquele monstro dentro de mim, aquele que Royal colocou ali. O monstro que ele fez, foi feito por seu pai antes dele.

A multidão se move no estande de concessão e o Sr. Dolce acena para que continuem, pulando seu lugar na fila. Algumas pessoas nos lançam olhares curiosos, e ele se afasta da multidão, me atraindo com ele como um ímã doentio.

Por que não posso me afastar de toda essa família fodida e terminar? Por que eles ainda fazem parte de mim, mesmo depois de exorcizar o demônio de Royal?

O resto deles ainda está lá, aranhas me observando lutar contra sua teia pegajosa até eu me exaurir e me tornar uma presa fácil.

— Você. Não. Merece. Ele. — Eu cerro as palavras uma de cada vez, olhando meu ódio de volta para o Sr. Dolce, desejando poder acertá-lo do jeito que bati em Baron, nocauteá-lo bem aqui na frente de todos. Mas eu seria presa. Ele é um homem poderoso com conexões com todos, desde o governador até os meninos que dirigem minha escola. E eu sou uma garota como eu.

— Você acha que está protegendo ele? — ele pergunta, inclinando a cabeça novamente. — De mim?

— Acho que alguém precisa.

O Sr. Dolce me encara como se não entendesse o significado das minhas palavras. Talvez ele não entenda. Talvez ele não saiba o quanto eu sei sobre seus filhos. Talvez ele nem saiba algumas das coisas que eu sei.

— Depois do que ele fez com você, — o Sr. Dolce se maravilha em voz alta, balançando a cabeça e olhando para mim com uma mistura de descrença e algo muito próximo da admiração.

Então, eles contaram a ele. A vergonha queima através de mim, silenciando qualquer resposta inteligente na minha língua.

— E o que você fez com ele, — diz Dolce. — Como alguém que afirma amar um homem pode fazer uma coisa dessas?

Eu fico lá como uma criança repreendida enquanto ele se afasta. Procuro a raiva que senti minutos atrás, mas tudo o que sinto é um nó frio na barriga. Eu nunca estive tão envergonhada. Ele tem todo o direito de me odiar, de fazer mais do que me repreender pelo que fiz com seu lindo e quebrado filho. Talvez o Sr. Dolce seja um monstro, mas isso não significa que ele não possa amar seus filhos, apesar do que ele fez com eles. Eu sou a última pessoa que deveria julgar.

Eu é que não mereço Royal.

Dixie e Quinn me chamam, correndo cheias de entusiasmo. Eu mal ouço a conversa delas enquanto elas me levam para as arquibancadas. Sinto como se tivesse saído do meu corpo. Elas correm para o campo, acenando adeus. Compro um dos ponchos de plástico baratos que alguém está vendendo e me sento na arquibancada com os outros alunos de Willow Heights. Eu torço por seus deuses enquanto eles deslizam pelo campo na garoa até ficarem tão cobertos de lama que é difícil dizer de que cor são suas camisas. Estou aqui, estou fazendo o que preciso fazer, mas tudo parece falso e um pouco estranho, como se eu tivesse me separado de mim mesma e não pudesse voltar atrás. Acho que isso é ser uma farsa.

No ano passado, eu era popular de uma maneira estranha. Todo mundo sabia que eu era de Royal. Ele vinha falar comigo no intervalo. Eu usava sua camisa como as outras garotas Dolce e às vezes sua jaqueta para mostrar que eu era dele. As outras garotas me admiravam e me invejavam, mas não por alguma coisa que eu fizesse. Elas me admiravam por causa de Royal. Não tenho Royal este ano, então ninguém entende bem o meu lugar. Eu poderia passar para Baron como ele disse, e ninguém ousaria me chamar de vagabunda por pular de um irmão para outro. Não se eu fosse a namorada do Baron.

Isso é o que Glória faria.

Mas foda-se direto para o inferno. Eu não quero popularidade o suficiente para permitir que aquele psicopata sádico coloque as mãos em mim novamente.

Quando o jogo acaba, Gloria e suas irmãs me arrastam com elas para a pós-festa. Chegamos cedo, então pegamos bebidas e sentamos na varanda com tela nos fundos da casa. Quando terminamos nossas bebidas, me sinto mais normal.

— Então, o que há com você e Gideon? — Pergunto a Everleigh, que já está em seu segundo drinque.

— Ugh, lá vai ela de novo, — diz Eleanor, revirando os olhos. — Por que você está sempre em cima dos nossos homens?

— Mas ele é seu homem? — Eu pergunto.

— Não, — diz Eleanor, carrancuda para mim. — Estou com DeShaun. Você vai tentar roubá-lo a seguir?

— Ele é uma pessoa, não uma bolsa, — eu digo. — Eu não posso roubá-lo.

Se ele terminar com você, provavelmente é porque percebeu que é bom demais para você.

— Ugh, eu a odeio, — diz Eleanor, virando-se para Gloria. — Por que estamos saindo com ela de novo? Ela é uma vagabunda.

— Tenho certeza que minha contagem de corpos está dentro da mesma faixa que a sua, — eu digo. — Então você pode querer encontrar outra maneira de me insultar.

Eleanor sai furiosa e Everleigh se joga no sofá do pátio. — Eu e Gideon estamos apenas conversando, — diz ela. — Vocês estão falando também?

— Não, — eu digo. — Só ouvi que vocês talvez estivessem saindo.

— Bem, agora que ele está na mesa do garotão, posso sentar lá também, — diz ela. — Eu nunca cheguei a sentar lá no ano passado.

— É por isso que você gosta dele? — Eu pergunto. — Por que ele se senta na melhor mesa?

— Não, — diz ela lentamente. — Porque *eu* consigo sentar na melhor mesa.

Eu quero dizer a ela como isso é fodido, mas um grande aplauso vem de dentro.

Os jogadores de futebol chegaram.

As garotas Walton gritam e ficam de pé. — Vamos, — diz Gloria, agarrando minha mão e me puxando para cima. — Hora do próximo jogo.

Entramos, onde a cozinha está cheia de jogadores de futebol agrupados em torno de três barris e fãs bajulando-os. Eu encontro o olhar de Duke, e ele ergue seu copo vermelho para mim. Eu sorrio e murmuro “bom jogo” para ele, virando meu copo de volta para ele. Por que não? Ele beijou meus pés. Ele tentou navegar na tensão entre mim e seu irmão, e é claro que ele vai ficar do lado de Baron, mas ele também me votou no Swans.

Pego uma cerveja e vou até lá, e ele me dá um high-five e me puxa para um abraço, levantando meus pés do chão. Quando ele me coloca no chão, outra pessoa quer um high five, e ele me enfia debaixo do braço enquanto fala com o cara, depois com uma garota e depois com outro cara. Eu tenho uma sensação desconcertante de *déjà vous* quando estou ao lado dele, deixando-o me segurar contra ele do jeito que Royal costumava fazer. É uma postura casual, quase como

se ele tivesse esquecido que estou ali, mas também abertamente possessivo e completamente presunçoso. Para quem está olhando, somos um casal que se sente tão à vontade juntos que nunca questionariam isso.

Saio de debaixo de seu braço e ele olha para mim. Por um segundo, acho que ele vai me puxar de volta, mas ele se vira para uma garota mais loira e com menos roupas. Saio para a varanda telada, que é enorme e agora cheia de gente. Encostada na parede, tomo um gole da minha bebida e observo a multidão. Vejo Dixie conversando com alguns amigos, e Gloria e Rylan em um canto discutindo baixinho. Há muitos garotos de Willow Heights, mas também muitas pessoas que eu não conheço. Colt disse que haveria pessoas Faulkner aqui. Percebo que nunca conheci mais da metade das pessoas da Faulkner High, as duas primeiras séries que começaram desde que mudei de escola.

Elas não são mais meu povo.

De repente, meu olhar volta para a pessoa que acabei de examinar enquanto estava olhando. Royal Dolce está encostado na grade dentro da tela, me observando.

Meu coração dispara e, por um segundo, esquece como bater.

Fecho os olhos, certa de que, quando os abrir, será outra pessoa, do jeito que ele deve ver sua irmã no meio da multidão de vez em quando, apenas para perceber que é um estranho.

Mas não é um estranho. Ele ainda está lá.

Nossos olhos se encontram, e eu engulo com tanta força que quase engasgo com minha própria língua.

O que há de errado comigo? Por que meu coração está martelando, e não de medo?

Deus, eu sou uma bagunça do caralho.

— Ei.

Eu desvio meu olhar de Royal para encontrar um garoto seguro parado a alguns passos de distância.

— Ei, Gideon, — digo, tentando me livrar da estranheza de ver Royal aqui. Ele mora na minha cidade. Corremos na mesma multidão. Muitas das festas do ano passado tiveram uma mistura de alunos do ensino médio e graduados, aqueles que vão para as faculdades locais e aqueles que conseguem empregos

logo após a escola. O que significa que estou fadada a esbarrar com ele de vez em quando, mesmo que ele não esteja mais fazendo isso intencionalmente. Um dia, talvez ele seja apenas um cara que eu cruzo na mercearia e finjo não conhecer.

A ideia dói na boca do estômago, fria e profunda.

— Você está... Muito legal, — Gideon diz, olhando para minha jaqueta de couro.

— Obrigada, — eu digo, estendendo meu copo. — Parabéns pela vitória.

Ele bate seu copo contra o meu antes de se encostar na parede ao meu lado. Posso sentir os olhos de Royal fixos em nós, mas não olho em sua direção novamente.

— Você está se divertindo? — Gideon pergunta.

— Claro, — eu digo, afastando-me da parede para que eu possa virar as costas para Royal, já que ele está sendo um assustador total e olhando abertamente. — Você?

— É a primeira vez que faço uma festa em casa, e meus pais não são muito legais com esse tipo de coisa, então estou com um pouco de medo de como será a limpeza, — diz Gideon. — Mas eu contratei uma equipe para vir amanhã, então espero que possamos fazer isso sem que eles descubram.

— Ah, então esta é uma grande noite para você, — eu digo. — Um rito de passagem.

— Sim, — diz ele, balançando a cabeça. — Tipo isso.

Tomo um gole e luto contra a vontade de me virar, para ter certeza de que Royal ainda está longe, onde preciso que ele esteja.

— E você? — Gideon pergunta. — Você é uma veterana. Você deve ter feito festas em sua casa. Diga-me que as consequências não são como nos filmes.

Minha mente pisca para a casca da casa Darling que deixamos no ano passado, a casa que pertencia a sua tia e primos. Então suas palavras são absorvidas. Esse cara era um calouro no ano passado, e ele se sentou na mesa ao lado, então ele estava na periferia do grupo. Ele me viu de braço dado com Royal, e tenho certeza que fomos às mesmas festas. Mas ele não deve saber quem eu sou, não realmente. Pelo menos, ele não sabe que sou pobre. Eu visto a mesma coisa que todos os garotos ricos este ano. Eu carrego uma bolsa chique e

dirijo um bom carro. Ele acha que eu sou uma vadia rica.

Tento imaginar pelo menos um quarto dessas pessoas espremidas em minha velha casa enfumaçada e abandonada, e tenho que segurar o riso.

— Geralmente não é tão ruim, — eu digo, decidindo que realmente não preciso que ele saiba que moro na Mill Street ou que essas roupas não são minhas.

— Então, escute, — Gideon diz, se movendo desconfortavelmente contra a parede. — O baile é em algumas semanas, e eu queria saber se...

— Gideon, — digo, erguendo a mão. — Eu... Não. Eu não posso. Mas obrigada. Sério. Você é, tipo, o melhor cara que eu já conheci, e você é insanamente corajoso, tipo, você não tem ideia de como você é corajoso até mesmo para me perguntar. Mas não posso.

— Por que não?

Não é Gideon quem pergunta. Eu estremeço, apertando meus olhos fechados. Quando os abro, Gideon está olhando por cima da minha cabeça. Não preciso me virar para saber que Royal está ali. Mas eu faço, porque estou com medo do meu novo amigo. Royal não parece chateado, como se ele pudesse colocar o segundo ano na parede, no entanto. Ele se eleva sobre mim, com um leve brilho de confronto em seus olhos, mas ele não se move em direção a Gideon.

— Há quanto tempo você está parado aí? — Eu pergunto.

— Longo o suficiente.

O olhar de Gideon volta para mim, depois para Royal e depois de volta para mim. — Sinto muito, — ele gagueja. — Eu... Gloria disse que vocês terminaram. Eu não fazia ideia.

— Nós terminamos, — eu digo com firmeza. — Não estamos juntos.

— Isso mesmo, — diz Royal, tomando um gole de sua bebida. Eu sei que é o primeiro, que nas próximas horas ele vai amamentar mais um ou dois, nem perto o suficiente para afetar um cara do seu tamanho. Royal não fica bêbado. Ele não perde o controle. Eu odeio que eu ainda o conheça tão bem, que eu o conheça.

— Olha, acho você ótimo, — digo a Gideon. — E eu sei que muitas outras garotas também. Espero que isso não estrague nosso almoço, mas se você não

quiser fazer parte disso, eu entendo totalmente.

Royal apenas está de pé sobre nós, sem dizer uma palavra. Eu o encaro, mas ele não tem nenhuma expressão em seu rosto e não faz nenhum movimento para sair.

— Está tudo bem, — diz Gideon. — Você não tem que explicar isso. Eu sabia que era um tiro no escuro.

— Eu... só não estou pronta para namorar ninguém ainda, — eu digo. — Ou até mesmo ir para o Baile. Sinto muito, Gideon. — Eu me inclino e dou-lhe um beijo rápido na bochecha, e ele fica vermelho como uma beterraba.

— Está tudo bem, — diz ele novamente, afastando-se da parede. — Eu vou... Vejo você na segunda-feira.

Ele entra e eu me sinto a maior idiota do mundo.

Royal ri. — Foi divertido. Quer fazer de novo? Tem outro garoto ali que estava checando sua bunda quando você entrou.

Eu suspiro e me viro para ele. — O que você está fazendo?

— Me Misturando.

Eu olho para ele. — Então, você só vai me seguir perseguindo qualquer cara que me convida para sair?

— Oh, você acha que estou sendo protetor com você?— ele pergunta, recuando. — Não, Apple cream pie. Estou protegendo os pobres camundongos desavisados de serem comidos vivos por uma cobra Darling.

— Ele está no segundo ano, e acho que você sabe disso.

— Dezesseis, — diz ele, tomando um gole de sua bebida e olhando para mim com os olhos semicerrados. — Essa é a idade favorita da sua família, não é?

— Acho que voltamos a nos odiar.

— Nunca deixei de te odiar.

Eu olho de volta em seus olhos, mas não há nada lá. Ele não é o garoto de olhos fundos que quase me matou na primeira vez que nos encontramos, mas ele está completamente fechado de uma forma que eu não via há muito tempo, desde antes de realmente conhecê-lo. É sua máscara fria e indiferente, tão obscura quanto a que Preston usa.

— Bom, — eu digo levemente. — Eu também te odeio.

— Por que você está aqui? — ele pergunta. — Baron disse que você acabou com a torcida de futebol.

— Você não teria vindo se soubesse que eu estaria aqui? — pergunto, sentindo-me inexplicavelmente magoada.

O que é estúpido. Claro que ele não queria me ver.

— Eu faço o meu melhor para evitar lugares onde sua espécie esteja presente.

Reviro os olhos e não mordo essa. Mas dois podem jogar este jogo. — Eu vi seu pai hoje à noite, — eu digo, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Sim, — diz ele, parecendo zero por cento surpreso. — Ele nunca perde um jogo. Sacrifícios todas as sextas-feiras à noite pelos gêmeos e agora todos os sábados pelos meus jogos. Meu pai perfeito e amoroso.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Eu pensei que você ficaria chateado por termos conversado.

Ele sorri para mim. — Por quê? Você já conhece todos os meus segredos.

A declaração paira no ar entre nós. O que eu teria dado por seus segredos no ano passado. Agora eu os conheço, e ele não tem motivos para querer me manter longe de seu pai. Mais do que isso, não significa nada para ele. Ele não se importa se o pai dele dá em cima de mim, se eu transo com o pai dele. Afinal, ele nunca mais vai me querer. Não depois que ele deixou seus irmãos se revezarem comigo, e eles trouxeram um amigo para se juntar. Royal é muito possessivo para querer ficar com uma garota que esteve com seus irmãos. Ele odiava que eu tivesse estado com alguns caras antes mesmo de nos conhecermos.

— Eu não contei a Preston, — eu digo baixinho.

Royal fixa aqueles olhos encapuzados e inabaláveis em mim, inclinando o queixo para cima para olhar de nariz empinado para mim como o idiota superior que ele é. — Dizer a ele o quê?

Eu olho ao redor para ter certeza de que ninguém pode ouvir. — O que aconteceu com você.

Ele mantém meu olhar por um longo minuto, então leva a cerveja aos lábios e toma um gole.

— O que? — Eu pergunto.

Royal dá um passo à frente, me apoiando contra a parede onde Gideon estava. Ele me cutuca sob o queixo, trazendo meu olhar para o dele. Por um segundo, apenas olhamos um para o outro. Então ele dá um pequeno bufo de respiração. — E eu não contei aos gêmeos o que aconteceu com você, Harper. E, no entanto, de alguma forma eles parecem saber. Engraçado como isso funciona, não é?

Ele se vira e abre caminho pela multidão na varanda e sai pela porta de tela, deixando-a bater atrás de si. Eu fico lá cambaleando com suas palavras.

Ele não pode querer dizer o que eu acho que ele quer dizer. Não tem jeito.

Não.

Preston nunca faria isso. Ele pode ser frio, mas não é violento.

Mas era o velho Preston?

Penso em como ele é diferente online, como o Sr. D, e meu estômago embrulha como se eu estivesse passando mal.

Eu tento me controlar. Sim, Preston é um idiota online. Ele é ousado e exigente, mas nunca me pediu para machucar ninguém. Ser um voyeur que gosta de ouvir sobre as façanhas sexuais de outra pessoa não o torna um estuprador. Isso o deixa triste e assustador. Eu entendo o que o fez assim, no entanto.

O que Royal está dizendo que ele fez...

Sem chance.

De repente, as palavras de Preston naquele gazebo voltam para mim. Ele me contou o que fez com a irmã deles, o que tentou fazer e os meninos Dolce conseguiram fazer comigo. O que foi que ele disse?

Eu nunca deixaria ninguém da equipe tocá-la... mas poderia.

A cerveja no meu estômago revira. Fecho os olhos e tento respirar, sentindo o copo de plástico se amassar em meus dedos, o líquido gelado escorrendo pela minha pele.

Eu me afasto da parede, empurrando as pessoas na minha frente sem vê-las, saio pela porta dos fundos e desço os degraus. Meus pés deslizam na grama molhada, na terra macia. A garoa respinga nos ombros da jaqueta de couro de

Preston. Eu paro e respiro fundo algumas vezes, apoiando as mãos nos joelhos, até que o cheiro familiar de fumaça de maconha me alcance. Eu me endireito e sigo em direção a um dos enormes carvalhos no quintal, me odiando por me importar, por ainda me sentir atraída por ele. Ele é um imã e me encheu de cacos de metal pontiagudo para que eu nunca, nunca pare de ir até ele.

Quando chego à árvore, vejo-o sentado em um balanço de corda, observando minha aproximação no escuro. Gotas grossas de água caem das folhas sobre nós, mas a garoa é impedida pela espessa cobertura de folhas.

— Por que você me disse isso? — Eu exijo. — Por que você tem que continuar piorando as coisas?

— Por que você continua falando comigo quando sabe que é isso que vai acontecer? — Royal pergunta, sua voz baixa na escuridão.

— Não posso evitar, — admito, as palavras saindo estranguladas. — Eu não posso ficar longe de você, mesmo quando você me deixa sozinha. Você está na minha cabeça, no meu sangue, nos meus pesadelos.

— Eu sei. — Royal acende o baseado, dá uma tragada e me entrega.

Eu o pego com dedos trêmulos, saboreando a fumaça úmida em meus pulmões, a maneira como ela interrompe os pensamentos em espiral e cambaleantes. Eu me inclino contra o tronco grosso e úmido da árvore e deito minha cabeça para trás, fechando os olhos. Então dou outra tragada profunda, não me importando com etiqueta agora, quando estou prestes a perder completamente se não encontrar algo para me acalmar. É isso, ou vou ter que encontrar uma navalha e abrir minha pele para liberar a pressão, e só Deus sabe o que Gideon faria se me encontrasse derramando a verdade sobre meu sangue em um de seus banheiros impecáveis.

— Sabe qual é a pior parte disso? — Eu pergunto. — Eu não posso seguir em frente. Não posso simplesmente fingir que não aconteceu e continuar minha vida como antes. Mesmo que eu quisesse, não poderia namorar um cara legal e normal como Gideon. Não sei mais o que é normal. Não sei como funcionar perto de pessoas funcionais.

— Eu sei.

— Como você fez isso? — pergunto, devolvendo o baseado por fim.

— Você acha que eu vou te dar conselhos sobre como agir normalmente quando você transa com outro cara?

— Quer saber, foda-se, — eu digo, empurrando a árvore. — Sim, eu quero isso, porque você me deve muito, Royal. Talvez tenha acontecido a mesma coisa com nós dois, mas a diferença é que eu nem sabia que você existia quando isso aconteceu com você. Você fez isso comigo, Royal. *Você* me quebrou.

— E eu mudei a porra do mundo para você tentar consertar. Você jogou de volta na minha cara e me disse para deixá-la sozinha. O que eu fiz então? Respeitei seus desejos. Foi você quem me seguiu até aqui.

— Você afugentou um cara que estava interessado.

A chama de seu isqueiro acende e ele inclina o rosto, acendendo e dando uma tragada longa e profunda. A luz do fogo pisca sobre as feições angulares de seu rosto, tão bonito que não é justo.

— Eu não estou ajudando você a ficar com outra pessoa, — diz ele com a boca cheia de fumaça. — Eu cansei de conceder seus desejos. Eu não sou a porra do seu gênio.

Lembro-me do Sr. D chamando a si mesmo assim em uma de nossas primeiras conversas. Ele pediu meus três desejos. Agora sei o preço desses três desejos. Afinal, nada na vida é de graça.

— Eu não pedi um gênio, — digo a Royal. — Pedi um conselho porque, por mais foda que seja, a pessoa que fez isso comigo é a única pessoa que conheço que já passou por isso. E agora não há um homem nesta terra que queira lidar com a minha bagagem. Estou muito danificada para que alguém me queira.

— Bom.

Alguma parte estúpida de mim é tão patética que deseja que ele me contradiga, diga que estou errada, que alguém ainda poderia. Mas é claro que não. Ele não acha que eu mereço o desejo de ninguém. Ele está feliz que ninguém me quer, que todos vão me ver como um lixo, do jeito que ele sempre fez.

— Então me diga como fingir, — eu rosno. — Obviamente você fez isso. Todo mundo ainda quer seu pau.

— Você não.

— Eu queria, — eu atiro de volta. — Eu não me importava com o seu dano até que ele me arruinasse também.

Royal se levanta e joga o baseado na lama. — Você acha que isso não me arruinou também? Você acha que é a única que se arrepende de termos nos conhecido? Que não é uma tortura para mim ver você também? Pelo menos eu não desisti. Eu tentei, Harper.

— Tentou o quê? Para consertar as coisas?

— Sim, — diz ele, com os olhos cheios de miséria. — Quer saber quando vai acabar? Ponha isso na cabeça, Harper. Nunca acabou. Você mesma disse isso. Você continua porque não tem escolha. Pare de tentar seguir em frente. Você não pode.

Ele passa por mim em direção à casa.

Engulo em seco, balançando a cabeça. — Não, — eu digo, virando-me.

Ele para, a chuva caindo em suas costas, e abaixa a cabeça.

— Você está errado, — eu digo, forçando as palavras além da dor na minha garganta. — Termina quando alguém perdoa.

— E nós dois sabemos que isso é impossível, — diz ele calmamente.

— Não, — eu digo. — É possível se você tornar possível.

Ele não se move por um minuto. A chuva pinga pelas folhas no meu rosto, escorrendo pelas minhas bochechas como lágrimas.

— Eu não posso, — diz ele depois de um minuto.

— Eu posso, — eu digo, minha garganta doendo enquanto eu forço as palavras para fora. — Eu perdoo você.

Meus olhos ardem, mas não me importo. Estou fazendo isso, mesmo que doa. Para ele, para mim e para toda essa cidade fodida.

— Por que você faria isso? — Royal pergunta finalmente, sua voz vazia, ainda de costas.

— Porque segurar isso não vai ajudar ninguém, — eu digo. — Dói em você e, mais do que isso, dói em mim. Isso não está me fazendo feliz, e nunca o fará. Não importa se você merece ou mesmo se pede desculpas. Eu nunca vou pensar que o que você fez está certo. Mas posso te perdoar porque não quero mais carregar isso. Posso deixá-lo ir porque é a única maneira de deixar *você* ir.

— Você me perdoaria só para ficar longe de mim?

— Sim, — eu digo. — Já existe ódio suficiente nesta cidade sem que eu adicione mais. Eu vi o que isso fez com você. Para sua família. Aos Darlings. Eu não quero viver assim. Eu não quero ser esse tipo de pessoa. Não quero que isso me transforme em um monstro como você.

Ele não diz nada.

Eu engulo a dor na minha garganta. — E talvez porque, embora você tenha feito todas essas coisas por mim, você nunca me pediu para perdôá-lo.

— O que você quer que eu faça? — ele pergunta depois de uma longa pausa, como se pensasse que tem que continuar, continuar tentando ganhar algo que eu já dei. Afinal, em seu mundo, a penitência também nunca acaba. É por isso que ele volta.

— Eu quero que você siga em frente, — eu digo. — Não quero ser outro porão, outra ponte para onde você voltará. Não quero ser o arrependimento de ninguém. Apenas vá. Encontre uma garota normal e tente fazê-la feliz, e não desconte isso nela. Pare de repetir o ciclo. É assim que termina. Isso é tudo o que eu quero.

— E você vai me perdoar, assim mesmo.

— Sim, — eu digo, puxando uma respiração instável. — Pelo menos, eu vou começar. Eu acho que vai ser mais um processo do que um tipo de coisa pronta. Mas vou deixar de lado a ideia de que nunca poderei te perdoar e vou deixar o processo começar. Vou trabalhar nisso, trabalhar para me tornar melhor em vez de fazer você sofrer. Isso é o melhor que posso fazer agora.

Royal levanta o rosto para a chuva e respira fundo. — Ok.

Eu afundo no balanço e o vejo ir embora, e sei que deveria sentir alívio porque larguei esse fardo e perdoei, mas tudo o que sinto é vazio. Eu o observo subir os degraus e ir para a varanda. Gloria cambaleia até ele, obviamente bêbada. Ele arranca a bebida da mão dela, vira-a e então joga o copo. Ela começa a protestar, mas ele a envolve em seus braços e a beija.

Eu não posso respirar.

Eu conheço aquele beijo. Eu sei como isso te consome, faz você se sentir como a única coisa que ele vai precisar, como se você fosse mais que ar, mais que humano, mais do que nunca. Isso faz meus dedos do pé se enrolarem em minhas botas úmidas e minha respiração fica presa. Eu não a culpo por levantar os braços e deslizar uma pequena mão por trás do pescoço dele depois de um minuto, segurando-o enquanto suas mãos grandes circundam sua pequena

cintura, fazendo-a se sentir pequena e protegida. Eu não a culpo pelo que acontece a seguir.

Meu peito afunda lentamente, mas quase não sinto. Lágrimas borram meus olhos, mas eu não desvio o olhar. Nem mesmo quando ele se afasta, pega a mão dela e a puxa para a porta, e eles desaparecem juntos dentro da casa.

Digo a mim mesma o que tenho dito a mim mesma durante todo o verão.

Não posso quebrar mais do que já estou quebrada.

Não sei quanto tempo fico sentada aqui. Não ouço a festa lá dentro, as vozes, o toque quando algumas notificações tocam no meu telefone ou o barulho constante da chuva. Não vejo a casa grande com os arbustos bem cuidados nos fundos, abaixo da varanda telada. Não sinto cheiro de chuva e sujeira, asfalto molhado e folhas. E eu não sinto nada.

A próxima coisa que noto é alguém andando pela grama em minha direção, sua silhueta projetada pelas luzes da casa atrás dele. Ele é grande, mas sei que não é Royal. Conheço a maneira como Royal se move, a maneira deliberada como coloca os pés.

Mesmo quando ele se aproxima, eu não olho para ele. Eu não me importo quem é. Não importa.

Ele puxa um poncho de plástico amassado do bolso, coloca-o na base da árvore e se senta. Vejo a luz refletida em seus óculos, mas não estou com medo.

— Rylan enlouqueceu porque não consegue encontrar Gloria, — Baron diz, sua voz totalmente desprovida de preocupação, como se ele estivesse apenas conversando.

— Você acha que ele vai machucar Royal? — Eu pergunto.

— Se eu achasse que ele machucaria Royal, eu não estaria aqui.

Eu concordo. Ficamos sentados em silêncio por um minuto e os sons se completam ao nosso redor. Percebo que meu cabelo está encharcado, que sinto a água fria escorrendo pelo meu couro cabeludo e entrando na gola do meu casaco.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Eu sempre sei onde você está, — diz ele. — Me chame de Garoto Perseguidor.

— Pensei que você fosse o Garoto Gênio do Mal, ou o Garoto Químico de Drogas, ou o Garoto Psicopata.

— Eu uso muitos chapéus.

Uma comemoração vem da casa e alguns caras começam a gritar e gritar.

Eles provavelmente estão fazendo barris ou tirando fotos do corpo. Eu não me importo.

— Mas *por que* você está aqui? — Pergunto ao Baron.

— Não se preocupe, vou sentar com Royal e seu arrependimento quando ele terminar de foder Glória, — diz ele. — Agora, você é mais interessante.

— Como você sabe que ele vai se arrepender?—

— Da mesma forma que eu sei que você está sentada aqui lamentando o que acabou de acontecer que o mandou de volta para ela, — diz Baron. Ele se move contra a árvore para tirar algo do bolso e, de alguma forma distante, espero que seja um baseado. É apenas um de seus malditos pirulitos, no entanto. Ele começa a desembrolhá-lo, os ruídos de plástico se somando à chuva e aos sons da festa lá dentro.

Eu empurro meus pés contra a terra encharcada, fazendo o balanço se mover em pequenos círculos. Imagino o garotinho Gideon neste balanço com o assento de madeira que encharcou minha bunda e as longas cordas subindo para os galhos acima, escondidas na densa folhagem.

— Não tenho certeza se lamento é a palavra certa, — eu digo.

Baron faz uma pausa com o doce a meio caminho da boca e inclina a cabeça para o lado. Na minha cabeça, o rosto dele se confunde com o do pai. — Você está chorando?

Eu limpo minha bochecha, mas meus dedos já estavam molhados. — Não sei. Está chovendo.

Baron coloca o doce na boca, inclina a cabeça para trás contra o tronco da árvore e olha para a nuvem negra de folhas. — Eu também me pergunto isso, às vezes. Tipo, como você sabe se está realmente sentindo a coisa certa, ou se seu cérebro acabou de lhe dizer que é a coisa certa a sentir, então você acha que está sentindo?

Eu dou uma risada pequena e vazia. — Não acho que as pessoas normais precisem perguntar.

— Mas nós não somos normais, somos? — Ele levanta a cabeça e nos encaramos por um minuto.

Minha pulsação acelera, e tenho que engolir o medo crescendo dentro de mim, para me lembrar do que faço todos os dias.

Ele não pode me machucar mais.

Minha voz sai em um sussurro. — Não.

Isso pode ser verdade, mas não sei a coisa certa a sentir. Estou apenas me afogando em tudo isso de uma vez. Não estou me perguntando se estou realmente sentindo ou apenas pensando. Estou me sentindo fodida demais agora. Raiva, mágoa, medo, ressentimento, frustração, vergonha, amor, ciúme, arrependimento... Eles me atingiram como uma saraivada de balas, todos eles me mutilando até que eu não saiba o que devo sentir porque eles estão todos misturados lá de uma vez. Eu gostaria que fosse tão simples quanto Baron faz parecer, que meu cérebro apenas arrancasse o caminho certo e me dissesse que é assim que eu preciso me sentir.

— Uma pessoa normal não deixaria o namorado transar com outra garota bem na frente dela, — diz Baron, mas há uma pergunta em suas palavras, como se ele as estivesse adivinhando.

— Royal não é meu namorado.

— Importa como você chama? — Baron pergunta, me estudando por trás de seus óculos. — Você o ama. Até eu posso ver isso.

— O que? — Eu pergunto, desejando que ele retire as palavras, como se isso de alguma forma as tornasse falsas.

— Quando estávamos naquele porão, eu realmente queria que você cedesse, — diz ele. — Eu vi o que estava acontecendo mesmo que meus irmãos idiotas não pudessem. Acho que é aí que se torna uma coisa boa, não sentir o que as outras pessoas sentem. Eles não sentem com seus cérebros, e é como se, quando captassem sentimentos, seus cérebros desligassem. É como quando os caras dizem que só conseguem pensar com uma cabeça de cada vez.

— O que você está falando?

— Quando Royal nos trancou juntos no porão, — diz ele. — Ele estava testando você, mas eu queria que funcionasse. Não porque eu queria transar com você, mas porque eu vi como você estava na cabeça dele, então ele não estava mais pensando direito. Eu sabia que ele estava apaixonado por você e sabia que você era uma má notícia.

— Mas eu não fodi com você, — eu digo. — Não de bom grado.

— Sim, — diz Baron. — Mas mesmo agora, quando você deveria ser o brinquedo arruinado que ele jogou no lixo, ele não consegue parar de te deixar e

brincar com você.

Meus dedos apertam as cordas molhadas do balanço. — Foi você quem disse a ele que eu não estaria nesta festa. Você devia saber que ele não viria se eu estivesse aqui. E você sabia que eu estaria aqui. Acho que é você quem está fodendo com nós dois.

Ele dá de ombros. — Por que mantê-los separados? É tarde demais. Eu falhei. Todos nós falhamos.

— Falhou em quê? Protegendo-o de mim?

— Ele foi sugado para sua órbita, — diz ele. — Você era um sol passageiro cuja atração gravitacional era forte o suficiente para puxá-lo para fora de seu sistema solar e para o seu. Agora você está presa com ele. Ele não pode te deixar sozinha. Mas acho que você sabe disso, Jailbird. Acho que você sempre soube que homens como Royal não amam duas vezes.

Aperto os olhos e balanço a cabeça, como se pudesse deixar de ouvir suas palavras. De alguma forma, talvez porque ele esteja certo e nós somos mais parecidos do que eu gostaria de admitir, ele é o único que sempre me irrita.

Não isso não é verdade. Baron não me irrita. Ele arranca minhas camadas de proteção como se estivesse me esfolando viva. E então ele passa casualmente, borrifando palavras como ácido em minhas entranhas nuas e expostas.

— Não, — eu digo. — Royal me odeia.

— Talvez, — diz Baron. — Mas é o tipo de ódio que deixa um homem louco, que o faz matar um homem por te machucar, tirá-la da prisão às três da manhã, mesmo que tenha sido ele quem te jogou, assombrar as ruas à noite olhando para o seu fantasma quando você estiver morta.

— Ele fez isso? — Eu pergunto, meu coração batendo forte contra minhas costelas.

— O que?

— Tirou-me da cadeia.

— Quem você pensou que era?

Eu não respondo. Lembro-me daquela noite, quando mandei uma mensagem de texto para o Sr. D centenas de vezes, implorando para que ele pagasse a fiança. Ele disse que faria isso pela manhã e, de repente, fui liberada no

meio da noite. Agradei por isso, ofereci a porra do meu corpo por isso. E ele aceitou o agradecimento, assim como fez por me tirar da caminhonete. Mas não era Preston. Era Royal.

Royal, que disse ter mudado mundos por mim. O que mais ele fez que eu nem sei?

— Vocês continuarão orbitando um para o outro, seu pequeno sistema solar com apenas dois planetas, até que parem de lutar contra ele, — diz Baron. — Quanto mais você resistir, mais dano você causará. Vocês dois.

— Não são planetas, — eu digo, sentando-me ereta no balanço. O que foi que Preston disse? Que num dia nublado, quando um girassol não pode ver o sol, ele ainda segue o caminho. — Sóis.

Baron apenas olha para mim sem expressão. Ele não sabe tudo.

— Eu tenho que ir. — Eu me levanto e, por um segundo, nenhum de nós se mexe. — Obrigada, — eu digo, e então atravesso o gramado, subo os degraus e entro na casa. A festa está no auge agora. Está rolando um jogo de beer pong na cozinha. Dixie, Gideon, algumas garotas da equipe de dança e um monte de gente que não conheço estão dançando uma música dos anos 80 sob uma bola de discoteca no saguão. Passo por eles e subo as escadas.

Eu os encontro no terceiro quarto.

Nem se deram ao trabalho de trancar a porta.

Quando a abro, Royal olha para mim como se eu fosse uma perfeita estranha. Acho que nunca vi seus olhos tão completamente vazios, como se ele tivesse desmaiado de bêbado. Não tenho certeza se ele está me vendo, se consegue se concentrar. Ele não se move ou reage a mim abrindo a porta para eles. Ele está deitado de costas na cama, a cabeça apoiada no braço nos travesseiros, e a cabeça de Gloria balançando para cima e para baixo em seu pau.

Eu fico lá segurando a maçaneta, sentindo como se estivesse tão fora do meu corpo quanto ele parece.

Entro, fecho a porta e giro a fechadura. Então atravesso o quarto e subo na cama. A cabeça de Gloria aparece e ela me encara por um segundo com um olhar turvo e sem foco.

— Vá em frente, — eu digo. — Não pare por minha causa.

Ela parece confusa, então eu me inclino, puxando meu cabelo molhado

para o lado, e passo minha língua pela lateral do glorioso pau de Royal.

É só um idiota, digo a mim mesma. Não é especial. É apenas um boquete. Eu dei centenas deles. Não importa se é Royal. Ele está fora.

Glória sorri. — Você é desagradável, — ela diz, mas ela volta ao trabalho, se abaixando para se apoiar em um cotovelo. Então ela se inclina e começa ao longo do outro lado do pênis dele, passando a língua pelo outro lado. Eu combino meus movimentos com os dela, acariciando ao longo do lado de fora de seu pênis, depois na parte inferior, então virando nossas cabeças para trabalhar nosso caminho para cima com pequenos golpes da base à ponta. Eu envolvo meus dedos em torno de seu eixo grosso, levantando seu pênis para que possamos pegar a cabeça de uma vez.

Royal não faz barulho.

Sua ponta é salgada, e minha língua acaricia sobre a pele macia de seu pênis e golpeia a língua de Gloria. Por um segundo, lutamos para conseguir mais dele, ambas tentando colocar a cabeça de seu pênis em nossa boca primeiro. Eu me afasto, porque Royal não merece o que posso fazer por ele, mas quando vejo sua boca deslizar sobre seu pênis, um flash de raiva chicoteia através de mim. Pego um punhado do cabelo de Lo e empurro sua cabeça para baixo com força. Seu grito de protesto é interrompido por um som de ânsia de vômito enquanto ela engasga com ele. Isso é o que ela ganha por me deixar entrar nela.

Eu mantenho sua cabeça baixa enquanto ela luta para respirar por um minuto, apenas para ter certeza de que ela entendeu a mensagem. Finalmente, ela agarra minha mão, suas unhas postíças cortando a pele enquanto sua luta se torna frenética. Puxo sua cabeça pelos cabelos.

— Que porra é essa? — ela estala, empurrando o cabelo bagunçado para trás, os olhos vermelhos e cheios de lágrimas por engasgar com o pau de Royal.

— Não diga que não avisei.

Ela pisca para mim, e algo sobre as marcas de rímel de suas lágrimas me faz perceber com quem estou falando, como ela é gostosa pra caralho. Não é de admirar que Royal a tenha escolhido para seguir em frente. Antes que ela possa voltar, eu envolvo meus dedos em torno de seu eixo e levanto seu pau grosso aos meus lábios. Ela se inclina também, mas seus olhos estão em mim. Depois de uma lambida, solto o pau de Royal entre nós. Nossas bocas colidem, desleixadas e molhadas. Enterro minhas mãos no cabelo de Gloria, lambendo dentro de sua boca, sentindo o gosto de Royal em sua língua.

— É melhor que não seja o gosto da sua boceta no pau dele, — eu digo,

minha respiração ficando curta. Meus lábios molhados deslizam por seus lábios macios, e ela estremece, balançando contra mim.

Eu me levanto, puxando-a comigo, então estamos ajoelhadas uma de cada lado de Royal. Então eu a beijo novamente. Ela dá um pequeno som assustado em minha boca quando a puxo com força, aprofundando o beijo. Eu posso provar o sal de seu pré-sêmen em sua língua, e isso me faz perder a cabeça. Inclino minha cabeça, empurrando minha língua o mais fundo que posso, sugando-o de sua boca com uma mistura de desejo e fúria. Lutamos pelo sabor, chupando, gemendo e mordendo. Suas unhas cravam em meus braços, e meu aperto em seu cabelo loiro aumenta até que eu a sinto suspirar.

Ainda de joelhos, rastejo sobre Royal e empurro Gloria de volta para a cama. Ela cai para trás, batendo a cabeça no travesseiro com um assobio. Eu subo em cima dela, montando em seus quadris e me inclinando para baixo, envolvendo uma mão suavemente em torno de sua garganta. Seus lábios são brilhantes, seus olhos arregalados. Eu agarro seu cabelo, puxando sua cabeça para trás e beijando-a novamente, minha língua fodendo sua boquinha macia. Ela solta um gemido ofegante e eu ajusto minha posição em cima dela, balançando minha coxa entre as dela.

Sinto a cama se mexer quando Royal se move, mas não abro os olhos. Gloria enfia as mãos no meu cabelo molhado, agarrando minha cabeça e me beijando com mais força, levantando os quadris para esfregar contra minha coxa. Ela é tão pequena, tão macia e frágil comparada a um homem. Eu a seguro com mais delicadeza, embalando seu corpinho contra o meu.

A porta bate e Gloria joga a cabeça para trás no travesseiro, deixando escapar uma risadinha. — Acho que meu trabalho aqui está feito.

— Não, a menos que você queira, — eu digo, deslizando minha mão de seu pescoço e para baixo de seu corpo, puxando sua saia. — Eu só estive com uma garota, mas acho que posso fazer o trabalho.

Eu deslizo minha mão entre suas pernas, roçando a pele macia de sua coxa com a ponta dos dedos antes de tocá-la através de sua calcinha. Ela está molhada, e isso me deixa molhada. Aperto meus joelhos enquanto puxo o tecido para o lado e deslizo um dedo pelos lábios escorregadios de sua boceta raspada.

Nossos olhos se encontram e os dela ficam sérios. — Harper?

— Quer continuar? — Eu sussurro contra seus lábios, afundando um dedo lentamente nela. Meu pulso está vibrando como uma mariposa presa na minha garganta, e o calor lambe entre minhas coxas. Ela está quente e tão molhada que me pergunto se Royal já gozou dentro dela.

Ela morde o lábio e balança a cabeça. Eu a beijo mais uma vez, deixando meus lábios permanecerem em seu beijo suave e quente antes de me afastar. Eu deslizo meu dedo dela e puxo sua saia para baixo. — Desculpe.

Ela se senta e esfrega os lábios, jogando o cabelo bagunçado para trás e passando os dedos por ele para controlá-lo. — Bem, acho que posso riscar '*beijar uma garota*' da minha lista de desejos do ensino médio.

— Eu deveria ter perguntado a você primeiro, — eu digo. — Eu sei que você não gosta de garotas. Eu não queria que isso acontecesse. Eu me empolguei.

— Você queria que Royal se juntasse a nós? — ela pergunta com um sorriso.

— Não, — eu digo, juntando meu cabelo molhado e puxando-o para cima em um coque. — Não foi por isso que vim aqui.

— Então por que você fez isso?

— Eu... não me lembro, — eu admito. — É possível que eu tenha perdido a cabeça quando vi o pau dele na sua boca.

— Eu não estou brava com isso, — ela diz com um sorrisinho astuto, estendendo a mão para agarrar a frente da minha jaqueta de couro molhada. Ela me puxa e me beija de novo, mas posso dizer que ela não está a fim, que está apenas brincando. Depois de um minuto, ela se afasta e sai da cama. — Isso foi divertido, mas eu deveria ir. Deixar você resolver as coisas. Eu tenho mais do que o suficiente da minha própria merda para descobrir.

Quando ela sai, sento na cama pensando no que Baron disse. Ele tem razão. Nunca serei livre, mesmo depois de perdoar Royal. Continuo tentando cortar os laços, cortá-lo, mas ele ainda faz parte de mim. Não por causa do próprio Royal, mas por minha causa. Uma parte terrível e distorcida do meu coração ainda pertence a ele. Nosso amor pode estar infectado com ódio, envenenado e tóxico, mas ainda está lá. E mesmo que eu pudesse de alguma forma me livrar disso, se eu pudesse me fechar como antes, quando não sentia nada, minha mente não estaria livre. Mesmo que eu nunca mais veja seu rosto, nunca vou parar de voltar ao que aconteceu, nunca vou parar de revivê-lo e revisitá-lo da mesma forma que ele vai para a ponte.

Uma parte de mim nunca saiu do pântano naquela noite. Uma parte de mim morreu ali. Outra parte de mim ainda vive lá, presa no pesadelo de uma noite que nunca acabou. E não sei como acabar sem acabar com tudo

Estou sentado no topo da escada dos fundos quando ouço passos atrás de mim. E porque eu estou virado agora, eu realmente penso por um segundo que é Harper, mesmo que eu esteja virando a esquina do salão principal, e ela teria que olhar para realmente me encontrar.

Claro que Harper não vai me procurar. Ela está fugindo de mim desde que saí daquele pântano pela primeira vez. Só porque ela entrou e enfiou meu pau na boca não significa nada, exceto que ela está determinada a terminar de me deixar completamente louco, como se me enviar vídeos dela transando com outra pessoa não resolvesse o problema. Só porque ela puxou Lo do meu pau, não significa que ela queira entrar nele. Isso significa que ela está cheia de merda e, apesar de suas grandes promessas de perdão se eu seguir em frente, ela não quer que eu siga em frente com mais ninguém, nem mesmo com alguém confortável, familiar e sem sentido. Ela não quer que eu tenha ninguém. Inferno, ela transaria com Lo só para me impedir de fazer isso.

Gloria afunda no degrau ao meu lado, como se estivéssemos de volta ao Hockington e não na casa de um cara que acabou de dar em cima da garota que eu pensei que poderia realmente amar. Quão patético é isso? Gideon é um bom rapaz, no entanto. Ele seria bom para ela, muito melhor do que qualquer um da minha família. Se eu a amasse, teria deixado ela sair com ele. Mas eu não fiz, então eu não faço. Não que eu saiba o que é amor.

— Isso foi rápido, — eu digo. — Ela deve ser boa.

— Achei que você estaria profundamente enfiado em alguma outra garota agora, afogando sua dor em boceta, — diz Gloria. — Esse é o especial D-boy, não é?

— Porque você nos conhece tão bem.

— Acho que te conheço muito bem, — diz ela.

— Então você saberia que não é assim que eu opero.

— Verdade, — diz ela. — Isso é mais o MO dos seus irmãos. Mas não aja como se fôssemos estranhos só porque você me odeia. Somos amigos há dois anos.

— Se é assim que você quer chamar.

— Duro como você faz isso parecer, — ela murmura. — Mas sim, eu nos chamo de amigos. Poderíamos ter sido mais, se você não fosse tão idiota.

— Uma verdadeira tragédia.

Ela balança a cabeça. — Sinto muito, Royal. Eu realmente sou. Se eu soubesse...

— O que? — Eu pergunto, me virando para olhar para ela. — Que ela contaria para a família que quer destruir a minha? Ou que ela era um deles, que também queria nos destruir?

— Ambos, — diz ela, seus grandes olhos azuis se enchendo de lágrimas. — Eu nunca teria contado a ela se ela basicamente não tivesse descoberto sozinha.

— Como? — Eu pergunto, minha voz dura. Eu deveria ser legal. Ela acabou de perder seu irmão, e mesmo que ele fosse um lixo humano, ele ainda era seu irmão. Mas depois de ver Harper escolher ela em vez de mim, estou me sentindo um pouco menos generoso. Já passou da hora de discutir isso, de qualquer maneira.

— Ela... Ela veio para o Hockington, — Gloria sussurra. — Ela o seguiu em um dia, com uma de suas... Clientes.

— Elas não são clientes, — eu retruco. — Elas não me pagam.

— Tudo bem, — diz ela, enxugando as mãos na parte superior das coxas e sentando-se ereta. — Ela seguiu você até lá e viu você com uma de suas *sócias comerciais*.

— E então ela viu você, — eu digo categoricamente.

— Eu não ia contar a ela, — diz Gloria, enxugando uma lágrima. — Ela teria descoberto, de qualquer maneira. Achei que poderia explicar, fazê-la ver que você não a estava traindo...

— Quando foi isso? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça, abaixando o rosto para que eu não possa vê-la chorando. Ela fica manchada, e se há uma coisa que Lo não tolera é ser feia.

— Quando? — Eu mudo.

— Eu não sei, — diz ela. — Um pouco antes de você terminar.

— Então ela sabia, — eu digo, algo dentro de mim se acomodando, pesado

e frio na boca do meu estômago. — Quando estávamos juntos, ela sabia.

— Ela prometeu que não contaria, — insiste Gloria. — E ela não terminou com você por isso.

— Mas assim que terminei com ela, foi a primeira coisa que ela fez, — eu digo. — Ela devia estar sentada sobre ele, apenas esperando para me destruir depois de conseguir tudo o que podia de mim.

— Não foi assim, — diz Gloria.

— Besteira, — eu digo. — Foi exatamente assim.

— Eu sinto muito.

— Você sabe o que? — Eu digo. — Foda-se, Lo. Vocês se merecem.

— O que?

— Eu sei por que você disse a ela, — eu digo. — Você não arriscaria perder a vantagem que lhe dei por nada. O que significa que você disse a ela para que ela não a expusesse como uma fraude. Acho que funcionou muito bem para vocês duas. Você tem que manter sua coroa, mesmo fingindo ser minha namorada depois das férias de primavera para poder ganhar o baile. E Harper descobriu o grande segredo de que precisava para derrubar nossa família. Vocês duas venceram, porra.

— Não, — diz Gloria, fungando e enxugando o rosto. — Nós duas perdemos quando perdemos você, Royal. Você não vê, isso é mais importante do que qualquer coisa que poderíamos ter conseguido.

— Não, — eu digo baixinho. — Eu sou o único perdedor no joguinho que você jogou.

— Isso não é verdade, — ela lamenta. — Eu não sabia que ela faria isso, e olha, mesmo que ela fizesse, você está bem. Nunca aconteceu nada por causa disso. Ninguém expôs sua família. Isso não acabou com você e Harper, você já tinha terminado com ela quando ela contou.

Eu quase rio. Nada aconteceu por causa disso? Ela deveria voltar lá e conversar um pouco mais com Harper se acha que isso é verdade, porque está perdendo uma grande peça desse quebra-cabeça.

— Pare de dar desculpas, — eu digo categoricamente. — Você não pode fingir que está tudo bem só porque não vê as consequências.

— Sinto muito, — diz Gloria, agarrando meu braço. — Sinto muito por ter contado a ela. Eu honestamente estava tentando ajudar. Você preferiria que ela pensasse que você a estava traindo?

— Sim, — eu digo, puxando meu braço.

— Eu não poderia deixá-la terminar com você por causa disso, — diz ela, abaixando a cabeça novamente. — Isso teria te matado.

— Você estava apenas tentando ajudar a si mesma.

Ela assente e respira fundo. — Você tem razão. Eu era egoísta e estava protegendo a mim e à minha família, da mesma forma que você protege a sua. Eu nunca teria contado a ela se achasse que ela contaria a mais alguém.

— Você sabe o que é ainda mais fodido, Lo? Você escondeu isso de mim. Você poderia ter me dito que ela sabia.

— Sinto muito, — diz ela, limpando com raiva as lágrimas.

— Não, — eu digo baixinho. — Você é como ela. Você só lamenta que eu tenha descoberto.

— Isso não é verdade, — ela insiste. — Eu desejo mais do que qualquer coisa que eu nunca tivesse dito a ela.

— Se você estivesse realmente arrependida, você teria me contado imediatamente. Você teria me deixado tomar minhas próprias decisões sobre se eu queria manter qualquer uma de vocês por perto.

— Você está certo, — diz ela. — Mas eu não estava apenas usando você, nem ela. Nós duas nos preocupamos com você. Você sabe disso, Royal.

— Eu?

— Eu sou uma idiota, ok? — ela diz, fungando baixinho. — Eu só estava com medo e não queria que vocês terminassem porque vocês dois são meus amigos e não queria perder nenhum de vocês. Eu deveria ter contado a você.

— Mas você não fez isso.

Ela balança a cabeça, seu cabelo loiro caindo como uma cortina entre nós. Estou feliz por não ter que olhar para o rosto dela.

— Você não se importava com o quanto eu tinha a perder, — eu digo. — Só que você tinha muito a perder se alguém descobrisse *seu* segredo.

— Você não perdeu nada, — ela sussurra.

Eu não posso começar a dizer a ela o quão errada ela está.

— Aqui vai uma dica para a próxima vez que você fingir se importar com alguém que não seja você, — eu digo. — Quando você se importa com alguém, você não fode com elas quando elas estão mais vulneráveis. E se você estragar tudo, diga a elas na primeira chance que tiver e faça tudo ao seu alcance para consertar.

— Como posso consertar isso? — ela sussurra.

— Pode começar não sendo uma vadia egoísta, — eu digo. — Por que você não começa contando ao seu namorado que acabou de ficar com duas pessoas?

— Ele terminou comigo, — diz ela com uma fungada. — É por isso que estou bêbada. E não foi isso que eu quis dizer. Como posso acertar as coisas com você, Royal?

— Você não pode, — eu digo. — É tarde demais para isso, Lo. Você não continua a usar as pessoas até que descubram que você as traiu, e então tente se desculpar. Você não guarda segredos porque ainda está ganhando algo com isso, porque quer ganhar a rainha do baile. Você é uma parasita social, Gloria. Assim como sua mãe.

— Eu não sou, — ela chora. — Royal, não é assim! Você é meu amigo, meu melhor amigo. Antes dela, e mais do que ela. Eu te amei, Royal. Eu ainda te amo, mesmo que não seja do jeito que ela ama.

— Besteira, — eu digo. — Nenhuma de vocês sabem o significado dessa palavra também.

— Eu sei, — diz ela calmamente. — Eu sei que você não vai acreditar em mim, que você acha que ninguém pode te amar, mas você está errado. Se você deixasse alguém te conhecer, elas poderiam te amar.

— Eu deixei você me conhecer, — eu digo. — Vocês duas. E vocês jogaram comigo como um par de viúvas negras, enrolando-me em suas teias. Eu sou a porra da mosca que apenas sentou lá e deixou vocês me prenderem. Isso é o que eu ganho por deixar qualquer uma de vocês perto de mim. Eu sabia melhor. Eu não preciso de amigos. Eu tenho meus irmãos.

— Você tem a mim, — ela sussurra. — Você também teria Harper, se a quisesse.

Eu tenho que rir disso, mas é um som vazio e amargo. — Você não tem ideia do que está falando.

Ela balança a cabeça. — Ela não terminou com você por causa disso. Ela aceitaria você de volta. Vá falar com ela.

— Você não acha que eu tentei isso, porra?

— Então tente outra coisa.

Depois de um tempo, um casal abre a porta, então eu saio da cama e dou o quarto para eles. Ouço vozes mais adiante no corredor, mas não há nada para mim aqui. Pego meu telefone e vejo um punhado de textos de Preston. É hora de acabar com isso.

Estou quase no meu carro quando ouço alguém dizer meu nome. Eu não me viro. Estou muito cansada desse drama para lidar com mais esta noite. Apertando o botão para destravar o Escalade, corro em direção a ele, abaixando a cabeça contra a chuva.

— Harper.

Eu não paro até que sua mão forte envolve meu braço, me fazendo parar. Aperto meus olhos fechados por um segundo, depois volto. Royal está parado ao meu lado, cuja silhueta é destacada pela luz de segurança na frente da casa e pela chuva que cai na claridade. Então ele se aproxima. Há algo diferente nele, uma intensidade brilhando nele, que faz meu pulso disparar. Eu aperto minha mão em um punho, confortada pelo peso da arma em meus dedos.

— Por que você está fugindo de mim?

Eu não respondo. Não há resposta. Eu sei que nunca vou escapar, mas não consigo parar de tentar.

Ele se move tão rápido, agarrando meus ombros e me puxando. Antes que eu saiba o que está acontecendo, sua boca cai na minha. Eu clamo contra ele. Ele enfia a língua na minha boca, uma reivindicação áspera sem aviso prévio. Suas grandes mãos se movem para embalar minha cabeça, e seus lábios esmagam os meus com tanta força que nossos dentes colidem.

Eu respondo instintivamente, ansiosamente, como se estivesse esperando por isso toda a minha vida. Eu me abro para ele, me submetendo a ele com um alívio trêmulo que me preenche com cada golpe possessivo de sua língua. Tudo em meu corpo se inflama, meus dedos dos pés se curvando, meu corpo balançando em direção ao dele, e o calor lambendo entre minhas coxas. Eu agarro seus braços, nunca querendo soltá-los. Eu quero que ele me jogue no chão e me foda com cada pedaço de dano de mim. Quero abrir as pernas e sentir o alívio que só abrir a pele já me deu. Meus olhos se fecham e, por um minuto, sou lavada pela fome em seu beijo, sua necessidade, seu desejo. A chuva fria escorrendo por nossos rostos esfria o calor febril que sobe à minha pele ao seu toque.

E então meu cérebro alcança meu corpo e me lembro do custo de deixar Royal me levar embora. Eu luto contra seu aperto, torcendo e me contorcendo até me libertar. Eu empurro para trás e balanço antes que a luxúria desapareça de seus olhos.

— Como você ousa? — Eu rosno para ele.

Meus anéis esmagam seu nariz, e eu sinto algo ceder. Suas pálpebras tremulam enquanto ele pisca rapidamente, cambaleando para trás.

— Como você ousa pensar que tem o direito de me tocar?

Eu balanço novamente, conectando com sua boca desta vez. A pele de seus lindos lábios se abre sob meus dedos. Eu aprecio a sensação. Eu quero que ele se machuque.

— Como você ousa pensar que pode me beijar?

Desta vez, ele se abaixa, agarrando meu pulso. Entro com meu punho esquerdo, afundando-o em suas costelas. Ele se encolhe, mas não solta minha mão direita. Ele a abre, arrancando a arma da minha mão e jogando-a no chão. Ele desliza pelo asfalto molhado e desliza até parar no meio-fio.

— Como ousa *beijar* você? — ele provoca. — Você enfiou meu pau na sua boca há menos de uma hora.

— Nunca mais me toque, — eu digo, batendo meu punho esquerdo em sua bochecha. — Não estamos em pé de igualdade. Você não pode me questionar. Você não consegue afastar os caras de mim e depois enfiar o pau na sua amiga de foda. Como você ousa pensar que pode me beijar depois disso? Que você pode falar comigo do jeito que você falou comigo no corredor da escola? Que você tem alguma opinião sobre o que eu faço da minha vida?

Ele apenas fica lá segurando meu pulso, me mantendo longe enquanto eu me contorço e chuto suas canelas.

— Eu posso falar com você do jeito que eu quiser, — ele estala. — Porque você ainda é minha, Harper.

— Foda-se, — eu grito, perdendo todo o controle. — Prefiro que bata na minha cara como fez com Colt do que me beijar de novo. Portanto, faça isso ou me solte e deixe-me fazer isso.

— Então faça isso, — diz ele. — Acabe logo com isso, porque com certeza vou te beijar de novo.

Suas palavras me levam a uma onda de raiva pura e incineradora. Ele solta minha mão e eu bato meu punho em seu rosto novamente. Meus dedos deslizam contra o sangue, meu golpe silenciado pelo inchaço. Lembro-me de como seus golpes soavam quando ele batia em Colt tantas vezes que não atingia mais os ossos. Eu bato nele de novo, e de novo, e de novo.

Finalmente, lágrimas e chuva borram minha visão, e eu cambaleio para trás, tentando recuperar o fôlego, para obter o controle. Não sei há quanto tempo venho batendo em seu rosto, pescoço e peito. Seus olhos já estão escurecendo, sua sobrancelha rachada e sangrando. Sangue está escorrendo de sua boca e nariz, na frente de sua camisa, encharcando-a mais rápido que a chuva.

Eu o encaro com horror, me perguntando onde diabos eu estava, se eu me tornei um monstro como Royal, fora do meu corpo, como se outra pessoa estivesse agindo em meu lugar.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me agarra pelos ombros novamente e esmaga sua maldita boca na minha. Eu grito em choque, mesmo que ele tenha me avisado. Quando eu viro meu rosto, ele se afasta e agarra meu colar em seu punho.

— Como *you* ousa usar essa porra de colar e esfregá-lo na minha cara? — ele rosna, arrancando-o do meu pescoço. Eu tropeço nele, mas o fecho se quebra e ele joga o colar na estrada. — Eu sei o que essa porra significa. Significa que você está abrindo as pernas para um menino Darling, assim como minha irmã. Já foi ruim o suficiente vê-lo no pescoço dela, e agora tenho que fingir que não o vejo no seu?

— Como você ousa me dizer para quem eu posso abrir minhas pernas? — Eu grito com ele. — Você não me deu essa escolha na primavera passada, não é?

— Como você ousa me enviar vídeos de você transando com o homem que você sabe que eu odeio mais do que qualquer um neste mundo? — ele responde de volta. — E isso diz muito, porque a lista é muito longa. Você quer me ver enlouquecer, Harper? Envie-me mais uma foto daquele filho da puta e eu juro que você não vai gostar do que acontece a seguir.

— Por que você se importa com quem eu fodo? — Eu estalo. — Uma hora atrás, você admitiu que ninguém jamais iria querer me tocar novamente. E *essa* lista inclui você. Então não me diga que não consigo encontrar qualquer aparência de conforto que seja capaz com a única pessoa que você destruiu mais completamente do que eu.

Ele olha para mim, seus olhos queimando de raiva. — Tire a jaqueta dele, — ele diz, sua voz baixa e mortal.

— Foda-se, — digo, pisando forte no carro.

Royal passa na minha frente pouco antes de eu alcançá-lo, e eu pego o olhar em seus olhos. Meu coração para. Eu corro para o outro lado, passando por ele, mas ele gira e me pega pela cintura por trás. Ele se vira e me joga para trás, e eu caio com força no capô do carro. Eu rolo, mas ele pula no para-choque e bate em mim, me jogando de costas.

— Eu disse, tire a porra da jaqueta dele, — ele rosna.

Sinto o metal amassado sob nosso peso, mas não me importo com a porra do carro. Por um minuto, nós lutamos sem palavras enquanto ele arrasta a jaqueta sobre meu braço. Por fim, consigo rolar, mas ele usa o movimento para tirar a jaqueta de mim e arrancá-la do meu outro braço. Ele joga na grama e me vira de costas, montando em meus quadris.

— Eu te odeio, — eu me enfureço com ele, balançando a mão. Minha palma bate em sua bochecha com tanta força que arde. — Você é um bastardo doente e podre, e eu não posso acreditar que já deixei você me tocar.

— Eu também te odeio, sua vadia de merda. Ele agarra meu queixo e aperta, seus dedos cortando minhas bochechas até que minha boca é forçada a abrir. Ele se inclina sobre mim, move sua mandíbula e cospe um longo jato de sangue quente em minha boca.

Estou tão chocada que engulo antes de conseguir me conter. Então eu o esbofeteio novamente, minha palma acertando sua bochecha manchada de carmesim e salpicando meus braços com manchas de seu sangue. Eu cuspo, tentando limpar minha boca de seu sangue, e espirra sobre suas bochechas. Ele pisca e prende minhas mãos, inclinando-se novamente. Acho que ele vai cuspir em mim, mas em vez disso, ele passa a língua pelo meu rosto, deixando um rastro largo e úmido de saliva na minha bochecha, substituindo o sangue, as lágrimas e a chuva.

— Eu não vou apenas beijar você, baby, — diz ele. — Eu vou te foder, e você vai gostar.

— Então é melhor você me matar primeiro, — eu rosno para ele. — Porque essa é a única maneira de seu pau entrar em mim novamente.

— Isso pode ser arranjado, — diz ele, sentando-se. Ele olha para o meu estômago, onde minha camisa subiu quando estávamos lutando, e seus olhos se arregalam. Ele transfere meus pulsos para uma mão, puxando-os acima da minha cabeça, e brinca com o pequeno arco no meu umbigo.

— O que é isto?

— É um piercing, — eu digo. — Preston me deu. Ele fez isso sozinho. E eu amo isso pra caralho.

O dedo de Royal passa por ele e ele o arranca. Uma pontada de dor vai direto do meu umbigo pelo meu corpo até o carro. Não consigo nem respirar para gritar. Eu posso sentir uma poça de sangue quente na minha pele onde ele rasgou. E é tão bom. Cada batida do coração é um latejar de dor, e isso é tudo que eu sinto. A raiva se foi, a dor, a confusão.

Ele se inclina para baixo, pressionando sua boca quebrada na minha. Eu o beijo de volta com força, punindo seus lábios inchados com os meus. Eu o ouço desafivelando o cinto e me abaixo, empurrando suas calças para baixo, precisando dele de uma forma que não entendo, precisando da dor para obliterar tudo o mais que não quero sentir agora. Ele se abaixa sobre mim, e posso sentir o mesmo desejo nele. Seu pênis está quente e duro contra minha barriga, pulsando contra a carne dilacerada do meu umbigo.

— Você quer me dizer novamente que nenhum homem pode querer você? — ele diz, sua voz áspera contra a minha boca, seu pau deslizando no meu sangue.

— Qual é o sentido de me foder? — Eu estalo. — Você não consegue nem terminar quando duas garotas estão chupando seu pau ao mesmo tempo. Você não é um perdedor, Royal. Você travou.

— Oh, eu vou terminar desta vez, — diz ele, empurrando meu jeans para baixo sobre meus quadris. — Confie em mim, baby. Eu vou gozar tão profundamente dentro de você que você não vai conseguir se lembrar de nada além da forma como meu pau possui cada centímetro de você, por dentro e por fora. Você é minha, Harper. Nunca acaba. Você está certa sobre isso.

A chuva cai mais forte, martelando contra o metal ao nosso redor, abafando a chance de uma resposta. Ele leva a mão à boca, cuspidando uma poça de sangue e saliva na palma da mão, e então a afunda entre minhas coxas. Seus dedos lisos me abrem, acariciando habilmente meu centro, enviando uma onda de desejo através de mim.

— Então cale a boca e faça isso, — eu grito para ele sobre o som da chuva no carro, o som do capô amassando sob nós, o trovão retumbando e as árvores uivando ao vento. — Ou você está tão fodido que nem consegue mais gozar para mim?

Ele enterra um dedo dentro de mim, e eu engasgo e arqueio, tentando abrir

minhas pernas, que estão presas pelo meu jeans molhado. — Cale essa boca bonita ou eu vou foder direito desta vez, — ele rosna de volta para mim, inclinando-se para pressionar sua boca quente contra minha orelha. — Você não dá mais as ordens.

Ele se afasta e me observa enquanto seus dedos deslizam em mim rápido e com força, sua respiração acelerada. Chuva e seu sangue pinga de seu queixo, e seus olhos estão vivos e queimando com luxúria. Estou tremendo toda, meu corpo quente e frio, emocionado e apavorado, como se tivesse saltado de um avião sem paraquedas. É assim que termina. Preciso de mais, antes que acabe. Eu posso sentir isso crescendo, algo dentro de mim, algum monstro rugindo para entrar em erupção.

Um lençol de chuva bate em suas costas, espirrando no meu rosto. Ele se inclina sobre mim novamente, sangue escorrendo de sua boca para a minha. Eu puxo sua cabeça para baixo, levantando meu rosto para ele, afundando meus dentes em seu lábio inferior. Seu sangue floresce em minha língua, grosso e salgado como esperma.

Ele se desloca para mim novamente, molhando seu pau no sangue que se acumula em meu estômago antes de se mover para baixo, espalhando a cabeça grossa dele através da minha umidade.

— Foda-me, — eu respiro, minha voz tremendo.

Ele empurra para dentro de mim, e meu sangue se transforma em eletricidade quente e brilhante. Um som surge em mim, subindo como o trovão rolando pelo céu, um grito primitivo e animal que sobe em espiral da minha alma. Ele empurra mais fundo, seu pau grosso e sangrento me esticando e enviando espirais de prazer se espalhando pelo meu corpo. Quando ele preenche meu núcleo, a sensação visceral e crua é demais.

Não consigo me segurar, não suporto me sentir tão bem de novo, não consigo me conter. É muito real. Eu abro minha boca, e ele pressiona sua boca na minha, pegando o som que escapa, engolindo-o. Posso me sentir desaparecendo dentro dele enquanto grito.

Algo muda dentro de mim e a urgência desaparece, como aconteceu quando me cortei. Eu posso sentir o capuz amassando e subindo com cada estocada que ele bombeia em mim, seu pau escorregadio com meu sangue, e seu sangue, e sua saliva, e minha própria umidade. Seus músculos estão tensos, tremendo, e sua boca está na minha bochecha. Seu corpo está duro e quente no meu, mas eu o sinto de uma forma diferente, de uma forma distante.

Eu sei que cometi um erro, que isso é um erro, mas não consigo encontrar

as palavras para parar isso, para reverter o tempo e desfazer essa coisa terrível que fizemos. Este é real. O homem que disse a seus irmãos que eles poderiam me ter, eles poderiam fazer qualquer coisa doentia que quisessem fazer comigo o tempo todo. Ele deixou que eles me machucassem. Ele se afastou quando implorei por misericórdia. Ele fez saber que sua proteção terminou naquele dia. Eu o odeio. Eu o quero morto.

Mas eu disse a ele para fazer isso. Abri minhas pernas e convidei o monstro a entrar, mesmo depois de ter comido minha alma pela última vez. O que há de errado comigo?

Tudo bem, no entanto. Não vai durar para sempre. Vai acabar logo.

Está bem.

Eu continuo dizendo a mim mesma até que seja verdade. Eu não estou sendo ferida. Quase não consigo mais senti-lo se movendo dentro de mim, nos lugares mais profundos. Há um vago prazer nisso, como ter um dia de folga para não fazer absolutamente nada. O ar pesado e úmido ao nosso redor e o metal liso sob minhas costas desaparecem, substituídos por lençóis macios e luxuosos e uma sala com ar-condicionado frio, o ar seco, fresco e limpo.

Estou segura. Estou segura porque isso é tudo que ele quer, e ele não aguenta mais nada. Eu sei, porque isso já aconteceu antes. Não há mais nada para dar. Este é o fim da linha, a última coisa, e eu desisti de tudo. Agora posso relaxar e saber que não preciso lutar.

Eu me submeto, desisto de tudo, como fiz no loft com Preston. E está tudo bem.

— Harper.

Sua voz é afiada, cortando a névoa dos meus pensamentos, o véu de segurança me protegendo. Seus dedos cortaram minhas bochechas novamente, a dor me empurrando para trás. Meus olhos se abrem. Eu tento não me mexer, deixar isso ficar bem, deixar isso fazer parte da submissão. Se posso me submeter a tudo o que ele fez antes, posso me submeter à dor.

— Harper. — Sua voz é mais gentil agora, mas igualmente autoritária. Seu aperto no meu queixo afrouxa, mas ele não me solta. Ele desliza dois dedos em minha boca, os que estavam dentro de mim. Eles têm gosto de boceta e sangue, meu e dele. — Fique comigo, baby, — diz ele. — Eu estou bem aqui. Olhe em meus olhos. Não vá embora.

Ele começa a se mover dentro de mim novamente, segurando meu queixo

para que eu não possa desviar o olhar, seus dedos na minha língua forçando minha presença. Eu fecho meus lábios, provo nosso sabor combinado e o calor pulsa em meu núcleo. Eu posso senti-lo dentro de mim, tão grande, seu pênis lutando contra minhas paredes, recuperando as profundezas de mim, onde dói em meu núcleo. O ritmo dominante de suas estocadas me possui, força minha resposta.

Deus, é bom, muito bom, oh Deus, eu não posso...

Eu me afasto dele, mas não fecho os olhos. Vou deixá-lo ver que estou lá, do jeito que costumava fazer com Mav, onde era algo satisfatório, mas eu não fazia parte disso. Vou deixá-lo me ter aqui enquanto ele goza, mas não posso me juntar a ele. A última vez...

Ele puxa sua mão de volta, e sua palma estala em minha bochecha. A picada chocante disso dispara direto pelo meu corpo até o centro do meu ser. De repente, sou empurrada para dentro do meu corpo com uma presença física tão brutal que dói. Meu núcleo aperta com tanta força que ele suga uma respiração audível, seus dedos segurando o topo do capuz enquanto ele responde com um impulso cruel. Ele agarra meu quadril com a outra mão, prendendo-me lá com um aperto contundente enquanto ele mói em mim.

Ele se inclina, seus olhos profundos e autoritários, sangue escurecendo metade de seu rosto. — Goze para mim, minha putinha.

Ele enfia seu pau tão fundo em mim que quase engasgo.

Eu grito, tentando escapar, fugir, mas ele me dá um tapa de novo, desta vez na outra face. E ele está dentro de mim, me levando, me entregando, destruindo cada centímetro de mim. Ele bate em mim implacavelmente, sem oferecer trégua, sem fuga. Seu pau está nu, grosso e escorregadio, e dói, e é tão bom que não consigo suportar.

E eu quero tudo.

Eu quero que ele me consuma, me afogue, me possua como o demônio que ele é.

— Royal, — eu suspiro, empurrando seus ombros, precisando dele, eu não posso suportar isso.

— Goze, — ele rosna novamente, seus quadris poderosos empurrando seu pênis no centro do meu núcleo, atingindo algum lugar dentro de mim que é tão profundo, tão doloroso e cru que não consigo me conter.

Eu grito de novo, arqueando para cima, meu corpo apertando forte em torno dele pela segunda vez. Desta vez, é ele quem faz um som de engasgo, seu pau latejando dentro de mim. A sensação me leva ao limite, e não consigo voltar no tempo. Essa coisa que está lutando para sair, esse monstro dentro de mim, entra em erupção. Eu a sinto se libertando, furiosa como a tempestade ao nosso redor, a chuva batendo contra nós, as árvores balançando como agonia ao vento. Enquanto isso me domina, eu grito o nome de Royal, minhas unhas cravando em sua pele, meu corpo finalmente cedendo, me submetendo ao seu domínio, sua reivindicação. Eu sou impotente para pará-lo.

Eu sou dele.

Eu gozo. Estou chorando e furiosa, estou cheia de ódio, desamparo e alívio, e ainda estou gozando com tanta força que não consigo me conter. Não sei o que está acontecendo, porque não vai acabar. Acho que estou dizendo alguma coisa, mas é engolido pela tempestade, e ele está sobre mim, me observando.

Seu espermatozoide quente flui para dentro de mim, se espalhando dentro de mim como um vírus que me tomou, correndo pela minha corrente sanguínea até que ele faz parte de cada respiração, cada célula do meu ser. Porque eu não sou só dele.

Ele é meu.

Quando finalmente começo a descer, estou tremendo incontrolavelmente. Eu quero pegar tudo de volta. É demais e não consigo lidar com isso. Porque a coisa que acabou de se libertar dentro de mim, que está uivando, arranhando e me dilacerando por dentro, lutando para escapar, não é um monstro.

Sou eu.

As mãos de Royal estão no meu rosto, embalando-o suavemente, mesmo enquanto seu pênis permanece dolorosamente dentro de mim, e seus lábios roçam os meus, ainda escorregadios com sangue. Quando meus olhos encontram os dele, vejo tudo nele, sua raiva e arrependimento, sua escuridão e fragilidade, sua destrutividade e vulnerabilidade. Por um segundo, não consigo respirar, não consigo me mover ou falar, muito esmagada pelo peso do fardo que ele carrega por sua própria existência para reagir.

E então ele fala.

— Obrigado, — ele sussurra, sua respiração quente na minha pele molhada.

Nessa única respiração, uma batida do coração, o espaço entre as batidas do coração onde a vida é medida e decidida, eu não tenho peso. Estou perdida e sou

encontrada, estou destruída e renovada, sou insignificante e infinito. Eu sou dele e sou livre.

E então respiro fundo e estou aqui, com o sangue dele na minha boca e o meu sangue entre nossos corpos, o metal sob minhas costas, a chuva na minha pele. Minha boceta vibra ao redor dele, os espasmos indefesos do orgasmo ainda correndo por mim, estremecendo ao longo de meus membros e subindo pela minha cabeça, me deixando tonta de poder e felicidade.

Royal se apoia nos cotovelos, afundando a cabeça no meu pescoço, seu hálito quente úmido no frio úmido da noite. — Harper, — diz ele, sua voz pouco mais do que um suspiro.

— Shhh.

Ficamos deitados ali por um longo tempo, meu corpo ainda apertado em torno dele como uma câibra. Demoro um pouco para eu relaxar, para meu batimento cardíaco voltar ao normal. Faróis nos iluminam, mas Royal apenas me cobre com seu corpo, escondendo meu rosto com seus ombros largos. O carro buzina e vai embora, e é aí que a realidade realmente volta.

Empurro Royal para cima. Ele desliza para fora de mim, e uma onda de seu esperma quente desliza para fora com seu pau. Eu estremeço quando me sento, revisitando a dor familiar, mas quase esquecida, que vem de uma batida Royal Dolce. Eu deslizo para fora do capô e recupero o equilíbrio na lateral do carro, lutando para puxar meu jeans molhado. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e eu sou grata que a chuva as cobre.

Eu posso sentir seu sêmen quente escorrendo pelas minhas coxas frias como lágrimas de vergonha. Não pensei que fosse possível me odiar mais do que já me odiava, mas, de alguma forma, Royal torna isso possível.

Eu luto com meu jeans para cima, minha cabeça girando, tentando aceitar o que acabou de acontecer. Meu telefone escorrega do bolso de trás, caindo no asfalto molhado. Quando me endireito, jogo meu cabelo para trás e Royal geme. Ele me agarra por trás, seu braço grosso envolvendo minha cintura e me puxando contra a grade do carro. Ele acaricia meu pescoço e minha garganta apertada dolorosamente.

— Eu tenho que ir, — eu digo, tentando ignorar a insanidade acontecendo em meu corpo quando ele me toca, rosna contra a minha nuca, belisca minha pele.

— Quem está mandando uma mensagem para você? — ele pergunta.

— Preston, — eu digo, saindo de seus braços.

Parece que acabei de dar um tapa nele. Ele se vira para levantar a calça jeans e se situar antes de falar. — Por que Preston está mandando uma mensagem para você depois da meia-noite de uma sexta-feira?

Eu suspiro e deslizo meu telefone de volta no meu bolso. — Isso importa?

— Sim, importa demais. — Ele segura meu olhar, esperando. E vejo que isso é importante para ele, mesmo que não deva. Quero ficar feliz por estar machucando-o, mas não estou. Isso só me dá vontade de chorar, e eu passei muito tempo chorando nos últimos meses.

— Ele está com o teste de DNA, — eu digo, puxando minha camisa ensanguentada para longe da minha barriga. A chuva arde na pele rasgada do meu umbigo. — Para ver se... O que Baron disse é verdade.

— E se não for?

— Eu não sei, — eu respondo honestamente.

— Você vai voltar para ele? — Royal pergunta. — É isso que você quer? É por isso que você sai correndo antes que meu pau esteja seco?

— Royal... — Eu afundo no para-choque, e ele desce para sentar ao meu lado. Eu o observo com o canto do olho, esse garoto danificado e destrutivo que possui cada parte de mim, não importa o quanto eu lute contra isso.

— Você escolheria os Darlings, mesmo que não seja um. — Desta vez, ele não está pedindo. Seus ombros caem em derrota.

— Eu não estou escolhendo ninguém, — eu digo. — Você é quem está fazendo a escolha por mim.

— O que você quer que eu faça? Perdoe eles? Nem todo mundo é como você, Harper.

— Eu nunca pediria a você para perdoá-los, — eu digo. — Mas eu não os odeio. Preston é meu amigo. Colt é meu amigo. Você não pode machucar meus amigos e esperar que eu fique bem com isso.

— Eu vou com você, — diz ele, levantando-se abruptamente.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Eu não perguntei o que você pensa, — diz ele, estendendo a mão. — Eu não confio em Preston.

Eu não posso deixar de rir. — O que exatamente você acha que ele vai fazer comigo, Royal?

— Você fodeu com ele, — diz Royal, olhando para mim.

— Sim, — eu digo. — Eu fodi ele.

Ele se encolhe, mas continua, e sei que deve estar matando-o porque sei o quanto ele odeia pensar em mim com qualquer outra pessoa. Mas ele nunca teve medo da dor. — Sem camisinha.

Eu quero baixar meu olhar, para evitar ver o jeito que ele está olhando para mim, mas eu não faço isso. — Sim.

— Você o deixou gozar dentro de você.

— Sim.

Seus olhos se estreitam, suas narinas dilatadas. — Você gostou?

Eu dou de ombros. — Não sei. Às vezes, eu acho.

— Mais do que você gosta de me foder?

— Não era o mesmo, — eu digo, balançando a cabeça. — Posso ir?

— Você gozou?

— Como isso importa? — Eu me levanto para passar por ele, mas ele dá um passo na minha frente, bloqueando meu caminho até a porta do motorista.

— Você gozou? — ele pergunta novamente, rangendo cada palavra.

— Não, — eu digo. — Eu nunca gozei. Feliz agora?

— Idiota, — diz ele.

— E você? — Eu pergunto, cruzando os braços e olhando para ele. — Com quem você fodeu desde que terminamos?

— Ninguém.

Nós olhamos um para o outro por um longo momento enquanto as árvores balançam com uma rajada de vento, a chuva batendo em nossos corpos e colando nossas roupas ensanguentadas contra nós. — E as mulheres do hotel? — Eu chamo por causa do barulho.

— Eu disse a você, eu terminei com isso.

— Nas férias de primavera, quando você acabou de me largar, e as Waltons estavam lá para serem fodidas, — eu digo. — Você não transou com ninguém?

Ele engole. — Apenas Lo.

— Apenas Lo.

— Ninguém desde aquela noite, — diz ele. — Nem mesmo ela.

— E como ela estava? — Eu pergunto, um tom de provocação na minha voz. — Você gozou?

Royal franze a testa para mim.

— Então acho que estamos quites, — eu digo. — Nós dois transamos com uma pessoa desde que terminamos. Preston não esteve com ninguém desde que nos conhecemos, então ele está limpo. E Lo não tinha estado com mais ninguém desde a última vez que você transou com ela. Ainda estou tomando controle de natalidade, então devemos ficar bem.

— Por que você está agindo como se isso não fosse acontecer de novo?

Eu engulo a angústia em minha alma e forço minhas palavras. —

Cometemos um erro. Não muda nada.

Ele me dá aquele sorriso idiota que me deixa toda quente e incomodada, com os olhos semicerrados e o queixo inclinado para cima para que ele possa olhar para mim como o bastardo presunçoso que ele é. — Ok, Cherry Pie, — diz ele, parecendo zero por cento convencido.

Eu cerro minha mandíbula e mostro os dentes em meu sorriso mais feroz. Então repito as palavras que ele me disse uma vez. — Só porque eu fiz você gozar, não se apegue.

— Me dê as chaves.

— É o meu carro.

Ele não diz nada, apenas estende a mão.

Eu estreito meus olhos para ele. — Ou é o seu carro, Royal? A cor personalizada é cereja preta?

— Você precisava do seu próprio carro.

Seu olhar é frio, como se não significasse nada. Mas significa tudo para mim. Um veículo é uma fuga, uma maneira de correr, segurança e liberdade reunidas em um belo pacote. Eu tenho que dar crédito onde o crédito é devido, mesmo que ele nunca tenha pedido. Inferno, ele nem me disse que comprou o carro, muito menos esperava gratidão. Ele só queria que eu o tivesse, mesmo que eu nunca soubesse de onde veio. Mas como ele me conhece, ele sabia que eu não aceitaria um presente como esse dele. Ele me deixou acreditar que seu pior inimigo me deu, mesmo sabendo que eu mostraria minha gratidão a outra pessoa, e isso parte a porra do meu coração.

— Obrigada, — eu digo, meu peito apertado de emoção. — Isso é... generoso demais.

— Cale a boca e me deixe dirigir.

— Você não faz mais as regras, Royal.

Ele fica lá com a mão estendida até eu suspirar e bater as chaves em sua palma. Pego minha arma e a jaqueta de onde ele os jogou e os coloco de volta antes de subir no lado do passageiro. Eu meio que espero que ele rasgue a jaqueta novamente, mas ele nem olha para ela.

— Aonde estamos indo? — ele pergunta.

— Propriedade do vovô Darling.

Ele ri. — Diga a ele para nos encontrar no rio.

Dez minutos depois, paramos ao longo da estrada como tantas vezes antes. A caminhonete de Preston já está lá, estacionada do outro lado, as luzes iluminando a ponte e a chuva constante caindo entre nós.

— Eu deixei você vir comigo, — digo a Royal. — Eu deixei você dirigir. Agora é sua vez de fazer o que eu peço. Ou fique no carro ou seja bonzinho.

Sua mandíbula aperta, e ele olha para mim. — Você quer que eu seja legal com seu priminho filho da puta?

— Se você insiste em me seguir, é melhor se acostumar a vê-lo, — eu digo. — Se você não gosta, vá embora.

— Você realmente está escolhendo os Darlings.

— Eu me recuso a escolher um lado ou outro. Se você chama isso de fazer uma escolha, esse é o seu problema.

Royal apenas olha.

Eu suspiro. — Olha, você sabia para onde eu estava indo. Você sabia com quem eu estaria saindo. Eu não pedi para você estar aqui agora. Esta foi a sua escolha. Se você não quer vê-lo, fique no carro.

Ele continua olhando por um longo minuto. — Tudo bem, — diz ele finalmente. — Vamos.

Saímos do carro e começamos a atravessar a ponte. Preston está lá com um guarda-chuva. Quando me aproximo, vejo que ele está segurando uma garrafa de uísque.

— Você está bêbado? — Eu pergunto quando nos aproximamos.

— Que porra ele está fazendo aqui? — Preston resmunga. Sua pergunta é dirigida a mim, mas seu olho está focado acima da minha cabeça, onde Royal está andando atrás de mim.

— Estou cuidando dela, — diz Royal. — Aparentemente, isso significa que é melhor você se acostumar a ver muito mais de mim ou muito menos de Harper.

— Onde está sua corda? — Preston pergunta. — Ou você trouxe uma

arma desta vez? Já que você não trouxe os gêmeos de tortura, presumo que não vai me incendiar novamente.

— Não preciso de uma arma, — diz Royal. — Vou arrancar seu pau com minhas próprias mãos e enfiá-lo em sua garganta até você morrer sufocado.

— Pare, — eu ordeno. — Vocês dois. Royal, eu disse para você ficar no carro se não puder jogar bem.

— Jogue bonito? — Preston pergunta, uma risada escapando dele que envia um arrepio na minha espinha. Não é o Preston que conheço, o homem quieto e meigo da máscara. É uma risada fria e sem coração, sem humor. Lembro-me novamente de que só conheço um lado dele, o lado que ele escolheu para me mostrar. Com sua máscara brilhando no escuro, ele parece assustador e maligno.

— Vocês dois, — eu digo, olhando para ele. — Você me disse para encontrar meu sol. Acho que sim.

— Eu quis dizer um objetivo, — diz Preston. — Uma saída desta cidade.

— Encontrei meu sol, — digo. — Você não decide o que ou quem é.

— Ele contou sobre a última vez que estive aqui? Preston pergunta. — Você mesma deveria ter adivinhado, senhorita A. Tenho certeza de que ouviu falar disso na escola, mesmo que ele já tenha se formado.

— O que você está falando?— Meu estômago revira e olho para Royal.

Parece que ele precisa de um hospital. Ele olha para Preston com seu rosto espancado - seus olhos machucados, seu nariz inchado e torto pelos golpes anteriores, seus lábios rachados e sangrando. Porra. O pensamento de que sou capaz disso faz meu estômago revirar por um motivo diferente.

— Sempre que alguém da família Dolce morre, vale a pena questionar, — diz Preston. — Um bilhete de suicídio é apenas uma isca.

— Você não sabe do que está falando, — Royal diz categoricamente.

— Ou talvez ele realmente tenha feito isso, — diz Preston. — Não seria a primeira vez que alguém pularia desta ponte para fugir de você. Pelo menos ele não desperdiçou um bom carro como sua irmã.

Royal avança, seus pés trovejando na madeira.

Preston larga o guarda-chuva e recua, movendo-se para o lado e quebrando

a garrafa de uísque contra o corrimão. Ele acerta Royal, mas Royal se abaixa e o joga contra a amurada. — Mencione minha irmã novamente, e você será o próximo a ultrapassar o limite, — rosna Royal, sua mão ao redor da garganta de Preston.

— Royal, — eu grito, empurrando-me entre ele e Preston. Eu bato minha palma contra seu peito, empurrando-o para trás. — Preston faz parte da minha vida. Não estou pedindo para você ser amigo dele. Mas você precisa aceitar que sou, se quiser fazer parte disso também. Isso significa que você não vai machucá-lo ou ameaçá-lo. Isso vale para ele, Colt, Magnolia, Gideon, Dixie e Gloria. Esses são meus amigos. Eles ajudaram a consertar o que *você* quebrou. Se eu posso te perdoar, então você pode fazer isso por mim. E se você não pode, então você fez a escolha por mim. Então, saia. Agora mesmo.

Ele me encara por um longo minuto, sua mandíbula apertada, seus olhos cheios de tanto tumulto e mágoa que quase me quebra. Mas não posso mais quebrar. Então eu me mantenho forte, e depois que o silêncio carregado se estende até se tornar doloroso, ele balança a cabeça e dá um passo para trás. — Ok, — diz ele calmamente.

Sinto o peso do momento pesar sobre mim. É algo a ser valorizado, a ser tratado com o máximo cuidado. Porque a palavra dele pode ser simples, mas carrega o significado de tudo o que ele sente por mim. Ele sabe que esta é a única maneira de permanecer na minha vida e está me dizendo que valho a pena, assim como fez no Slaughterpen quando me deu o que eu precisava e mostrou que me achava digna dele.

— Você o perdoou? — Preston pergunta, olhando para mim incrédulo. — Depois do que ele fez com você?

— Sim, — eu digo. — E o mesmo vale para você. Royal faz parte da minha vida. Não sei o que vai acontecer, mas sei que estou ligada a ele agora, assim como estou ligada a você. Então, se você quer fazer parte da minha vida, vai ter que deixar de lado o que veio antes de mim e aceitar que Royal vai fazer parte dela também. Ele não vai a lugar nenhum.

— Sim? — diz Preston. — Bem, acho que vou, então.

Ele passa por mim, mas eu agarro seu braço. — Preston...

— Foda-se, Harper, — diz ele. — Você não tem ideia do que está pedindo. O que esse psicopata fez com minha família. Estupro, assassinato, mutilação, desmembramento... Porra, diga, e ele fez isso. Não fique aí parada defendendo-o para mim. Se você está do lado dele, não está do meu e nunca estará.

— Eu não estou do lado de ninguém, — eu digo, jogando minhas mãos para cima em frustração.

— Então você é parte do problema, — diz ele. Ele se vira e vai embora.

— Acho que você não precisa escolher, afinal, — Royal diz baixinho.

Nunca vi ninguém se mover tão rápido. Preston gira, e ele está no Royal na quantidade de tempo que alguém deveria levar para dar um passo, não cinco. Ele agarra Royal, e os dois tropeçam e escorregam na madeira molhada antes de bater contra o corrimão. Seus corpos colidem em um borrão de músculos tensos sob o tecido molhado, ambos grunhindo e batendo um no outro com golpes rápidos, tudo o que conseguem enquanto estão presos juntos, se esforçando e respirando com dificuldade enquanto se chocam contra a grade.

— Pare, — eu grito, saltando para eles.

Royal é maior, mas Preston pegou a garrafa de uísque quebrada e a enfiou na garganta de Royal. Eu posso ver seus músculos tensos através de sua camisa encharcada, a raiva vibrando em cada célula de seu corpo. A mão de Royal está travada em torno do antebraço de Preston, impedindo que o vidro pontiagudo perfure sua garganta.

— Preston, — eu digo, minha voz forte, embora meu coração esteja acelerado. Eu forço as palavras, firmes e rápidas, com medo de que ele o mate antes que eu possa impedir. — Você não quer fazer isso. Você vai matá-lo. Quer passar o resto da vida na prisão? Você não pode proteger sua irmã de lá. Você não pode ajudar sua família.

Royal tira a mão do braço de Preston, deixando o homem menor pressioná-lo contra a grade. — Faça isso, — diz ele, sua voz inexpressiva. — Apenas acabe com isso, Preston.

O braço de Preston fica tenso e ele vira a garrafa. Antes que ele possa cortar a garganta de Royal, eu balanço. O soco inglês bate em sua têmpora e ele cambaleia para o lado, a garrafa batendo nas tábuas de madeira e girando na borda, caindo no rio abaixo. Sua máscara voa, deslizando pelas tábuas de madeira. Royal apenas fica parado olhando para mim, sangue escorrendo pelo pescoço de onde a garrafa cortou sua pele.

— Que porra é essa, Royal? — Eu estalo. — Se alguém está tentando te matar, você não os encoraja, porra!

Preston cai sobre um joelho, sua mão indo para sua têmpora, a outra apoiada no chão. — Eu te dei aquela arma, — ele diz, suas palavras lentas e

medidas. — Eu te dei tudo.

— Eu estou farta de vocês dois, — eu digo, me virando e agarrando meu cabelo com as duas mãos, tão frustrada que poderia gritar. — Isso tem que parar. Essa coisa toda. Suas famílias vão se matar e toda esta cidade, e para quê? Você pode matar todos os Darlings do mundo, Royal, e isso não trará sua irmã de volta. Sinto muito, mas ela se foi.

Ele não vacila. Ele apenas toca o sangue escorrendo pelo pescoço. Não é muito, apenas alguns pequenos cortes que a garrafa deixou.

Eu me viro para Preston. — E você. Eu sei que você acha que eles estão vivos, mas quer saber? Isso não importa. Colt estava certo. Devlin não vai voltar para te salvar, para juntar a tua família, para parar os Dolces. Se ele está vivo, ele está vivendo sua melhor vida, fazendo o que ele quer, e não voltando aqui. Então pare de esperar por ele, saia de casa e faça alguma coisa. Você diz que sou parte do problema porque não quero matar Royal? Você também é parte do problema. Eles são sua família e você não fez nada além de escrever mensagens assustadoras e coletar informações. Você tinha tudo o que precisava para arruiná-los e não fez nada com isso!

— Eu salvei sua vida, — ele diz, soando desanimado e derrotado, como se ele não pudesse acreditar que eu não estou fazendo a porra de um desfile para ele.

— Não seja tão hipócrita, — eu retruco. — Todos nós sabemos que você não fez isso pela bondade de seu coração. Você não é um bom samaritano que apareceu e me salvou. Se fosse isso que você estivesse fazendo, você teria me levado para um hospital e me deixado lá. Mas não. Você viu uma oportunidade de ferir Royal e aproveitou.

— Eu queria ajudar.

— Sim, e você queria enviar vídeos a Royal de você me fodendo para deixá-lo louco, — eu digo. — Não finja que fez tudo para o meu próprio bem. Você viu como eu estava fora de mim e queria uma bonequinha para vestir e brincar, foder com os Dolces, fazendo-me parecer a irmã deles.

— Não era isso que eu estava fazendo.

— Então o que? — Eu pergunto. — Você queria fingir que ela era sua namorada? Eu não sou ela, Preston. Eu sou eu. E você não era meu namorado. Você era meu mestre de marionetes. Inferno, eu nem sabia o seu maldito nome na maior parte do tempo.

— Eu nunca machuquei você, — ele diz, finalmente se levantando, seus olhos encontrando os meus, sem máscara em seu rosto. Um nó já está se formando na lateral de sua cabeça.

— Verdade, — eu concordo. — Não muito, de qualquer maneira. Não depois dos primeiros dias. Então parabéns. Você não é um filho da puta sádico como o Baron. Mas também não finja que você é um herói. Sabe, por um tempo eu pensei que você fosse. Eu até dei crédito a você pelo pouco medo que tenho de sexo, já que você nunca me deixou congelar sobre isso. Mas agora que me lembrei de como deve ser o sexo...

Eu tento não perder minha linha de pensamento. Eu me fiz esquecer a dor de ser preenchida por Royal Dolce, do jeito que doía tão bem que eu não sabia se queria chorar ou gozar. Eu me forcei a esquecer que poderia ser bom, que qualquer coisa poderia ser bom. Eu apenas deixei Preston fazer o que ele quisesse comigo, como uma boa bonequinha, porque eu sabia que se eu fosse boa, ele nunca me machucaria.

— Você fodeu Royal? — ele pergunta, olhando para mim como se eu fosse uma estranha, como se fosse uma traição.

Mas não posso traí-lo porque nunca houve nada para trair.

— Você nunca perguntou se eu queria fazer sexo, — eu digo. — Você acabou por fazendo isso. Você presumiu que eu ficaria bem com isso, porque eu lhe devia minha vida.

— Eu nunca pensei que você me devia.

Eu dou de ombros. — Então talvez você tenha feito isso porque sou de Mill Street, então obviamente sou uma vagabunda que está disposta a foder qualquer um a qualquer momento, mesmo dois dias depois de ter sido estuprada por uma gangue por oito horas.

— Eu nunca forcei você a fazer nada.

— Mas você com certeza nunca se importou se eu queria, também.

— Eu me certifiquei de que você estava confortável.

Eu não posso deixar de rir. — Confortável? Então, isso é tudo que uma mulher pode esperar durante o sexo? Você não se importava se eu gostava, se eu ganhava alguma coisa com isso. Contanto que eu não estivesse fisicamente com dor, isso é tudo que importava.

Ele olha para o rosto impecável de Royal, então desvia o olhar como se não suportasse ver o que ele não possui mais. — Eu perguntei uma vez se você queria que eu fizesse você gozar. Você disse que não. Não aja como se o que eu fiz fosse tão ruim quanto o que ele fez.

— Então não aja como se você fosse um santo, — eu digo. — Você salvou minha vida, mas não fez isso por mim.

Ficamos parados olhando um para o outro por um longo minuto, a chuva caindo em nossos rostos. Royal pode parecer perfeito, mas é o rosto de Preston que atrai meu olhar. Ele é o único de nós que pode tirar a máscara, cujo rosto mostra a verdade - a beleza de um lado e a cicatriz trágica do outro, as duas metades de quem ele é.

Esses dois homens fizeram coisas terríveis um ao outro e a mim, mas ainda estamos de pé. Somos todos vítimas uns dos outros e da vingança que nenhum homem pode abandonar. Mas sou a única que pode ver além da mágoa e da raiva para ver o que aconteceu e o que continuará a fazer se eles não pararem. Sou a única que pode abrir mão disso e perdoar e, naquele momento, sei que perdoá-los não me torna fraca ou tola. Isso me torna a mais forte de nós, a única forte o suficiente para impedir isso.

— Cristo, — diz Preston depois de um longo silêncio. — É assim que foi para você? Eu estava tentando te proteger, caso você fosse embora. Não é assim que eu queria que você encarasse. Sinto muito, Harper. Eu sinto muito.

Ele se aproxima e me puxa para seus braços, me apertando contra ele e pressionando seus lábios na minha testa. — Foda-se, Harper. Eu não pensei sobre isso da sua perspectiva. Eu não queria fazer você se sentir...

— Usada?

— Você está certa, — diz ele. — Eu estava usando você, mesmo que não visse dessa forma. Eu estava planejando, no entanto.

— Planejando... O quê?

— Para usar você, — diz ele em voz baixa. — Para se vingar deles. Pensei que quando estivesse forte novamente, seria a arma perfeita. Foi por isso que te fiz parecer com ela. Mas não consegui continuar depois que você tentou pular do telhado naquele dia.

— Você tentou o quê? — Royal Exige atrás de mim.

— Eu não faria isso até que você estivesse melhor, — Preston diz

rapidamente. — Até que você concordasse com isso e pudéssemos planejar juntos. Mas sim. Eu sou uma merda. Sinto muito por ter feito isso com você.

— Está tudo bem, — eu digo. — Eu não estou brava com isso. Eu também te perdoo. Eu só quero que você entenda.

— Eu entendo, — diz ele. — Eu não entendia antes, mas agora eu entendo. E eu... eu realmente me importo com você.

— Eu sei, — eu digo. — Eu também me importo com você.

— Sério? — Royal exige, se afastando da grade e nos dando um olhar de nojo. — Isso é tudo que você precisa para perdooá-lo?

— Você nunca se desculpou, — eu indico, me afastando de Preston. — E ele está certo, você não pode comparar o que ele fez com o que você fez.

Royal não responde. Ele sabe que não deve mentir para mim agora.

— Quer abrir o teste de DNA? — Preston pergunta. — Está na minha caminhonete. Trouxe o uísque para tomarmos alguns goles se precisássemos de coragem antes, ou... Outra coisa depois. Mas acho que isso não é mais uma opção.

— Sim, — eu digo. — Vamos acabar com isso.

Preston estende a mão e eu deslizo meus dedos nos dele. Ele aperta minha mão com força e percebo que ele está nervoso.

— O que está acontecendo aí? — Royal pergunta, acenando para nossas mãos unidas.

— Cala a boca, — eu digo, e pego sua mão. Ele hesita antes de pegá-la. Aperto as duas mãos e juntos cruzamos a ponte onde tudo começou, para ver se é aqui que termina.

Nós três sentamos na caminhonete de Preston, encharcados e silenciosos. Royal me arrastou para o banco de trás e se recusou a me deixar sentar na frente com Preston, então Preston acabou subindo no banco de trás. Agora estou entre eles enquanto a chuva cai no capô. O envelope está nas mãos de Preston, ainda fechado.

— Quero abrir, — digo, estendendo a mão para pegá-lo.

Ele me entrega com um sorriso tenso. — Faça as honras.

Engulo em seco, virando-o em minhas mãos. — Eu gostaria que você tivesse um pouco desse uísque agora.

— Você provavelmente poderia lamber um pouco da ponte, — diz ele. — Você pode conseguir um pouco de vidro com ele, no entanto.

— Não me tente, — eu digo.

Eu não seria a primeira pessoa da minha família a lamber a bebida derramada.

Mas eu não sou minha mãe.

Eu sou eu.

Eu seguro o envelope, sentindo o peso dele como algo precioso. Parece certo ser a única a abri-la. Esta noite, retomei meu poder. Não do tipo que Royal me deu, isso tem a ver com minha posição social e minha posição na escola. Isso ainda está muito em questão. Eu não resolvi as coisas com os gêmeos, embora Baron tenha me procurado em qualquer capacidade que ele pode. Duke ainda está me evitando, e não sei o que fazer com a confusão com Gloria ou Gideon.

Mas esta noite não é sobre eles. Não é sobre mais ninguém. Não é sobre poder social, é sobre poder pessoal.

Reivindiquei meu próprio poder, meu arbítrio. Fiz sexo nos meus termos, do jeito que deveria ser, e parecia... Orgásmico. Não apenas no meu corpo, mas na minha alma. Mesmo que fosse confuso e não planejado, se fosse com um garoto que eu ainda odeio tanto quanto amo, eu queria. *Precisava*. Eu precisava lembrar como deveria ser, não apenas sem medo, mas cheio de imprudência, luxúria e paixão. Então não posso me arrepender, mesmo que tenha sido um

erro. Mesmo quando me arrependi logo depois, sabia que era diferente de todas as vezes com Preston. Desta vez, o erro foi meu.

Minha escolha.

Royal foi a minha escolha.

Mas desta vez, não é à custa de todo o resto. Não à custa das minhas amizades.

Perdoei Royal por sua participação nisso, não porque ele fez algum grande gesto, mas porque eu estava pronta.

E confrontei Preston sobre o que ele fez comigo. Eu o deixei saber que *sei* como isso é fodido, que não estou bem em ser tratada dessa forma, mesmo por um homem que salvou minha vida.

Eu também estou aqui. Sou humana, mulher, e não sou boneca ou brinquedo de ninguém.

Eu sou minha própria pessoa.

Finalmente.

Finalmente, sinto-me eu novamente. Mesmo que eu ainda esteja quebrada e fodida, se nunca mais for a mesma, sei quem é essa versão de mim mesma. E talvez eu sempre estivesse quebrada. Talvez seja assim que eu possa me sentar entre esses dois homens pervertidos e danificados e entendê-los, mesmo depois de tudo que eles fizeram um ao outro e a mim. Talvez seja por isso que eu possa perdoá-los, independentemente de pedirem ou merecerem.

— Abra, — Royal diz, sua voz calma e intensa.

Este é um grande momento para ele também. Nós três temos muito o que enfrentar com base no conteúdo deste envelope. Ou Preston e eu temos que enfrentar o fato de que basicamente tivemos um relacionamento incestuoso por seis meses, ou Royal tem que enfrentar o fato de que tudo o que ele fez comigo foi baseado em uma suposição falsa.

— Espere um minuto, — eu digo, colocando o envelope sobre os joelhos e me virando para ele. — Baron me disse que sou uma Darling. Você acha que eu também sou?

Ele concorda.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Já fizemos um teste de DNA, — admite.

— O que? — Eu recuo, meu coração disparado.

Ele dá o menor encolher de ombros. — Eu queria ter certeza.

— Certifique-se de quê? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para ele.

— Nós já sabíamos que você era. Eu só queria ter certeza. Então, naquela noite você dormiu aqui... — Ele se mexe desconfortavelmente, mas não deixa meu olhar cair.

Sinto meu rosto esquentar, pensando nele limpando meu sangue de seu pau e me perguntando sobre isso. Eu sei que é estúpido, mas me sinto estranhamente violada pelo pensamento de que ele estava tramando contra mim naquele dia. Mas também entendo por que ele fez isso. Ele havia começado a captar sentimentos e estava procurando uma saída. Se eu não fosse um Darling, ele não teria que me destruir.

Preston se inclina para frente, apoiando o antebraço no assento à sua frente e olhando para Royal. — Como você já sabia?

— Papai a encontrou, — Royal diz antes de voltar sua atenção para mim. — Alguém que trabalha para ele sabia sobre sua mãe e seu tio. Eles viveram juntos até logo depois que você nasceu. Eles encontraram algumas... Correspondências online entre sua mãe e John Darling que provavam que você era um Darling.

Eu engulo. Sei que há mais nessa história, que minha mãe estava dormindo com outros dois caras naquela época, mas guardo isso para mim. Ela era uma pobre menina menor de idade, assustada e desesperada que de repente se viu sem-teto e se aproveitou da única gentileza mostrada a ela. Ela merece sua privacidade, sua dignidade. Se ela estava mentindo, o teste de DNA responderá em breve e eu a confrontarei em particular.

— Há quanto tempo você sabia? — Pergunto a Royal, porque quero saber o que o levou até mim em primeiro lugar.

— Desde o começo.

— O começo de quê? — Eu pergunto, meu pulso batendo forte, embora eu não tenha certeza do porquê ainda.

— Desde que encontramos você nos trilhos, — diz ele. — Com aquele professor.

Sento-me, pensando nisso por um minuto. Eles sabiam desde o início, antes mesmo de nos conhecermos. — Você estava procurando por mim, — falo em voz alta.

— Sim, — diz ele. — Baron conseguiu hackear uma conta que você tinha e rastreá-la em seu telefone.

— Bem, isso é assustador pra caralho.

Ele dá de ombros e dá a Preston um olhar fulminante. — Tínhamos acertado as contas com todos os Darlings em Willow Heights, exceto esse babaca, e não conseguimos pegá-lo. Iríamos atrás de Lindsey a seguir, mas ficamos sabendo de você. E você facilitou demais, chupando um professor em público.

— É por isso que você decidiu arruinar minha vida? — Eu pergunto. — Por que foi fácil?

— Não, — diz ele. — Nós não nos importamos com você. Pensamos em lançar o vídeo na sua escola e foder um pouco com você, já que você nem era um Darling de verdade. Mas então você apareceu em Willow Heights e começou a foder com a gente de volta...

Meu estômago se contrai e mal consigo respirar. Eu me viro para Preston, minhas veias geladas de raiva. — Por sua causa, — eu digo. — Esse era o seu plano o tempo todo? Para me mandar para lá, sabendo que eles me atacariam, então eles deixariam sua irmã em paz?

— Não faço ideia do que você está falando.

Eu apenas o encaro. — Eu nem sei o que dizer agora, — eu digo, abrindo o envelope em golpes rápidos e raivosos. — É por isso que você foi tão legal comigo? Por que você me comprou toda essa merda, pagou minhas contas, me deu bolsas de estudo? Isso foi algum tipo de penitência de sua parte, quando você percebeu que eu era uma pessoa real e começou a se sentir mal por tê-los enviado atrás de mim?

— Mais uma vez, não faço ideia do que você está falando, — ele diz, parecendo irritado agora.

Pego o papel e o desdubro, meus olhos examinando-o rapidamente.

— Não é compatível, — eu digo, olhando para cima. Meus olhos encontram os de Preston, e ele sorri. A metade inferior de seu rosto está intacta, ainda arrogante e bonita, mas quando ele sorri, tudo dentro de mim dói.

Ele agarra meu rosto entre as mãos e me puxa, beijando-me com força na boca.

— Que porra é essa? — Royal me puxa de volta. — Se você quer que eu resista a assassinar seus amigos, então eles precisam manter as mãos longe de você.

— Ah, você está com ciúmes? — Eu pergunto, temporariamente cheia de euforia por ter tirado esse peso. Eu não sabia o quanto estava com medo até que meus medos não fossem percebidos. Inclino-me para beijar Royal, mas ele me empurra e vira o rosto.

— É melhor você lavar essa boca com alvejante antes que chegue perto de mim de novo.

Sento-me, deixando minha cabeça cair para trás no assento, e rio. Porra, é bom saber que não sou um Darling. Eu me excitei o suficiente para abrir o envelope sem surtar, mas agora posso me permitir ter esse alívio, essa euforia. Minha mãe não estava mentindo. E eu não fodi meu primo.

Preston pega minha mão e aperta. Ele ainda está sorrindo, parecendo tão aliviado quanto eu.

— Posso ver isso? — Royal pergunta, sua voz baixa.

Certo. Ele é o único que tem que lidar com as consequências. Foi ele que conseguiu o resultado que não queria.

Eu o entrego, meu riso morrendo enquanto o observo ler, virar e verificar os dois lados do envelope. — Onde você conseguiu isso? — ele pergunta finalmente.

— Eu mandei fazer, — diz Preston. — Agora você mesmo pode fazer os kits.

— Então, é apenas um charlatão online fazendo o teste.

— Não, — diz Preston lentamente. — É alguém que não tem interesse nisso. Não algum médico local que sua família comprou.

— Isso mesmo, — eu digo. — Se você já fez um teste e disse que eu era

um Darling...

— Isso tem que estar errado, — Royal murmura, franzindo a testa para o papel. Não há convicção em sua voz, no entanto.

— Por que seu médico iria falsificar um teste de DNA para mim? — Eu pergunto. — Eu nem conheço sua família e definitivamente não conheço nenhum médico.

— Ele não iria fingir para você, — diz Royal. — Ele fingiria para o meu pai.

— Por que seu pai iria querer que você me arruinasse? Eu nunca o conheci, ou qualquer um de vocês... Por que seu pai iria querer atingir um pobre ninguém?

Royal balança a cabeça. — Não era sobre você. Nunca foi sobre você.

Sua voz soa oca e resignada, e seus olhos estão ficando com aquele olhar vazio, aquele que costumava ser seu olhar normal, quando o conheci. Agora, eu não vejo muito isso.

— Então do que se trata? — Eu pergunto, com medo de ouvir a resposta.

— Ele encontrou você, — diz Royal. — Ele pensou que você era um Darling. Já estávamos investidos antes dele fazer o teste. Não dizia o que ele queria, então ele pediu ao médico que forjasse um ou ele mesmo o fizesse, para que ele tivesse algo para me mostrar.

— Por quê?

— Então deixaríamos os verdadeiros Darlings em paz, — diz ele. — Ele estava trabalhando no negócio de terras no ano passado. A família de Preston é dona de toda a propriedade onde o shopping está localizado. Papai só queria nos manter fora do caminho, e você era uma distração para que não fodêssemos seus planos de cassino.

Eu fico boquiaberta com ele em descrença. — Então isso tudo foi apenas... *Negócios?*

Ele dá uma risadinha amarga. — É Tony Dolce, — diz ele. — É sempre sobre negócios.

Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos, todos nós juntando as peças e lutando com nossos próprios pensamentos e arrependimentos. Ele tem

razão. Seu pai prostituía seus próprios filhos para fechar um negócio. Por que ele se importaria com um espectador inocente?

Por fim, volto-me para Preston.

— Então é por isso que você nunca vazou o que eu disse a você. Você tinha tudo o que precisava para derrubar os Dolces, mas já tinha negócios com eles.

— Porra, não, — diz ele categoricamente, olhando para Royal por cima da minha cabeça. — Eu nunca faria negócios com assassinos e vigaristas. Dinheiro Dolce é dinheiro sujo. Não pertence a esta cidade, nem a porra de um cassino.

— Mas sua família...

— A família da minha mãe, — diz ele. — Os Delacroixs. E eles se recusaram a vender.

— Então por que você não tentou derrubá-los? Só porque você não quer mostrar a cara?

Ele engole, seu olho bom procurando o meu. — Eu não queria que você tivesse que reviver isso. Mas ainda tenho tudo daquela noite, se você quiser.

Percebo que ele não está falando sobre a informação que dei a ele. Ele está falando sobre o cobertor em que me envolveu, a corda com que me amarraram, o capuz com que me amordaçaram. Estremeço e fecho os olhos.

— Mas e o que eu te disse? — Eu sussurro.

Ele solta um suspiro exasperado. — Mais uma vez, não sei do que você está falando.

— Preston, — eu digo categoricamente. — Chega de besteira. Royal sabe que você é o Sr. D. Eu já disse a ele.

Ele dá de ombros. — E daí?

— Vamos começar no início. Como você me encontrou?

— Eu estava rastreando os carros dos gêmeos, — diz ele. — Quando eles estacionaram na estrada por metade da noite, eu sabia que algo deveria estar acontecendo. Então eu observei até eles saírem, e então eu fui pelo caminho que eles vieram. E depois de um tempo, eu encontrei você.

— Não, não naquela noite, — eu digo. — Antes disso.

— Ele não tinha um rastreador no meu carro, — diz Royal, olhando para mim. — Acabei de comprar um novo depois que ele explodiu o antigo.

— Eu não explodi seu carro, — diz Preston, parecendo irritado. — Embora eu gostaria de ter. Eu teria feito um trabalho melhor e você não estaria aqui agora.

— Então quem foi? — Royal Exige.

— Eu não sei, — diz Preston com um encolher de ombros. — Muitas pessoas querem você morto. Mas você está certo sobre eu não ter um rastreador porque você acabou de comprar um novo.

Royal olha furioso para ele.

— Não, — eu digo, tentando voltar para o Sr. D. — Quero dizer, no ano passado. Conectados.

— Ah, — diz Preston. — Lindsey não sabia quem a puxou para fora de casa, mas ela identificou a pessoa na câmera de segurança da porta da frente. Fiz com que ela mostrasse uma foto, e alguém na Faulkner reconheceu você e disse que você foi transferida para Willow Heights. Eu mostrei para Colt, e ele reconheceu você imediatamente. Peguei seu nome nas mensagens dele.

— Eu nunca mandei uma mensagem para Colt, — eu digo, minha pele formigando.

— Ele provavelmente pegou de Dixie, — diz Royal.

— Espere, — eu digo, levantando a mão e balançando a cabeça para tentar resolver a quantidade de informação que está chegando. — Do que você está falando? Eu estava falando antes disso, no começo do ano. Quando você me mandou uma mensagem pela primeira vez no computador Faulkner High. Você sabia quem eu era. E então você continuou me encontrando depois que eu fiz uma conta. Se você não achava que eu era uma Darling, por que estava me perseguindo?

Ele suspira. — Pela última vez, não tenho ideia do que você está falando, Harper. Essa foi a primeira vez que mandei uma mensagem para você. Agradei por salvar Lindsey. É isso. Eu nunca tinha ouvido falar de você antes.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Você não é o Silver Swan.

Ele olha para Royal e resmunga: — Esse é o meu nome de tela naquele aplicativo.

— Não, — eu digo novamente. — Você é o Sr. D. Chamei você assim durante todo o verão. Estava na etiqueta da joia.

— Sim, — diz ele lentamente. — Meu pai também é o Sr. D, e todos os outros Darling, e todos os Dolce, e qualquer outra pessoa cujo nome comece com D. Assim como você é a Srta. A. O que isso tem a ver com *OnlyWords*?

— Perguntei ao Silver Swan se ele conhecia o Sr. D, e se for você, você disse que não.

Ele olha para mim sem expressão. — Eu... me lembro vagamente de algo assim, agora que você mencionou. Fazia parte de uma conversa, e você perguntou se eu conhecia o nome do mensageiro daquela pessoa, e eu não conhecia, e então continuamos conversando. Não sei quem é.

— Não me engane, — eu rosno. — Você me disse que era o Sr. D.

— Ele está dizendo a verdade, — diz Royal. — Ou ele é o Silver Swan, ou você estava transando com algum outro idiota o verão inteiro e me mandando vídeos disso.

Eu olho para frente e para trás entre eles, lutando contra o pânico crescente em meu peito. — Mas... Se você não é o Sr. D, então quem me deu a bolsa? Você disse que sim.

— Eu desci lá, — admite Preston, baixando o olhar. — Você me disse para lutar por você, que eu te devia isso. Mas alguém já havia cuidado disso quando cheguei lá. Posso mostrar-lhe os registros, se quiser. Tenho contas de todo o dinheiro da propriedade Darling. Eu ia fazer uma segunda bolsa de estudos. Normalmente doamos uma bolsa por ano, mas já tínhamos dado para outra pessoa este ano.

— Quem? — Eu pergunto.

Ele olha para Royal, parecendo claramente mal-humorado com sua presença. — Não sei.

— Nem me tente, porra, — eu digo. — Você é o tesoureiro. Você provavelmente escolheu a quem dar.

Preston move sua mandíbula para frente e para trás antes de responder. — Glória Walton.

— O que? — Royal pergunta, endireitando-se e olhando para Preston.

— Sua família não renovou a bolsa de estudos, — diz Preston. — Achei que devia isso a ela, mesmo que ela não soubesse.

— Você disse a seu pai para não renovar a bolsa dela? — Eu pergunto a Royal.

Ele dá de ombros. — Ela é uma cadela conivente.

Eu levanto uma sobrancelha. — Você está sendo legal com meus amigos, lembra?

— Tudo bem, — ele resmunga. — Mas sim, eu disse a ele para não renovar a bolsa dela depois que descobri que ela contou a você.

Eu pressiono meus punhos nas têmporas, tentando descobrir o que estou perdendo.

— Então quem me deu uma bolsa de estudos? — Eu pergunto.

— Eu dei, — diz Royal calmamente.

— Então, em vez de dar para Glória, você deu para mim.

— Não, — diz ele. — Meu pai já distribuiu essas bolsas. Eu disse a ele para não dar uma para Lo, só isso. Todo mundo que se candidata a uma bolsa de estudos escreve uma carta, e os doadores podem escolher entre elas ou simplesmente deixar a escola escolher. Não sei para quem papai deu a bolsas de estudo. Nunca me envolvi nisso e só me importei este ano porque não queria que ela pegasse um da minha família.

— Então... Você usou seu dinheiro pessoal para me dar uma bolsa de estudos? — Nossos olhos se encontram, e de repente tenho certeza de que sei onde ele conseguiu dinheiro para algo em que não quer que seu pai se envolva. Lembro-me de olhar para sua gaveta cheia de dinheiro e apostas das lutas, imaginando o que ele faria com todo aquele dinheiro. Agora eu sei.

Ele dá o menor aceno de cabeça. — Eu convenci a escola a adicionar mais uma para você, bem depois do prazo. Não usei o dinheiro da família. Não queria que meu pai pensasse que você devia alguma coisa a ele.

— E você, porra, me deixou agradecer, — eu digo, virando-me para Preston. — Assim como quando Royal me tirou de sua caminhonete e me deu o Escalade. Sim, eu sei sobre essas coisas também.

Pelo menos ele tem a decência de parecer culpado. — Desculpe, — ele

murmura.

— Por que você simplesmente não me contou?

Ele olha para mim como se eu fosse louca. — Eu não queria que você voltasse para ele.

Royal avança, mas eu levanto a mão.

— Essa não é sua decisão, Preston.

— Eu sei, — diz ele. — Mas ele não merece você, não importa quanta merda ele compre para você.

— E você merece?

Ele franze a testa e se vira para a janela sem responder.

— O que mais você me deixou pensar que fez por mim? — Eu pergunto.

Preston cruza os braços e se recosta, uma postura defensiva. — Eu paguei suas contas desde a primavera passada, quando você me disse que eles viriam atrás de Lindsey. Na metade do tempo, não sei do que você está falando, e continuei dizendo isso, mas você insistiu. Depois de um tempo, simplesmente parei de discutir.

— Foda-se, — eu digo, batendo minhas costas contra o assento em frustração. — Como quando eu ficava pedindo minha bolsa de volta. Você disse que não sabia do que eu estava falando, e eu pensei que você estava sendo humilde, mas honestamente não sabia, porque você não é o Sr. D.

— Por que importa quem ele é? — Preston pergunta. — Ele é só um cara que te deu uma bolsa no ano passado? Escreva uma carta de agradecimento e siga em frente.

— É importante, — rosna Royal, olhando para Preston.

— Talvez eu tenha dado a ele informações particulares e pessoais sobre Royal, — admito, dando a Royal um olhar significativo. Eu disse a ele que me certificaria de que Preston não contasse a ninguém sobre o Hockington, e ele me disse para não falar com Preston sobre ele, então não contei. Eu quero que ele saiba que eu nunca repeti a informação, mesmo quando pensei que Preston era o Sr. D. Eu sabia que ele não contaria a ninguém se já não o tivesse feito. Mas eu entendi tudo errado. Ele não estava escondido em seu loft, acumulando informações sobre os Dolces. Ele nunca teve isso para começar.

Então, quem sabe?

— Tudo bem, — diz Preston, respirando fundo e descruzando os braços. Ele olha para Royal por um segundo como se estivesse decidindo se continua. — Se você quer saber quem deu uma bolsa de estudos, deve ser fácil. Basta seguir os recibos.

— Falou como um contador, — eu digo.

Royal joga os papéis de DNA no banco da frente. — Por que não começamos com qual pervertido doente da sua família gostaria de saber tudo sobre mim, até o tamanho do meu pau?

Ele olha para Preston como se pudesse matá-lo se eu não estivesse entre eles.

As sobrancelhas de Preston levantam. — Se você está procurando por alguém que estragou tudo, deve ser Sullivan, — diz ele. — Mas ele está indisposto agora, sem contar que é menor de idade e não tem acesso a dinheiro.

— O que você quer dizer com indisposto? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para ele. — Tipo, trancado?

— Algo assim, — diz ele friamente.

— É ele, — eu digo. — Ele disse uma vez que queria ouvir sobre minha vida sexual para poder viver indiretamente através de mim. Eu assumi seu pai, já que ele está na prisão.

— Mais uma vez, Sully não tem acesso a dinheiro, — diz Preston.

— Magnólia, no entanto, — eu digo, pensando na pirralha esvoaçante que me ajudou no almoço e me disse que ela não era tão burra quanto as pessoas pensam.

Preston balança a cabeça. — Ela tem quatorze anos. Ela tem um fundo fiduciário e o cartão de crédito do pai. Ela não tem dinheiro para fazer nada sozinha, nem ele.

— Royal tem um fundo fiduciário, — eu digo. — E ele tinha dinheiro.

— Comprei isso no Slaughterpen, — diz Royal.

Preston ri. — Você acha que Magnolia é uma lutadora de rua clandestina? A seguir, você vai dizer que ela traficava Alice no banheiro feminino no ensino

médio.

— Ela poderia ser impiedosa, — eu digo. — Ela é uma lutadora mascarada, então ninguém sabe sua identidade.

— Posso pedir a Colt para investigar, — diz Preston, balançando a cabeça. — Tenho certeza que ele sabe quem são os lutadores mascarados. Mas garanto que não é ela. Ela é uma típica pirralha. Ela luta com rumores mesquinhos, não com os punhos.

— Talvez estejamos olhando para a pergunta errada, — eu digo. — Vocês todos têm dinheiro. Tenho certeza de que qualquer um de suas famílias poderia conseguir algum dinheiro se quisesse. A questão é: quem iria querer derrubar os Dolces?

Preston bufa. — Todo o mundo.

— Não, — Royal diz lentamente. — Quem iria querer me usar para fazer isso? Tem que ser alguém que foi para Willow Heights, que sabe que eu estava comandando as coisas. Eles sabiam que me tirar iria perturbar tudo.

— Então tem que ser Colt, — eu digo.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto.

Ele ficou incapacitado por meses. É por isso que ele teve que viver indiretamente através de minhas histórias de sexo? Ele não está preso, mas estar em um hospital ainda é uma forma de estar preso. E como nunca mandei mensagem para ele, não sei o nome dele.

— Acho que não, — diz Preston.

— Colt não tem coragem, — concorda Royal. — Ele está derrotado. É por isso que o deixamos ficar. Ele se curvou e rastejou e fez o que quiséssemos. Ele não causa problemas e tem conexões para lutas, então ele pode ficar. Este é o acordo. Ele não arriscaria foder tudo de novo.

— E se... — eu começo, então paro, lembrando de algo que Dixie disse. Não foi por isso que ela me disse que o deixaram ficar. — Poderia ser Mabel?

— Não, — diz Preston.

— Como você sabe?

— Mabel não quer nada com esta cidade ou qualquer pessoa nela, — diz

Preston. — Ela nunca quis. E ela nunca se envolveria intencionalmente com os Dolces, sabendo que isso faria dela um alvo novamente.

— Quem é esse? — Royal pergunta, um músculo em sua mandíbula saltando como se ele estivesse prestes a me alcançar e estrangular Preston. — Você sabe, não é, seu maldito cão sarnento?

— Com base no que Harper acabou de dizer e em minhas próprias observações, tenho uma boa ideia, — diz Preston, olhando para Royal com um olhar frio, embora qualquer outra pessoa estivesse tremendo em seu assento com o olhar que Royal está dando a ele - especialmente depois de ele já ter perdido um olho e teve metade do rosto queimado por ele e seus irmãos.

— Quem? — Rosna Royal. — É melhor você começar a falar, ou vou demolir toda a porra da sua família e acabar com isso. Não importa quem seja.

— Harper está certa, — diz Preston. — Você está olhando para a pergunta errada. Todo mundo tem dinheiro. Todo mundo o odeia. E nossa família não achava que Harper era uma Darling, então por que nos incomodariamos em rastreá-la?

— Foda-se, — eu sussurro, virando-me para Royal. — Ele tem razão. Era *a* sua família.

Nós nos encaramos por um longo minuto. Penso em todas as vezes que tentei convencer o Sr. D a se juntar a mim, para derrubar os Dolces. Como ele sempre tinha alguma resposta tímida, alguma desculpa. Não é à toa que ele nunca fez nada com a informação. Ele não queria derrubar os Dolces de jeito nenhum.

Quantas vezes ele me chamou de “garota Darling”? Todos os meninos Dolce me chamavam assim uma vez ou outra. Mas agora percebo que eles estavam me chamando de Darling, com D maiúsculo, porque pensaram que eu era um de seus inimigos o tempo todo. Eu tremo em minhas roupas molhadas quando me lembro que o desprezível Sr. Dolce me chamou assim também.

— Pai, — Royal diz, sua voz oca. — Ele tem dinheiro para a bolsa de estudos e está sempre na porra do nosso negócio, tentando obter informações.

— Esse foi o meu palpite, — concorda Preston.

Eu tremo de novo, me encolhendo no assento, uma sensação de enjoo apertando meu estômago. O Sr. Dolce é um homem mais velho com dinheiro que poderia me dar uma bolsa de estudos. A certa altura, pensei que poderia ser o irmão mais velho de Royal querendo informações porque Royal o excluiu. Mas seu pai pode querer informações pelo mesmo motivo. E ele é grosseiro o

suficiente para querer essa informação, para querer ouvir todos os detalhes sobre o desempenho de seu filho.

Mas algo não se encaixa.

— Merda, — eu digo lentamente, meu pulso trovejando em meus ouvidos. — Seu pai pode ser um perverso assustador e intrometido, mas não sabe como invadir computadores. Ele não é o único que gosta de jogar jogos doentios com a mente das pessoas.

— Não, — diz Royal, balançando a cabeça. — Meus irmãos nunca fariam isso comigo.

Só consigo pensar em uma conversa que tive na minha primeira semana em Willow Heights, quando as outras garotas estavam discutindo qual Dolce era o mais assustador. Achei que não havia como alguém ser pior do que Royal, mas talvez eu estivesse errada.

Eu coloco a mão em seu joelho. — Eu sinto muito. Mas tudo rastreia. A maneira como ele me encontrou para começar, e então vocês me seguiram até os trilhos. Os Swans eram apenas uma isca. Ele encontrou uma Darling que seu pai não iria proteger, então você poderia fazer as mesmas coisas comigo que fez com Mabel.

— Não foi isso que aconteceu com ela, — Royal diz, seus olhos vazios, como se ele estivesse falando consigo mesmo.

Pego sua mão e aperto. — Baron viu quando as coisas estavam ficando muito sérias entre nós. Quando você não terminou comigo depois que estávamos trancados no porão, quem imaginaria invadir meu telefone e mostrar as mensagens para você? Ele nunca contou a ninguém porque não estava tentando derrubá-lo. À sua maneira distorcida, talvez ele estivesse até tentando proteger você. Eu queria destruir sua família, e ele tinha toda a munição pronta para disparar no momento em que decidisse que era hora de puxar o gatilho.

Achei que Royal apontou os gêmeos para mim e atirou, mas eu entendi tudo ao contrário. Ele é a arma. Eu sou a vítima. Baron era o atirador, o cérebro por trás de tudo, como Dixie disse desde o início.

Royal continua balançando a cabeça lentamente para frente e para trás, olhando para mim com uma expressão assombrada e horrorizada. Ele sabe o que isso significa. Ele sabe que nós dois fomos enganados.

— Não, — diz ele calmamente.

— Eu sei que você quer acreditar no melhor sobre seu irmão, — eu digo, minha garganta apertada. — Gostaria que fosse outra pessoa. Mas com certeza é ele. Baron é o Sr. D.

Continua...

Notas

[←1]

Roupa de proteção

[←2]

Tag team é um tipo de luta livre profissional em que as lutas são disputadas entre equipes de vários lutadores

Uppercut é um soco utilizado em várias artes marciais como no boxe, kickboxing e muay thai. Este golpe é lançado para cima, com qualquer uma das mãos. O uppercut viaja no plano vertical, de baixo para cima, junto ao tórax do adversário e entra pela sua guarda em direção ao seu queixo.

Goblins são criaturas geralmente verdes que se assemelham a duendes. São seres mitológicos que fazem parte do folclore nórdico, nas lendas eles vivem fazendo brincadeiras de mau gosto. São semelhantes aos trasgos e tardos do folclore português